Hoang Van Chi
DO
AO
COLONIALISMO
COMUNISMO

Introdução de P.J.HONEY

DO COLONIALISMO AO COMUNISMO

Um Histórico do Vietnã do Norte

HOANG VAN CHI

DO COLONIALISMO AO COMUNISMO

Um Histórico do Vietnã do Norte

Introdução por P. J. HONEY

TRADUÇÃO DE

HELOISA DE CARVALHO TAVARES

EDIÇÕES GRD
RIO DE JANEIRO
1965

Traduzido do original
FROM COLONIALISM TO COMMUNISM

Frederick A. Praeger, editor
64 University Place, New York 3, NY, USA, 1964

ÍNDICE

QUINTA PARTE

REFORMA AGRÁRIA

INTRODUÇÃO

Antes da Segunda Guerra Mundial, o mundo pouco sabia sôbre o Vietnã ou sôbre o povo vietnamita. O país pròpriamente dito era parte integrante da Indochina francesa e conhecido como Annam. Com exceção dos franceses, poucos ocidentais estavam familiarizados com tal nome e um número ainda menor o tinha jamais visitado. Assim, houve uma surpresa geral quando se soube pelas páginas dos jornais em 1945 que a República Democrática do Vietnã havia proclamado sua independência da França. Mas tanta coisa estava acontecendo devido ao término da guerra contra o Japão que o Vietnã foi ràpidamente esquecido. Com o início das hostilidades entre o Vietnã e a França em fins de 1946, os fatos novamente se tornaram notícia, porém era crença geral que as tropas vietnamitas destreinadas e deficientemente armadas tinham poucas chances contra o Corpo Expedicionário Francês e a revolta logo seria dominada.

Contudo, a França mostrou ser incapaz de abafar o Viet Minh, como era conhecido o movimento vietnamita de resistência, e a guerra na Indochina cresceu dramàticamente. Para muitos no ocidente, e particularmente para os americanos interessados nos assuntos asiáticos, o conflito parecia ser a luta dos nacionalistas vietnamitas tentando sacudir o jugo do domínio estrangeiro e com isto estabelecer a independência de seu país. As simpatias americanas existentes se inclinavam para o lado do Viet Minh, porém por algum tempo os Estados Unidos não se envolveram diretamente. Só quando a 'guerra fria' se expandiu e o Ocidente compreendeu os fins expansionistas do comunismo, os Estados Unidos levaram a sério as afirmativas francesas sôbre o fato que o Viet Minh era um movimento comunista e não

nacionalista, e que o objetivo da luta era a imposição do comunismo nesta parte da Ásia. A partir de então, a ajuda americana foi canalizada, em quantidades sempre maiores, para as fôrças francesas na Indochina e para o recém-formado Exército Nacional Vietnamita que lutavam lado a lado. Mas, a despeito disto, o Viet Minh conseguiu a vitória. As hostilidades terminaram com a batalha de Dien Bien Phu e a paz foi restabelecida quando da conferência internacional realizada em Genebra na primavera de 1954.

Segundo os termos do armistício de Genebra, o Vietnã foi dividido em duas metades pelo 17.º paralelo, o Norte controlado pelos comunistas vietnamitas e o Sul pelos nacionalistas. Pela primeira vez, surgiu um estado comunista no suleste da Ásia, e a importância dêste fato não pode ser exagerada. Além disso, o Vietnã do Norte é a passagem tradicional do Extremo Oriente para o suleste da Ásia: foi através dêste território que os japoneses em 1941 penetraram para se apoderarem de maneira fulminante daquela área. Não pode haver muita dúvida que a República Democrática do Vietnã era considerada pelo bloco comunista como o ponto de onde o domínio comunista se espalharia pela região. Imediatamente os Estados Unidos vieram em auxílio dos países vizinhos com ajuda militar, econômica e técnica, porém as tropas americanas já foram obrigadas a se retirar do Laos e a luta continua no Vietnã do Sul. Isto pode bem ser o comêço da investida comunista.

A fim de combater tal agressão de maneira efetiva, é essencial em primeiro lugar compreender os métodos e o modo de pensar dos comunistas vietnamitas. Sòmente quando isto acontecer poderemos prever seus próximos movimentos e preparar com antecedência medidas neutralizantes satisfatórias. Contudo, a tarefa não é tão simples como parece à primeira vista, pois os vietnamitas nunca desenvolveram quaisquer técnicas militar ou política próprias e sim preferiram copiá-las de outros, e frequentemente repetem táticas que já mostraram ter sucesso. Parece que esta falta de originalidade é uma característica vietnamita, não sendo nem mesmo recente.

No comêço do século dezenove, o francês Chaigneau, que passara a maior parte de sua vida servindo o Imperador Gia-Long e tivera o posto de mandarim na côrte de Hué, disse referindo-se aos vietnamitas: 'Dêles não esperem invenções, mas estejam certos que seu talento para imitação nunca faltará.' Um século e meio mais tarde, em 1962 para ser preciso, o proeminente intelectual vietnamita, Dr. Nguyen Ngoc Bich, escreveu sôbre os comunistas vietnamitas: 'Cada acontecimento e cada ação devem ser objeto de uma ponderação crítica da qual deve ser tirada uma lição. O propósito de tal ponderação é antes evitar a repetição de êrros passados que fornecer um guia seguro para ações futuras. Entretanto, a prática frequentemente resulta em uma certa falta de imaginação no planejamento de ação futura, pois seus adeptos estão mais propensos a repetirem atos passados sempre que êstes são considerados como tendo sido de sucesso em lugar de enfrentar uma situação nova com uma mente inteiramente aberta e planejar uma série de planos para tal situação específica. É por isto que os comunistas vietnamitas têm sido frequentemente acusados, embora às vêzes injustamente, de serem naturalmente inclinados a imitar ou a repetir em lugar de criar algo novo para si próprios.'

Os detalhes completos dos passos por meio dos quais os comunistas conseguiram o contrôle do Vietnã do Norte, como tais passos fôram planejados e as discussões havidas entre os líderes comunistas são conhecidas, naturalmente, sòmente pelos próprios líderes. Contudo, foi possivel para membros observadores e inteligentes do movimento de resistência tomarem nota do que acontecia ao seu redor, analisarem ordens, diretivas e exortações provenientes da liderança, e assim avaliar o progresso dos acontecimentos com um alto grau de precisão.

O autor dêste livro, Hoang Van Chi, juntou-se ao movimento de resistência vietnamita logo no início porque queria lutar pela independência de seu país. Não era comunista, porém, mesmo quando percebeu que os comunistas controlavam inteiramente o movimento, continuou a apoiá-lo. Se os nacionalistas não-comunistas

tivessem agido de modo diferente teriam corrido o risco de dividir todo o movimento, permitindo que a França mantivesse seu domínio sôbre o Vietnã. Entretanto, após a derrota da França, êle se colocou ao lado dos nacionalistas em sua luta contra o comunismo.

Durante seus anos no movimento de resistência tivera ampla oportunidade para estudar as técnicas dos comunistas e descobrir como suas mentes trabalham. Testemunhou a imposição pelos chineses dos ensinamentos de Mao Tse-Tung e presenciou a reforma agrária. Esteve presente aos famosos tribunais populares no Vietnã do Norte os quais foram responsáveis pelas mortes de tantas vítimas inocentes.

Muito do que está escrito nêste livro foi observado em primeira mão por Hoang. O restante está baseado na considerável pesquiza por êle realizada. O livro descreve como os comunistas vietnamitas controlaram primeiro o movimento patriótico anti-colonial e depois impuzeram um regime comunista no Vietnã do Norte. Só isto faz com que o livro seja um importante estudo das modernas técnicas comunistas em ação, mas já que estas mesmas técnicas, com variações mínimas, estão hoje sendo usadas no Vietnã do Sul e provàvelmente serão tentadas em outras nações do suleste da Ásia no futuro, o trabalho de Hoang se transformará em um compêndio para todos que venham a lidar com tentativas comunistas para dominar a Ásia.

Por seus escritos passados, Hoang Van Chi muito contribuiu para que o mundo ficasse conhecendo os comunistas vietnamitas, e seu artigo recentemente publicado 'Coletivização e Produção do Arroz' (*China Quarterly*, N.º 2, 1962) explicou os motivos do fracasso da agricultura comunista, não só no Vietnã, como também na China e na Coréia. Êste livro é até agora seu empreendimento mais ambicioso, e na minha opinião se tornará um dos trabalhos padrões sôbre o comunismo asiático.

P. J. HONEY

Londres

PREFÁCIO DO AUTOR

Êste livro é dedicado ao estudo da última fase da revolução vietnamita, e estuda particularmente a técnica que se tornou conhecida pelo nome de 'Reforma Agrária'; êste foi o meio usado pelos líderes comunistas vietnamitas para transformarem uma luta anti-colonialista em uma luta cuja meta era o estabelecimento de um regime comunista. É um processo bem trabalhado que explora a psicologia das massas e deve ser considerado como a maior contribuição de Mao Tse-tung ao marxismo-leninismo, pelo menos no campo da aplicação prática. Na opinião do autor é provàvelmente a inovação mais importante de nossa época.

Derivando diretamente da maior contribuição teórica de Mao — o emprêgo da classe camponesa como a principal fôrça para uma revolução comunista — êste processo foi aplicado primeiramente, embora de uma forma um tanto crua e não-desenvolvida, durante o Movimento Camponês de 1926 em Hunan. O colapso dêste momento e a subsequente retirada dos comunistas chineses para o Yenan por mais de uma década deu a Mao a oportunidade de desenvolver seu pensamento político e aperfeiçoar sua nova técnica. Tal fato permitiu que em 1949, quando assumiu o poder na China, eliminasse tôda resistência política a seu regime, dando-lhe ao mesmo tempo uma solidez que o tornou capaz de resistir ao choque dos 'grandes pulos' tanto para frente como para trás.

A técnica foi ideada especìficamente para a China — sendo mais ou menos adaptada à mentalidade e às condições sociais chinesas — e foi posta em execução em tôda a China imediatamente após a fundação da República Popular. Alguns anos depois o processo foi repetido no Vietnã sob a supervisão de um grupo de agentes

chineses. Como eu morava em uma aldeia bem no interior da zona controlada pelos comunistas e participava do movimento de resistência, tive ampla oportunidade para observar a execução do processo de Mao nos vilarejos vietnamitas: um processo que me encheu ao mesmo tempo de espanto e mêdo.

Nas páginas seguintes tentei descrever o que vi — e, em alguns casos, compartilhei — na esperança de dar uma modesta contribuição para o avanço da ciência social, e, ao mesmo tempo, fornecer informação até então não disponível aos autores estrangeiros que escrevem sôbre o Vietnã ou o comunismo asiático.

Um único livro não pode abranger todo o assunto. Minha intenção foi dar uma visão objetiva do problema vietnamita de uma maneira que mostrasse os principais fatores do problema ao leitor em geral. Para aquêles que desejarem uma investigação mais adiantada sôbre êste assunto, preparei uma lista de obras nêste setor.

Estou profundamente grato ao Congresso para Liberdade Cultural pela generosa concessão que me permitiu passar um ano em pesquisa e composição. Meus agradecimentos especiais a J. P. Narayan por sua amável orientação, a P. J. Honey que me apresenta ao leitor e à Sra. Honey que bondosamente revisou o manuscrito. Êste muito deve a ela por seu sutil senso de estilo e proporção. Finalmente, agradeço a todos meus amigos vietnamitas os quais me proporcionaram inestimável informação.

HOANG VAN CHI

Paris

CHINA
Red River
Hanoi
Luang Prabang
HAINAN
PRINCIPADOS LAUSIANOS
Vientiane
Mekong
MAR DA CHINA
Hue
CAMBODIA
CHAMPA
O VIETNÃ NO SÉCULO XIV
Miles
0
200
CHINA
Red River
Hanoi
Luang Prabang
HAINAN
Vientiane
SIÃO
Mekong
MAR DA CHINA
Hue
KINGDOM OF CHAMPASSAK
CAMBODIA
Saigon
IMPERIO VIETNAMITA, circa 1845
Miles
0
200

CHINA
Red River
TONGKING
Hanoi
Luang Prabang
HAINAN
LAOS
Vientiane
ANNAM
MAR DA CHINA
SIÃO
Mekong
Hue
CAMBODIA
Pnom Penh
Saigon
COCHINCHINA
INDOCHINA FRANCESA 1884-1945
Miles
0
200
CHINA
Red River
NORTH VIETNAM
Lang Son
Hanoi
Haiphong
Dien Bien Phu
Luang Prabang
HAINAN
LAOS
Vientiane
MAR DA CHINA
17th. Parallel
THAILAND
Mekong
Hue
SOUTH VIETNAM
CAMBODIA
Pnom Penh
Saigon
DIVISÃO DO VIETNÃ EM 1954
Miles
0
200

PRIMEIRA PARTE

GRANDEZA E ESCRAVIDÃO DE UMA NAÇÃO PEQUENA E FRACA

"A própria existência do Vietnã como uma nação separada, e a sobrevivência dos vietnamitas como um povo distinto, devem ser consideradas como um milagre, que diversos historiadores tentaram até agora em vão explicar satisfatòriamente."

JOSEPH BUTTINGER (*The Smaller Dragon*)

1.

O VIETNÃ NO PASSADO

O Vietnã está situado na Ásia, e seu destino e o papel por êle desempenhado através da história são em grande parte determinados pela sua posição geográfica no continente asiático.

Em contraste com a Ásia, o continente europeu constitui uma única unidade geográfica. Suas barreiras naturais embora grandes não impedem um intercâmbio constante entre raças e culturas. Entretanto, o continente asiático está dividido pela cadeia do Himalaia e pelo seu prolongamento oriental, a cadeia Anamita, em duas unidades geo-culturais distintas, uma sujeita às influências da civilização chinesa e a outra às influências culturais indianas.

Esta divisão geográfica trouxe vantagens e desvantagens. As montanhas do Himalaia, apesar de não impedir a expansão de certas concepções religiosas e filosóficas do sul para o norte ou a lenta emigração de umas poucas tribus do norte para o sul, na realidade embaraçou qualquer invasão militar importante de uma das regiões para a outra. Assim a India e as outras nações do sul da Ásia puderam conservar sua própria forma de civilização livre de qualquer mistura de cultura Han, e desenvolver suas instituições sociais e políticas sem serem perturbadas pelos movimentos expansionistas intermitentes do Celeste Império. Mesmo hoje, esta barreira montanhosa tem uma função muito importante. Se even-

tualmente houver um acôrdo entre a India e a China sôbre uma fronteira que siga, mais ou menos, a Linha MacMahon, e se os Estados Unidos conseguirem defender o Vietnã do Sul e preservar pelo menos uma neutralidade imparcial para o Laos, então tôda a cadeia de montanhas, desde o Kashmir no oeste até o Vietnã no leste, demarcará uma ampla fronteira entre as áreas comunistas e não-comunistas da Ásia continental. O fato que as cavalarias Han, Mongol e Mandchu não cruzaram estas formidáveis montanhas, porque não puderam, contribuiu para encorajar certos líderes políticos no sul e suleste da Ásia a acreditarem no mito de uma *amizade tradicional* com a China. Entretanto, é possivel que, quando preparam seus planos para neutralismo e coexistência pacífica, levem em consideração a proteção que podem esperar da defesa himalaia.

Contudo, como mostraram acontecimentos recentes, esta cadeia ininterrupta de montanhas já não pode mais ser olhada como uma barreira inexpugnável contra a infiltração comunista ou mesmo contra um ataque militar comunista. Até sua morte Nehru enfrentou a tarefa extremamente árdua de defender a fronteira norte da India, enquanto no extremo oposto da mesma barreira, os Estados Unidos se vêem em dificuldades para salvar o Laos, Cambódia e Tailândia de uma iminente anexação comunista. Esta ameaça é bem maior que a que paira sôbre a India e a Birmania, principalmente porque a cadeia Anamita (Truong Son em vietnamês) que separa o Laos e o Vietnã do Norte não é tão inexpugnável como o Himalaia. Além disso, Hanoi no Vietnã do Norte é fàcilmente acessível por ferrovia de Pekim, enquanto a viagem até Lassa no Tibé é longa e difícil. Homens e suprimentos podem ser transportados com maior rapidez e conveniência para o Vietnã. Os chineses sempre consideraram o Vietnã como seu portão natural em uma eventual expansão para o suleste da Ásia.

O mapa da China e Vietnã (ver pág. 14-A) sugere um imenso funil cujo cone é o território da China, com o Vietnã como o longo e estreito bico. A analogia tem relêvo histórico, pois através da história os chineses repetidamente tentaram penetrar pelo corredor vietnamita,

a única estrada para as planícies dos arrozais do suleste da Ásia. Os vietnamitas sempre conseguiram rechaçá-los. As sucessivas incursões das dinastias expansionistas chinesas — Han, as hordas aparentemente irresistíveis do mongol Khublai Khan, Ming e Mandchu — fôram detidas pelos soldados vietnamitas. Com isto, os vietnamitas não só garantiram sua independência como também salvaram todo o suleste da Ásia do processo gradual porém inexorável do *Han-hwa* ou 'hanização'.

Segundo as crônicas chinesas, todo o território ao sul do rio Yangtze foi habitado primeiramente pelas 'Cem Yuëh', tribus que fôram inteiramente absorvidas pelos Hans depois de sua conquista no século Terceiro AC. Alguns etnologistas acreditam que uma grande proporção dêste povo era provàvelmente de origem indonésia. Os vietnamitas, que originalmente pertenciam à mesma família étnica, ainda crêem que seus antepassados constituiam uma destas 'Cem Yuën' e escaparam milagrosamente do destino que atingiu tôdas as outras.

A êste respeito, a anedota seguinte é reveladora. No decorrer de um banquete oferecido a Sun Yat-sen em Tokio em 1911, seu hospedeiro, o estadista japonês Ki Tsuyoshi Inukai, perguntou-lhe inesperadamente, tentando armar uma cilada: 'O que acha dos vietnamitas?' Apanhado desprevenido, Sun respondeu: 'Os vietnamitas são escravos por natureza. Foram dominados por nós e agora são governados pelos franceses. Não podem ter um futuro muito brilhante.' Respondeu Inukai: 'Não concordo com êste ponto. Embora atualmente não sejam independentes, êles são a única das 'Cem Yuëh' que resistiram com sucesso ao processo de *Han-hwa*. Um tal povo mais cêdo ou mais tarde conseguirá sua independência'. Dizem que Sun corou mas não deu resposta, percebendo que Inukai sabia que êle era um cantonês, povo considerado pelos vietnamitas como inferior pois tinham se achinesado tão completamente que haviam perdido tôda sua identidade cultural Yuëh, passando a se julgarem inteiramente chineses. A fonte desta anedota é Le Du, um vietnamita refugiado em Tokio, protegido de Inukai.

Por mais de dois mil anos, os vietnamitas desempenharam um papel semelhante ao dos espartanos nas Termópilas. O serviço prestado pelo Vietnã aos seus vizinhos do suleste da Ásia durante tantos séculos não foi devidamente reconhecido pelos modernos historiadores. Devemos notar que os chineses que atualmente infestam Singapura, a Malaia e a Indonésia só aí chegaram recentemente e por mar. Sua migração para estas antigas coloniais européias foi encorajada pelas potências coloniais que preferiam seu trabalho barato e hábil ao dos povos locais mais indolentes.

Por outro lado, a cultura chinesa atravessou o filtro que impedia seu avanço militar e achou seu caminho através o longo tubo do Vietnã. O povo vietnamita absorveu àvidamente esta cultura e dela forjou uma arma a fim de servir sua própria expansão para o sul às custas do reino Champa, o qual foi gradualmente conquistado e apagado da história em 1697 (ver mapas na pág. 14-B). Tendo alcançado a extremidade sul da peninsula em 1780, os vietnamitas começavam a rodear a cadeia montanhosa para entrar na Cambódia quando fôram impedidos pela chegada dos franceses em 1858. Os vietnamitas, ocasionalmente vítimas do imperialismo chinês, não se submetiam a nenhum outro país em suas aspirações imperialistas, e os cambodianos têm motivos para serem gratos aos franceses por os terem salvo de um processo de vietnamisação, não menos inexorável que a achinezação.

Quanto à influência cultural chinesa, dois outros aspectos do problema devem ser encarados objetivamente. Êstes dizem respeito à atitude da elite vietnamita para com a China e a cultura chinesa.

Em primeiro lugar, enquanto os vietnamitas em geral consideram os chineses como seus inimigos tradicionais (quinze invasões chinesas em dois mil anos, e mil anos de domínio direto chinês), sempre houve reis. rebeldes ou revolucionários vietnamitas que, tendo de enfrentar problemas internos ou invasão estrangeira, procuraram ajuda militar da China. Em tôdas estas ocasiões, os chineses vieram com um imenso exército e simplesmente ocuparam o país, recusando-se a abandoná-lo até serem expulsos por uma revolta subsequente

Ho Chi Minh, que recentemente buscou a ajuda de Mao, defendeu sua atitude dizendo: 'Os povos chinês e vietnamita sempre fôram amigos; os feudalistas chineses é que eram inimigos de ambos'. Podemos aceitar isto, porém tomemos nota que a maioria dos intelectuais vietnamitas tem estado um tanto relutante, encarando tal fato como um 'sofisma'.

Em segundo lugar, a intelectualidade vietnamita concebeu um respeito exagerado pela cultura chinêsa Durante séculos sucessivos no período da independência nacional, cada linha e cada palavra dos textos chineses eram encaradas como sacrossantas, sendo absorvidas indiscriminadamente. A veneração pela cultura chinêsa tornou-se tão excessiva que os ideogramas chineses eram comumente mencionados como *Chu ta*, 'nossos caractéres', enquanto a própria lingua vietnamita era chamada de 'dialeto do sul' (*tieng nom*). Esta fidelidade escravizante para com a cultura chinesa mantinha o Vietnã, mesmo quando polìticamente independente, como um satélite cultural da China. Assim, o Vietnã inevitàvelmente teria seguido seu vizinho do norte em uma estagnação intelectual. A êste respeito devemos notar que o Confucionismo e os estudos confucionistas fôram mantidos por mais tempo no Vietnã (até 1917) que na China, onde fôram oficialmente suspensos em 1905. É significativo que os comunistas no Vietnã do Norte, inspirados pelo atual exemplo chinês, agiram mais impiedosamente contra os confucionistas que contra os cristãos e budistas.

É instrutivo comparar o Vietnã com o Japão. Antes que qualquer um dêles entrasse em contacto com o Ocidente, ambos eram adeptos da cultura chinesa e ambos tinham a mesma subserviência cultural. Havia, entretanto, uma grande diferença em suas respectivas atitudes para com a China e sua cultura, e isto deve ficar esclarecido. Enquanto os sábios vietnamitas sempre consideraram a cultura chinesa como a sua, os japonêses, sendo insulares, consideravam os chineses como estrangeiros e suas idéias filosóficas como importações. Por esta razão, os japonêses puderam até certo ponto ser ecléticos, e aceitar e absorver, de um modo impossível aos vietnamitas, novas idéias originadas na China

porém banidas do programa oficial como heréticas. Entre estas estava a doutrina de *Leang-tche* ou 'conhecimento intuitivo', desenvolvida por Wang Yang-ming (1472-1528), a qual é atualmente interpretada como um esfôrço para corrigir os ensinamentos de Confucio, usando o critério do pragmatismo.

Esta nova doutrina, que criou raízes no Japão em meados do século dezessete, contribuiu de maneira notável para manter a mente japonêsa com receptividade bastante para aceitar, com menos relutância que a chinesa e a vietnamita, a superioridade das técnicas ocidentais. Os dirigentes japonêses foram assim obrigados a rever sua política e abrir sua ilha aos contactos ocidentais (1853-54), realizar sua Revolução Meiji (1876) e no tempo devido modernizar seu país.

Vale a pena mencionar que, aproximadamente na mesma época, esforços para propagar a mesma filosofia falharam completamente no Vietnã. A tentativa foi feita por um certo Chi Chi-yu, um discípulo de Wang Yang-ming, o qual asilou-se no sul do Vietnã em 1646 depois da conquista da China pelos mandchus. Chi foi imediatamente reconhecido como um eminente sábio e Lord Hien, nesta época o dirigente do sul do Vietnã independente, frequentemente o convidava para o seu palácio para dissertações literárias. O filósofo chines têve explêndidas oportunidades para contactos com a elite vietnamita e se apressou em converter seus membros à sua doutrina. Contudo, a deficiência de educação de Lord Hien impediu que compreendesse as sutilezas filosóficas de Chi, enquanto que a côrte buscava seu conselho para assuntos tão infantis como quiromancia e astrologia. Após uma estadia de dez anos, muito desencorajado, decidiu-se finalmente a deixar o Vietnã e aceitou o convite de um comerciante japonês que aí encontrara para visitar o Japão, onde se instalou e contribuiu grandemente para a propagação da doutrina *Leang-tche*.

Após uma longa subserviência para com a cultura chinesa os eruditos vietnamitas não podiam conceber qualquer outra civilização que não fôsse a do Celeste Império. Deliberadamente fecharam os olhos ao mundo exterior e ao imenso progresso realizado pelos povos ocidentais na ciência e tecnologia. Enquanto os japoneses ràpidamente modernizavam seu país, no Vietnã o imperador Tu Duc e seus mandarins ainda se ocupavam em compor versos em chinês e teimosamente rejeitavam oito propostas sucessivas para reformas a êles submetidas entre 1853 e 1871 por Nguyen Truong To, o primeiro sábio vietnamita a viajar pela Europa. Nêste meio tempo a França ocupou Tourane (1858), a Cochinchina (1861) e Hanoi (1873), completando sua conquista em 1884.

Revendo a história do Vietnã, somos forçados a concluir que a cultura Han, embora inicialmente benéfica aos vietnamitas, tornou-se eventualmente, com a escola *Chu Hi* do confucionismo, uma fórmula que condicionava cada cérebro ao mesmo molde convencional, impedindo todo pensamento independente e todo espírito de inovação. Deve ser considerada como a principal causa do desastre nacional no fim do século passado. A submissão dos vietnamitas ao colonialismo ocidental foi em grande parte uma consequência de sua prolongada escravização à fossilizada cultura da China.

2.

O VIETNÃ NA HISTÓRIA MODERNA

A CONQUISTA FRANCESA

Em 1787 houve a primeira intervenção direta da França nos assuntos vietnamitas quando da assinatura de um tratado entre os franceses e um destronado príncipe vietnamita pelo qual êste último têve a promessa de auxílio militar em troca de algumas concessões territoriais. Mas esta promessa não foi cumprida devido à Revolução na França. Desde esta época até 1847, nenhum govêrno francês se animou a empreender a conquista do país, uma operação considerada então por demais arriscada. Podemos dizer que o interêsse francês no Vietnã se restringia a grupos individuais, como os oficiais chauvinistas os quais poderiam ser classificados atualmente como 'ativistas', ou missionários católicos cuja ambição era propagar o cristianismo, mesmo pela fôrça das armas se necessário.

Assim a conquista do Vietnã pelos franceses foi levada avante com muita hesitação durante vários períodos de estabilidade política e econômica na França e sujeita a interrupções nos períodos de revolução interna e guerras externas. Foi sòmente após 1880 que a França, estimulada pelo prestígio nacional e por sua rivalidade com outras potências européias, adotou uma política colonial sistemática e resolveu completar a ocupação do Vietnã.

O objetivo final dos franceses naquela época não era simplesmente a conquista do Vietnã. Isto serviria apenas para fortalecer a posição francesa no Extremo Oriente para que a França pudesse se assegurar um eventual quinhão de uma prêsa ainda maior, a China. Iniciaram sua conquista ocupando a Cochinchina em 1859, com a idéia de alcançar o território chinês pelo caminho de Mekong (ver Mapa N.º 3, pág. 14-C). Entretanto, logo perceberam que êste rio, que nasce no Tibé e corre através a rica província do Yunan, era totalmente inadequado à navegação na maior parte de seu curso. Em outra tentativa, os franceses ocuparam o Tonkim, em 1882, esperando alcançar a China pelo Rio Vermelho. Mais tarde, em 1884, conquistaram Anam, ligando a Cochinchina com Tonkim, e também a Cambódia e o Laos que alegaram ser possessões vietnamitas.

Os chineses haviam tentado abrir caminho para o sul para o interior do Vietnã; as fôrças coloniais francesas tentaram inverter o processo subindo pelo estreito tubo para o cone do funil. Mas os vietnamitas, embora não conseguindo impedir o avanço francês, recorreram a rebeliões constantes e guerrilhas. Com isto a marcha do exército francês se atrasou pela necessidade de repetidas campanhas de pacificação até que era tarde demais para ir além. A China acordou de seu longo sono depois da revolução de 1911, e o Japão, percebendo que se tornara uma potência mundial, passou a encarar todo o suleste da Ásia como sua própria 'esfera de co-prosperidade'. Em 1940 o exército japonês ocupou a Indochina. Por um apreciável período de tempo permitiram o funcionamento da administração francesa. Só em março de 1945 os japoneses finalmente acabaram com o govêrno francês.

A UNIÃO FRANCESA DA INDOCHINA

Antes de 1884, o Vietnã tivera relações diplomáticas com a maioria das grandes potências — China, Japão, Grã-Bretanha, França, Espanha e Estados Unidos —

porém depois da conquista francesa, seu nome foi pràticamente esquecido pelo resto do mundo. Isto aconteceu porque os franceses deliberadamente dividiram o território em três regiões separadas dando a cada uma um nome escolhido arbitràriamente e uma classe administrativa diferente. Estas novas regiões eram chamadas: Anam, Tonkim e Cochinchina. O Vietnã fôra dividido em duas metades durante o período de Secessão (1628-1788), e subsequentemente em três partes durante o curto reinado dos irmãos Tay Son (1788-1802). O país fôra unificado em 1802 pelo imperador Gia Long, i.e. meio século antes da conquista francesa. Apesar do fato que Anam, Tonkim e Cochinchina são nomes arbitrários, devemos usá-los nêste livro porque são universalmente conhecidos, e porque os termos Vietnã do Norte e do Sul são atualmente sujeitos à confusão devido à divisão do país em 1954 pela qual a parte dominada pelos comunistas é conhecida por Vietnã do Norte e a outra por Vietnã do Sul.

Annam (derivado de 'An-Nam', significando 'Sul Pacificado') era o nome dado pelos chineses a todo o país, porém os franceses o empregavam para designar sòmente a parte central a qual tornou-se um protetorado *indireto*. O imperador, a côrte real e a hierarquia dos mandarins permaneceram, mas a autoridade completa e total era exercida por um *résident supérieur* francês.

Tongking (significando a 'Capital do Leste') é o antigo nome de Hanoi. Os franceses deram êste nome à parte norte do Vietnã, a qual se tornou um protetorado *direto*. Os mandarins locais eram recrutados e ficavam responsáveis, perante um *résident supérieur* francês o qual, conquanto seja paradoxal, assumiu a categoria e função de um vice-rei, ou representante do imperador vietnamita. Era evidente, que tal subordinação ao imperador era puramente teórica e servia apenas como um pretexto para conceder ao *résident supérieur* completa autoridade sôbre o país sob sua administração.

O nome Cochinchina é uma corrupção de 'Ke Chiem' (a capital da província de Quang Nam no princípado de Nguyen no século dezessete) que os comerciantes estrangeiros pronunciavam *Cochin*, ajuntando o

nome *China* para distingui-lo do pôrto indiano de Cochin. Êste nome foi usado pela administração colonial a fim de designar a parte sul do Vietnã, a qual tornou-se uma possessão francesa inteiramente separada da chamada autoridade dos imperadores vietnamitas.

Esta divisão pelos franceses significou que os vietnamitas tinham adquirido 'nacionalidades' diferentes e viviam debaixo de administrações diversas, dependendo da parte do país onde haviam nascido. O povo na Cochinchina era *súdito* francês e, como tal, gozava de um regime relativamente mais liberal que os tonkineses ou os anamitas, que eram *protegidos* franceses. A diferença era maior no que dizia respeito à jurisdição legal. Os habitantes da Cochinchina viviam sob um sistema de jurisdição francesa, enquanto seus compatriotas no Tonkim e Anam estavam permanentemente sob o sistema 'anamita', o qual se baseava em um código de justiça medieval de severidade extrema. É desnecessário dizer, que êste Código Imperial e a hierarquia mandarim eram usados como instrumentos de repressão de maneira que a responsabilidade direta não caía sôbre a administração colonial. A côrte real em Hué e os mandarins simplesmente serviam como uma 'cortina' por trás da qual os franceses governavam com autoridade completa, por meio de um administrador francês designado para cada província.

Êstes três 'estados' vietnamitas (não eram pròpriamente estados, mas sim regiões de administração colonial nas quais certas cidades chaves tinham uma categoria municipal semi-independente), junto com os dois protetorados vizinhos do Laos e Cambódia, formavam a chamada União Francesa da Indochina, debaixo da autoridade central de um governador-geral francês. Os franceses compreenderam que, apesar de algumas diferenças étnicas e culturais, o Vietnã, Laos e Cambódia formavam uma unidade estratégica geográfica. A cadeia anamita de montanhas e o Mekong se estendem através tôda a peninsula do norte até o sul, e podem ser comparados à espinha dorsal e à artéria principal do corpo humano.

Unidos, os três estados se completavam, especialmente em suas relações econômicas, e desenvolveram

uma cooperação bem equilibrada sob a supervisão francesa.

De passagem, devemos notar que, ressalvando seus maus efeitos, as conquistas imperialistas muitas vêzes trouxeram resultados positivos e benéficos; elas reuniram pequenos e heterogêneos estados e tribus formando grupos maiores e com mais capacidade de sobrevivência, e em alguns casos daí surgiram nações inteiras. A Rússia soviética, atualmente o maior país do mundo, nasceu do império dos Czars, e Mao Tse-tung, ao conquistar o Tibé e reivindicando Formosa, se considera o herdeiro legal das antigas dinastias imperialísticas da China. Certamente, muitas das nações agora membros da ONU devem às potências ocidentais sua própria existência como estados unificados.

Infelizmente, a Indochina francesa não têve tanta sorte. Logo que a autoridade francesa entrou em colapso, os três membros da União ràpidamente se separaram. Esta lamentável situação surgiu porque a administração colonial francesa, embora criando uma união por conveniência administrativa e militar, manteve suas cinco colonias na Indochina pollticamente separadas e fomentou um sentimento de ódio entre os vietnamitas, os cambodianos e os laocianos, e mesmo entre os vietnamitas do norte e os do sul.

Talvez os franceses não tenham sido inteiramente culpados de tal fato. Naturalmente, era de seu interêsse imediato como governantes seguir o princípio de 'dividir para governar', porém, como 'protetores', tinham também uma certa obrigação de defender a Cambódia e o Laos com populações pequenas contra uma penetração pacífica mas incessante por parte dos vietnamitas. Por êste motivo, a emigração do Tonkim e Anam para o Laos e a Cambódia, e mesmo para a Cochinchina, era severamente limitada pelos franceses. Na verdade, antes da Segunda Guerra Mundial, pensou-se sèriamente em enviar o excesso de população do Vietnã para o Camerum francês. O Dr. Tran Van Lai chefiou uma missão ao Camerum em 1938 a fim de estudar a possibilidade de estabelecer tonkineses naquela colonia. Mas no decorrer

da visita êle contraiu febre amarela e o projeto foi abandonado.

A história provou, e acontecimentos recentes no Laos demonstraram, que os vietnamitas não são menos imperialistas que os franceses. Por exemplo, a parte do território laociano atualmente controlada pelo Pathet Lao corresponde mais ou menos à área 'libertada' em 1828 da ocupação siamesa pelas fôrças vietnamitas. Os siameses invadiram o Laos em 1827, porém fôram obrigados a abandonar sua conquista pela pressão diplomática e militar do Vietnã. Como resultado, quatro províncias laocianas (Tranninh, Samneua, Cammon e Savannkhet) fôram anexadas ao Vietnã. São estas quatro províncias que agora correspondem mais ou menos à área sob contrôle do Pathet Lao.

Êste é um exemplo da sempre presente predisposição da Indochina de desagregar-se em unidades separadas. Esta tendência é responsável pela rutura da grande confederação que talvez tenha sido a mais orgulhosa realização do colonialismo francês no Extremo Oriente. Hoje outro fator perturbador surgiu com o estabelecimento de um regime comunista no Vietnã do Norte o qual incentiva a infiltração comunista no Laos. Assim é duplamente dificil para os estados que compõem a peninsula sobreviverem como nações livres e independentes.

Tendo que enfrentar agora a ameaça de seiscentos ou possìvelmente setecentos milhões de chineses, mais agressivos que nunca, os duzentos milhões de pessoas espalhadas por todo o suleste da Ásia devem se defender se quizerem evitar seu aniquilamento. Isto certamente acontecerá a menos que compreendam o perigo comum, solucionem suas diferenças atuais e se incorporem em alguma espécie de federação. Infelizmente, porém, esta possibilidade não parece praticável no momento já que êstes duzentos milhões estão divididos por suspeitas mútuas e lembranças de antigas divergências. É por isso que a Indochina permanece como uma chama permanentemente acesa, e é mencionada, com alguma justificativa, como o calcanhar de Aquiles do mundo livre.

A OPOSIÇÃO AO DOMÍNIO FRANCÊS

Durante todo o período colonial francês, raramente cessaram as rebeliões armadas contra os conquistadores, e mesmo os intervalos intermitentes entre as lutas eram marcados por agitações não-violentas. O mais longo de tais intervalos durou de 1918 até 1929, quando o desenvolvimento francês na Indochina alcançou seu zênite. Mas esta época dourada do domínio colonial foi manchada pelo famoso incidente do atentado da bomba atirada contra o governador-geral francês quando de sua visita a Canton em junho de 1924.

Com exceção do Movimento Comunista (1925-45), todos êstes movimentos de resistência ao govêrno francês eram de inspiração nacionalista. Podem ser assim discriminados: *Can Vuong* ou Movimento Monarquista (1885-1913); *Dong Kinh Nghia Thuc* ou Movimento das 'Escolas Particulares' (1907-08), também conhecido como Movimento dos 'Literatos'; *Dong Du* ('Viagem Para o Oriente'), ou Movimento Pan-Asiático (1905-39); e *Viet-Nam Quoc-Dan Dang* ou Movimento Nacionalista (1925-33 e 1945-46).

Nas páginas seguintes recordarei ràpidamente êstes movimentos nacionalistas, dando ao Movimento Comunista uma atenção especial na II Parte.

CAN VUONG OU MOVIMENTO MONARQUISTA

Esta primeira insurreição abrangeu diversas revoltas distintas mas inter-ligadas, as do imperador Ham Nghi (1885-88), de Phan Dinh Phung (1885-95), de Bai Xay (1885-89) e De Tham (1890-1913). Tôdas tiveram carater militar e portanto devem ser consideradas como continuação da resistência armada à ocupação militar francesa. Tais rebeliões estavam fadadas ao fracasso pois eram fomentadas pelos reis, mandarins, dignatários militares e literatos inteiramente ignorantes das modernas técnicas de guerra. (O termo 'literatos' é aplicado aos intelectuais da tradicional escola confucionista, anterior à introdução geral da educação moderna. O sistema de educação confucionista durou até 1917.) Outro fator que contribuiu para o fracasso foi a inércia da população, a qual persistia no antigo costume de deixar o destino da nação nas mãos do monarca e sua côrte. O imperador, por seu lado, era autocrático e, completamente indiferente ao povo, nunca a êle pedia auxílio. Com isto deixou de despertar seu patriotismo latente. Consequentemente, a resistência à ocupação francesa se restringiu àquêles que estavam em posição de prever o perigo de um domínio estrangeiro.

DONG KINH NGHIA THUC OU MOVIMENTO DAS 'ESCOLAS PARTICULARES'

Durante a primeira parte do domínio francês, a elite vietnamita, como a chinesa, continuou a considerar os franceses e outros ocidentais como bárbaros e conservou uma fé cega na superioridade da cultura chinesa. Recusavam persistemente enviar seus filhos às modernas escolas franco-anamitas. Quanto aos franceses, foi muito conveniente deixar a situação como estava, já que os mandarins produzidos pela escola confucionista administravam o país perfeitamente bem sob sua direção. Assim a educação moderna ficou restrita a um pequeno número de vietnamitas e os formados por tais escolas supriam a quantidade limitada de funcionários subordinados exigida pelos poucos serviços técnicos.

É interessante notar que a administração colonial tomou a precaução de esconder, da melhor maneira possivel, tôdas as idéias democráticas expostas nas obras de filósofos franceses como Rousseau, Voltaire e Montesquieu. Ao mesmo tempo, no livros de história usados pelas crianças vietnamitas, os capítulos relativos à Revolução Francesa de 1789 fôram disfarçados. Só muito mais tarde, lendo traduções chinesas de livros europeus publicados em Shangai, alguns intelectuais vietnamitas ficaram conhecendo as filosofias ocidentais, em muitos

aspectos superiores ao confucionismo tradicional. Percebendo afinal a gravidade de seus êrros, êles enviaram seus filhos para as escolas modernas que haviam boicotado durante tôda uma geração. Quando as escolas ficaram cheias demais, pediram à administração colonial que abrisse mais. Esta relutou. Então, por sua própria iniciativa, começaram a construir uma rêde de escolas particulares abrangendo todo o país a qual popularizou tôdas as espécies de idéias ocidentais, inclusive sôbre economia política (1907). A administração colonial suprimiu tais escolas e prendeu seus organizadores. Os literatos progressistas revidaram aumentando sua linha de batalha e mobilisando durante o ano seguinte (1908) grande número de camponeses para se reunirem diante dos escritórios dos *résidents* provinciais franceses exigindo redução de taxas e reforma educacional. As demonstrações em massa na província de Quang Nam terminaram em sangue e muitos literatos fôram executados. Em outras províncias houve prisões e deportações.

Depois dêste incidente, os franceses decidiram cumprir, a despeito de si mesmos, sua missão de civilizadores. Abriram mais escolas franco-anamitas, admitiram um número selecionado de crianças vietnamitas no Liceu Francês em Hanoi, aboliram o tradicional exame trienal (1917) e criaram a Universidade de Hanoi (1918). Estas reformas educacionais, junto com um rápido desenvolvimento industrial neste mesmo período, fêz com que um grupo de literatos acreditasse que a cooperação pacífica com o poder colonial levaria à modernização do país e a uma administração democrática. O líder dêste grupo, Phan Chu Trinh, foi retirado da prisão pela Liga dos Direitos Humanos e levado para Paris em 1911. Êle adotou o ideal republicano e atacou corajosamente a instituição da monarquia. Embora seus esforços incessantes despertassem grande entusiasmo entre os intelectuais vietnamitas, não conseguiram nenhum progresso material para a democratização. Êle adoeceu e morreu em março de 1926. Ao saberem de sua morte, os estudantes em todo o país entraram em greve em sinal de luto. Esta demonstração espontânea provocou uma nova onda de repressão.

DONG DU OU MOVIMENTO PAN-ASIÁTICO

Nos primeiros anos dêste século outros literatos acreditavam que não era possivel nenhuma forma de colaboração com os dirigentes estrangeiros. Estavam convencidos que sòmente a emancipação nacional pela fôrça das armas poderia assegurar a modernisação do país. As influências ocultas revolucionárias no sul da China no comêço do século, e a tremenda vitória do Japão sôbre a Rússia em 1905, criaram nestas mentes confucianas um sentimento de solidariedade asiática e a esperança de uma emancipação asiática geral sob a direção de um Japão tècnicamente adiantado. Começou um 'êxodo secreto para Leste', organizado por um brilhante literato chamado Phan Boi Chau, o qual recusou uma nomeação de mandarim e fugiu para Cantão e Tokio, onde com outros refugiados, formou a *Viet-Nam Quong-Phuc Hoi* ou Associação para a Restauração do Vietnã, com seu quartel-general em Cantão e uma rêde de células secretas dentro do Vietnã. Phan foi também a Bangkok, Hong Kong e Singapura onde, com outros líderes asiáticos instalou a *Dong-A Dong-Minh* ou Liga dos Povos do Leste Asiático.

No correr destas atividades, Phan ganhou a amizade de Sun Yat-sen, Ki Tsuyoshi Inukai e outros líderes políticos chineses e japoneses — idealistas asiáticos como êle próprio — e por intermédio dêles obteve fundos para sua organização. Conseguiu também bolsas de estudo para diversos jovens vietnamitas que por sua sugestão tinham deixado o Vietnã e fugido para a China e Japão com idéia de adquirir treino político e militar que não podiam ter em sua própria pátria. Phan arranjou a admissão de quatro dêstes jovens na Academia Militar Japonesa, pelo menos dois na Universidade Waseda de Tokio, e cêrca de trinta na Academia Política e Militar Whampoa da China. Diplomados destas escolas participaram mais tarde de uma tentativa de rebelião na Cochinchina em 1913, de um ataque a um posto de fronteira em 1915 (usando algumas armas recebidas do consulado

alemão em Bangkok), em um *putsch* militar em Thai-nguyen em 1917 e, finalmente, do ataque a Lang Son em 1940.

O movimento ganhava fôrças quando, em junho de 1925, Phan foi enganado pelo líder comunista Nguyen Ai Quoc (atualmente conhecido como Ho Chi Minh) [1] o qual combinara traí-lo com a policia de segurança pela soma de 100.000 piastras (naquela época um búfalo custava cinco piastras). Phan tinha completa confiança em Nguyen Ai Quoc, o qual sabia ser comunista porém se negava a considerar como rival, e assim foi persuadido a ir a um endereço em Shangai, não percebendo que ficava dentro da concessão francesa. Foi imediatamente prêso pela polícia dêste país e enviado para o Vietnã. Esta informação foi obtida em primeira mão dos associados de Phan e o caso era amplamente conhecido entre os revolucionários vietnamitas que estavam na China nesta época. Foi noticiado por alguns adeptos de Nguyen Ai Quoc que, após esta traição, o líder comunista deu os seguintes motivos para seu ato: Phan estava se tornando velho demais para ser de alguma utilidade para a Revolução; sua prisão e subsequente julgamento no Vietnã produziria uma onda de patriotismo que a Revolução muito necessitava; e finalmente, o dinheiro recebido dos franceses serviria para pagar novos recrutas.

Nguyen Ai Quoc foi ajudado nesta traição por um representante de Phan em Hong Kong, um certo Lam Duc Thu (seu verdadeiro nome era Nguyen Cong Vien) e os dois dividiram o dinheiro igualmente. [2] Nguyen Ai Quoc usou sua parte financiando uma organização cripto-comunista por êle formada em Cantão — a Liga da Juventude Revolucionária Vietnamita. Lam Duc Thu gastou a sua nos cabarés de Hong Kong.

Os laços de 'causa comum' entre os comunistas e o movimento revolucionário genuìnamente nacionalista permitiram que tal traição florescesse por muitos anos.

1. A carreira de Nguyen Ai Quoc (Ho Chi Minh) está relatada na II parte.

2. Havia também dois outros exilados envolvidos nêste caso: Tong Oanh, o próprio genro de Phan; e Nguyen Thuong Huyen, filho do melhor amigo de Phan, Nguyen Thuoog Hien.

Todos os novos recrutas enviados à China pela organização de Phan tinham que entregar a Lam Duc Thu em Hong Kong ou a seu representante em Cantão dois retratos seus. Isto era necessário, explicava Thu, para completar suas fichas antes da admissão na Academia Whampoa. Finalmente chegava o dia em que êstes recrutas, tendo terminado seu treinamento político e militar, estavam prontos para voltar ao Vietnã e levar avante suas atividades revolucionárias; porém, sem seu conhecimento, um entre dois destinos bem diferentes seria o de cada um dêles. Aquêles que, durante sua estadia na China, haviam sido atraidos pela propaganda de Nguyen Ai Quoc e entrado para sua Liga da Juventude, podiam voltar secretamente. Os que permaneciam fieis à organização de Phan e à causa nacionalista sempre encontravam um agente francês esperando por êles perto da fronteira sino-vietnamita, armado com cópias de suas fotografias. Depois de receber de Nguyen Ai Quoc um sinal pré-convencionado, Lam Duc Thu enviava estas fotografias ao consulado francês em Hong Kong, recolhendo uma soma de dinheiro por cada um. Os infelizes nacionalistas eram enviados para a prisão, e assim a organização nacionalista no Vietnã aos poucos perdeu todo contato com seu quartel-general em Cantão. Os mensageiros enviados à China para renovar contato acabavam em uma prisão francesa ou num campo comunista. Êste processo continuou com tal regularidade que eventualmente os diplomados da Academia Whampoa que recusavam a se tornar comunistas não ousavam voltar para casa e, em lugar disto, se uniam ao exército do Kuomintang. Dêste modo a organização nacionalista quase entrou em colapso, enquanto o movimento comunista aumentava, adquirindo mais e mais importância.

Com estas transações que eram humorìsticamente chamadas 'criação e venda de porcos', Lam Duc Thu enriqueceu imensamente e vivia luxuosamente em Hong Kong. Entretanto, poucos anos mais tarde, não tendo mais 'porcos' para vender, Thu ficou reduzido à uma pobreza miserável e foi obrigado a voltar para seu país e procurar ajuda e proteção com a administração colonial francesa. Depois da Revolução de 1945, Thu ficou aterro-

risado e tentou descobrir uma saída para suas dificuldades. Conseguindo ver secretamente Nguyen Ai Quoc, que se tornara Ho Chi Minh, Presidente da República Democrática, êle chegou a um outro acôrdo com êste. Thu teve a promessa de proteção e segurança com a condição de se calar sôbre suas passadas atividades em Hong Kong. Daí em diante, Thu viveu pacìficamente em sua aldeia nativa na província de Thai Binh até 1950, quando da ameaça de um ataque francês nesta área. Seguindo as instruções pré combinadas para uma tal eventualidade, os quadros comunistas locais o colocaram em um cêsto de bambú que foi atirado no rio.

Quanto a Phan, após um demorado julgamento ante um tribunal criminal especial, foi condenado a ser decapitado. Tal sentença provocou a violenta onda de protesto em todo o país vaticinada por Nguyen Ai Quoc. Graças a isto e à atitude mais branda do govêrno esquerdista de Paris, representado na Indochina por um governador-geral socialista, Alexandre Varenne, Phan foi anistiado porém ficou em prisão domiciliar em Hué. Aí permaneceu até sua morte a 20 de outubro de 1940, poucos dias após a chegada das tropas japonesas no Vietnã. Esta havia sido sua esperança desde o dia em que começara sua carreira como revolucionário, pois acreditava firmemente que o Japão tudo faria para que o Vietnã reconquistasse sua independência.

Os japoneses começaram sua ocupação atacando a guarnição francesa de Lang Son em setembro de 1940, e ao mesmo tempo ajudaram um grupo de antigos adeptos de Phan a iniciar uma insurreição geral em tôda a província de Lang Son. Mas alguns dias depois, tendo obtido do govêrno de Vichy as concessões que desejavam, os japoneses assombraram a opinião vietnamita devolvendo Lang Son aos franceses, que prontamente executaram muitos daquêles que haviam revelado simpatias pró-Japão. Para Phan, a notícia da morte de seus últimos adeptos foi o golpe final. Já desiludido pela guerra japonesa contra a China, êle caiu gravemente enfermo. Alguns dias antes de morrer assinou, a pedido do *résident supérieur* francês que se proclamava seu melhor amigo, uma carta recomendando relações pacíficas entre a França

e o Vietnã. Ninguém soube se a mudança total da atitude de Phan resultou da agonisante reavaliação da política de tôda sua vida — a qual terminava em completo fracasso — ou se sua mente estava tão doente quanto seu corpo. Apesar desta reviravolta, Phan ainda é considerado como um proeminente herói do nacionalismo vietnamita nos últimos tempos.

VIET-NAM QUOC-DAN DANG OU PARTIDO NACIONAL DO VIETNÃ

Os três movimentos já descritos fôram fomentados por membros da sociedade vietnamita os quais, na sua maioria, nasceram antes do estabelecimento formal do domínio francês em 1884. Educados segundo a maneira confucionista tradicional, tinham pouco, ou nenhum, conhecimento da cultura ocidental. Êste quarto movimento nacionalista, entretanto, nasceu de uma geração mais jovem, do princípio do século, que absorvera um certo conhecimento ocidental nas escolas franco-anamitas. Êstes primeiros intelectuais ocidentalisados formaram um elo de transição entre a intelectualidade tradicional e a moderna. Eram bastante tradicionais para manter a luta contra a dominação estrangeira e modernos bastante para adotar um ponto de vista republicano. Por outro lado, eram tão pouco práticos quanto seus pais ao iniciarem uma revolução nacional sem formular qualquer programa definido de reformas sociais. Outra diferença é que esta nova geração não esperava sucesso por meio de uma intervenção estrangeira e sua senha poderia ter sido tirada de um movimento semelhante no Ocidente, o *Sinn Fein* na Irlanda.

Faltando-lhes maturidade política e tendo pouca experiência revolucionária, não podiam esperar alcançar vitória contra qualquer um de seus rivais. O grupo comunista já gozava da fidelidade de metade dos elementos patrióticos no país, enquanto os franceses, que tinham uma vasta rêde de informantes à sua disposição, usavam de severa repressão com a ajuda dos mandarins

locais. A quarta encarnação de agitação nacionalista, foi em última análise, uma consequência retardada da prisão de Phan Boi Chau e da morte de Phan Chu Trinh. Pode ser melhor descrita como uma explosão espontânea de cólera contra o colonialismo da parte de muitos daquêles intelectuais semi-educados os quais acordaram para o nacionalismo alguns anos antes por meio do Movimento Estudantil de 1925. Êste movimento (que não deve ser confundido com o Movimento de Literatos ou das Escolas Particulares de 1907-8) começou quando do julgamento e condenação à morte de Phan Boi Chau. Reprimido, recomeçou em março de 1926 em seguida à morte de Phan Chu Trinh. Muitos dêstes intelectuais participaram da greve geral que se seguiu à morte de Phan Chu Trinh e, como castigo, fôram expulsos das escolas e impedidos de prestar exame. Pertenciam à classe média e formaram a nata da sociedade vietnamita daquela época. Depois da I Guerra Mundial, a classe superior (mandarins e burguesia urbana) foi seduzida de seus ideais pelos privilégios que a administração colonial lhes concedia, e pelo modo de vida ocidental com seus modernos confortos e prazeres. Já não eram mais capazes dos sacrifícios exigidos pela revolução, mas alguns de seus filhos, que eram idealistas — como são frequentemente os filhos de famílias ricas — adotaram uma nova fé — marxismo e começaram outra espécie de revolução.

Nguyen Thai Hoc, o fundador e líder político do novo movimento nacionalista, era professor em uma escola primária franco-anamita. Outros membros dêste grupo eram pequenos comerciantes, funcionários inferiores nos serviços públicos, empregados em emprêsas particulares e jovens oficiais das tropas indochinesas. Uma minoria de trabalhadores e também mulheres tiveram papel importante.

É interessante notar que Nguyen Thai Hoc e seus adeptos eram um tanto mais chegados ao proletariado que seus rivais comunistas. É um fato que nenhum grande proprietário de terras, ricos burgueses ou intelectuais eminentes se juntaram ou apoiaram o movimento

nacionalista. Por outro lado, os comunistas veteranos eram na maioria filhos de mandarins ou de grandes proprietários de terras. Muitos dêles eram formados pela Universidade de Hanoi ou estudantes que haviam voltado da França. [3]

Na verdade, a maioria dos que participaram da revolução nacionalista de 1930 eram de origem humilde, pessoas que haviam sofrido diretamente com a opressão colonial e estavam impacientes para dela se libertarem. Em contraste, os que se uniam ao movimento comunista estavam bem de vida, bem educados e dotados com paciência e perspicácia suficientes para achar e adotar uma 'ideologia científica' a qual perceberam que seria necessária no futuro.

Em 1927, Nguyen Thai Hoc e seus amigos instalaram uma editora em Hanoi com o fim de arranjar recursos financeiros para suas atividades políticas. Esperavam ao mesmo tempo que, publicando literatura política, informariam aos leitores vietnamitas sôbre os assuntos mundiais e os familiarizariam com as concepções modernas de liberdade e democracia. Esta emprêsa foi ràpidamente fechada pela polícia, porém suas acomodações continuaram a servir como lugar de reunião para o grupo que finalmente decidiu formar o Viet-Nam Quoc-Dan Dang ou Partido Nacional do Vietnã.

Mal informados sôbre teoria política, êste grupo simplesmente imitou os métodos políticos chineses contemporâneos. Adotaram o nome de Kuomintang para seu próprio partido (Quoc-Dan Dang é a pronúncia vietnamita de 'kuo', 'min' e 'tang', caracteres chineses que significavam 'Partido Nacional'), e proclamaram os princípios de Sun Yat-sen de nacionalismo, democracia e socialismo como eram formulados na doutrina do Kuomintang dos 'Três Povos' (*San-min-chu-y*), i.e., 'min-chu' (Soberania do Povo ou Democracia); 'min-so' (Família do

3. Conta uma história que Phan Tu Nghia, um comunista veterano, ao falar em Paris em 1935, começou orgulhosamente: 'Nós filhos de camponeses...' Mas uma voz na audiência gritou: ('Não! Filhos de mandarins!' Nghia era realmente filho do governador de uma província.

Povo ou Nacionalismo); 'min-sing' (Bem-Estar do Povo, comumente interpretado como Socialismo).

Consciente da dificuldade de escapar à vigilância da polícia francesa, Nguyen Thai Hoc recorreu a um estratagema que por algum tempo mostrou-se muito eficaz. Dividiu seu partido em duas seções separadas, uma pública (uma organização de fachada), e a outra clandestina. A primeira era principalmente composta de personalidades conhecidas da polícia; era mais ou menos um grupo diversionário cuja tarefa era simplesmente despertar o entusiasmo e interêsse geral. Operava quase abertamente no Hotel Vietnã, um restaurante instalado pelo partido no centro de Hanoi.

Operando sob os próprios olhos da polícia, e não fazendo nada realmente ilegal, êste grupo servia como uma cortina atrás da qual a outra secção, composta inteiramente de ativistas, funcionava em segrêdo. Usando tais táticas, o Viet-Nam Quoc-Dan Dang aumentou de importância ràpidamente. O Hotel Vietnã tornou-se muito popular. Em janeiro de 1929, havia cento e vinte células abrangendo 1500 membros, dos quais mais de cem eram militares. Nguyen Thai Hoc e seus amigos esperavam continuar com esta dupla atividade (agitação franca combinada com organização revolucionária clandestina) por muitos anos até que o partido estivesse bastante forte para livrar o país do domínio colonial por meio de uma insurreição geral. Mas acontecimentos fora de seu contrôle forçaram o grupo a uma ação direta antes que seus preparativos estivessem completos.

Na tarde de 9 de fevereiro de 1929, um colono francês chamado René Bazin, que recrutava mão de obra em Tonkim para as plantações de borracha na Cochinchina, foi baleado e morto por um jovem vietnamita não identificado.

Êste episódio ainda permanece um tanto misterioso. O jovem esperou do lado de fora do bangalô de Bazin e, quando o colono regressou à casa, entregou-lhe uma carta. Enquanto Bazin abria o envelope, o assassino puxou a pistola e atirou. Bazin foi encontrado morto no caminho, apertando na mão uma fôlha de papel na qual estava escrito: "Vampiro sugador do sangue vietnamita." A polícia francesa nunca descobriu (ou, se o fêz, jamais revelou) a identidade do assassino. Um historiador marxista, Le Thanh Khon, afirma em seu livro *Le Vietnam* (Paris, 1955, p. 439) que o assassino era um agente provocador do serviço de segurança francês. Mas isto parece improvável. É difícil acreditar que a administração colonial, naquela época tôda poderosa, sacrificasse a vida de um membro importante da comunidade francesa como pretexto para repressão. A teoria mais aceita é que o assassino agiu em favor dos comunistas que buscavam um duplo objetivo: frustrar os planos do Quoc-Dan Dang, e estimular mais agitação entre os colies das plantações francesas.

A reação francesa ao assassinato foi rápida. A polícia prendeu imediatamente tôda a seção conhecida do VNQDD e enviou os membros mais em evidência para o campo-prisão da ilha de Paulo Condore. Mais tarde, uns duzentos dentre êstes fôram soltos já que não se encontraram provas incriminatórias contra êles. O próprio Nguyen Thai Hoc continuou em liberdade. Mas depois dêste incidente, a seção clandestina do VNQDD tornou-se conhecida da polícia, e Nguyen Thai Hoc começou a recear que, se não agissem ràpidamente, em breve seria tarde demais para favorecer a planejada revolução. Em vista disso ordenou que se iniciasse preparativos para uma revolta geral com a maior rapidez possivel.

Entre outras providências, o partido começou a fazer bombas. Mas, como a produção do explosivo foi entregue a um químico amador de dezessete anos, [4] ocorreu uma série de acidentes qre não deixou a polícia em dúvida sôbre o que estava acontecendo. Muitos membros importantes do partido fôram presos e o próprio Nguyen Thai Hoc foi localizado. Nesta situação desesperada, em risco de um fracasso iminente, êle ordenou um ataque

4. Tratava-se de Trinh Van Yen, naquela época um estudante de terceiro ano no *Collège du Protectorat*, uma escola de ensino médio para meninos vietnamitas em Hanoi. Enquanto esteve aprisionado, êle continuou seus estudos de química e mais tarde se tornou um talentoso químico. Juntou-se ao Vietminh durante a Guerra de Resistência de 1946-54 e foi um técnico importante no serviço de armas e munições do exército do Vietminh.

geral a ser iniciado a 10 de fevereiro de 1930. Mas mais tarde deu uma segunda ordem, adiando o ataque para 15 de fevereiro. Devido às dificuldades de comunicação, a notícia desta mudança não foi recebida pela guarnição militar de Yen Bay, resultando daí que esta fez sua própria revolta a 10 de fevereiro.

A repressão que se seguiu foi ao mesmo tempo rápida e severa. Co Am, a aldeia onde os conspiradores haviam se refugiado, foi pesadamente bombardeada, e em questão de poucas semanas tôda a aparelhagem do partido foi capturada. Uma vintena de líderes foi condenada à morte e fôram juntos para a guilhotina em Yen Bay a 17 de julho de 1930. Enfrentaram corajosamente a execução, cada um gritando: "Viva o Vietnã!" Uma mulher, Nguyen Thi Giang, companheira de Nguyen Thai Hoc que escapara à prisão, misturou-se com a multidão reunida para presenciar as execuções. Imediatamente depois, ela se dirigiu para a aldeia nativa do líder morto e suicidou-se com um tiro debaixo de uma árvore banyan fóra do portão da aldeia.[5]

Alguns participantes desta revolta fugiram para a China onde fundaram um novo VNQDD. Êste grupo voltou ao Vietnã em 1945 e lutou com zêlo idêntico contra os comunistas que haviam se apoderado do poder e contra os franceses que tentavam reocupar o país. Sua coragem física era incontestável, mas não conseguiram ganhar o apôio maciço do povo vietnamita porque lhes faltava quase completamente uma liderança política experimentada. As tropas chinesas encaravam favoràvelmente suas atividades, mas com a retirada do exército

5. Suicidando-se na aldeia de seu companheiro, a heroina nacionalista forçou as autoridades locais a enterrá-la nas vizinhanças do túmulo dos ancestrais de Nguyen Thai Hoc. Êste gesto significava seu desejo de ser associada a êle para sempre. É de se lamentar que Le Thanh Khoi, em seu livro, *Le Vietnam*, tenha assegurado, sem qualquer vestígio de prova, que a árvore banyan sob a qual ela se suicidou 'tenha abrigado seu primeiro encontro', sugerindo com isto que sua ação heroica fôra motivada sòmente por romantismo. Esta sugestão está mais de acôrdo com a linguagem bombástica da propaganda comunista que com o julgamento de um historiador sério.

de Lu Han (enviado para o norte do Vietnã para desarmar as tropas japonesas), o novo VNQDD foi ràpidamente esmagado pelos comunistas. Os franceses deram aos comunistas assistência ativa e passiva em troca de certos convênios (ver *Communismo in South East Asia* por J. H. Brimmel, p. 181).

Novamente forçado a se retirar para a China, o derrotado grupo dispôs-se a trabalhar para se reorganizar. Mas uma nova ameaça surgiu com o avanço, em 1949, do exército de Mao Tse-tung no sul da China. O novo líder do grupo, Vu Hong Khanh, formou um exército de dez mil homens, a maioria dos quais era chinesa, e levou-os para o Vietnã. Os comunistas no norte evacuaram tôdas as aldeias pelas quais seu exército passou em seu caminho para a fronteira sino-vietnamita. Mas a intervenção do exército e da fôrça aérea franceses o obrigaram a aceitar a autoridade do govêrno de Bao Dai. Daí em diante, o Viet-Nam Quoc Dan Dang deixou de existir como um partido político.[6]

6. Esta informação foi tirada do texto mimeografado de um trabalho não publicado, *Forces Politiques du Vietnam* (p. 181), de Pierre Dabezies.

SEGUNDA PARTE

INDEPENDÊNCIA PELA PRIMEIRA VEZ

"... Algumas vêzes fomos fracos, e outras vêzes poderosos, mas nunca nos faltou heróis."

(Proclamação do imperador Le Loi em 1418, no comêço de uma guerra de independência contra os chineses que durou dez anos).

3.

HO CHI MINH, O HERÓI NACIONAL

Podemos dizer que a revolução vietnamita começou com o nacionalismo e terminou com o comunismo. Duas gerações sucessivas de patriotas lutaram pela independência nacional porém não conseguiram outro sucesso além de manter vivo o espírito revolucionário. Entretanto, seus fracassos prepararam o caminho para os comunistas os quais surgiram afinal com os libertadores da nação depois de um período relativamente curto de atividade clandestina e, em comparação com os nacionalistas, com menor número de baixas entre seus adeptos. O comunismo alcançou seu relativamente fácil sucesso por diversas razões diferentes. Entre estas estava a hábil liderança fornecida pelo Comintern, a completa organização no âmago do partido e a coragem e determinação de seus membros. Além disso, pela sua ideologia progressista, provou ser capaz de atrair os idealistas intelectuais, mobilizando ao mesmo tempo as massas não-privilegiadas com a promessa de uma melhoria rápida para melhores padrões de vida. Todos êstes fatores contribuiram para a fôrça crescente do Partido Comunista e a subsequente fraqueza do movimento nacionalista. Mas seu sucesso foi devido em grande parte à maleabilidade de suas táticas que lhe permitia parecer comunista ou nacionalista conforme exigissem as circunstâncias variáveis, enquanto mantinha bem escondido o objetivo estratégico constante.

O movimento comunista vietnamita começou em 1925 quando Ho Chi Minh formou a Associação da Juventude Revolucionária, recrutando seus primeiros adeptos entre um pequeno grupo de patriotas que fôra enviado à China pela organização nacionalista. Ainda se fazia passar por um líder naciolista quando, vinte anos mais tarde, conquistou o poder em Hanoi em 1945 sob a bandeira do Vietminh, ou Liga para a Independência Vietnamita.

Sempre que os comunistas vietnamitas recorriam à luta de classe ortodoxa, conseguiam um ligeiro fortalecimento de sua influência sôbre as massas, porém não obtinham nenhuma vitória mais importante. Apareciam sempre em ocasiões em que agiam como nacionalistas com o fim único de liquidar o domínio colonial francês. Há provas disto no período de 1946 a 1951, quando o Partido Comunista Vietnamita [1] foi obrigado pela circunstâncias a se declarar voluntàriamente dissolvido e tornar-se clandestino apesar de nunca ter perdido o contrôle do govêrno ou do exército. Em um país como o Vietnã, quase sem capitalistas nativos, [2] é evidente que o conflito de classes pouco contribuiu para a causa do comunismo, e o insignificante quase-proletariado na verdade não desempenhou nenhum papel importante na aparição do comunismo. Os fatores que no caso mais contribuiram para a causa comunista fôram aquêles que, em circunstâncias mais normais, poderiam ter sustentado uma revolução puramente nacionalista, i.e. a dominação francesa, a qual criou um sentimento de desigualdade racial (e daí a solidariedade dentro da raça), e o govêrno despótico da hierarquia dos mandarins com sua mentalidade feudal, a qual gerou uma insatisfação generalizada e extinguiu tôda esperança de modernização e democratização. Os comunistas venceram porque o movimento nacionalista não foi capaz de cumprir sua missão histórica.

1. Seu nome oficial de 1931 a 1946 foi "Partido Comunista Indochinês" (PCI); a partir de 1951 o nome foi "Partido Lao-Dang".

2. O único homem rico no Vietnã do Norte que poderia ser descrito como capitalista era Ngo Tu Ha, o proprietário de uma firma editora. Mas suas simpatias estavam com os comunistas cuja causa servia inabalàvelmente.

Reconhecidamente, o fracasso dêste último foi devido a sua inaptidão em resistir à opressão colonialista. Mas os comunistas invadiram as hostes nacionalistas e progressivamente os eliminaram pela competição, por embuste e, finalmente, pela fôrça militar.

Nas circunstâncias existentes, o líder necessário ao sucesso do movimento comunista no Vietnã não era um teórico erudito, mas sim um agitador profissional que hàbilmente fizesse o jôgo dos nacionalistas. Em 1925, o Comintern escolheu Ho Chi Minh para êste difícil papel, e êle o desempenhou brilhantemente, pois Ho possuia tôdas as qualidades essenciais a um líder comunista-com-nacionalista.

O nome de Ho Chi Minh tornou-se conhecido do público vietnamita pela primeira vez em agôsto de 1945, quando os jornais de Hanoi publicaram em 28 de agôsto (nove dias após a revolução do Vietminh) a composição do recém-formado govêrno provisório da República Democrática do Vietnã. Ho foi nomeado presidente. Ninguem jamais ouvira falar dêle antes e todos estavam intrigados por seu nome um tanto fóra do comum. Os vietnamitas educados concluiram que devia ser um pseudônimo, pois significa 'Ho que aspira à ilustração'; tinha um sabor muito literário para ser um nome genuíno. [3]

Houve vivas conjecturas sôbre a identidade do novo Presidente principalmente entre os membros da nova administração cuja ansiedade em descobrir quem era seu líder podemos bem imaginar. A resposta não demorou muito, pois poucos dias depois começaram a circular rumores que Ho Chi Minh era o pseudônimo adotado por Nguyen Ai Quoc, o misterioso mas bem conhecido 'pai do Partido Comunista Vietnamita'.

3. Todos os nomes vietnamitas são feitos de caractéres chineses, embora não sejam necessàriamente de origem chinesa. No caso de Ho Chi Minh, *Ho* é um nome de família comum, *Chi* significa "aspiração", e *Minh* "ilustração". O uso de unir o segundo e o terceiro nomes para formar um nome composto é mais chinês que vietnamita. Algumas vêzes é adotado no Vietnã, porém geralmente para pseudônimos. Existem diferenças semelhantes na ortografia ocidental: os chineses colôcam um traço entre o segundo e o terceiro nomes. (ex. Mao Tse-tung), mas os vietnamitas não o fazem (ex. Ho Chi Minh).

Com esta notícia, a polícia francesa não perdeu tempo em procurar em seus arquivos para encontrar uma fotografia de Nguyen Ai Quoc o qual, segundo os relatórios oficiais, fôra dado como morto em Hong Kong em 1933. Comparando seu retrato bastante esmaecido com aquêles à venda em quase tôda esquina de Hanoi, a polícia de segurança francesa se convenceu que Nguyen ainda estava vivo e após uma década de total obscuridade reaparecera na cena política como Ho Chi Minh. Embora muito mudado fisicamente após vinte anos de privações. Ho foi positivamente identificado por peritos franceses como Nguyen Ai Quoc. Por exemplo, nas duas fotografias a orelha direita era visìvelmente pontuda, enquanto a esquerda era de formato regular. Mas Ho negou persistentemente ser Nguyen, e mesmo quando o general Salan, o oficial francês encarregado das negociações de paz em 1946, lhe perguntou face a face se era o mesmo homem, êle negou categòricamente.[4]

Às perguntas dos vietnamitas, Ho não negava frontalmente porém disfarçava, evitando uma resposta direta. Por exemplo ao lhe ser perguntado por Vo Quy Huan: "Sabe, senhor Presidente, onde está Nguyen Ai Quoc atualmente?" Ho simplesmente sorriu e respondeu: "É melhor perguntar a êle, não a mim!" Esta pergunta foi feita a bordo do navio *Dumont d'Urville* quando Ho voltava a Haiphong em 1946 da conferência de Fontainebleau em companhia de quatro técnicos vietnamitas trazidos de Paris. Vo Quy Huan era um dos quatro.

Êle guardava segrêdo não só sôbre sua identidade como também sôbre sua origem. Em uma declaração oficial feita em 1946, disse ter nascido em Ha-Tinh; mas agora se sabe que seu lugar de nascimento foi na província de Nghe-An. Isto foi revelado em 1958 quando um grupo de diplomatas das embaixadas de paises socialistas visitou oficialmente a casa onde Ho passara sua infância. Após esta visita, publicações oficiais em Hanoi admitiram que Ho era realmente Nguyem Ai Quoc. A foto revista *Viet-Nam Dan-Chu Cong-Hoa* (República

4. Jean Lacouture, *Cinq Hommes et La France* (Edições Du Seuil, Paris 1961), p. 12.

Democrática do Vietnã), publicada pela Agência Jornalista do Vietnã, em seu número de agôsto de 1960, continha uma fotografia de Nguyen Ai Quoc com o título — 'Camarada Nguyen Ai Quoc (Ho Chi Minh) aos trinta anos, em suas atividades no exterior'.

Entretanto, apesar de sua identidade ter sido estabelecida sem sombra de dúvida, o mundo livre ainda pouco sabe sôbre êste notável homem, e a maioria de suas atividades continua sendo segrêdo do Comintern. Tudo que se sabe sôbre Ho é baseado em relatórios policiais fragmentados e poucos testemunhos individuais obtidos de pessoas que o encontraram.

Enquanto os franceses estavam ocupados examinando as fotografias de Ho e pesquisando suas orelhas sempre que êle aparecia em público, os vietnamitas já aceitavam unânimemente o fato que Ho era Nguyen, pois não podiam acreditar que qualquer país pudesse produzir, na mesma época, dois homens com o gênio de Ho. Êle falava uma dúzia de linguas estrangeiras com grande desembaraço e viajara por todo mundo sob diversos nomes diferentes, passando a metade de sua vida em prisões — possìvelmente também em uma prisão soviética — e o resto em atividade política clandestina. Ofuscava seus rivais tanto em táticas revolucionárias como em experiência política. Em sua meninice estudara os clássicos chineses, em seguida continuara sua educação viajando pela Europa e América onde trabalhou, observando e aprendendo todo o tempo com os amigos e através de livros. Mais tarde foi cuidadosa e metòdicamente treinado pelo Comintern. Assim teve oportunidade de aprender em três fontes diferentes, mas igualmente valiosas: oriental, ocidental e marxista. Estava à vontade tanto com um camponês vietnamita, um senhor da guerra chinês, um filósofo indú ou um jornalista ocidental.

No decorrer de sua longa experiência como conspirador, tivera de apelar para muitos truques e subterfúgios a fim de escapar das armadilhas policiais e confundir os planos de seus inimigos. Êste longo treino em intrigas o tornou um adversário realmente formidável, pois com os anos êle desenvolveu uma espantosa capacidade para despistar a todos. Conseguiu sempre fugir

aos nacionalistas vietnamitas, o Kuomintang chinês, e os Serviços Secretos Britânico e Americano.

Além de sua notável inteligência, Ho é dotado de uma personalidade digna de nota. Tem de fato tôdas as qualidades necessárias a um líder, e sua austeridade, perseverança, férrea determinação e completa devoção à causa da revolução são uma inspiração para todos que servem sob suas ordens e para o país inteiro. Os vietnamitas dizem frequentemente que Ho herdou seu espírito revolucionário de seus antepassados e conterrâneos da província — perseverança, austeridade e fanatismo são qualidades comuns entre o povo de Nghe-An, a província onde nasceu. Êstes atributos estão nêle desenvolvidos ao mais alto grau. O povo de Nghe-An possui tôdas as qualidades morais atribuidas aos japoneses, porém os japoneses são, falando de modo geral, uma raça altamente disciplinada enquanto o povo de Nghe-An é inclinado a se rebelar contra tôdas as formas de govêrno. Durante todo o período do domínio francês Nghe-An foi um fóco revolucionário, e mais recentemente, em 1956, foi o centro de uma revolta camponesa contra o próprio regime de Ho.

Durante os anos da resistência, e antes das execuções em massa ocorridas na campanha da reforma agrária, Ho se tornou, com a juda de uma boa propaganda e lendas inspiradoras apesar de bastante falsas, um ídolo vivo entre seu povo. Sua fotografia não só foi colocada em cada altar familiar, como em alguns lugares, como Quang-Ngai, as pessoas chegavam até a se inclinar diante dela antes de começar o trabalho nos arrozais.

Ho tem a vida de um asceta, jamais se concedendo nenhum conforto que não seja absolutamente necessário — sua única fraqueza são os cigarros americanos que fuma sem parar. Durante anos vestiu-se como um camponês, usando um blusão canadense (êstes agasalhos eram excedentes americanos e inundaram o Vietnã do Norte em 1946) e um par de sandálias feitas de um pneu abandonado. Tôda sua aparência era um certeza que sua vida fôra dedicada ao serviço do povo. Tendo renunciado à sua família no início de sua vida e sendo solteiro, [5] Ho está acima de qualquer suspeita de favoritismo e corrupção, e parece fóra do alcance da calúnia. Citando Paul Mus, o enviado do govêrno francês em 1947 para negociar a trégua com Ho: "Êle é um revolucionário intransigente e incorruptível à maneira de Sain-Just." [6]

Esta comparação representa um grande elogio para qualquer estadista, já que a integridade completa é excepcional entre os políticos de nosso tempo, principalmente nos países sub-desenvolvidos. Assim, sòmente por sua estatura moral, Ho adquiriu o respeito e a confiança de tôda a nação vietnamita. Sua reputação de honestidade e sinceridade muito contribuiu para seu sucesso, pois no Vietnã, como em muitos países sub-desenvolvidos, as massas acreditam mais no carater e procedimento pessoal de um líder que no partido político que êste representa.

Retrospectivamente, parece óbvio que nenhum dos rivais de Ho jamais teve uma chance real de sucesso. Nguyen Hai Than, discípulo e sucessor de Phan Boi Chau, era sem dúvida um patriota genuíno, porém no decorrer de sua estadia de quarenta anos na China se tornara um escravo do ópio. O antigo imperador Bao Dai, que fôra reinstalado como 'Chefe de Estado' em 1949, tivera por mais de vinte anos a reputação de ser um 'playboy' e de levar uma vida imoral. Finalmente, mas não menos importante, temos Ngo Dinh Diem, levado ao poder pela pressão americana em 1954 e atualmente governante do Vietnã do Sul. Diem difere inteiramente de Ho. Enquanto Ho renuncia à sua família, Diem é cercado por irmãos, irmãs, sobrinhos e outros parentes, pertos e longinquos, aos quais concedeu tôdas as posições chaves no govêrno e no exército. E, enquanto Ho conversa com os trabalhadores e camponeses ami-

5. Segundo fontes de confiança, Ho casou-se com uma chinesa quando de sua estadia em Hong Kong e teve uma filha. As mesmas fontes revelaram que, em 1949, Ho pediu ao Partido Comunista Chinês que indagasse sôbre seu paradeiro, porém não se encontrou nenhum vestígio desta mulher.

6. Paul Mus, *Vietnam, Sociologie d'une guerre* (Edições do Seuil, Paris, 1952), p. 88.

gàvelmente, Diem se senta em uma cadeira dourada e seus pés são cerimoniosamente lavados pelos chefes tribais, segundo uma prática de séculos simbolizando a suzerania de um rei.

Um fator importante geralmente ignorado pelos observadores estrangeiros era a indignação moral sentida pelo povo vietnamita comum e honesto causada pelas práticas corruptas sancionadas pelo regime colonial. Só isto era suficiente para fazer com que grande parte dêle apoiasse a revolução. Quaisquer rebeldes, não importando que ideologia apoiassem, seriam considerados pelo povo como os corajosos protagonistas do direito e da justiça. Os mandarins servidores da administração colonial, cujas vidas confortáveis ainda eram mais conspícuas pela pobreza geral que os cercavam, personificavam para o povo não só traição à causa nacional, como também corrupção e depravação. As revoluções podem ter muitas causas, mas a revolução vietnamita foi motivada em primeiro lugar pela ânsia do povo em se livrar do despotismo e insolência dos mandarins. Para o povo vietnamita, a revolução era um conflito entre a virtude e o vício. A disputa ideológica surgida mais tarde foi considerada como um fator embaraçoso mas secundário. Esta atitude explica parcialmente porque nem Bao Dai, o ex-imperador, nem Ngo Dinh Diem, o ex-mandarim, jamais tiveram qualquer oportunidade de sucesso contra Ho Chi Minh, o revolucionário modêlo e símbolo de virtude: o Saint-Just do século vinte.

Ho Chi Minh nasceu na aldeia de Kim-Lien no distrito de Nam-Dan na província de Nghe-An. Sua data de nascimento oficial é a 19 de maio de 1890. Como todo vietnamita de seu tempo, Ho teve dois nomes: um primeiro ao nascer e um segundo, um nome 'literário' ao ir para a escola. Seu primeiro e 'sagrado' nome era Nguyen Van Coong (Coong é uma modificação, exigida pelo costume supersticioso, de *Cung,* e significa 'respeitoso'). Seu segundo nome, para uso comum, era Nguyen Tat Thanh ('Nguyen que inevitàvelmente vencerá'). No curso de sua longa vida, foi conhecido por diversos outros nomes: Nguyen Ai Quoc, Ho Chi Minh, Ly Thuy, Vuong Son Nihi — êstes são alguns dêles, todos inventados por

êle para servir a seus fins em diferentes períodos de sua vida.

Ho descende de uma longa linhagem de brilhante literatos, os quais eram, na maior parte, mandarins juniors e pequenos senhores de terras, como acontecia com a maioria dos intelectuais vietnamitas. Seu avô recebeu o grau de *Cu-nhan* (Mestre de Artes) e foi nomeado governador de distrito, mas mais tarde foi demitido por insubordinação. Seu pai, Nguyen Sinh Huy, mais tarde conhecido como Nguyen Tat Sac, obteve o *Pho Bang* (Doutor em grau inferior), porém, recusando aceitar um posto de mandarim, êle se uniu ao Movimento de Literatos de 1907 e foi prêso em seguida. Após sair da prisão de Paulo Condore em 1910, o pai de Ho foi colocado em prisão domiciliar em Saigon onde ganhava a vida escassamente praticando a medicina chinesa. Diz-se que nunca cobrou por seus serviços. Naquela época era costume para o praticante da medicina chinesa ficar ao lado da cama do doente durante todo o dia, e a família sempre lhe dava duas refeições por dia. Êste era o limite das necessidades de Sac. Como dificilmente lhe faltavam clientes, êle raramente passava fome.

Ho era o filho mais moço. Em contraste com seu irmão e irmã, teve permissão para abandonar seus estudos confucionistas e tornar-se aluno de uma escola franco-anamita. Conseguiu seu *certificat d'études primaires* em 1907 e foi nomeado professor em uma escola elementar. Mas depois da agitação nacionalista de 1907-8, êle se inflamou com patriotismo e, logo que soube da libertação de Sac, dirigiu-se para o sul ao encontro do pai em Saigon.

A irmã de Ho, chamada Bach Lien ('Lotus Branco'), gozava da reputação de ilustrada e tinha idéias políticas revolucionárias. Enquanto ainda uma criança, ficou noiva de Mai Ngoc Ngon. A morte de seu noivo na ilha prisão de Paulo Condore afligiu-a tanto que nunca se casou. Morreu em 1953.

O irmão de Ho era Nguyen (que inevitàvelmente chegará), um estudante medíocre que falhou em todos os exames e viveu a vida simples de um professor de caracteres chineses. Dat estava em sua aldeia natal quando

ouviu, em 1946, que Ho se tornara Presidente da República, ou mais precisamente que Ho Chi Minh, o novo Presidente da República, não era senão seu próprio irmão. Sem ser convidado, Dat imediatamente partiu para Hanoi, ansioso para encontrar seu irmão depois de mais de trinta anos de separação. Contudo, nesta época Ho ainda estava desejoso de guardar segredo de sua identidade e origem, e não recebeu Dat no palácio presidencial. Em lugar disto, enviou-o a um parente no suburbio de Thai-Ha. Uma noite foi até lá ver Dat. Os irmãos conversaram por uma hora, após a qual Dat voltou para casa em silêncio. Dois anos depois morreu sem ver Ho novamente.

Ho viajou até Saigon para ver seu pai e pedir-lhe conselho sôbre política antes de iniciar sua carreira revolucionária. Sac consultou seus amigos e depois da discussão resolveu que o jovem Ho devia ir para a França. Fôram feitos preparativos para obter um emprêgo para Ho a bordo de um dos navios fazendo a linha de Saigon a Marselha. Em 1912, o rapaz embarcou a bordo do *La Touche-Tréville*, levando sòmente uma pequena maleta e uma carta de apresentação de seu pai endereçada a Phan Chu Trinh, o nacionalista veterano do Movimento das Escolas Particulares, que fôra salvo da prisão e levado no ano anterior para Paris pela Liga dos Direitos Humanos. (Ver pág. 31). Sac o conhecera na prisão em Paulo Condore e esperava que êle ensinasse seu filho, jovem e inexperiente. Sem dúvida convenceu a Ho como era importante prestar atenção aos conselhos de Phan.

Ao chegar a Paris, Ho entregou a carta do pai a Phan e hospedou-se com êle por algum tempo. Mas descobriu em breve que não podia aceitar as opiniões políticas de Phan, especialmente a teoria de cooperação pacífica com os franceses. Desiludido, Ho retomou seu trabalho como 'boy' em navios internacionais, viajando por todo o mundo — America, África e Europa — antes de passar algum tempo em Londres. Em uma destas viagens Ho visitou Saigon e foi ver o pai. O encontro terminou com Sac apanhando uma bengala e botando Ho em fuga: uma carta de Phan relatara o que houvera em Paris. O rapaz voltou ao navio e nunca mais visitou o pai. Mais que qualquer outro, êste incidente levou Ho à sua decisão de cortar todos os laços com sua família. Atualmente Ho é o único sobrevivente, pois seu irmão não teve filhos em seu casamento.

Ho viveu em Londres de 1913 a 1917, trabalhando na cosinha do Hotel Carlton sob as ordens de Escoffier, o famoso 'chef' francês. Durante êstes anos devotou muito de seu tempo livre e de sua atenção ao Sindicato de Trabalhadores Ultramarinos, uma organização anti-colonial clandestina estabelecida em Londres por trabalhadores chineses e indús. Em fins da I Guerra Mundial, seus companheiros insistiram com êle para que fôsse para a França e começasse uma atividade semelhante entre os sessenta mil vietnamitas que então viviam na França (ou serviam no exército francês). Em Paris, êle encontrou um engenheiro químico chamado Nguyen The Truyen, o qual o apresentou a um grupo de patriotas de outras colonias francesas que aí estavam exilados. O grupo fundou a 'Union Inter-coloniale' que publicava um periódico *Le Paris;* ao mesmo tempo Ho e Truyen editavam por sua própria conta o *Viet Nam Hon* (A Alma do Vietnã) e, utilizando vietnamitas empregados a bordo de navios franceses, contrabandeavam cópias para o Vietnã. Valendo-se do material recolhido pelo grupo, Ho começou a escrever o *Procès de la Colonisation Française* — uma acusação ao colonialismo francês. O prefácio foi escrito por Nguyen The Truyen que naquela época era bem conhecido nos círculos políticos esquerdistas na França. Ho escreveu um programa de oito pontos, também em colaboração com Truyen, que pretendia apresentar ao presidente Wilson quando da visita dêste último a Versailles para assinar o Tratado de Paz. Nêste programa, Ho pedia autonomia, liberdade democrática, anistia para os prisioneiros políticos, igualdade de direitos entre franceses e vietnamitas, e a abolição de trabalhos forçados, da taxa de sal e 'da consumação forçada de alcool'.[7] Nesta ocasião, Ho não conseguiu se apro-

7. A produção de alcool de arroz era monopolio de uma firma francesa, a *Société des Distilleries de l'Indochine,* cujos produtos eram tão ruins que os vietnamitas preferiam beber suas próprias

ximar do Presidente, e sua tentativa de ganhar o apôio americano para a revolução vietnamita terminou em fracasso. Ao voltar de Versailles, êle publicou seus oitos pontos no jornal, *Viet Nam Hon*, os quais fôram recebidos com grande entusiasmo no país. Os artigos estavam assinados Nguyen Ai Quoc ('Nguyen o Patriota'), o nome pelo qual era conhecido dos vietnamitas comuns até o dia em que se tornou Ho Chi Minh.

Nguyen The Truyen apresentou Ho a muitas figuras políticas esquerdistas em Paris: Léon Blum, Marcel Cachin, Marius Moutet e muitos outros. Sob sua influência, uniu-se ao Partido Socialista e escreveu alguns artigos para o orgão socialista, *Le Populaire*. Foi delegado ao Congresso Socialista em Tours em 1920 e votou pela Terceira Internacional e pelo comunismo. Dêste momento em diante, afastou-se de Nguyen The Truyen e dos outros patriotas vietnamitas em Paris. Enquanto êstes continuavam a lutar pela independência de sua pátria, Ho se dedicou à causa do comunismo internacional. [8]

Há três anos atrás, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, tendo admitido que era Nguyen Ai Quoc, Ho assim explicou seu caso:

> No comêço, foi o patriotismo e não o comunismo que me levou a acreditar em Lenine e na Terceira Internacional. Mas pouco a pouco, progredindo passo a passo no curso da luta, e combinando estudos teóricos do marxismo-leninismo com atividades práticas, vim a compreender que só o socialismo e o comunismo são capazes de emancipar os trabalhadores e os povos oprimidos de todo o mundo.
>
> No vietnã, como na China, havia a lenda do saco mágico; qualquer pessoa que tivesse um grande problema abriria simplesmente o saco para encontrar uma solução pronta. Para o povo e a revolução vietnamitas, o marxismo-leninismo não é um saco mágico, ou um compasso, mas sim um sol verdadeiro que ilumina a estrada para a vitória final, para o socialismo e comunismo.[9]

concocções alcoólicas. Para salvaguardar os interêsses da firma francesa, o govêrno fazia frequentes incursões nas propriedades vietnamitas, impondo pesadas multas e prisões. Apesar destas medidas restritivas, continuou a produção particular de alcool. Finalmente, o govêrno adotou a política de distribuir uma quantidade fixa de alcool "oficial" em cada aldeia, obrigando os habitantes a pagarem por ela.

8. Nguyen The Truyen vive atualmente em Saigon no Vietnã do Sul. Foi candidato à eleição presidencial de 1961.

Pelo trecho acima é evidente que Ho a princípio encarava o comunismo como um instrumento conveniente para seus propósitos patrióticos, e depois, sob o fascínio de seu 'abre-te Sésamo', sua mente passou a considerá-lo como um fim. O processo é bastante comum entre comunistas convictos, porém seu uso de termos como 'saco mágico' e 'verdadeiro sol' denota um certo misticismo e um quase-religioso fervor próprio.

Ho foi pela primeira vez a Moscou em 1922 como o primeiro delegado colonial ao Quarto Congresso da Internacional Comunista. É dificil que seja coincidência que êste Congresso tenha decidido criar uma seção sul asiática. Regressou em 1923, desta vez para assistir ao Congresso Internacional de Camponeses, e novamente em 1924 como estudante na Universidade dos Trabalhadores Orientais. Nesta última ocasião, Ho permaneceu em Moscou por mais de um ano, fazendo cursos de táticas bolchevistas e marxistas-leninistas. Para ir a Moscou, os comunistas vietnamitas costumavam comprar, a baixo custo, um passaporte do Kuomintang na embaixada chinesa em Paris; pretendiam ser cidadãos chineses querendo voltar à China por Moscou e Vladivostok.

Em 1925 foi enviado a Cantão, com o encargo de introduzir o comunismo no Vietnã. O dia de sua partida para a China marcou o início de outro período de sua carreira revolucionária a qual terminou com seu desaparecimento do cenário asiático em 1933. Como tôdas suas atividades nêste período estiveram íntima e diretamente relacionadas com os acontecimentos locais, êstes serão examinados no próximo capítulo o qual diz respeito ao desenvolvimento do comunismo no Vietnã.

9. Ho Chi Minh, "O caminho que me levou ao leninismo", artigo no número de julho de 1960, do *Echo du Vietnam*, um órgão semi-oficial do grupo comunista vietnamita em Paris.

4.

APARECIMENTO DO COMUNISMO

A evolução completa do comunismo no Vietnã, desde a criação da primeira célula comunista em 1925 até a imposição da coletivisação agrícola em todo o Vietnã do Norte em 1956, se divide convenientemente em seis movimentos sucessivos. Cada um marca uma fase particular no desenvolvimento geral, e cada um difere dos outros em seu programa a curto prazo, orientação política e táticas revolucionárias assim como na liderança externa reconhecida pelos comunistas vietnamitas. Êles obedeciam às vêzes a Pekim, outras diretamente a Moscou, ou indiretamente por meio de postos base intermediários em Cantão, Shangai, Bangkok e Paris.

As fases de atividade revolucionária fôram intercaladas por períodos de relativa estagnação, devidos à severa repressão ou a dificuldades internas. Os seis movimentos principais fôram: o *Thanh-Nien* (1925-28), o *Nghe-An Soviets* (1930-31), o *Popular Front* (1936-37), o Viet-Minh (1941-46), o *Resistance War* (1946-54) e o *Land Reform* (1953-56). Desde 1951 os comunistas começaram a preparar o caminho para a reforma agrária, a qual é, realmente, o estabelecimento de uma 'ditadura do proletariado' pela imposição da Taxa Agrícola e por uma onda de terror. Os cinco primeiros movimentos serão aqui revistos a título de origem histórica, enquanto o sexto, a reforma agrária, que é a execução da técnica de Mao da comunicação gradual, será descrita com mais detalhes no restante do livro.

O MOVIMENTO THANH-NIEN

Than-Nien ou 'Juventude' é a abreviação comum do termo *Viet-Nam Thanh-Nien Cach-Menh Dong-Chi Hoi* (Associação dos Jovens Camaradas Revolucionários Vietnamitas).[1] Ho Chi Minh deu êste nome a uma organização cripto-comunista por êle fundada em Cantão em 1925, alguns meses depois de ter sido para lá mandado pelo Comintern. A razão ostensiva para sua presença em Cantão era agir como tradutor chinês para o consulado soviético, mas sua tarefa verdadeira era introduzir o comunismo no Vietnã. Era conhecido pelas autoridades chinesas como Lee Suei (Ly Thuy na ortografia vietnamita) e se fazia passar por chinês nato. Mas para os vietnamitas que encontrava em Cantão êle admitia ser seu compatriota e pedia que o chamassem de Vuong Son Nhi, ou simplesmente Sr. Vuong.

É significativo que, nêste início de sua carreira revolucionária, Ho ainda não tinha adquirido discreção. Inventando dois nomes para si próprio, êle não resistira a um jôgo de palavras chinês comum nesta época entre os literatos chineses e vietnamitas. O jôgo consistia em separar o ideograma representando seu próprio nome em suas partes componentes, cada parte sendo por si mesma um ideograma, e então usar estas partes como pseudônimo. Nêste caso o sinal *Suei* (pronunciado Thuy em vietnamita) é composto de três caracteres *Vuong, Son* e *Nhi*. Esta pequena indiscreção permitiu aos vietnamitas mais bem educados — e muitos dos emigrados vietnamitas eram altamente ilustrados — a perceberem imediatamente que Ly Thuy e Vuong Son Nhi eram uma única pessoa. Antes que decorresse muito tempo outras indiscreções revelaram que êle não era outro senão Nguyen Ai Quoc, já bem conhecido no Vietnã e na França como um ardente comunista. Na sua visita seguinte a esta mesma área (em 1941) êle têve bastante mais cuida-

1. A palavra *Dong Chi* (em chinês *T'ung Chi*) que significa "camarada" reflete a tendência comunista do movimento. É a primeira vez que é usada na língua vietnamita.

do em manter sua identidade em segrêdo, o que é sinal de maior maturidade.

Cantão, que fôra o centro da revolução de Sun Yat-sen, ainda era nesta época a capital administrativa e política do govêrno Kuomintang. O fato da Academia Militar Whampoa estar situada perto dali fez de Cantão uma espécie de Meca anti-imperialista, e grande número de intelectuais do suleste da Ásia fôram atraidos a esta cidade revolucionária para treinamento militar e orientação política. Entre êstes revolucionários, os mais numerosos eram os vietnamitas.

Após sua chegada a Cantão na primavera de 1925, Ho começou a trabalhar a fim de formar uma organização política cujo objetivo era alcançar suas próprias metas. Entretanto, a maioria dos refugiados vietnamitas já pertencia a um dos grupos nacionalistas existentes e Ho viu ser necessário se apresentar como participando dos mesmos desígnos que os líderes de tais grupos para poder entrar em contacto com os membros individuais. Esperava atrair desta maneira os elementos mais jovens e capazes para seu lado. Sabia muito bem que os vietnamitas mais velhos tinham, na maior parte, uma sólida mentalidade confuciana, e portanto estavam pràticamente imunes à doutrinação marxista; consequentemente êle devotou quase todo seu tempo aos elementos mais jovens, que haviam recebido alguma educação ocidental nas novas escolas franco-anamitas. No ano seguinte surgiu uma oportunidade de ouro para a aplicação de sua doutrinação em uma escala muito maior que a esperada quando Ho encontrou grande número de rapazes que haviam fugido da repressão que se seguiu ao movimento estudantil de Hanoi em 1925. Dêstes novos emigrados, Pham Van Dong, atualmente Primeiro Ministro da República Democrática do Vietnã, recebera a mais elevada educação. Estava se preparando para o bacharelado em Hanoi quando houve o movimento estudantil, que ocasionou sua expulsão da escola. Os outros eram de nível educacional inferior, porém todo o grupo tinha uma coisa em comum: nenhum dêles recebera qualquer instrução no que se refere à cultura tradicional, isto é, o confucionismo, embora todos fôssem filhos de eruditos confucianos.

Ho instruiu seus jovens discípulos quanto à história da revolução russa e da concepção marxista da luta de classes, e ensinou-lhes algumas das novas técnicas revolucionárias. Mostrou-lhes como fazer panfletos usando o método de duplicação em 'geléia', como dirigir reuniões de massas, como provocar greves de operários, e assim por diante. Seis meses fôram suficientes para completar seu programa de treinamento. Em fins de 1925, estava pronto para escolher entre os mais brilhantes de seus adeptos para que se juntassem a êle formando o comitê central de sua Associação de Juventude. Os restantes fôram enviados de volta ao Vietnã para organizar células secretas, propagar a nova doutrina e ajudar novos recrutas a viajarem secretamente para Cantão. O comitê central, que permaneceu em Cantão, era responsável pela impressão do jornal do partido, *Thanh-Nien,* e pela tradução de breviários comunistas do chinês para o vietnamita. Estas traduções apressadas muitas vêzes estavam longe de serem claras e corretas. O êrro principal era dos tradutores chineses que haviam prèviamente traduzido os documentos do russo, pois ainda não estavam versados em marxismo. Por exemplo, a palavra 'comunismo' era interpretada como 'comunidade de riqueza', enquanto 'proletariado' aparecia em chinês como 'sem riqueza'. Estas más traduções ainda persistem hoje no vocabulário chinês e vietnamita, porém o povo agora compreende o que elas significam. Na época tais êrros criaram alguma confusão e fizeram o marxismo inteligível para a maioria das pessoas. Só anos mais tarde traduções corretas se tornaram disponíveis, quando documentos comunistas publicados na França chegaram até o Vietnã.

Ho recebera sua educação política em Moscou durante os primeiros anos do poderio de Stalin, e acreditava firmemente nos dois princípios fundamentais que formavam a base da ortodoxia stalinista. Eram:

1. A ditadura do proletariado deveria ser alcançada em dois estágios como acontecera na Rússia — primeiro uma revolução democrática-burguesa preparando o caminho para uma revolução comunista.

2. Só os operários são capazes de boa liderança revolucionária; os camponeses só podem ser considerados como 'aliados a longo prazo'.

O primeiro dêstes princípios determinou a atitude de Ho em relação aos diversos grupos nacionalistas; êle os considerava como aliados temporários para alcançar o primeiro estágio e que poderiam ser sacrificados se a ocasião o exigisse. Competia com êles sem descanso pela supremacia política, e até mesmo traiu certos nacionalistas individualmente para se apossar de fundos para seu partido. Sua crença no segundo princípio levou-o a dedicar mais tempo organizando os operários que controlando os camponeses. Naquêle tempo sua preocupação principal parece ter sido assegurar a divulgação da ideologia marxista no Vietnã pela doutrinação de intelectuais para que êles, por seu lado, pudessem organizar os operários em uma rêde de células comunistas em todos os centros industriais importantes.

Embora sempre visando uma supremacia irrestrita sôbre seus rivais nacionalistas, Ho estava resolvido a esperar até que os últimos tivessem realizado com sucesso sua revolução democrática-burguesa antes de tentar lhes arrancar o poder político. Sua rivalidade com os nacionalistas assegurou para seus adeptos uma certa tolerância por parte da administração colonial, a qual provàvelmente viu no movimento comunista uma fôrça que podia livrá-los dos nacionalistas e de sua atitude intransigentemente anti-francesa. Os slogans comunistas, embora anti-colonialistas, tinham um carater muito menos violento que os dos nacionalistas. Entretanto, diversos acontecimentos inesperados mudaram a concepção geral do movimento comunista e levaram a consequência imprevistas.

Em primeiro lugar, as células comunistas no Vietnã ficaram sem dinheiro e, para conseguir os fundos necessários, seus membros recorreram a numerosos assaltos com violência em todo o país. Devido a algum descuido em seu treinamento, êles consideravam todos os vietnamitas ricos como seus inimigos e roubavam seu dinheiro e joias, usando de violência se necessário, sempre que achavam apropriado. Tais atos de pilhagem franca em breve fizeram com que a opinião pública identificasse o comunismo com gangsterismo e antagonizaram a burguesia vietnamita. Deram também à administração colonial uma desculpa para condenar todos os agentes comunistas como bandidos e enviá-los para a prisão.

Em segundo lugar, a detenção de Phan Boi Chau, pela qual Ho foi considerado o responsável principal, fez com que os nacionalistas encarassem os comunistas com grave suspeita. Cessou tôda cooperação entre êles; embora nêste ponto não houvesse um conflito franco, daí em diante surgiu uma hostilidade surda entre os dois grupos.

Em terceiro lugar, o rompimento súbito entre Chiang Kai-shek e seus colaboradores comunistas trouxe um fim abruto ao primeiro impacto russo na China e na Ásia oriental. Miguel Borodin, chefe do consulado soviético na China, que durante anos atuara como conselheiro político para o Kuomintang, foi obrigado a abandonar a China apressadamente levando com êle todos os colaboradores, inclusive Ho Chi Minh.

Quando Chiang atacou os comunistas chineses e massacrou muitos entre êles, Ho ainda ensinava em Whampoa. O curso teve de ser interrompido imediatamente e os estudantes fôram obrigados a voltar para suas casas da melhor maneira que puderam. Alguns dias depois, Ho encontrou um grupo dêles em Cantão e procurou animá-los dizendo: "Não se desencoragem por êste revés recente: a tempestade é uma boa oportunidade para o *Tung* (pinheiro) e o *Ba* (cipreste) mostrarem sua fôrça e estabilidade." (Ho estava usando um antigo proverbio chinês.) Êle acompanhou Borodin a Hankow, onde, em um esfôrço para resistir à ditadura militar de Ching, Wang Ching-wei, um partidário político de Sun Yat-sen, instalara o chamado govêrno Wu-han. Borodin ofereceu a Wang a ajuda soviética na luta contra Chiang com a condição que adotasse uma política mais esquerdista e executasse a reforma agrária, confiscando terra dos ricos para redistribuição entre os pobres. Mas eventualmente Wang preferiu se render a Chiang, e a delegação soviética, incluindo Ho, voltou a Moscou. O movimento comunista na Ásia foi assim desviado do curso

determinado pelo Comintern; as consequências dêste desvio não demoraram a se seguir.

Antes de deixar a China, Ho designou Ho Tung Mau, o mais velho de seus adeptos, como seu sucessor no cargo de secretário-geral da Associação da Juventude. Foi uma boa escolha já que Mau era tão prudente e cauteloso como o próprio Ho. Ho aconselhou Mau a seguir de maneira firme a linha política por êle estabelecida para a Associação, i.e. continuar a difundir a ideologia marxista sob a capa da luta anti-nacionalista. Insistiu também para que não houvesse alarde de slogans comunistas, pois êstes poderiam amedrontar a burguesia vietnamita cuja simpatia era necessária ao partido. Mau cumpriu fielmente as instruções de Ho até sua prisão pelas autoridades do Kuomintang no ano seguinte. A liderança do movimento recaiu então sôbre Lam Duc Thu cujas atividades já fôram descritas no capítulo dois.

E maio de 1927, Thu convocou delegados do Vietnã para um congresso nacional em Hong Kong. Dos quatro que compareceram três ficaram chocados com o modo de vida burguês de Thu: morava em um luxuoso hotel, bebia whisky e fumava dispendiosos charutos de Manila. Êles acusaram o comitê central de tendências burguesas e divergências direitistas, e quando seu pedido de uma agitação comunista clara foi derrotado em votação, êles abandonaram a reunião desgostosos. Após sua volta ao Vietnã organizaram por iniciativa própria um grupo comunista que chamaram o "Partido Comunista Indochinês". Grandemente perturbado pelo rápido progresso realizado por êstes três ativistas, o comitê central decidiu transformar a Associação de Juventude em uma organização comunista pública. Para distinguí-la de sua rival chamaram-na de 'Partido Comunista Anamita'. Ao mesmo tempo alguns membros do *Tan-Viet,* um partido composto exclusivamente de intelectuais do tipo social-democrata, fundaram um partido comunista ao qual chamaram a 'União Comunista Indochinesa'. Assim havia então três partidos comunistas no Vietnã, cada um hostil aos outros dois. O conflito que daí surgiu entre êles deu às autoridades francesas o pretexto para fazer prisões em massa que levaram ao rápido colapso de todo o movimento comunista no Vietnã.

O MOVIMENTO SOVIÉTICO NGHE-AN

A primeira incumbência de Ho, após sua volta a Moscou, foi com a Liga Anti-Imperialista em Berlim, porém têve curta duração, e êle foi enviado então a Bangkok onde fôra instalado um Escritório do Mar do Sul do Comintern. Aí trabalhou sob a supervisão de um agente comunista francês, Hilaire Noulens, organizando os imigrantes vietnamitas e os convertendo ao comunismo: havia muitos dêstes imigrantes nas províncias do nordeste do Sião, perto da fronteira laociana. Esta colonia vietnamita era composta de dois grupos distintos conhecidos como os 'velhos' e os 'novos' vietnamitas. Os 'velhos' eram os descendentes das primeira levas de emigrados que havia seguido seu exilado príncipe ao Sião no fim do século dezoito, durante o período da guerra civil. Os 'novos' eram comerciantes que haviam preferido se estabelecer no Sião onde poderiam enriquecer mais fàcilmente que no Vietnã. Entre êstes havia alguns revolucionários que tinham vindo através do Laos para escaparem à repressão francesa. Embora muitos dentre êles tivessem esquecido a lingua vietnamita e adotado os costumes Thai, seus vínculos para com seu próprio país ainda eram muito fortes.[2] Ho usou aí a mesma estratégia utilizada no Sul da China.

Enquanto trabalhava nesta área em 1929, Ho encontrou acidentalmente um homem de sua aldeia nativa que imediatamente o reconheceu apesar de seu disfarce. Voltando à casa, êste homem, um negociante, relatou a alguns comunistas locais que havia visto Ho, e êles, por seu lado, informaram seus líderes. Êstes últimos logo enviaram uma delegação ao Sião implorando a Ho que uzasse de sua influência para resolver a briga doméstica. Êste

2. Firmemente controlada pelos agentes da República Democrática do Vietnam, esta colonia de imigrantes se tornara nos últimos anos uma ameaça permanente para a segurança da Tailândia.

concordou, porém demorou um ano antes que obtivesse a autorização necessária do Comintern. É significativo que Ho tenha sido afastado da arena chinesa, que culturalmente incluia o Vietnã, enviado para uma área sem conexão e recebido uma tarefa modesta sob a supervisão de um comunista europeu.

Esta medida e outras tomadas pelos comunistas naquela época, dão a impressão que Stalin já suportara bastante dos comunistas chineses depois do espetacular fracasso russo na China, e especialmente após a impertinente divergência de Mao da ortodoxia leninista. Êle queria deixá-los à sua própria sorte. O movimento comunista no Vietnã, um ramo do comunismo chinês, foi igualmente abandonado por êle. Stalin planejou atacar o imperialismo ocidental intensificando a subversão comunista no suleste asiático, pois em sua opinião os comunistas europeus eram muito mais obedientes e dignos de confiança. Êle esperava alcançar tal objetivo por intermédio dos bons ofícios dos partidos comunistas francês, holandês e inglês. Esta foi a verdadeira razão para a crescente importância dada pelo Comintern ao seu Escritório do Mar do Sul às custas do Escritório do Extremo-Oriente em Shanghai, cujas atividades fôram grandemente restringidas. Sòmente na década de 1930 Stalin percebeu que, mesmo nêstes países não-chineses, nada poderia ser conseguido sem a participação direta dos habitantes chineses os quais eram mais propensos à política que o povo local. O centro de coordenação foi então transferido primeiro para Shanghai e depois para Hong Kong. Nêste meio tempo, como Mao mudara seu quartel-general para o oeste, deixando a área costeira da China livre de sua influência, Stalin tornou a se interessar por esta zona relativamente industrializada. Enviou uma equipe de Moscou para salvar o que pudessem nesta área e restaurar alguma ordem e organização. Foi esta nova política que fêz com que Ho Chi Minh fôsse mandado de volta a Hong Kong em fins de 1929 ao encontro de seus antigos discípulos com os quais fôra impedido de manter contacto durante três anos.

Ho convocou representantes das três facções comunistas rivais vietnamitas em Hong Kong, onde resolveu

suas diferenças e reuniu-as em um único 'Partido Comunista Vietnamita'. Mais tarde, em 1931, o nome foi mudado para 'Partido Comunista Indochinês' para que o Laos e a Cambódia pudessem ser incluídos nêste campo de atividade, e o quartel-general foi transferido para o território vietnamita. Devido a seu sucesso, Ho foi nomeado chefe do Escritório do Extremo-Oriente do Comintern, e tornou-se responsável pela ligação entre Moscou e as diversas organizações comunistas em todo o suleste da Ásia.

Os pesados deveres de seu novo cargo o impossibilitaram de exercer um contrôle estrito sôbre o movimento no Vietnã, e foi forçado a depender da capacidade dos líderes locais. Êstes homens, na maior parte, eram violentos e impetuosos, e dificeis de controlar, o que os distinguia de Ho. A maior parte dêles fizera seu aprendizado comunista na China e tinham ficado impressionados pelos exemplos chineses — a comuna de Cantão, o movimento camponês de Hunan e outros semelhantes. Estavam ansiosos para encetar mudanças radicais. A revolta nacionalista de fevereiro de 1930, que fôra sufocada, produzira nêles uma amarga ansiedade para continuar onde haviam parado seus infortunados rivais. Além disso a depressão econômica mundial tivera um efeito extremamente sério sôbre a classe camponesa vietnamita. As colheitas eram abundantes como sempre mas era impossivel exportar arroz, e os grandes proprietários de terras assim como os camponeses assalariados estavam reduzidos a pobreza total. A ruína dos campônios em breve afetou a burguesia urbana que, por sua vez, também entrou em bancarrota. Com isso uma insatisfação geral grassava em tôdas as classes da sociedade vietnamita, com exceção dos funcionários públicos que continuavam a receber o mesmo salário apesar da deflação que reduziu os preços a um quarto ou um quinto de seu antigo nível, e excetuando também, até certo ponto, os operários das grandes empresas, cujos salários, embora um tanto reduzidos, ainda lhes davam um rendimento regular. Êste dois grupos estavam em contraste marcante com o restante da população que não tinha meios

de obter dinheiro para comprar alimentos e pagar impostos.

Com estas circunstâncias era pràticamente impossível para os comunistas recrutar e organizar operários nos centros industriais, como queria o Comintern. Os que tinham sorte bastante em conseguir um salário regular só pensavam em guardar seus empregos. Por outro lado, a situação nas aldeias era altamente explosiva, pois os camponeses morriam de fome enquanto o alimento era ridìculamente barato. Os líderes comunistas viram nesta situação uma oportunidade para imitar seus camaradas chineses, e levar os irritados camponeses a uma revolta aberta. Assim, a 1.º de maio de 1930, organizaram-se imensas reuniões nas aldeias, seguidas de marchas de fome as quais, avançando sôbre os centros administrativos, se transformaram em tumultos sangrentos. Neste ponto a administração colonial pediu o auxílio da Legião Estrangeira cujas metralhadoras fôram voltadas para as longas colunas em marcha.

Levados ao desespero pelo fracasso da revolta e em uma tentativa final para salvar o movimento, o Partido Comunista indochinês decidiu criar soviets camponeses em diversos distritos da província de Nghe-An que ainda estavam sob seu contrôle. Era uma repetição da campanha de Mao quatro anos antes. Amparado pela milicia camponesa por êle organizada, Mao pôde resistir aos ataques desfechados pelo ineficaz exército do Kuomintang. Mas os comunistas vietnamitas, sem milicia, não conseguiram suportar os contra-ataques das fôrças francesas. Os soviets de Nghe-An se entregaram em poucos meses. Em fins de 1931, havia ordem completa em todo o país. Todos os comunistas de alguma importância fôram capturados e aprisionados. Ho, que voltara a Hong Kong em fins de 1929, aí foi prêso a 6 de junho de 1931. Ao ser solto, provàvelmente em 1932 (a data exata é duvidosa), dirigiu-se imediatamente para Singapura onde foi prêso uma segunda vez e enviado de volta a Hong Kong e internado em um hospital como tuberculoso. Em 1933 desaparece sem deixar traços. As autoridades britânicas não revelaram as circunstâncias de seu desaparecimento, fuga à prisão, ou o que quer que possamos chamar, porém alguns acreditam que Ho foi libertado em troca de uma promessa de trabalhar para o Serviço Secreto Britânico.[3] Isto não é improvável, pois é sabido que êle fêz um acôrdo semelhante com a polícia de segurança francesa (ver capítulo dois). Uma notícia publicada no *Daily Worker* (o orgão do Partido Comunista Britânico) e aceito pelos franceses como pelos comunistas vietnamitas, declarava que Ho morrera de tuberculose em uma prisão de Hong Kong. Desde 1933, a polícia de segurança francesa anotou na ficha de Nguyen Ai Quoc que êle "morrera em Hong Kong" naquêle ano.[4] Para todos os efeitos, Ho abandona a cena, e sua influência não é aparente em nenhuma política realizada pelo Partido Comunista Indochinês durante o restante da década de 1930.

Ninguém, além do próprio Ho e alguns funcionários superiores do Comintern, sabem com certeza o que êle fêz e onde viveu entre seu desaparecimento de Hong Kong em 1933 e sua reaparição em Moscou em 1941. Mesmo Nguyen Khanh Toan, que desde 1927 viveu em Moscou, ensinando vietnamita na Universidade de Moscou, acreditava honestamente que Ho morrera. Desde então Toan contou a amigos seus de sua completa surpresa quando Ho apareceu sem ser anunciado em sua casa por uma manhã em 1941. Ho sugeriu que Toan fôsse com êle para um lugar perto da fronteira vietnamita a fim de fomentar uma revolução em seu próprio país. Quando Toan concordou, fôram feitos arranjos rápidos, e alguns dias após os dois vietnamitas embarcaram no trem transsiberiano para Yenan (oficialmente Fu-shih).

Outra das revelações de Toan lança alguma luz sôbre os assuntos maritais de Ho. Algumas horas depois de sua apressada partida de Moscou, uma mulher russa surgiu na casa de Ho dizendo que fôra designada esposa dêste pelo partido pelo tempo de sua estadia na capital soviética. Há razões para se crer que a história de Toan não é inteiramente digna de confiança, mas pode haver nela elementos verdadeiros. Há uma tal carência de

3. Bernard Fall: *Le Viet Minh* (Livraria Armand Colin, Paris, 1960), p. 31.

4. Jean Lacouture: *Cinq Hommes et la France*, p. 35.

informações sôbre a vida de Ho nêste período que devemos utilizar o que encontrarmos. Era costume do Comintern fornecer 'esposas temporárias' para funcionários governamentais e servidores do partido importantes cujas contínuas viagens clandestinas tornavam impossível terem uma vida matrimonial normal. O próprio Toan ganhara uma esposa durante sua prolongada estadia em Moscou e dela tivera diversos filhos. Êle a abandonou ao partir e foi suprido com uma chinesa para os quatro anos de residência em Yenan. As 'esposas' dos membros que partiam eram normalmente dadas aos ativistas recém-chegados, e assim se tornavam 'esposas profissionais do partido' para uma sucessão de funcionários comunistas itinerantes. Parece que tais arranjos eram da responsabilidade das organizações femininas comunistas locais.

O espanto de Toan quando Ho reapareceu sùbitamente robustece a teoria que o líder comunista vietnamita estivera escondido na União Soviética — longe de Moscou — entre 1933 e 1941. Uma coisa é certa: Ho nunca estivera em Yenan antes de aí ir com Toan em 1941. Há uma segunda razão para se aceitar esta interpretação dos acontecimentos. Durante o período em que os soviets de Nghe-An estavam sendo organizados, a atitude de Ho era um tanto ambígua. Embora êle de todo não aprovasse a ação encetada (uma repetição da campanha de Mao no Hunan que Stalin considerava um anátema), nada fêz para impedi-la. Durante um curso de Reforma do Pensamento em 1953, revelou-se que Ho votara contra a resolução que pedia uma revolta camponesa, mas estava em minoria e se submeteu à vontade da maioria. (Esta história foi publicada para ilustrar como Ho observava estritamente as regras democráticas.) Qualquer que seja a verdade, não há dúvida que esta foi a primeira ocasião em que Ho perdeu o contrôle do movimento do qual estava encarregado. Êste fracasso na liderança de Ho pode ter influenciado Stalin a confiar a direção política do Partido Comunista Indochinês, e a responsabilidade em corrigir suas divergências, a Maurice Thorez, líder do Partido Comunista Francês. Consequentemente Stalin estaria ansioso em remover Ho para evitar

qualquer divisão de autoridade. Se Ho permanecesse no suleste da Ásia, a maioria dos comunistas vietnamitas poderia ficar tentado a considerá-lo o líder em lugar de Thorez. Sua ausência deixou seu antigo campo de atividades aberto ao Partido Comunista Francês o qual agia como intermediário entre o comunismo vietnamita e Moscou. Tal situação continuou por dez anos, até a Segunda Guerra Mundial interromper os contactos entre a França e o Vietnã.

A FRENTE POPULAR

O uso dos partidos comunistas nos países 'metropolitanos' para controlar os membros do partido nos territórios coloniais em favor de Moscou significava uma mudança radical nas táticas políticas. Como a linha oficial do partido no momento exigia que a liderança e a iniciativa no trabalho dos comunistas nas colonias viessem do respectivo partido comunista europeu, o fervor nacionalista era desencorajado e os slogans anti-colonialistas retratados. Em seu lugar surgiram os slogans anti-capitalistas, pois sob a nova orientação o alvo principal não era a administração colonial em si mesma, mas sim os capitalistas, tanto os da metrópole como os locais.

Arranjos fôram feitos para que os comunistas vietnamitas que tinham estado ativos na França, e alguns que haviam sido treinados em Moscou, penetrassem no Vietnã. A maior parte dêles têve que ficar na Cochinchina onde gozavam de relativa liberdade para prosseguirem em suas atividades. Aí êles organizaram os trabalhadores para protegerem os interêsses proletários contra os 'tubarões amarelos e brancos da finança e da indústria', e se apresentaram como candidatos da oposição nas eleições locais. Ràpidamente o movimento ganhou impulso, porém os comunistas não tiveram o campo só para êles. Trotskistas que voltavam ao Vietnã vindos da França competiam com êles de maneira vigorosa pela supremacia política; sendo em conjunto mais bem educados que os comunistas, logo ganharam as simpatias dos intelectuais e pequenos burgueses na Cochinchina.

Mas o grosso dos operários e dos camponeses continuou sob o contrôle dos comunistas da Terceira Internacional.

Nêste meio tempo, os que estavam prêsos recordavam seu marxismo-leninismo, e organizavam cursos políticos secretos para seus companheiros de prisão e para si mesmos. Foi nêste período que muitos prisioneiros nacionalistas fôram persuadidos a aceitar o comunismo. As conversões ao marxismo eram tão numerosas que na ilha de Paulo Condore um nacionalista desesperado reuniu à sua volta seus antigos camaradas, e, diante de seus olhos, cortou a garganta. Mais tarde o nacionalismo passou a ser considerado como uma fôrça esgotada, o vietnamita médio sentia que a emancipação de seu país dependia inteiramente do sucesso futuro dos partidos esquerdistas na metrópole. A ascensão da Frente Popular na França os encorajou nêste ponto de vista. Confrontamos com uma tal mudança no cenário político francês, as autoridades coloniais no Vietnã hesitaram sôbre que rumo adotar e relaxaram seu contrôle temporàriamente. Logo houve uma ampla agitação.

No sul, stalinistas e trotskistas intensificaram suas atividades, porém como os últimos não tinham confiança nos comunistas franceses ou na Frente Popular, êles se tornaram mais veementes em seus ataques que os comunistas que seguiam a linha de Moscou e com isto adquiriram maior prestígio. Pelo fato de serem obrigados pela orientação de Moscou a advogarem a aceitação do colonialismo, os comunistas 'oficiais' ficaram colocados em posição desvantajosa. Nas regiões ao norte da Indochina, intelectuais de tôdas as tendências políticas combinaram fundar um jornal em lingua francesa, *Le Travail*, já que sòmente os jornais em francês podiam ser publicados sem uma licença especial. Êste grupo compreendia um grande número de vietnamitas pòliticamente conscientes que não eram membros de nenhum partido, uns poucos comunistas orientados por Moscou que haviam saido há pouco tempo da prisão, um trotskista de Saigon (embora forte no sul, o trotskismo virtualmente não existia em Hanoi), e dois antigos membros do *Tan-Viet*: Dang Thai Mai e Vo Nguyen Giap, os quais eram membros do partido comunista desde 1930. [5]

Por alguns meses, todos cooperaram com sucesso, e despertaram o interêsse e entusiasmo dos intelectuais no norte do Vietnã. Contudo, não demorou muito para que os socialistas franceses pertencentes ao SFIO no Vietnã começassem a formar um ramo do partido em Hanoi e outro em Saigon, admitindo livremente os intelectuais vietnamitas como membros. Como êstes ramos eram rebentos do partido que estava no govêrno na França, estavam livres de repressão e tinham um papel ativo na luta contra a injustiça social na Indochina. Os comunistas colaboravam secretamente com êstes dois ramos e usavam sua influência entre os operários para fomentar greves e demonstrações em apôio às ações dos socialistas. A medida do sucesso alcançado pelos socialistas e comunistas trabalhando juntos pode ser julgada pelos acontecimentos de 1.º de maio de 1937, quando vinte mil pessoas se reuniram e marcharam pelas ruas de Hanoi.

Nêste meio tempo, foi proclamada a anistia geral para todos os prisioneiros políticos. Logo os comunistas que sairam da prisão retomaram suas atividades políticas. Entretanto, estavam agora mais cautelosos que no passado. Êles se reorganizaram em duas seções, um grupo que funcionava às claras designado para atividades legais, e um outro clandestino cuja tarefa era reconstruir secretamente a rêde de células comunistas.

5. Nesta época Mai e Giap tinham se tornado protegidos de Louis Marty, o diretor do Serviço de Segurança Geral e Assuntos Políticos na Indochina. Sob sua proteção, viveram calma e confortàvelmente em Hanoi até o aparecimento do Vietminh, no qual eram membros influentes. Mais tarde Giap se tornou comandante em chefe do exército do DRV e foi responsável pelo seu sucesso em Dien Bien Phu em 1954. Foi bacharel em direito em 1937 porém não conseguiu obter o Certificado de Lei Administrativa no ano seguinte, nem ganhou seu doutorando em lei, como asseguram muitos escritores. Passou alguns mêses no curso de treinamento militar em Tsin-tsi ministrado por oficiais americanos, mas não é verdade, como muitas vêzes foi afirmado, que tenha ido ao Yenan. Por muito tempo, Giap e Mai se consideraram como "irmãos por adoção mútua", um parentesco que foi transformado em sogro e genro pelo casamento de Giap (o segundo) com a filha de Mai em 1946.

Esta sábia precaução permitiu mais tarde que os comunistas sobrevivessem à repressão que se seguiu à queda do govêrno da Frente Popular na França. O grupo público, dirigido por Truong Chinh, se infiltrou na organização que publicava *Le Travail* e minou, e eventualmente destruiu, os elementos trotskistas do jornal. Mas enquanto isto acontecia, o jornal foi suspenso pelas autoridades. Imediatamente os comunistas organizaram outra corporação inteiramente sob seu contrôle a qual publicava dois jornais: um todo em francês, o *Rassemblement*, e o outro, *Tin Tuc* (Notícias), em vietnamita; mas nenhum dêles alcançou grande sucesso.

Gradualmente, o novo entusiasmo se desvaneceu. O govêrno da Frente Popular provou não ser menos colonialista que seus predecessores, frequentemente recorrendo a medidas repressivas e sempre limitando sua atividade revolucionária a promessas vazias para o futuro. A queda da Frente Popular na França em 1938, e o advento da Segunda Guerra Mundial, acabaram com o movimento da Frente Popular no Vietnã. O Partido Socialista se dispersou e os comunistas passaram à clandestinidade. Como o tráfico normal entre a França e o Vietnã estivesse interrompido, o Partido Comunista Francês deixou de ter qualquer contrôle sôbre seu co-irmão no Vietnã. Apesar de não ser violenta em seus métodos, a Frente Popular Vietnamita deixou uma marca mais profunda sôbre a tendência geral da revolução vietnamita que qualquer outro movimento anterior. Durante o período relativamente curto de sua existência, as publicações comunistas de Paris e Moscou inundaram o mercado local e contribuiram para a difusão e consolidação da ideologia marxista entre a intelectualidade e nos círculos da pequena burguesia. Consequentemente, a nova doutrina estrangeira começou a substituir o credo mais rudimentar do simples nacionalismo vietnamita. O desejo pela independência nacional foi ultrapassado por um anseio pela democracia, e o comunismo passou a ser considerado como sua forma mais perfeita.

Os operários, que durante o período da Frente Popular tinham adquirido alguns privilégios sociais, encaravam os comunistas como os únicos defensores efetivos

de sua classe. As grandes massas camponesas, na maior parte ainda iletradas, não eram capazes de absorver qualquer espécie de ideologia embora vários manifestassem interêsse na promessa de uma distribuição igualitária de terras. Fôram atraidos para diversas cooperativas e associações de ajuda mútua, discretamente controladas por comunistas os quais, na maioria, pertenciam à burguesia das aldeias. Esta maioria era constituida de camponeses abastados ou pequenos proprietários de terras que não tinham conseguido garantir para si próprios posições nas comunidades de suas aldeias que os protegessem contra a opressão das autoridades mais elevadas.

Quando os comunistas estavam na clandestinidade, organizaram uma vasta rêde de células secretas, formadas por mais de dez mil membros do partido e maior número de simpatizantes. Entretanto, entre 1939 e 1941, ficaram paralizados pelas medidas da administração colonial e pela renovação súbita do nacionalismo quando as tropas japonesas entraram no Vietnã. Além disso, como a Rússia soviética assinara um pacto de não-agressão com a Alemanha nazista e mantinha uma atitude neutra para com o Japão, os comunistas vietnamitas, assim como os de outros países, estavam em dificuldades sôbre a melhor direção a tomar. Apesar dêstes reveses, sua fé permaneceu inabalável e sua organização se manteve firme, e com isso conseguiram impedir que o entusiasmo nacionalista adquirisse o contrôle das massas. Finalmente fôram salvos dêste embaraço político quando o Japão declarou que respeitava a soberania francesa na Indochina e a Rússia se tornou aliada das democracias ocidentais. Os comunistas vietnamitas lançaram então seu slogan: 'Expulsar o duplo jugo imposto pelos franceses e japoneses, lutar contra os colonialistas e os fascistas!' Sua fôrça latente estava pronta a surgir abertamente quando os líderes comunistas, que haviam fugido para a China, voltaram como 'libertadores'. Isto é conhecido como a 'Revolução do Vietminh'.

5.

O TRIUNFO FINAL

O movimento que levou os comunistas vietnamitas ao poder (o quarto movimento na luta pela libertação do domínio francês), foi uma consequência direta da Segunda Guerra Mundial. Muitos escritores o descreveram detalhadamente. Nêste livro daremos mais sua origem histórica de maneira geral que um estudo detalhado de sua história; só apresentaremos os fatos essenciais à compreensão dos acontecimentos, de maneira a deixar mais espaço para a descrição da menos conhecida técnica chinesa de impor a ditadura do proletariado. Nossa interpretação de um determinado fato pode diferir ligeiramente da de um observador que estude os acontecimentos do exterior. Isto acontece porque êste escritor se baseia em suas próprias experiências de tôda a evolução do movimento de resistência do qual foi membro. Para êle não foi necessário confiar em documentos e relatórios franceses ou do Vietminh. Ambos são muitas vêzes contraditórios e nem sempre de grande valor.

O MOVIMENTO DO VIETMINH

O Vietnã só foi ocupado pelos japoneses três meses após a derrota da França pela Alemanha em 1940. Naquela época, tendo assinado um pacto de não-agressão com a Alemanha, a Rússia adotou uma atitude sem com-

promissos para com a guerra entre 'fascistas' e 'imperialistas'. Depois de um cuidadoso estudo da situação, o Comintern provàvelmente poderia prever o que aconteceria com o imperialismo francês em seguida à entrada das tropas japonesas em sua colônia. Antecipando o inevitável colapso do domínio francês no Vietnã, e possìvelmente o do Japão em uma data ulterior, Moscou muito provàvelmente percebeu que a situação resultante na Indochina seria muito favorável ao aparecimento do comunismo. Ho Chi Minh foi chamado a Moscou e daí enviado ao sul da China a fim de retomar a tarefa que fôra forçado a abandonar dez anos antes.

Como já relatamos, Ho partiu para a China na primavera de 1941, acompanhado por Nguyen Khanh Toan. Mas durante a longa viagem na estrada de ferro transsiberiana, Ho descobriu para seu pesar que Toan nunca seria a espécie de revolucionário que Ho esperava. Nos últimos quinze anos, Toan vivera como um 'professor estrangeiro' em Moscou, o que lhe assegurava um grande salário e uma vida calma e confortável. Observando que Toan comia e bebia demais, Ho concluiu que seu companheiro estava por demais afeito à boa vida para poder suportar as privações e fadigas que eram parte integrante da vida de um revolucionário clandestino. E assim, ao chegar ao Yenan, Ho imediatamente arranjou com Mao para que Toan aí ficasse retido por algum tempo. Depois de dizer a êste o que fizera e porque, Ho lhe prometeu mandar notícias se e quando sua revolução fôsse vitoriosa. Membros mais antigos do Partido Comunista Indochinês observaram o fato que, entre todos os comunistas vietnamitas, Ho e Toan tiveram as vidas mais diferentes. As experiências de Ho fôram difíceis e muitas vêzes perigosas, enquanto Toan sempre têve um modo de vida calmo, quase burguês.

Assim Toan permaneceu sem nada fazer em Yenan, gozando mais uma vez dos privilégios de um estrangeiro, com um cartão de racionamento reservado aos europeus, e com uma esposa chinesa. Aí ficou tempo bastante para ter dois filhos. Depois do sucesso da revolução do Vietminh em 19 de agôsto de 1945, Ho estêve tão ocupado que se esqueceu de se comunicar com Toan. Tomando

conhecimento de tais fatos por um correspondente canadense, Toan decidiu voltar ao Vietnã. Quando Mao lhe deu a necessária permissão, êle se pôs a caminho em companhia de Nguyen Son, um vietnamita que entrara para o Partido Comunista Chinês em 1927. Em dezembro de 1945, chegaram a Hanoi, onde Toan foi nomeado vice-ministro da Educação, controlando o ministro, Nguyen Van Huyen, que não era membro do partido.

Deixando Toan em Yenan, Ho entrou secretamente na zona controlada pelo Kuomintang e se dirigiu sòzinho para o sul da China para um ponto perto da fronteira vietnamita, onde entrou em contacto com um grupo de nacionalistas vietnamitas os quais já aí agiam. Guardou sua identidade em segredo, e pela primeira vez começou a se chamar Ho Chi Minh, pretendendo ser um vietnamita anti-fascista cujo fim era livrar seu país da ocupação japonesa. Entretanto, não perdeu tempo em chamar seus antigos colegas que ainda estavam na China (entre êles Ho Tung Mau). Com sua ajuda, fundou a Frente Vietminh. 'Vietminh' é uma abreviação de *Viet-Nam Doc-Lap Dong-Minh*, ou 'Liga para a Independência do Vietnã'.[1] Alguns de seus associados fôram enviados para sua terra a fim de renovar contactos e reviver a adormecida rêde de células comunistas. Antes que decorresse muito tempo, muitos dos líderes comunistas que tinham estado prêsos pela administração colonial e mantidos em campos de concentração fugiram em grupos e fôram para a China. Os franceses tinham detido tais líderes e os colocado em campos-prisões antes que a Rússia entrasse na guerra contra a Alemanha. Mas depois da

1. Os correspondentes e escritores estrangeiros se referem habitualmente aos comunistas vietnamitas como "Vietminh", às vêzes bastante cruamente como "Viet". Deve se notar que "Viet" é um nome genérico para todo o povo no suleste da China e no Vietnã, e que inicialmente "Vietminh" era um movimento nacional para a independência no qual participava grande número de não-comunistas. Para haver distinção entre Vietminh como um movimento nacional e os comunistas vietnamitas, a imprensa em Saigon desde 1956 tem se referido a êstes últimos como "Vietcong", *Cong* (uma abreviação de *Cong-san*) significando "comunistas". O novo têrmo é preciso e correto e, contràriamente ao que muitos correspondentes estrangeiros acreditam, não tem nenhum sentido pejorativo.

ocupação japonesa do Vietnã, os comunistas e os franceses deixaram de ser inimigos, tendo um adversário comum nos japoneses, e não foi difícil para os comunistas fugirem de seus captores franceses.

Ho ofereceu aos serviços secretos britânicos e americano sua organização clandestina dentro do Vietnã, e recebeu o encargo de comunicar os movimentos das tropas japonesas e ajudar os pilotos aliados derrubados pelos nipônicos a fugirem para a China. Os ingleses libertaram todos os comunistas que haviam sido exilados para Madagascar e os atiraram de paraquedas na zona guerrilheira vietnamita,[2] enquanto os americanos lhes forneciam radio equipamento portátil e centenas de metralhadoras leves. Ho as utilizou para se apoderar de alguns postos militares franceses, porém têve cuidado em não se arriscar a um encontro com soldados japoneses mais fortes e melhor armados. Seu plano era, se possível, manter intatos seus suprimentos americanos antecipando a derrota do Japão e o aparecimento de novos rivais. Tudo aconteceu como Ho previra. Após a libertação da França, as autoridades francesas, agora comprometidas pelo juramento de obediência feito ao govêrno de Vichy e querendo se redimir, planejaram uma revolta contra as fôrças japonesas de ocupação. Estas souberam dos preparativos e se anteciparam à rebelião. A 9 de março de 1945, três dias antes da data fixada pelos franceses para o levante, os japoneses derrubaram a administração colonial e prenderam todos os soldados e civis franceses. Bao Dai foi mantido como imperador e instalou-se um govêrno pró-japonês; era um govêrno puramente nominal pois não tinha poder militar, armas nem munições. Seus membros eram homens de forte inclinação nacionalista que mostraram seu patriotismo ordenando a libertação de todos os prisioneiros políticos, inclusive os comunistas. Êstes últimos imediatamente se juntaram às fileiras do Vietminh.

A 19 de agôsto de 1945, cinco dias depois que os japoneses se renderam aos aliados, o Vietminh, por meio

2. Entre êstes estava Hoang Huu Nam (o verdadeiro nome de Phan Boi), que se tornou vice-ministro do Interior em 1946. Foi assassinado por um nacionalista em uma barca fluvial em 1947.

de demonstrações populares e alguns tiros, capturou a indefesa Hanoi. Bao Dai foi forçado a abdicar em favor de Ho Chi Minh que se proclamou Presidente do Govêrno Provisório da República Democrática do Vietnã. Alguns dias mais tarde, segundo o Acôrdo de Potsdam, tropas britânicas desembarcaram em Saigon e soldados chineses entraram em Hanoi para desarmar os derrotados japoneses. Estas duas fôrças de ocupação usaram sua influência para impedir que o Vietminh expandisse seu contrôle. No sul os ingleses fizeram o possivel para ajudar os esforços franceses na retomada do contrôle do país, e os oficiais do Kuomintang apoiaram as tentativas dos nacionalistas vietnamitas para enfraquecer a posição do Vietminh. A oposição a êste último veio principalmente do *neo-Viet-Nam Quoc-Dan Dang* (dirigido por Vu Hong Khanh), do *Viet-Nam Cach-Menh Dong-Minh* (dirigido por Nguyen Hai Than), do *Dai-Viet Quoc-Dan Dang* (dirigido por Truong Ty Anh) e do movimento *Ngu-Xa* (dirigido por Phan Quang Dan).[3] Êles recorreram a táticas constitucionais normais em sua oposição ao Vietminh, porém empregaram também o assassinato de partidários do Vietminh e a ação militar a fim de assegurar o contrôle em certas províncias.

Tendo que enfrentar uma crescente oposição à sua política, Ho foi obrigado a contemporizar com os nacionalistas. Garantindo-lhes um certo número de assentos em uma Assembléia Nacional constituida por meio de 'eleições democráticas',[4] êle conseguiu formar um govêrno de coalização, e apelou para uma união nacional para

3. Truong Tu Anh foi assassinado pelos comunistas em 1946, quando a liderança passou a Nguyen Ton Hoan, agora exilado em Paris. Phan Quang Dan dirigiu a oposição legal ao govêrno de Ngo Dinh Diem no Vietnã do Sul, com o resultado que agora está prêso. O sucessor de Dan, Pham Huy Co, está em Paris.

4. Os nomes dos candidatos oficiais (a maioria dos quais eram comunistas e simpatizantes do partido, incluindo o ex-imperador Bao Dai) eram versificados e também inscritos em três listas chamadas A, B, e C. Quando os eleitores analfabetos, que então formavam 80% da população, chegavam no local da eleição, o funcionário encarregado de marcar na cédula a sua escolha lhes perguntava: "Em quem quer votar?" Tudo que tinham a fazer era simplesmente recitar o verso que haviam decorado, ou dizer "A, B e C", e estava pronto.

fazer face ao esperado ataque francês. O Partido Comunista se declarou voluntàriamente dissolvido em um gesto espetacular para mostrar a dedicação comunista à causa nacionalista. Mas continuou a operar secretamente e nunca relaxou seu jugo sôbre a população. Por outro lado, os nacionalistas consolidaram sua posição e intensificaram sua propaganda anti-comunista. Assaltado pelos dois lados, Ho Chi Minh se viu em uma situação desesperada quando, bastante inesperadamente, um acôrdo entre Paris e Nankim lhe deu a chance pela qual esperava. O marechal Chiang concordou em retirar suas tropas do norte do Vietnã e deixar o caminho livre para o exército francês.

Após a partida dos chineses, os comunistas logo esmagaram tôda a resistência nacionalista no Vietminh e depois procuraram chegar a um acôrdo com os franceses. A 6 de março de 1946, foi assinado um tratado pelo qual a França 'reconhecia a República do Vietnã como um Estado Livre tendo seu próprio govêrno, parlamento, exército e tesouro, e pertencendo à Federação Indochinesa e à União Francesa'. Ho envidou maiores esforços para re-escrever os termos do acôrdo de modo mais favorável à política do Vietminh de completa independência, pois o acôrdo previa a continuação de fôrças francesas de ocupação no Vietnã. Fôram realizadas conferências em Dalat (abril e maio de 1946) e em Fontainebleau (julho e agôsto), mas nenhuma das duas produziu o que Ho desejava apesar de ter ido êle mesmo a Paris para negociar. No final tudo que podia exibir era um acôrdo (confirmando as disposições do acôrdo anterior) assinado em setembro de 1946 por Ho e Marius Moutet, o ministro para os Territórios de Ultramar e um antigo socialista francês que Ho conhecia há mais de vinte anos.

Os franceses não deram muita importância a êste documento e, com diversos pretextos, ocuparam uma praça forte após outra até que finalmente, a 19 de dezembro de 1946, Ho respondeu com um ataque de surpresa. Êle tomou tal decisão às 11 horas da manhã e o ataque foi marcado para as 8 da noite. Vo Nguyen Giap, encarregado dos assuntos militares, imediatamente trans-

mitiu a ordem a tôdas as tropas do Vietminh espalhadas por todo o país. Entretanto, às 2 da tarde, Giap recebeu a notícia que Marius Moutet estava a caminho do Vietnã; consequentemente voltou ao palacio presidencial para perguntar se, nestas circunstâncias, Ho desejava adiar o ataque. Mas Ho não voltou atrás. Aquela noite viu o início de uma guerra que durou mais de oito anos.

Ho se dedicara a uma política de conciliação com os franceses a fim de ganhar tempo para que o Vietminh consolidasse sua fôrça política e militar. Provàvelmente esperou algum tempo para ver que progresso era feito por seu fac-símile chinês, Mao Tse-tung. Mas não há dúvida que êle sempre manteve a convicção que, se chegasse a uma guerra com os franceses, terminaria vencendo. Estava bem cônscio que o Vietnã estava muito longe da França, e que o povo francês não se recuperara inteiramente da ocupação alemã. Além disso, como resultado da Segunda Guerra Mundial, a situação internacional mudara tão radicalmente que a reconquista colonial não era mais possivel. A guerra, provocada pelos franceses, fortaleceria e até então incerta autoridade do Vietminh pois faria de Ho e seus partidários os genuínos defensores de seu país e daria validez à sua pretensão até aí sem base de serem seus 'libertadores'. Ho se tornou um símbolo de unidade nacional e muitos vietnamitas se uniram a êle na luta pela independência de sua pátria.

A GUERRA DE RESISTÊNCIA

Os líderes do Vietminh planejavam repetir o golpe dos japoneses de 9 de março de 1945, atacando as guarnições francesas às 8 da noite enquanto seus oficiais ainda jantavam. Entretanto, nesta ocasião os franceses fôram avisados a tempo do ataque iminente por um eurasiano que servia nas fileiras do Vietminh. Embora forçados a se render em alguns lugares defendidos por um punhado de homem, os franceses defenderam com sucesso as cidades onde eram em número maior. O resultado dêste primeiro ataque foi o padrão que se repetiu durante três anos: os franceses com mêdo de se aventurarem fora

das cidades; o Vietminh controlando o interior, destruindo pontes, retirando linhas férreas e interrompendo estradas. Qualquer aumento na área controlada pelos franceses era contrabalançado por melhorias ainda maiores na organização militar do inimigo. O impasse ainda continuava quando o Kuomintang caiu na China e Mao proclamou sua República Popular em Pekim a 1.º de outubro de 1949. Os pedidos de ajuda de Ho fôram respondidos quando, em fevereiro de 1950, Mao enviou um de seus ajudantes mais capazes, o general Lo Kwei-po, como conselheiro militar do exército do Vietminh. Logo foi seguido por uma onda de peritos chineses vindos para servir em cada ramo da administração. Além disso, o presidente Mao ordenou às duas províncias chinesas vizinhas do Vietnã — Kwang-si e Kwang-tung — a fornecerem a êste alimento, armas e munições. Grande número de oficiais do Vietmin começaram a viajar para a China a fim de receberem treinamento militar.

Com apoio militar chinês, o Vietminh lançou uma ofensiva geral contra as posições francesas ao longo da fronteira sino-vietnamita, obrigando-os a se retirarem para o sul, para o delta do Rio Vermelho. Encorajado por seu sucesso inicial, o general Lo, que tinha pouca experiência de ataque aéreo, aconselhou o Vietminh a perseguir os franceses em retirada e atacar suas posições no baixo delta, porém um feroz bombardeio aéreo com *napalm* (*) por parte dêstes últimos causou pesadas baixas entre os soldados do Vietminh, obrigando-os a se retirarem em desordem. Compreendendo a gravidade de seu êrro, o general Lo mandou sua estratégia e tentou atrair os franceses para a selva. A primeira parte de seu novo plano era atacar os postos franceses no vizinho Laos. Por sua posição atrás da proteção da Cadeia Anamita, êstes postos sempre fôram considerados a salvo de ataques e consequentemente tinham caido em um estado de total falta de preparo.

O Vietminh começou a preparar estoques de alimentos — principalmente arroz cozido e peixe salgado — pois o Laos era tão escassamente habitado que não se podia esperar ajuda de seus habitantes. Requisitaram

(*) Uma geleia incendiária de alto poder destruidor.

também tôdas as bicicletas disponiveis, anteriormente contrabandeadas da zona ocupada pelos franceses, para transporte de provisões e munições. Dêste modo as tropas do Vietminh atravessaram a Cadeia Anamita e passaram tão ràpidamente pela selva laociana que os franceses fôram tomados inteiramente de surpresa.

Os vietnamitas lançaram três campanhas importantes contra o Laos. A primeira em direção de Luang Prabang, a cidade real. Durante esta campanha, êles alcançaram um ponto a trinta milhas ao norte da cidade em 30 de abril de 1953. Para impedir que o Vietminh repetisse esta arremetida ameaçadora, os franceses ocuparam Dien Bien Phu em 20 de novembro de 1953, lançando seis batalhões de paraquedistas. O Vietminh iniciou uma segunda campanha, desta vez no Laos central, e ocupou Thakhek a 28 de dezembro. Daí, êles se moveram para o sul na direção da parte meridional do país. Sua finalidade parecia ser obrigar os franceses a espalhar suas fôrças através todo o Laos e assim exaurir sua fôrça aérea na tarefa de abastecer um grande número de postos isolados. Finalmente, o Vietminh lançou uma terceira campanha mais uma vez contra Luang Prabang. Em 8 de fevereiro de 1954, chegaram a um ponto a vinte milhas da capital, e o rei atravessou o Mekong para maior segurança. Os franceses lançaram mais e mais paraquedistas em Dien Bien Phu.

Embora Luang Prabang fôsse pouco mais que uma aldeia, era a capital real e como tal tinha de ser defendida a todo o custo, daí o plano francês de impedir o avanço do Vietminh cortando seu caminho de suprimentos em Dien Bien Phu, um posto no fundo da floresta e logo atrás das linhas de Ho. Começou então o cêrco dêste posto avançado pelos vietnamitas. A operação do lançamento de um número sempre maior de tropas para mantê-lo custou aos franceses diversos aviões, pois o Vietminh usava precisos canhões anti-aéreos de fabricação tcheca.

É quase certo que o Vietminh lançou suas campanhas contra o Laos, não com o fito de ocupá-lo (havia, de fato, pouca possibilidade de conseguirem manter o terreno conquistado no Laos por um tempo muito considerável), mas simplesmente para crear uma armadilha para as tropas francesas na selva onde estariam em desvantagem. De Lattre de Tassigny era um bom estrategista, porém seus sucessores não se igualaram a êle e falharam totalmente ao enfrentar o desafio das táticas do Vietminh. O movimento para atacar o exército do Vietminh pela retaguarda se transformou em uma armadilha para os franceses. Confiando nas táticas ocidentais convencionais, êles fôram forçados à defensiva pelas guerrilhas. Dien Bien Phu se tornou impossivel para conservar.

Nesta conjuntura, os russos sugeriram ao govêrno em Paris um meio pelo qual a guerra poderia acabar sem envolver os franceses em uma pêrda de prestígio grande demais. Em 1954 houve uma conferência em Genebra. A princípio, os franceses relutaram em aceitar as condições impostas pelo Vietminh. Enquanto hesitavam, o general Lo atacou maciçamente em Dien Bien Phu, esmagando a guarnição e obrigando-a a se render a 7 de maio de 1954. Esta importante derrota causou um alarma geral na França, com o resultado que o govêrno de Mendès-France assinou apressadamente demais um acôrdo dando ao Vietminh mais do que seus líderes esperavam.

A trégua veio no momento em que a província de Thanh-Hoa estava à beira da fome. Esta província, formada pelo rico delta do Song Ma, chamada o segundo celeiro do norte do Vietnã, nunca foi ocupada pelas tropas francesas. Em tempos históricos, serviu diversas vêzes como um bastião vietnamita contra os invasores chineses. No decorrer da guerra indochinesa, foi a fonte principal para a alimentação do exército do Vietminh. O exército francês talvez tenha sido incapaz de conquistar aquela vasta planície, separada de Tonkim por uma cadeia reta de montanhas; porém a explicação mais provável é que os estrategistas franceses, não tendo prestado atenção às lições dadas pela história vietnamita ou aos preceitos de Sun Tzu, [5] simplesmente não deram importância à conquista da província.

5. Sun Tzu foi um famoso estrategista do terceiro século AC cujos preceitos militares ainda são respeitados e cuidadosamente estudados por Mao Tse-tung. Em uma ação ofensiva, Sun Tzu

O fato que as tropas comunistas em Dien Bien Phu eram supridas em 76% de suas provisões por esta província exemplifica a sua importância durante a guerra. Êste número foi citado em uma mensagem oficial de agradecimento à população de Thanh-Hoa. O tamanho desta contribuição só pode ser apreciado quando se sabe que o método predominante para o transporte do arroz — conhecido como o 'processo do grão caminhante' — fazia que sòmente 10% do arroz arrecadado na província de Thanh-Hoa chegava a Dien Bien Phu. Os outros 90% eram consumidos no caminho pelas centenas de milhares de carregadores, homens e mulheres, cada um dos quais levava 15 kilos de arroz em seus ombros, viajando cêrca de 15 kilometros cada noite. Tôda a caminhada era feita entre o crepúsculo e a meia-noite, a fim de evitar os ataques aéreos franceses. Linhas intermináveis de carregadores serpenteavam pelas estradas cada noite, cada quinto homem levando uma lanterna de tempestade, a qual era imediatamente apagada ao ruído de algum avião que se aproximasse. Vista de cima, esta longa procissão de lâmpadas parecia uma ilustração de um livro de contos de fadas.

É evidente que, se os franceses estavam exaustos pela guerra na Indochina, o DRV estava perto da bancarrota completa, pelo menos quanto aos recursos materiais. A vitória veio para o lado que manteve maior serenidade e cujas dificuldades internas fôram com sucesso ocultadas ao seu opositor. Retrospectivamente, podemos concluir que a tentativa francesa de reconquista do Vietnã têve o efeito de colocar as tropas do Vietminh em um árduo curso de treinamento de guerra moderna

---

recomendava três operações: "Primeiro conquistar o coração (do povo), segundo conquistar (a fonte de) suprimentos, e terceiro conquistar as fortalezas". Revendo a guerra de resistência, é aparente que o Vietminh observou o primeiro princípio e os franceses o terceiro. Hoje notamos o mesmo abandono do primeiro princípio pelos adversários do Vietminh no Vietnã do Sul na luta entre o govêrno de Ngo Dinh Diem apoiado pelos americanos e o Vietcong (comunistas vietnamitas). Para maiores detalhes da estratégia de Sun Tzu e de Mao, ver *Mao Tse-tung on Guerrilla Warfare,* traduzido e editado pelo General-Brigadeiro Samuel B. Griffith, Praeger, Nova York, 1962 e Cassells, Londres; e *Sun Tzu: The Art of War,* pelo mesmo tradutor, Universidade de Oxford, 1963.

o qual, após nove anos de prática compulsória, levou à derrota final do inimigo colonialista. Quando as fôrças do Vietminh começaram sua luta em 1945, suas únicas armas eram paus, algumas pistolas e algumas metralhadoras leves fornecidas pelos americanos ou compradas de corruptos oficiais do Kuomintang. Mas atualmente podem se gabar de possuir um exército altamente treinado e bem equipado, cujo espírito de luta é reconhecido pelo mundo inteiro.

Contràriamente ao que muitos afirmam, os japoneses jamais deram qualquer de suas armas ao Vietminh. Nos primeiros dias após sua rendição, êles pensaram em oferecer parte de suas armas e equipamento ao Vietminh, porém mudaram de idéia quando Vo Nguyen Giap, no caminho de Viet-Bac para Hanoi, atacou sua guarnição em Thai Nguyen a 17 de agôsto de 1945. Depois disso os japoneses queimaram todos seus estoques e mais tarde entregaram aos chineses em Haiphong 400.000 toneladas de armas e munições.

Na área controlada pela Resistência, era unânimemente aceito que, à parte as armas e munições tomadas dos franceses em batalhas, os cinco fatores materiais, indiretamente fornecidos pelos franceses, que mais contribuiram para a vitória comunista fôram:

1. Remédios contra a malária, que possibilitaram as operações nas áreas infestadas por aquela doença;

2. Lençóis de nylon que serviram às tropas como capas de chuva leves e às vêzes eram enrolados para levar suas roupas e pertences pessoais flutuando nas travessias dos rios;

3. Pneus abandonados que eram usados para confeccionar fortes sandálias que suportassem o terreno montanhoso;

4. Bicicletas para transporte de suprimentos;

5. Querosene para lâmpadas.

Todos êstes artigos eram importados da França e em seguida contrabandeados para a zona comunista pelos comerciantes locais, às vêzes com a conivência de comandantes locais franceses.

A guerra terminou a 21 de julho de 1954, quando a França e a RDV, junto com a Cambódia, Laos, Vietnã do Sul, Rússia Soviética, China comunista, Estados Unidos e Reino Unido, assinaram a Declaração Final de Genebra, um acôrdo que reconhecia de fato a soberania da RDV sôbre o Vietnã do Norte. Seguiu-se cinco anos de calma relativa que os comunistas usaram para completar o processo de coletivização no Norte e para treinar seus simpatizantes do Sul como ativistas. Uma ampla subversão comunista no Vietnã do Sul foi o resultado direto desta segunda atividade, no que foi muito ajudada por uma insatisfação geral com o regime de Ngo Dinh Diem. Atualmente, mais da metade das aldeias no 'Vietnã livre' estão sob contrôle comunista.

A EXECUÇÃO POLÍTICA

Houve o mesmo progresso tanto na esfera cultural como na política. Em 1845, 80% da população era analfabeta, porém em 1950 isto já estava ultrapassado. Graças principalmente à simplicidade e regularidade da ortografia romanisada da lingua vietnamita, em geral no fim de um mês de estudo um vietnamita adulto já lê e escreve. Para obrigar tôda a população a estudar a linguagem escrita, fôram tomadas medidas para impedir que o povo entrasse em um mercado, atravessasse um rio ou percorresse uma estrada se não conseguisse soletrar uma palavra corretamente.

Embora o nível cultural ainda seja baixo (pois, falando de modo geral, a doutrinação sobrepuja de muito a educação), atualmente há uma escola primária em cada aldeia e uma secundária em cada distrito, e muitas classes noturnas para adultos em todos os niveis de vida.

O progresso na esfera administrativa é impressionante. De um punhado de funcionários e técnicos, que só se distinguiam por sua falta de qualificações, o Partido Lao-Dong criou milhares de peritos entre grande número de técnicos, assim como um imenso exército de ativistas que controlam tôda a população em cada aspecto de sua vida diária. O processo do estabelecimento do contrôle sôbre tôda a população — a maior realização do regime — pode ser dividido grosseiramente em duas fases: a fase 'anti-imperialista' de 1946 a 1949, e a fase 'anti-feudalista' de 1950 a 1956.

A FASE ANTI-IMPERIALISTA, 1946-49

O slogan dêste período foi 'Pátria Acima de Tudo'. Ho Chi Minh pediu a tôda a população que apoiasse seu govêrno para criar a unidade nacional necessária para resistir à agressão francesa. A fim de promover a unidade política e acalmar as suspeitas da classe mais elevada, o Partido Comunista Indochinês se declarou voluntàriamente dissolvido e fêz uma exibição sôbre o fato de entregar a liderança política à Frente Lien-Viet (Aliança Vietnamita). A propriedade privada foi cuidadosamente respeitada e os proprietários de terras continuaram a receber rendas de seus campos de arroz. Em muitos casos, fazendeiros fôram julgados por não pagarem seus alugueis. Os intelectuais gozavam de grande estima, e fôram mantidos em posições de responsabilidade, ou pelo menos de conveniência, enquanto os homens em evidência recebiam o mesmo aplauso público de antes. Para satisfazer o desejo daquêles que queriam tomar parte nos assuntos nacionais (e também ter algum contrôle sôbre êles), fôram criadas diversas organizações políticas fictícias, notadamente o *Partido Democrático*, reservado exclusivamente aos proprietários de terras e ricos comerciantes, o *Partido Socialista*, reservado aos intelectuais, e o *Lien-Viet*, dedicado a figuras respeitadas da cultura nacional e da vida política que ainda tinham alguma influência sôbre a juventude, porém eram velhas demais para empreenderem qualquer outra atividade. Estas organizações, na realidade, não eram mais que uma cortina por trás da qual o Partido Comunista continuava a funcionar. Sendo organizações fantoches, cada uma especìficamente reservada para um determinado grupo de simpatizantes, elas ràpidamente perderam a capacidade de atrair o povo.

O Partido Democrático foi inicialmente instalado durante a ocupação japonesa por um grupo de estudantes universitários, e logo caiu sob contrôle comunista pois aceitou cooperar com o Vietminh na luta comum contra os franceses e os japoneses. Eventualmente tornou-se uma organização fictícia, cuja função era controlar os 'elementos burgueses' para os diferenciar dos intelectuais que eram dirigidos para o Partido Socialista.

Os Partidos Socialistas e Democrático hoje só existem em nome, nada menos de três vêzes: de *Vietminh* (Liga para a Independência Nacional) para *Lien-Viet* (Aliança Vietnamita), de Lien-Viet para *To-Quoc* (Frente da Pátria), e finalmente de To-quoc para *Thong-nhat Quoc-gia* (Reunificação Nacional). Estas mudanças fôram acompanhadas de ligeiras modificações na política oficial para se ajustar às necessidades do momento. Muitos escritores, após estudarem as declarações oficiais, acreditavam poder perceber algumas mudanças genuínas na política. Mas na realidade as frequentes trocas de nomes eram sintomáticas de um declínio gradual na popularidade da 'frente' e não qualquer mudança mais importante na política. Por exemplo, a primeira Frente Nacional, como vimos, era chamada *Viet Minh,* mas estas duas palavras vietnamitas eram familiarmente abreviadas para VM, pronunciadas *Vé-Em* ou (ràpidamente) *Vem.* Em vietnamita, *Vem* também significa papagaio, e assim a velha expressão 'falar como um papagaio' tem um outro sentido, i.e. 'falar como um funcionário do Vietminh' o que significa quase a mesma coisa. Isto levou a outras expressões, como 'mentir como um Vem', 'tão hipócrita quanto um Vem', e assim por diante. Os termos Vem ou Vietminh se tornaram tão embaraçosos para os comunistas que êstes mudaram o nome de Vietminh para Lien-Viet. Mas isto nada melhorou para os comunistas, já que Lien-Viet passou a ser abreviado para LV. Estas duas letras são geralmente pronunciadas *Ele* e *Vé* pelo alfabeto, mas nas classes de analfabetos eram em geral ensinadas como *Lö* e *Vö* — para facilitar a grafia para os principiantes adultos. Mas *Lö vö* é também uma expressão vietnamita que significa 'dar uma aparência exterior de fazer uma determinada coisa', que era exatamente como os membros do Lien-Viet agiam.

Assim mais uma vez o nome foi mudado! Durante esta primeira fase, na qual houve uma aparência de democracia, deu-se uma progressiva consolidação da maquinaria estatal juntamente com, apesar de parecer contraditório, um gradual declínio na popularidade do regime à medida que sua hipocrisia era cada vez mais aparente.

A FASE ANTI-FEUDAL, 1950-56

A fachada democrática foi mantida durante quatro anos e só chegou ao fim com a derrota dos franceses em Langson em setembro de 1950, uma vitória que deu ao Vietminh uma fronteira comum com a China. Houve rumores que Ho Chi Minh fizera uma visita secreta a Mao no comêço daquêle ano, e que fôra criticado pelos teóricos chineses como sendo 'direitista'. Argumentaram que Ho devotava demasiada atenção à guerra patriótica contra a França e insuficiente ao estabelecimento do comunismo.

Depois que Ho voltou de Pekim, o Partido Comunista abandonou a máscara de sigilo e surgiu mais uma vez sob o nome de Dang Lao-Dong ou Partido Trabalhista Vietnamita (3 de março de 1951).[6] Seu novo slogan era: 'As lutas anti-imperialista e anti-feudal têm igual importância'. Até aquêle momento, os slogans se restringiam à guerra contra o imperialismo, porém a mudança na política tornou necessária uma mudança também nos slogans. Mas uma tal mudança abruta tornaria uma reviravolta na política do partido clara demais aos olhos de todos, e isto os comunistas queriam evitar a todo o custo. Assim, começaram a trabalhar para alterar as velhas frases imperceptìvelmente, palavra por palavra, até que ficaram tão aguadas que seu significado anterior desapareceu. Por exemplo, um slogan popular de 1950 que dizia, 'Estejamos prontos para uma contra-ofensiva geral', em 1951 foi alterado para 'Preparemos uma con-

6. *Lao-Dong* (do chinês *Lao-tung*) significa "Trabalhista". A tradução acurada do novo nome seria "Partido Trabalhista" como foi dada no texto; porém os próprios comunistas preferiram traduzir como "Partido dos Trabalhadores".

tra-ofensiva geral', e mais enfraquecido ainda em 1952 para 'Vamos ficar prontos para a preparação de uma contra-ofensiva geral', depois do que foi inteiramente esquecido. Quando a contra-ofensiva foi afinal iniciada em 1954, o partido estava bastante forte para recorrer ao terrorismo a fim de conseguir obediência. Não estando mais prêsos à necessidade de manterem o contrôle pela 'persuasão democrática', os comunistas não precisavam daquêle slogan.

Quando foi adotado o slogan: 'As lutas anti-imperialistas e anti-feudal têm igual importância', o povo começou a se perguntar qual era seu significado preciso. De modo geral se entendia que a luta anti-feudal era simplesmente a erradicação do último vestígio de feudalismo no pensamento dos elementos da classe dos mandarins que pertenciam ao maquinismo do Estado. Mas os grupos mais elevados que haviam estudado na China compreendiam que esta política na realidade encarava a liquidação total dos 'elementos reacionários', um termo que incluía todos os que tinham os mais tênues laços com a classe proprietária de terras. A verdadeira definição só se tornou pública no decorrer da Reforma do Pensamento em 1953 (ver Parte IV).

A principal campanha na fase anti-feudal foi a Reforma Agrária (1953-56) na qual fôram sacrificados meio milhão de vietnamitas (4% da população do Vietnã do Norte). Esta campanha devastadora tinha sido precedida de duas outras cujo fim era preparar o terreno para ela. Fôram: primeiro, a execução do sistema chinês de taxas, cuja meta era o empobrecimento de tôda a população e a redução de tôda a sociedade vietnamita ao nível de seus membros mais inferiores; e, segundo, uma onda preliminar de terror com o fim de liquidar todos os 'reacionários perigosos'. O programa da Reforma Agrária era êle mesmo dividido em duas campanhas separadas: a chamada campanha de 'Redução do Aluguel de Terras' e a campanha da Reforma Agrária pròpriamente dita. Esta segunda foi seguida de uma 'Retificação de Êrros' para normalizar a situação depois de um longo processo de terror bem organizado. Tôdas eram acompanhadas de repetidas 'Reformas de Pensamento', cuja função era preparar os grupos psicològicamente para os rigores destas campanhas sangrentas. Todo êste processo, que fôra levado a cabo alguns anos antes no território chinês, fôra definido como 'táticas de Mao Tse-tung'. Devido à sua importância crucial e à luz que lançam sôbre as intenções dos teóricos comunistas, tais campanhas serão descritas separadamente nos capítulos seguintes. Esperamos que elas dêem ao leitor uma apreciação das técnicas planejadas por Mao para a China mas que êle achava serem aplicáveis a tôdas as nações subdesenvolvidas como foi o caso do Vietnã.

TERCEIRA PARTE

PRIMEIROS PASSOS PARA UM REGIME TOTALITÁRIO

"É melhor trair os outros que ser traido".

(Atribuido a T'sao T'sao, um estadista chinês do século terceiro AC e precursor de Mao no estabelecimento de comunas agromilitares.)

6.

NIVELAMENTO ECONÔMICO

Um dos resultados imediatos da visita de Ho a Pekim foi a promulgação do sistema de impostos de Mao que fôra aplicado na China dois anos antes. Os comunistas chineses e vietnamitas têm se gabado que êste é o sistema mais simples e racional em tôda a história. Comparado com o complicado sistema francês usado na Indochina e o do Kuomintang na China, êle parece ser muito honesto, pois os comunistas reduziram todo o sistema a cinco únicos impostos: agrícola, comercial, matança de gado, florestal e importação-exportação.

O mais importante sem dúvida era o Imposto Agrícola, o que era lógico já que o Vietnã é bàsicamente um país agrícola. O seguinte em importância era o Comercial cobrado a um pequeno número de artífices e comerciantes cujo movimento de vendas era excessivamente baixo. O Imposto de Matança não era muito importante porque, devido à escassez de animais de tração, era estritamente proibido o sacrifício de vacas e búfalos. Entretanto, apesar desta séria escassez, que em muitos casos obrigou homens e mulheres a puxarem seus próprios arados, os comunistas exportaram uma notável quantidade de bois para a zona francesa em troca de mercadorias que muito necessitavam. Assim, a maior parte do Imposto de Matança, se algum foi cobrado, aumentou o orçamento das cidades controladas pelos franceses, e não as do Vietminh. O Imposto Florestal era igualmente insignificante. Quanto ao de Importação-Exportação, só exis-

tia em papel, pois o comércio externo, no sentido literal, era pràticamente inexistente sob o regime do Vietminh naquêle período.

Os Impostos Agrícola e Comercial eram cobrados de acôrdo com a renda e o movimento de vendas individuais, e êstes não eram investigados; eram simplesmente 'calculadas' pelos quadros de funcionários e 'votadas' pelo 'povo'. Naturalmente 'as rendas calculadas' tendiam a exceder a realidade. A porcentagem de renda a ser paga em imposto era estabelecida tão alta que se tornava pesada demais para qualquer um. Esta era uma política deliberada e premeditada não só como um meio de recolher rendas para o Estado como também e principalmente como um meio legal de trazer a ruína econômica para as burguesias urbana e rural em um tempo duplamente rápido. Foi um passo preliminar para o estabelecimento gradual de uma ditadura proletária.

O IMPOSTO AGRÍCOLA

O Imposto Agrícola era progressivo no sentido matemático da palavra; a proporção imposto/renda aumentava de 5 para 45% da renda à medida que esta crescia.

ESCALA OFICIAL DO IMPÔSTO AGRÍCOLA

(fonte: *Cuu Quoc*, N.º 2080 de 6 de julho de 1952)

Escala N.º	Renda individual média (kg. de arroz com casca)	Porcentagem
1	De 71 a 95	5
2	" 96 a 115	6
3	" 116 a 135	7
4	" 136 a 155	8
5	" 156 a 175	9
6	" 176 a 205	10
7	" 206 a 235	11
8	" 236 a 265	12
9	" 266 a 295	13
10	" 296 a 325	14
11	" 326 a 355	15
12	" 356 a 385	16

Escala N.º	Renda individual média (kg. de arroz com casca)	Porcentagem
13	" 386 a 425	17
14	" 426 a 465	18
15	" 466 a 505	19
16	" 506 a 545	20
17	" 546 a 585	21
18	" 586 a 625	22
19	" 626 a 665	23
20	" 666 a 705	24
21	" 706 a 755	25
22	" 756 a 805	26
23	" 806 a 855	27
24	" 856 a 905	28
25	" 906 a 955	29
26	" 956 a 1005	30
27	" 1006 a 1055	31
28	" 1056 a 1105	32
29	" 1106 a 1155	33
30	" 1156 a 1215	34
31	" 1216 a 1275	35
32	" 1276 a 1335	36
33	" 1336 a 1395	37
34	" 1396 a 1455	38
35	" 1456 a 1515	39
36	" 1516 a 1575	40
37	" 1576 a 1635	41
38	" 1636 a 1695	42
39	" 1696 a 1755	43
40	" 1756 a 1815	44
41	" 1816 e acima	45

Bernard Fall citou esta tabela na página 249 de seu livro, *Le Viet Minh,* porém Fall, como todos os outros observadores estrangeiros, não tinha conhecimento do acréscimo a este imposto oficial que as autoridades da RDV cuidadosamente não publicaram. Êste aumento era para o chamado 'orçamento da aldeia'. O imposto fixo era declaradamente devido só ao tesouro nacional: êste aumento adicional era supostamente dedicado à despesa das aldeias. Na realidade, ia todo êle para o partido. O adicional foi fixado em 15% do total primitivo do imposto e eram recolhidos os dois juntos. A seção do partido de cada aldeia guardava dois-têrços do adicional extra, entregando o restante ao comitê provincial e assim por diante até a organização nacional do partido a qual por sua vez — assim acreditam muitos — enviava um-têrço

de suas rendas ao Cominform sob a forma de contribuição anual. Assim, a tabela do Imposto Agrícola servia sòmente como base para calcular o total final exigido, o qual representava o total indicado na tabela mais 15% do imposto oficial. Dois exemplos explicam o processo mais claramente.

Escala de imposto N.º 1: Segundo a tabela, cada camponês nesta categoria era obrigado a pagar 5% de sua renda ao govêrno. Tinha que pagar também 15% dêstes 5%, i.e. 0,75% de sua renda, ao partido. Assim, 5,75% de sua renda era pago em Imposto Agrícola.

Escala de imposto N.º 41: Os indivíduos desta categoria eram obrigados a pagar 54% de sua renda, mais 15% desta porcentagem (representando um adicional de 6,75%) ao partido. O total representava 51,75% de sua renda. Tal era a cota para os 'camponeses ricos' que cultivavam sua própria terra. No caso de proprietários de terras cuja renda era obtida de aluguéis de terras, êste tributo de 51,75% era ainda multiplicado por (1+25/100), dando 64,68%. Êste número era o teto para tôda a Escala de Impostos.

Êste era o princípio geral, porém para dar uma compreensão mais clara do sistema, que tinha muitos detalhes complicados, daremos os seguintes exemplos do caso de um camponês pobre (Escala de Impostos N.º 2) e de um proprietário (Escala de Impostos N.º 41). Embora êstes dois exemplos sejam imaginários, os números usados (quanto ao tamanho e produção da terra possuída) são os mais aproximados possivel da realidade. Com isto esperamos reproduzir corretamente a situação atual nas aldeias vietnamitas, assim como o efeito do novo imposto sôbre a classe camponesa do país.

EXEMPLO A

Giap era um camponês pobre que tinha 2.000 m² de terra que êle mesmo cultivava. Era casado, tinha dois filhos e estava classificado como tendo 'quatro bocas para alimentar'. Seu pequeno arrozal produzia 400 quilos de

arroz com casca cada ano. Ora (supondo que as pessoas de sua aldeia concordassem que sua renda era de 400 quilos, e não maior como era o caso em geral), a fim de chegar à sua 'renda média' os 400 quilos deviam ser divididos por quatro, dando 100 quilos. Com uma renda média de 100 quilos de arroz com casca, Giap estava classificado na categoria de taxa 2, cuja proporção básica era 6%. Sendo assim êle pagava:

Ao govêrno 6% de 400 kg =	24 kilos
Ao partido 15% de 24 kg =	3,6 kilos
Total	27,6 kilos

Os restantes 372,4 quilos de arroz com casca eram tudo que êle podia guardar para alimentar sua família durante todo o ano. Admitindo que 100 quilos de arroz com casca produzem 65 quilos de arroz limpo, Giap dispunha de 242 quilos por ano, o que significa 0,665 kg de arroz por dia para alimentar 'quatro bocas', ou 0,166 kg para cada boca. O vietnamita médio necessita de um mínimo de 0,500 kg de arroz por dia para seu sustento, pois sua alimentação consiste quase sòmente de arroz, com exceção dos muito ricos. Quando o trabalho é pesado, um camponês consumirá até meio quilo de arroz em uma refeição e precisa de três refeições por dia. Tal fato demonstra que mesmo os camponeses que produziam menos que o necessário para seu próprio consumo não estavam isentos do imposto.

EXEMPLO B

Binh era um proprietário de terras que possuía 60.000 m² de arrozais. Sua mulher era tão velha quanto êle, e seus dois filhos estavam ausentes, um servindo no Exército do Povo e o outro trabalhando como funcionário no Escritório Comercial. Não podendo cultivar a terra sòzinho, era obrigado a alugá-la a sitiantes que lhe pagavam 400 quilos de arroz com casca por 4.000 m² (50% da colheita) ou 6.000 quilos ao todo. Embora houvesse quatro membros na família de Binh, esta era classificada como de 'três bocas a alimentar' pois o filho no Escritório

Comercial recebia salário e não entrava na conta. Assim, dividindo 6.000 por 3, a 'renda média individual' de sua família era de 2.000 quilos e Binh era classificado na categoria de impostos 41, o grupo mais alto. Seu imposto era consequentemente avaliado em:

Para o govêrno 45% de 6.000 kg	=	2.700 kilos
Para o partido 15% de 2.700 kg	=	405 kilos
Total		3.105 kilos

Como Binh não cultivava êle mesmo seus arrozais, sua renda total era considerada como sendo adquirida por meio de exploração, e por isto o total do imposto era elevado em 25%, perfazendo um total de impostos para Binh de 3.105 kg × (1+25/100) o que equivale a 3.881,250 kg ou 64,68% de sua renda. Restava então 2.118,750 kg de arroz com casca, ou 1.376 de arroz limpo. Admitindo que o idoso casal consumisse 1 kg de arroz por dia, ou 365 kg por ano, só restava 1.011 kg de arroz (o equivalente a 100 dolares) para cobrir despesas como sal, verduras e etc. Nada restava para roupas ou coisas como uma bicicleta, relógio ou caneta-tinteiro que seus filhos, como a maioria dos soldados ou funcionários públicos, necessitavam, ou para possibilitar a mudança de búfalos (trocando um velho por um mais novo e mais forte) que eventualmente fôsse pedida pelos sitiantes.

Êstes exemplos teóricos eram baseados na suposição que o 'cálculo do povo' fôsse justo, o que não era frequente. Como já foi mostrado, o impôsto era calculado multiplicando a área da terra pela produção média por unidade, e a última era sempre grandemente exagerada pelo 'povo'. No que se referia à superfície territorial, o 'cálculo do povo' era inteiramente desnecessário, já que a administração colonial francesa levara a cabo um levantamento cuidadoso e preciso na maioria das áreas, e êstes resultados eram fàcilmente conseguidos. Mas os comunistas tinham pouco interêsse em números precisos. Êles se recusavam a admitir a validade destas avaliações, pois sua meta era compelir o 'povo' a fazer cálculos mais elevados. Conquanto pareça estranho, foi precisamente

desta maneira que os comunistas lidaram com cada problema. 'O povo sempre tem uma visão clara', diziam êles. Se, por exemplo, um fazendeiro possuía um 4.000 m² de terra, os quadros administrativos e os elementos da linha dura [1] declaravam unânimemente que êle tinha 6.000 m², e o fazendeiro nada podia fazer a não ser aceitar a decisão. Mesmo que tivesse a coragem de protestar e talvez apresentar documentos autênticos que provassem seu direito, as autoridades, com uma lógica de opera cômica, responderiam simplesmente: "Os franceses e seus lacaios fôram subornados quando fizeram sua sindicância. O povo é imparcial e objetivo." Uma tal distorsão sistemática da verdade só poderia servir para empobrecer tôda a população, e não sòmente a classe proprietária de terras. Isto se tornou óbvio quando os comunistas fôram forçados a modificar ligeiramente o sistema durante a campanha de Retificação de Êrros em 1956. O trecho seguinte citado segundo o orgão oficial do partido indica como era feito o cálculo da superfície da terra:

> ... Durante a campanha do cálculo da superfície da terra, os quadros do partido na aldeia de To-Hieu obrigaram os camponeses a aumentar de 10 a 15% sua *declaração voluntária*. Teo, uma camponesa de classe média, possuía sòmente 1,9 *mau*[2] de terras, porém foi forçada a fazer quatro "declarações voluntárias" sucessivas. Sua declaração só foi aceita quando ela disse ter 2,5 *mau* de terras. Quan, um camponês rico, que possuía 5 *mau*, foi avisado que tôda sua propriedade seria confiscada se não fizesse uma declaração "honesta". Aterrorizado êle admitiu ter 6 *mau*.
>
> Muitos elementos da linha dura não ousaram nem mesmo protestar embora soubessem que estavam sendo usados sòmente como instrumentos pelos quadros do partido a fim de obrigar outros a aceitarem êstes cálculos falsos. Recentemente Tit, um elemento feminino da linha dura, confessou: "Agora me envergonho diante dos aldeões, mas os quadros do partido me 'persuadiram' que eu era obrigada a mentir." (*Nhan Dan*, Hanoi, N.º 903, 24 de agosto de 1956).

1. Um elemento da "linha dura" é um camponês que, embora não sendo membro do partido, apoia a política dêste e cumpre as ordens dos quadros partidários.

2. Há duas espécies de *mau*: o *mau* tonkinês que equivale a 0,9 de um acre, e o *mau* anamita que é igual a 1,2 acre. Aqui nos referimos ao tonkinês. Um acre tem 4.000m².

Os comunistas usaram os elementos da linha dura a fim de forçar os camponeses a fazerem declarações falsas com respeito à superfície de suas terras, e novamente para obrigá-los a aceitarem números mais altos para sua produção por unidade. Por exemplo, um certo fazendeiro que tinha um acre de terra colhia 800 quilos de arroz com casca. Em sua 'declaração voluntária' êle declarava que conseguia 800 quilos ou talvez um pouco menos. Mas os quadros comunistas preferiam não acreditar nêle e subornaram um determinado elemento da linha dura para declarar pùblicamente que êle mesmo possuía um quarto de acre na mesma área, e aí colhia 300 quilos, sugerindo com isto que de um acre poderiam ser colhidos 1.200 quilos. O fazendeiro não podia apelar e tinha que aceitar tal número.

O trecho seguinte tirado de um longo relatório sôbre a campanha de Retificação de Êrros, publicado no jornal *Thoi Moi,* confirma êste método de obrigar os camponeses a fazerem declarações falsas:

> ... A discussão ficou particularmente animada quando o povo falou sôbre a produção dos arrozais. Pela mesma extensão de terra na mesma área, alguém dizia: "Colhi três cêstos" enquanto outro dizia: "Só colhi dois". O sr. Bieu, um camponês da classe média, zangou-se e disse: "Um arrozal de primeira classe nesta aldeia jamais pode produzir mais de um *sao* (100 quilos ou um-décimo de um *mau*) e vocês calculam a produção em 130 quilos? Querem incluir nêste número as cascas e as palhas? Acabaram de confessar que cometeram êrros durante a Reforma Agrária; se agora não querem mudar sua norma, então que espécie de êrros querem realmente corrigir?" Êle foi ruidosamente aplaudido por todos os presentes enquanto os camaradas que pertenciam ao grupo que lançava os impostos permaneciam quietos e não diziam uma única palavra. (*Thoi Moi,* Hanoi, 19 de abril de 1957).

Com o aumento da área e da produção por acre, o rendimento da terra geralmente alcançava números enormes. Como resultado disto, um pobre camponês, que colhia 100 quilos, se via declarando 200 quilos, para que seu imposto pudesse ser calculado sôbre êste último total. Isto poderia ir a mais do dôbro do número verdadeiro, já que uma taxa progressiva a proporção para 200 quilos seria maior que para 100 quilos; assim o govêrno, embora

proclamando que só tirava 20% de tôda a renda agrária da classe camponesa, na realidade retirava mais de 40%.

Com o imposto atingindo tais proporções, os camponeses da classe média que tinham pequenos lotes agora pagavam ao govêrno um verdadeiro aluguel da terra, o qual era geralmente tão alto quanto o anteriormente imposto pelos proprietários. O Imposto Agrícola era arrecadado duas vêzes por ano logo após as colheitas do verão e do inverno, e devia ser pago em arroz. Não eram aceitos dinheiro ou outros produtos agrícolas, nem mesmo quando havia impostos a serem pagos sôbre propriedades plantadas com outros cereais ou árvores frutíferas. A terra desabitada que excedesse 495 metros quadrados (menos de um-décimo de um acre), mesmo que fôsse pavimentada, ficava sujeita a impostos. Uns poucos que arrancaram as lajes, transformando seus pátios em lotes cultiváveis, fôram mais tarde perseguidos por 'sabotagem à riqueza do povo'.

Com um único golpe, os comunistas, que durante anos dependeram da inflação para sobreviver, passaram a ser os proprietários virtuais de tôda a terra agrícola do país. Êste foi o infeliz destino dos camponeses pobres e da classe média, pois o dos proprietários de terras foi infinitamente pior. Até 1954, o direito dos proprietários de recolherem aluguéis foi teòricamente mantido porém na prática, depois de 1951, êles já não mais podiam fazê-lo. Como a maioria de seus rendeiros eram membros ou tinham cargos nos comitês das aldeias recentemente fundados, os proprietários consideraram prudente não exercer nenhuma pressão sôbre êles para receberem o pagamento total de suas rendas. Mas os proprietários ainda assim deviam pagar o Imposto Agrícola. Não tendo arroz suficiente para saldar o impôsto, eram obrigados a comprar o saldo no mercado com suas economias. Muitos tinham anteriormente feito grandes e repetidas doações ao Movimento de Resistência e, como resultado, estavam financeiramente incapacitados. Em breve estavam vendendo suas vacas e búfalos para levantar dinheiro, e quando tais recursos se esgotaram, recorreram a joias de família e outros valores pessoais. Entre 1952 e 1954, apareceram no mercado tôda a espécie de antiguidades raras; vasos Sung de valôr inestimável fôram ven-

didos por menos que uma bacia de alumínio importada da zona de ocupação francesa.

A fim de levar a cabo o programa da coleta do arroz, houve a aplicação de medidas drásticas. O partido lançou uma campanha de propaganda intensiva insistindo por uma competição quanto ao pagamento rápido e honesto. A princípio, os camponeses começaram a encharcar o arroz com água, aumentando assim o pêso, mas os comunistas fizeram campanha contra, exigindo pagamento honesto com arroz sêco. Ao mesmo tempo, as autoridades locais começaram a humilhar os proprietários de terras e os camponeses ricos obrigando-os a carregarem seu imposto de arroz nos ombros até os celeiros públicos que muitas vêzes eram situados a quinze quilômetros de sua aldeia. Fôram dadas ordens aos coletores de taxas para pesarem primeiro o arroz trazido pelos camponeses pobres, fazendo os proprietários e camponeses ricos esperarem todo o dia e às vêzes até o dia seguinte. (Os camponeses pobres tinham prioridade em tudo, especialmente em cuidados médicos, sendo os primeiros a serem examinados e tratados quando iam aos hospitais.)

Percebendo que estavam sendo arruinados por esta taxação excessiva os proprietários procuraram vender algumas de suas terras ou entregá-las ao Estado. Mas isto foi proibido em 1953; além disso os que haviam vendido suas terras aos camponeses pobres fôram obrigados a devolver o dinheiro aos compradores, embora êstes fôssem autorizados a continuar com as terras. Aquêles que haviam oferecido suas terras ao Estado continuaram a pagar impostos sôbre as terras como antes. Só os refugiados das cidades que tinham comprado pequenos lotes de terra para cultivo em um esfôrço para se adaptarem a seu novo ambiente, como era pregado pelo partido, tiveram permissão para entregar seus lotes à Associação Camponesa local. Fôram obrigados, porém, a abandonar um búfalo, seus instrumentos de cultivo e uma soma em dinheiro como presentes para o lavrador que ficasse em seu lugar.

O COMÉRCIO E SEU IMPOSTO

Durante os primeiros anos do regime (de 1947 a 1950), o Vietminh praticou a política de obstrução total contra a zona ocupada pelos franceses. Com isto esperavam privar as fôrças ocupantes dos suprimentos necessários e esmagar os esforços dos franceses na reconstrução nas áreas por êles controladas. Em consequência, comércio ou troca de mercadorias através da fronteira era estritamente proibido. Os artigos ocasionalmente contrabandeados para o Vietminh era confiscados e queimados pùblicamente.

Como resultado dêste bloqueio, o exército francês e os que viviam sob sua proteção sentiam falta dos suprimentos mais elementares. O arroz era trazido por mar do Vietnã do Sul, enquanto a carne vinha por via aérea da Cambódia. Devido a tais circunstâncias, o custo de vida nas cidades ocupadas pelos franceses era muito mais elevado que nas vizinhas aldeias do Vietminh.

Contudo o bloqueio econômico teve um efeito bom. Pelo fato de criar uma grande deficiência de bens manufaturados na zona do Vietminh, o desenvolvimento das industrias locais foi grandemente encorajado. Artigos relativamente complicados como máquinas impressoras rudimentares, bicicletas, pneus para as mesmas e produtos manufaturados semelhantes fôram produzidos localmente. Alguns químicos engenhosos conseguiram produzir uns poucos produtos químicos como ácido sulfúrico, carbonato de sódio, alcool a 90%, etc., o que possibilitou a manufatura de muitos outros artigos. Embora completamente isolados do mundo exterior, o povo vietnamita pôde viver bastante bem com seu próprio esforço. Sabão, pasta dentifrícia, fósforos, papel carbono, seringas hipodérmicas (agulhas não), eter e penicilina líquida eram produzidos em quantidades razoàvelmente suficientes.

Apesar de tudo isto, havia ainda dois obstáculos importantes, a saber: a escassez de metais e a falta de energia. Mas por um esfôrço comum e iniciativa individual, êstes obstáculos fôram parcialmente superados. Máquinas de carros e caminhões abandonados serviam

como fôrça motriz em pequenas fábricas. Algumas quedas dágua ao longo do sistema de irrigação fôram aproveitadas para produzir eletricidade, e um grupo de técnicos construiu um alto-forno que fornecia três toneladas de ferro fundido por dia. Êste alto-forno em miniatura era notàvelmente eficiente para seu pequeno tamanho e despertou um espanto real em uma delegação da Alemanha Oriental que visitou o Vietnã do Norte em 1954. Trilhos e vagões dormitórios retirados das ferrovias forneceram aço, enquanto os invólucros das bombas de napalm e os restos de aviões abatidos eram ràpidamente transformados em artigos de alumínio como colheres, bacias e semelhantes.

Embora no decorrer dos primeiros anos do regime do Vietminh a economia não pudesse ser descrita, segundo os padrões modernos, como sendo satisfatória, o povo em geral, com exceção dos funcionários públicos que eram muito mal pagos, vivia bem fàcilmente e havia trabalho para todos. Mas a política do govêrno de encorajar a produção local teve pouca duração, pois os chineses, ao chegarem ao Vietnã do Norte em 1950, explicaram aos líderes do Vietminh os perigos desta norma de economia capitalista, que levaria à formação de uma nova classe de capitalistas. Seguindo tal conselho, todo o programa foi abrutamente invertido. A produção local foi desencorajada e foi permitido o comércio entre as duas zonas. Os produtos manufaturados franceses começaram a invadir o mercado do Vietminh, e os produtores locais, incapazes de competir, fecharam suas oficinas. Em muitos casos, empregados e patrões fugiram para as cidades ocupadas pelos franceses na esperança de aí encontrar trabalho, já que o levantamento repentino do bloqueio ocasionara um inesperado ressurgimento de comércio no lado francês.

A fim de assegurar o rápido progresso para o socialismo, duas outras medidas fôram simultâneamente tomadas: o estabelecimento do Imposto Comercial, com a finalidade de esmagar tôda a emprêsa privada, e a criação de um Escritório Comercial. A razão dêste último foi, naturalmente, dar ao partido um monopolio completo de todo o comércio.

O Imposto Comercial era semelhante ao Agrícola com algumas diferenças no regulamento e método de aplicação. Era arrecadado mensalmente em lugar de duas vêzes por ano, e calculado na base do lucro líquido com um teto fixado em 28% da renda total, o qual era muito mais baixo que o do Imposto Agrícola fixado em 64-68%. Era, pelo menos em teoria, mais racional e menos pesado que o imposto aos camponeses. O total a ser pago por cada comerciante era determinado da seguinte maneira:

1. Avaliação preliminar do movimento de vendas mensal do contribuinte.

2. Determinação de seu lucro líquido, conseguido pela multiplicação de seu movimento de vendas pela *proporção de lucro* atribuida a sua atividade particular por decreto do Ministério das Finanças (30% para os armazens, 50% para restaurantes, etc.).

3. O total do imposto a ser lançado era determinado pela multiplicação do lucro líquido calculado por uma determinada *proporção de taxação* correspondente ao total do lucro líquido e devidamente estabelecida pelo Ministério das Finanças em uma *escala de taxação* igual à do Imposto Agrícola. O imposto era progressivo, pois a proporção da taxação variava de acôrdo com o total do lucro de um mínimo de 15% a um máximo de 28%; êste era o máximo fixado para tôdas as atividades comerciais. Tôdas as operações, com exceção da primeira, eram calculadas automàticamente, já que tanto a *proporção de lucro* como a *proporção de taxação* eram prèviamente fixadas pelo govêrno. Sendo assim tudo que era necessário era se achar o movimento de vendas de cada comerciante. Êste era o ponto inicial do processo e o fator decisivo na determinação do destino do contribuinte.

A avaliação era feita da seguinte maneira: cada comerciante, grande ou pequeno, tinha a obrigação de manter anotadas em um livro tôdas as operações mercantis e emitir um recibo, em triplicata, por cada pagamento recebido dos fregueses. Tais anotações, entretanto, só serviam para contrôles eventuais por parte dos orgãos governamentais, e não para a avaliação do movimento

de vendas, o qual era declaradamente a responsabilidade do povo. Em uma democracia popular, o govêrno simplesmente recebe os impostos enquanto o arrecadamento e a tributação das mesmas são confiadas ao povo, o qual, segundo o partido, é bastante clarividente para fazer tôdas as avaliações necessárias sem ter que pesquizar qualquer documento. A frase favorita é: 'Devemos ter inteira confiança no povo'.

Pelo ponto de vista do partido, a arrecadação dos impostos é encargo do povo já que o pagamento dos mesmos é considerado como sendo uma contribuição voluntária e não, como nos países capitalistas, uma imposição compulsória. Esta contribuição é dada alegremente pelo cidadão o qual está convicto que, pelo fato de pagar sua parte, está contribuindo para o desenvolvimento socialista de seu país. O pagamento de impostos é um ato patriótico e o cidadão diz: 'Você tem a honra de pagar seu imposto', e não, 'Você deve pagar seu imposto.' Dêste conceito de taxação surgem dois corolarios lógicos: primeiro, esta grande honra não pode ser concedida indiscriminadamente a qualquer um; e segundo, o povo está pronto a ajudar os indivíduos que não se sentem dignos de receber tal honra, ou aquêles que não podem cumpri-la inteiramente. Vale a pena examinarmos êstes dois pontos mais detalhadamente.

O significado da grande honra. Em uma democracia popular ninguém é livre de seguir a carreira que quizer, e tal fato parece marcar uma diferença nítida da chamada 'democracia burguesa'. Se uma pessoa quer iniciar um negócio, deve primeiramente fazer uma petição para tal fim na agencia mais próxima do Escritório Comercial — o qual regula o comércio na localidade — e uma outra petição ao comitê administrativo para que dê sua aprovação, pois há restrições comerciais para certas classes sociais. Por exemplo, proprietários de terras são proibidos por lei de serem cabeleireiros, donos de restaurantes e assim por diante. Em qualquer caso, a aprovação não pode ser concedida sem o consentimento do secretário da célula do partido local, cujo dever é julgar a atitude política do suplicante. Se um comerciante consegue uma licença e mais tarde se torna suspeito, agentes da polícia à paisana ficarão do lado de fora de sua loja exigindo que todos os seus fregueses mostrem seus documentos.

Assim, vem o argumento que, enquanto uma pessoa tem a 'honra' de pagar seus impostos, ela sabe que ainda goza de uma certa liberdade econômica: uma liberdade que significa que sua família pode evitar a fome e é muito mais preciosa que a liberdade política tantas vêzes mencionada na imprensa capitalista. É o medo de perder esta 'honra' que garante a submissão completa do povo que vive sob um regime comunista.

A ajuda do povo. Apesar de que a idéia de 'honra' foi cuidadosamente explicada à população durante as reuniões de discussão política, sempre há alguns que não estão inteiramente conscientes de seu significado patriótico, e que ficam relutantes em fazer declarações corretas sôbre seus rendimentos. Então as pessoas que vivem na vizinhança ajudarão ao 'esquecido' lembrando-lhe o total da renda que êles 'esqueceram de declarar'.

Para os comerciantes do Vietnã do Norte, durante o período de 1951 a 1955, esta ajuda coletiva era fornecida em duas etapas, em duas reuniões diferentes.

A primeira reunião era assistida por todos aquêles que tinham o mesmo comércio e viviam na mesma área. Discutiam os negócios uns dos outros e finalmente se classificavam de acôrdo com a importância relativa do negócio de cada um. Era feita uma lista mas não havia menção de movimento de vendas: era simplesmente uma lista de rendimentos em ordem descendente. O processo era chamado 'cálculo vertical' já que sua finalidade era fazer uma classificação, do alto para baixo, de todos que tinham o mesmo comércio. Dizia-se que as pessoas que pertenciam à uma mesma profissão deveriam estar em melhor posição para dar um julgamento correto sôbre a posição de outros membros de seu grupo. Mas o motivo verdadeiro por trás dêste método era a convicção que existia um ciúme natural entre os que compram e vendem os mesmos artigos o qual os levaria a denunciar uns aos

outros, e com isto teriam certeza que cada um diria a verdade sôbre o rendimento de seu rival.

Todos os comerciantes, qualquer que fôsse seu ramo, deveriam assistir à segunda reunião se morassem em uma rua ou aldeia. Êles discutiam e argumentavam entre si até que chegavam a um acôrdo por meio de voto sôbre o total do movimento de vendas de cada um. Êste processo era chamado 'cálculo lateral'. Todo comerciante sabia que uma determinada taxa era fixada para cada localidade, e assim fazia o possivel para aumentar o total pago pelos outros a fim de reduzir sua própria cota. Os resultados de tudo isto eram duplos.

Em primeiro lugar, como frequentemente existe alguma discórdia entre pessoas que vivem em uma mesma aldeia, o 'cálculo lateral' dava oportunidade para uma pequena vingança. Por exemplo: a mulher de A cometera adultério com B, outro comerciante da aldeia. Para se vingar, A declarava que tinha razões para crer que B tinha um rendimento fabuloso. A fim de reforçar a acusação disse que muitas vêzes vira a mulher de B voltar do mercado com um frango em seu cêsto. Então, quando a assembléia começava a discutir o caso de A, o irmão de B, procurando vingar a êste, declarava que vira A tomando café com leite (um luxo no Vietnã do Norte) tôda a noite em um café perto de casa. Consequentemente, quase todos tinham seu movimento de vendas grandemente super-estimado, e o recebedor de impostos muitas vêzes recebia mais dinheiro do que esperava.

Em segundo lugar, aquêles que pouco sabem dos negócios de seus vizinhos e só podem avaliar sua renda pelo que vêem de seu padrão de vida, sem dúvida acreditarão que um homem que come frango uma vez por semana, ou bebe café com leite todo dia, tem uma grande renda.

O resultado foi que ninguém mais comia frango ou bebia café com leite abertamente. Se a sra. B queria comprar um frango, ela o escondia no fundo de seu cêsto, e A ou bebia seu café em outra localidade ou o preparava escondido em seu quarto. Tôda a população passou a ter uma aparência miserável por causa de um desumano cálculo de rendimento. Usavam suas roupas mais velhas

e gastas, e deixavam o cabelo crescer ou faziam com que suas mulheres o cortassem. Os proprietários de cafés, alfaiates e cabeleireiros fecharam suas lojas; a hipocrisia se alastrou, e por todo o país o comércio ràpidamente entrou em colapso. Um verdadeiro exército de comerciantes e vendedores arruinados fugiu para a zona francesa deixando o campo livre para que o Escritório Comercial levasse adiante sua reconstrução segundo o padrão socialista de comércio e indústria. Nesta ocasião todos eram igualmente pobres.

7.

A PRIMEIRA ONDA DE TERROR

Os camponeses e comerciantes ainda lutavam por sua sobrevivência depois dos efeitos dos Impostos Agrícola e Comercial quando, em uma noite de fevereiro de 1953, as autoridades comunistas desencadearam uma bem organizada, mas quase inesperada, onda de terror através do Vietnã do Norte controlado pelos comunistas. Devido a seu caráter inteiramente político, esta campanha foi mais tarde alcunhada de 'Luta Política' pelos que nela sofreram.

Naquela época, para evitar os bombardeios da aviação francesa, tôdas as reuniões na zona da Resistência eram realizadas durante a noite, e nesta noite havia assembléias em tôdas as aldeias para discussão dos Imposto Agrícola e Comercial. Só havia uma pergunta na ordem do dia: porque tantas pessoas deixavam de pagar seus impostos, ou de pagá-los totalmente? A única resposta era que, após três anos de tal taxação, tanto os ricos como os pobres não conseguiam encontrar meios de arranjar a quantidade requerida de arroz. Entretanto, uma resposta tão óbvia não satisfazia aos comunistas que na realidade estavam usando a questão do pagamento de impostos para esconder um plano estudado e sinistro.

Os membros do partido fôram a estas reuniões armados com paus e cordas. Os contribuintes faltosos fôram presos, torturados e lhes perguntaram porque não haviam pago seus impostos, e *quem os tinha aconselhado a não pagar*. Por êste método de interrogatório era claro

que o não pagamento de impostos não era a questão principal. Quando o inquiridor perguntava quem aconselhara contra o pagamento, êle mencionava nomes específicos. 'Fora Giap ou Binh?' indagava. A surra continuava até que a vítima, tendo alcançado o limite de sua resistência, acenava com a cabeça concordando. Se insistia em sua recusa em acusar o dito Giap ou Binh, continuava a apanhar durante tôda a noite, e podia mesmo acabar morrendo.

Uma vez que a infeliz vítima dera a resposta exigida, o Giap ou Binh mencionado seria imediatamente preso. Antes de iniciar tal terror, os comunistas tinham feito listas dos nomes daquêles que queriam prender. A parte do recebedor de impostos nesta farsa horrenda era simplesmente fornecer uma desculpa para as prisões. Os interrogadores, tendo escolhido um nome em suas listas, procuravam forçar os infelizes devedores, se necessário por meio de tortura, a fazerem a acusação exigida. Uma vez isto feito, já não tinham mais utilidade para os comunistas.

Após ter sido sujeita a terriveis torturas, a pessoa denunciada era obrigada a assinar uma confissão. Nesta ela declarava: primeiro, que era membro de alguma organização inteiramente fictícia — dando qualquer nome que lhe viesse à cabeça; e segundo, que outros também pertenciam à mesma organização. Entretanto, os nomes dêstes não eram fictícios, mas sim tirados das listas já mencionadas.

Um depois do outro, os que estavam nas listas como reacionários ou suspeitos eram presos e torturados. Não eram necessàriamente proprietários de terras, camponeses ricos ou mesmo reacionários. Muitos podiam bem ser descritos como seguindo uma ideologia de meio termo. Os versos seguintes escritos por Xuan Dieu, poeta laureado do Vietminh, mostram claramente que tais pessoas podiam esperar receber o mesmo tratamento que os verdadeiros reacionários.

> Olá, Camaradas. Unamos nossas fôrças,
> Destruamos nossos inimigos mortais sem remorso.
> Devemos reduzir a cinzas

Proprietários de terras, notabilidades e grupos de oposição;
Devemos esmagar os ossos
Dos reacionários e dos que pensam pelo meio termo.

Ao escrever tais linhas o bardo não estava se entregando a vôos de fantasia poética, pois devido à severidade das torturas, muitas pessoas tiveram seus ossos esmagados. Eis aqui algumas das torturas típicas:

A vítima era obrigada a se ajoelhar, sustentando sôbre a cabeça um cêsto cheio de pesadas pedras.

Era forçado a ficar pendurado pelos polegares ou pelos pés de uma corda passada por uma viga. Nesta posição podia ser surrado ou violentamente balançado para cima e para baixo puxando pela corda.

Seus polegares eram envolvidos em um pano embebido em óleo o qual era depois aceso.

Como estas torturas fôram amplamente usadas em todo o país, é razoável supor-se que tenham sido cuidadosamente inventadas e sancionadas pela liderança do partido. Algumas pessoas eram de opinião que tais medidas já tinham sido empregadas na China dois anos antes e levadas para o Vietnã pelos conselheiros chineses.

Estas torturas 'uniformes' eram comuns a tôdas as aldeias, porém havia outras que eram produto da engenhosidade local. Em uma aldeia, por exemplo, as vítimas eram colocadas em um cêsto de bambú e mergulhadas na água por alguns minutos cada vez, até confessarem. Em outra, o polegar do prisioneiro era apertado em um tôrno de mão pertencente ao consertador de bicicletas local, e a cada volta da rosca o torturador repetia a pergunta.

É de se notar que os membros e funcionários do partido nunca estavam presentes a estas cenas de pesadelo. Êles deliberadamente deixavam tal trabalho para os camponeses da linha dura que não podiam ser fàcilmente identificados com o partido. Assim o govêrno e o partido podiam negar qualquer responsabilidade em ações tão atrozes, e jogavam a culpa sôbre o próprio

povo. Êste fato é ilustrado na anedota seguinte que circulava na província de Nghe-An nesta época.

Uma professora de uma escola de aldeia pediu a seus alunos que escrevessem um ensaio intitulado 'Uma Cena de Luta em Nossa Aldeia'. As crianças escreveram relatos detalhados e coloridos das prisões, pancadas e torturas, com o habitual louvor do partido e de seu papel nêstes assuntos. O partido, contudo, negara oficialmente qualquer responsabilidade no terrorismo e descrevera os recentes acontecimentos como uma 'explosão de cólera popular', e a professora, ao ler as composições, foi forçada a repreender as crianças por sua 'inexatidão'. Tôda a classe, ressentida com uma crítica tão injusta, afirmou que tinham sido testemunhas de vista das cenas descritas. Muitos chegaram até a dizer que tinham visto os funcionários do partido cortando as lascas de bambú e trazendo as cordas e diversos outros instrumentos para a cena da tortura antes da chegada da multidão.

Esta onda de terror durou uma quinzena, no correr da qual cada aldeia registrou cenas de horror e morte. A campanha começou uma semana antes de *Tet* (o Ano Novo no calendário lunar), uma época em que tôda a população está ocupada com a preparação de comida, bolos e doces para comemorar o Ano Novo. Nesta festa o povo adora os espíritos de seus antepassados mortos os quais, acreditam, estão presentes nêste dia no altar familiar. Mas nesta ocasião tôdas as cerimonias tradicionais fôram abandonadas. O silêncio reinava em cada aldeia, e à noite nenhuma casa ousava exibir uma luz.

Nos primeiros dias da campanha, tudo se passou de acôrdo com o plano do partido. As vítimas cujos nomes apareciam nas suas listas negras fôram denunciadas e torturadas. Entretanto, à medida que o movimento ganhava ímpeto, os quadros partidários se tornaram embriagados pelo grande poder que brandiam sôbre seus indefesos compatriotas. As listas fôram esquecidas e as denúncias se multiplicaram até que ninguém mais estava seguro. Êste fenômeno se expandiu e a campanha se descontrolou, pois os limites estabelecidos no início por seus organizadores fôram excedidos em tôda a parte. Terror, violência e morte se espalharam livremente através todo o país. Houve duas razões principais para isto.

1. De acôrdo com a política do partido, êste confiou a tarefa de torturar e obter as confissões aos camponeses da linha dura. Mas na maioria das aldeias êles não eram muitos, e logo se cansaram de seus desagradáveis encargos. Em muitos casos outras pessoas ficaram encarregadas de substituí-los.

Ora encontrar pessoas dispostas a tais empreendimentos não era nada fácil, e sua escolha recaiu em assassinos e desordeiros. Êstes covardes oportunistas da necessidade realizaram suas novas obrigações com um entusiasmo exagerado, ansiosos para provar à multidão seus sentimentos pró-partido. Na verdade muitos tinham fugido ao 'serviço do trabalho do cidadão' [1] compulsório e outros haviam roubado arroz dos celeiros das aldeias ou cometido crimes semelhantes. Em consequência aceitaram alegremente a oportunidade de mostrar a todos como haviam se tornado membros poderosos da comunidade, e como gozavam da inteira confiança do partido. Como poderiam ser considerados reacionários quando torturavam verdadeiros reacionários para que todos pudessem ver?

Ràpidamente a situação degenerou em anarquia. Sendo o que eram, os desordeiros tinham como principal preocupação se proteger das denúncias de outros, tirar vantagem de uma maravilhosa oportunidade para aumentar seu prestígio aos olhos do partido. Lançaram mão de uma extrema brutalidade e torturaram indiscriminadamente todos aquêles que tiveram o infortúnio de cair sob sua autoridade. Todos que eram denunciados eram torturados; para êstes iletrados políticos, para os quais 'capitalismo' e 'imperialismo' significavam muito pouco,

1. "Trabalho do cidadão" (*Min-kung* em chinês) é um serviço compulsório que todos os cidadãos devem cumprir durante um número especificado de dias em um ano — trinta dias segundo a atual lei no Vietnã do Norte. Consiste em trabalho físico, como construção e reparação de estradas, transporte de arroz, armas e munições, etc. Em outras palavras, significa simplesmente trabalho forçado e corresponde exatamente ao antigo sistema do regime francês de *corvée*. Como em muitos outros casos, foi inventado um eufemismo para evitar um significado desonroso que era inevitàvelmente associado com os anteriores termos para a mesma coisa.

todos os cidadãos honestos tinham a aparência de igualmente reacionários.

2. A segunda razão era até certo ponto uma consequência natural da primeira. Na fase inicial, quando os camponeses da linha dura ainda mantinham o contrôle, não havia dúvidas nas mentes dos prisioneiros sôbre quem deviam denunciar, pois isto era sempre tornado bem claro para êles. Mas com o advento dos assassinos e desordeiros, a lista negra oficial não era muito respeitada, e todos que eram denunciados tinham a mesma sorte. As pessoas logo perceberam que com êstes novos senhores estavam livres para denunciar quem quizessem, e quando mais depressa o fizessem, mais depressa seriam soltos.

Naturalmente, o pensamento predominante em todos era: "Se eu fôr denunciado esta noite, quem denunciarei quando, e se possivel antes, de ser torturado?" Alguns raciocinavam que, se denunciassem parentes dos chefes do partido, ou membros influentes do mesmo, forçariam o partido a cessar com o terror. Os membros do partido denunciados fôram presos e brutalmente espancados exatamente como qualquer 'reacionário'. As células comunistas locais ficaram impotentes para intervir, pois o lema da campanha era: 'Dar às massas liberdade absoluta na luta contra os reacionários', e as ordens que haviam recebido anteriormente de autoridade mais alta declarava categòricamente que nenhum indivíduo e nenhuma organização do partido tinha permissão para interferir. Eram vítimas de uma demagogia que tomara o freio nos dentes e escapara a todo o contrôle. O inferno campeava, e 'o demonio era mais forte que o feiticeiro', como diz um ditado vietnamita.

Em uma ocasião, uma vítima ficou tão amedrontada que se desnorteou e denunciou o presidente da reunião. O infeliz presidente foi imediatamente arrancado de seu lugar e torturado. Depois disto a reunião teve que ser suspensa, pois ninguém queria se oferecer para presidente.

Percebendo o perigo inerente a esta alarmante situação, o govêrno central decidiu, no décimo-quinto dia da campanha, que chegara o momento de agir. Fôram

enviados telegramas a tôdas as províncias do Vietnã do Norte ordenando a cessação imediata das bárbaras operações. Entretanto foi decretado que todos os 'reacionários' denunciados pelas massas permaneceriam presos pois 'o julgamento das massas é sempre correto'.

Êste decreto tornou óbvio para todos que a detenção de suspeitos tinha sido sempre o objetivo real do partido; aquêles que não aceitavam a linha do partido sem discussão tinham que ser postos temporàriamente à margem a fim de não perturbar a próxima e decisiva campanha — a Reforma Agrária. Foi êste ato que marcou a transição abrupta de uma sociedade pseudo-democrática para uma de molde comunista. Os prisioneiros fôram mantidos em campos de concentração e só fôram soltos depois da campanha de Retificação de Êrros em 1956.

A lista de mortes durante os dias de terror era na média de três a cinco em cada aldeia, e entre as vítimas houve muitos membros do partido, incluindo mesmo um ministro do govêrno, Dang Van Huong. Êste passava um feriado em sua aldeia natal, onde naturalmente seus conterrâneos o consideravam mais como um homem que todos conheciam que como um ministro do govêrno. Nenhum homem é herói em seu próprio país, mas mesmo assim deve ter sido para êle um grande choque se ver denunciado e espancado como reacionário, enquanto seus colegas no govêrno central nada faziam em seu favor. Tanto êle como sua mulher se suicidaram após o incidente. Isto lhes aconteceu apesar do fato de seu filho, coronel Dang Van Viet, conhecido como o 'Herói da Estrada N.º 4', ter sido o vencedor da batalha de Cao-Bang-Lang Sor alguns anos antes.

Enquanto tudo isto acontecia nas aldeias, havia uma campanha semelhante nas cidades, porém em escala muito menor. Entre os citadinos não se encontrava sentimentos de ódio tão intensos pois, tendo vindo de diferentes partes do país, êles não se conheciam tão bem. Deve ser entendido que já não mais existiam verdadeiras cidades na zona comunista. Tinham sido completamente destruídas pelas fôrças do Vietminh em sua retirada de terra devastada diante das tropas francesas. A intenção real por trás desta destruição desenfreada era arruinar a

burguesia urbana. Como 'cidade' devemos entender pobres fileiras de palhoças cobertas de palha construidas em encruzilhadas importantes por comerciantes que haviam perdido a maior parte de sua riqueza e tentavam sobreviver recomeçando seus negócios.

De modo geral, os aldeões levaram sete dias para descobrir que o único meio de escapar à tortura e espancamento era uma confissão imediata de seus supostos crimes. Mas para os habitantes das cidades mais educados e hábeis em expedientes, tal meio de fuga se tornou aparente mais ràpidamente. Assim era comum se ver o acusado se ajoelhar humildemente e 'confessar' em voz alta antes que alguém puzesse a mão sôbre êle. Além disso, como as pessoas só se acusavam de crimes muito pequenos, só muito poucos reacionários fôram descobertos. A falta de traidores e reacionários nas cidades dificultou ás autoridades manter o terror durante todos os quinze dias. Em consequência disto a campanha urbana logo degenerou em uma dirigida contra os consumidores de mercadorias importadas. Uma aparência bem cuidada, até mesmo o uso de brilhantina, passou a ser um crime. Na verdade, elementos da linha dura fôram colocados em cada esquina com o fim único de prender os que usassem brilhantina e obrigá-los a lavar o cosmético ofensivo em uma água de barrela gordurosa colocada perto dali para tal fim. Muitos eram bastante espertos para se oferecerem para lavar seu cabelo logo que percebiam o que estava acontecendo. As pessoas bem vestidas e os que se compraziam com comidas refinadas eram também escolhidos para máus tratos e humilhações.

A diferença entre as campanhas urbana e rural é muito marcada. Nas aldeias, o terror aumentou de intensidade até ultrapassar todos os esforços para controlá-lo, enquanto nas cidades decaiu ràpidamente em uma agitação relativamente inócua dirigida contra o modo de vida da pequena burguesia. De fato, muitos aldeões haviam fugido para as cidades a fim de escaparem aos horrores em suas casas. Isto explica porque as autoridades comunistas, tanto no Vietnã do Norte como na China, eram frequentemente obrigadas a prender êstes refugiados nas cidades e enviá-los de volta à suas aldeias nativas.

No término da onda de terror, o presidente Ho Chi Minh dirigiu uma mensagem a todos os aldeões. Nela pedia desculpas por falhar em sua liderança, com isso obrigando as massas a tomarem a lei em suas mãos, até o ponto de ignorar os princípios humanitários do partido e do govêrno. Foi comentado dentro do partido, que ao lançar a proclamação, o presidente estava tão comovido que rompeu em lágrimas. A narrativa era provàvelmente verídica, pois Ho é conhecido como sendo um ator consumado, sendo que dois de seus recursos favoritos eram chorar e beijar. Êle os usa de bom grado no momento oportuno. (Ho foi alcunhado por um jornal indonésio 'O Presidente Beijoqueiro' por ocasião de sua visita oficial a Djakarta em 1959.)

Em seguida êle ordenou a todos os comitês das aldeias que apresentassem um relatório completo dêsses excessos às autoridades mais elevadas. Ao mesmo tempo, deveriam redigir listas de todos aquêles que tinham sido bastante clarividentes para reconhecer os êrros que estavam sendo cometidos e que haviam feito alguma tentativa para impedí-los.

Muitos cidadãos, a maioria membros do partido, tinham se recusado a participar da campanha, e alguns haviam mesmo tentado intervir em favor de parentes. Seus nomes fôram então cuidadosamente relacionados e enviados aos comitês provinciais, os quais imediatamente os convidaram a se apresentar e serem cumprimentados. Depois de receber seus elogios, fôram prontamente despachados para 'campos de re-educação' por três anos, para empregar seu tempo em trabalho manual e em estudo mais detalhado dos princípios infalíveis do marxismo-leninismo. Fôram soltos em 1956, graças à campanha de Retificação de Êrros a qual terminou o programa da Reforma Agrária. Êste é um exemplo típico do modo astuto com o qual o partido eliminou aquêles entre seus membros que, embora fieis à doutrina comunista, não aprovavam a política terrorista.

Apenas um mês depois que o presidente Ho chorara e se desculpara, êle enviou os mesmos funcionários, acompanhados pelos mesmos conselheiros de Hunan na China para a Quinta Zona a fim de repetir o mesmo pavoroso método terrorista. A Quinta Zona era no

Vietnã do Sul e naquela época estava controlada pelos comunistas.

O efeito imediato desta primeira onda de terror foi espalhar o temor do partido entre tôdas as classes da população. Antes dêstes terríveis acontecimentos o prestígio do partido estivera muito por baixo. Camponeses cujas casas haviam sido destruídas por bombardeios franceses culpavam abertamente o 'Tio Ho' de haver indiretamente causado suas desgraças; enquanto outros milhares, transportando arroz para o fronte, entravam repentinamente em greve e voltavam para suas casas, abandonando seus cêstos ainda cheios de arroz à beira das estradas. Em uma aldeia, na época em que o Partido Comunista ainda estava em 'dissolução voluntária', os grupos surpreenderam uma célula comunista em animada discussão e prenderam todos seus membros sob pretexto que era uma reunião ilegal.

Entretanto, após a onda de terror, houve uma inversão completa da situação. Em vez de se recusarem a participar do 'trabalho do cidadão', milhares se ofereceram como voluntários, e em questão de horas fôram recolhidos impostos.

Embora muitas pessoas acreditassem ter sido êste o objetivo original da campanha, na verdade não foi êste o caso. A intenção remota, como veremos mais tarde, era preparar o caminho para a iminente Reforma Agrária (a qual será tratada detalhadamente na Parte V). Mas o fim imediato era fortalecer a autoridade do partido, e isto foi alcançado amedrontando o povo — ricos e pobres — e eliminando aquêles entre êles que, embora participando da luta contra os franceses, eram suspeitos de serem opositores potenciais do regime comunista.

A inesperada onda de terror durou uma quinzena. Começando com a ordem do comitê central do partido, e terminando com as lágrimas e desculpas do presidente Ho, ela deixou atrás de si um estado de tranquilidade relativa nas aldeias. As pessoas que haviam fugido para as cidades ou qualquer outra parte puderam retornar a suas aldeias e viveram calmamente por alguns meses.

Ainda restava uma tarefa a ser realizada pelo partido, e era re-estabelecer a validade do mais sagrado

princípio do maoismo: "o julgamento das massas é sempre correto' e 'a classe camponesa é, por si mesma, capaz de boa liderança revolucionária'.

Mas alguns dos efeitos desta campanha fôram adversos. Muitos dos que haviam apoiado os comunistas de todo o coração começavam a perder a confiança no regime. Êles perceberam que Ho Chi Minh, caindo sob a influência de Mao Tse-tung, trouxera da China um tipo de barbarismo primitivo que há séculos era desconhecido no Vietnã e que era intolerável em uma nação civilizada. Estavam convencidos também que o partido, agora todo poderoso e possuindo uma técnica elaborada para provocar 'ira nas massas' à vontade, empregaria tal tática sem hesitação da preferência à uma política justa e humana para alcançar seus fins. Aquêles que ainda eram capazes de raciocinar — e na verdade muitos haviam perdido esta preciosa faculdade intelectual através uma doutrinação intensiva — começaram a comparar o novo regime comunista com o antigo sistema colonialista. Lembraram-se que, embora sob o domínio colonial tenha havido pouca justiça ou liberdade, havia pelo menos uma forma de legalidade. Os franceses matavam, porém na guilhotina, e não pela violência da multidão.

Mesmo os membros do partido mais fiéis começaram a duvidar dos camponeses, e temiam o que poderiam resultar se estas pessoas de espírito simples, impelidos pelo ódio, tivessem carta branca para agir. Embora soubessem que há um inferno em uma sociedade onde os ricos chutam os pobres, êles sabiam também que aquêles que apertam os polegares de outros em um tôrno não serão capazes de fazer um paraíso na terra.

Para lutar contra tais perigosas tendências do pensamento, o partido recorreu a dois métodos de persuasão, um para as massas ignorantes e outro para os intelectuais.

1. Houve em cada província julgamentos públicos dos 'traidores'. A finalidade era demonstrar às massas que as recentes 'explosões de ira popular' não eram completamente injustificáveis. Ao contrário, havia perigosos sabotadores e espiões a serviço dos franceses entre aquêles que os irados aldeões haviam denunciado e prendido.

2. Houve uma campanha de lavagem de cérebro para todos os intelectuais do país — membros de partido e funcionários públicos de todos os níveis para persuadi-los da retidão da política do partido insistindo ou dando carta branca às massas.

Êstes dois métodos, que sintetizam algumas características das táticas de Mao Tse-tung, serão descritos com detalhes nos próximos capítulos.

8.

A LISTA DE TRAIDORES

As vítimas da 'Luta Política' que escaparam à execução e por algum milagre sobreviveram às torturas mais bárbaras fôram enviadas à prisão dependendo de investigações ulteriores. Houve um intervalo de algumas semanas, e então os resultados destas 'investigações' foi tornado público. Foi oficialmente proclamado que muitos dos prisioneiros eram membros de uma perigosa organização clandestina a serviço dos imperialistas franceses.

Dois anos antes, em 1951, um pesado bombardeio pelos franceses havia aniquilado tôda a rêde de irrigação na zona controlada pelos comunistas. O partido viu nêste desastre militar uma possivel solução para seu problema presente. Seus líderes revelaram que a idéia de destruir o sistema de irrigação fôra sugerida aos franceses por aquêles mesmos traidores que as massas irritadas haviam denunciado. Foi dito mesmo que êles tinham dado aos franceses mapas detalhados com a localização de represas e comportas. O absurdo de tal acusação imediatamente se tornou aparente para todos com exceção dos mais cegos adeptos do partido, pois todos os vietnamitas sabiam perfeitamente que as represas tinham sido construidas pelos franceses, e que todos os mapas militares do Vietnã e da Indochina haviam sido coligidos pelos franceses. Era evidentemente ridículo supor que êles teriam esquecido a localização de tais gigantescas construções e precizassem de mapas de referência dos espiões locais para encontrá-los novamente. Mas os comunistas, em sua pro-

paganda, nunca consideraram o absurdo como um obstáculo sério para a persuasão das massas. Era hábito dêles repetir constantemente proposições simples ao lidarem com camponeses, e seus propagandistas sabiam por experiências anteriores que os aldeões acreditariam sem discutir em qualquer história, ainda que fantasiosa, sôbre os franceses e os americanos; provàvelmente muitos dentre êles jamais viram um francês ou um americano em tôda suas vidas. Ouviu-se um oficial comunista, que lutara valentemente em Dien Bien Phu, perguntar se os americanos tinham ou não peles vermelhas. Òbviamente êle confundira americanos com índios americanos, os Peles Vermelhas — um nome introduzido na lingua vietnamita pelo seu equivalente francês, *Peaux Rouges*. Era, evidentemente, um homem ignorante; mesmo assim, exemplifica a ignorância profunda tão difundida. Assim, quanto mais simples fôsse o argumento, mais apropriado era para o entendimento dos camponeses.

Depois que longas listas de traidores fôram elaboradas e enviadas para o comitê central do partido para serem aprovadas, fôram organizados julgamentos públicos em cada província. Estas listas incluiam os nomes dos seguintes tipos de pessoas vivendo em cada província: o proprietário de terras mais abastado; o monge budista mais antigo; o bispo católico; o confucionista mais influente (i.e. o erudito que alcançara o mais elevado grau sob o antigo sistema de educação, baseado no estudo dos textos canônicos, e que por isto gozava de maior prestígio como moralista); e o mais alto mandarim que servira sob o anterior regime monárquico nos dias do Protetorado Francês.

Enquanto esperavam o julgamento, os 'traidores' eram transferidos de prisão em prisão, e levados sob escolta militar de um lugar para o outro a fim de serem exibidos ao povo, à maneira da exposição de animais — antes da sessão inaugural de um circo. Seus pés eram acorrentados juntos e seus braços amarrados por uma única corda que ligava tôda a sofredora fileira. Cambaleavam ao longo das estradas empoeiradas sob o sol causticante segurando em suas mãos algemadas pedaços de corda com os quais levantavam as correntes dos pés impedindo-as de se arrastarem na estrada. O ruído con-

tínuo de seus grilhões produzia um barulho triste que podia ser ouvido a distância surpreendentemente longas.

Os preparativos para os julgamentos estavam quase completos e os juris a ponto de serem instalados quando foi anunciado um repentino adiamento. Correram rumores que o comitê central não fechara a lista de 'traidores' elaborada nas províncias pois seus conselheiros chineses as tinham achado incompletas. Êstes últimos observaram que estas listas não continham os nomes de quaisquer reacionários pertencentes a uma classe conhecida na classificação de Mao, como 'burguesia compradora'.

Segundo o líder chinês, e isto é considerado por seus discípulos como sendo provàvelmente seu pronunciamento mais importante, a classe capitalista nos países sub-desenvolvidos pode ser dividida em dois grupos: a *burguesia nacional* ou os industriais e a *burguesia compradora* ou os que se dedicam ao comércio externo. Estas duas espécies de capitalistas adquirem atitudes políticas diferentes devido às duas maneiras diversas em que investem seu dinheiro.

A burguesia nacional ou industriais nativos, sendo produtores de mercadorias locais, lutam ferozmente contra os capitalistas estrangeiros. Possuem, portanto, um certo grau de patriotismo, e devido a isto estão preparados para colaborar com o govêrno comunista até que se instale o estado socialista. Têm permissão para viverem sem serem incomodados, com seus negócios estritamente controlados por seus próprios empregados, durante o curto período entre a coletivização da terra e a socialização da emprêsa privada. Na China e no Vietnã êste período durou cêrca de dois anos.

Por outro lado, os que são classificados na burguesia compradora têm uma falta completa de qualquer sentimento nacionalista, pois seus interêsses estão intimamente integrados com os dos capitalistas estrangeiros. Nada mais são que escravos do imperialismo exterior e devem ser classificados como 'Inimigo Número Dois' do povo (o 'Inimigo Número Um' é o proprietário de terras). Mas a fim de ser enquadrado como um burguês comprador, conforme foi definido por Mao Tse-tung, a pessoa deve preencher duas condições. Uma de ser um burguês (ou capitalista) e também um comprador (um

comerciante com o exterior). Portanto, quando foi pedido aos comitês provinciais que fornecessem uma lista de burgueses compradores às autoridades mais altas, êles tiveram que escolher entre os 'capitalistas' locais aquêles que supostamente estariam envolvidos no comércio com o estrangeiro. Mas tal tarefa não foi fácil já que não restavam capitalistas na zona de Resistência e de qualquer maneira não havia comércio externo naquela época na zona. O Vietnã não tinha muitos capitalistas nativos, e quase todo estavam em relativa segurança nas grandes cidades que eram controladas pelos franceses, confirmando assim a máxima de Mao que êstes escravos do capital estrangeiro estavam sempre do lado do imperialismo. Outros, de menor importância, que haviam fugido do país quando a guerra ainda se desenrolava nas cidades, retornaram após alguns anos de vida sob os comunistas. Um certo número de comerciantes ricos — todos êstes termos são relativos, e êstes comerciantes ricos na Europa seriam considerados como pequenos lojistas — permanecera na zona de guerrilhas mais por razões de família que por patriotismo, e como recompensa ficaram financeiramente arruinados. Seus infortúnios fôram causados por um movimento de vendas insuficiente (resultado de uma severa escassez de mercadorias, ausência de tráfico regular, o extremamente baixo poder aquisitivo da população), e, naturalmente, as pesadas exigências do Imposto Comercial. Uma inflação desenfreada os obrigou a operar com um déficit permanente (entre 1946 e 1955 a *piastra* vietnamita foi reduzida à milésima parte de seu antigo valor), e fôram obrigados pelas autoridades militares, sob pretexto de evitar os páraquedistas franceses, a se locomoverem de um lugar para outro a intervalos frequentes.

O problema de encontrar capitalistas não foi insolúvel, já que o termo 'capitalista', como o de 'proprietário de terras', é suscetível de uma extensão elástica no dicionário comunista. As autoridades sempre podiam encontrar alguém que podia ser alcunhado de 'capitalista' sob pretexto que gozava de um nível de vida acima do médio. Tal homem poderia ser apresentado às massas como possuindo aparentemente um certo capital. Mas achar alguém que estivesse envolvido em comércio com o

exterior era bem mais difícil, e os conselheiros chineses, insistindo nisto, cometiam um grande êrro. Provàvelmente imaginaram que êste tipo de capitalista era tão fàcilmente encontrável no Vietnã como na China do Kuomintang; porém embora houvesse muitos comerciantes na região de Shanghai sob o regime de Chiang Kai-shek, não havia nenhum no Vietnã, cujo comércio com o exterior, por quase um século, fôra monopolio de algumas firmas francesas.

Supor que, sob a ocupação colonial francesa, houvesse vietnamitas que comerciassem com o estrangeiro já era bastante ridículo, porém pretender que tais pessoas realmente existissem na zona controlada pelos comunistas era completamente absurdo. Mas os princípios do Irmão Grande devem ser respeitados, haja o que houver, e as ordens de uma autoridade mais elevada devem ser cumpridas. Como resultado disto, a fim de fornecer êste suplemento de 'traidores' tão insistentemente exigido pelas autoridades, os comitês provinciais ordenaram a prisão de alguns funcionários do partido cujo trabalho era organizar o contrabando de bicicletas, remédios, óleo para lâmpadas e outras necessidades da zona ocupada pelos franceses. O motivo era simples. Com a falta completa de qualquer comércio externo, o contrabando de algumas mercadorias estrangeiras através uma terra de ninguém poderia, com alguma imaginação, ser assim considerado. Aquêles que gozavam de suficiente confiança do partido para que lhes fôsse confiado um encargo perigoso mas necessário se viram agora acusados de 'atividades de espionagem' e enviados para a prisão com outros 'traidores'.

Depois que a lista foi aprovada, uma côrte marcial especial foi convocada, a qual indo de uma província para outra, julgava os diversos grupos de traidores em cada região. O juiz presidente era um conhecido advogado, que anteriormente fôra professor da Universidade de Hanoi, enquanto os assessores e promotores públicos eram fiéis membros do partido. Não havia advogados, sòmente 'defensores'. Êstes eram pessoas pertencentes a tôdas as profissões — em certa ocasião, um professor de uma escola particular e uma parteira — que eram nomeadas pelo tribunal mais para defender os 'interêsses do povo' que os direitos do prisioneiro. Pleitearam indulgência para alguns 'confederados' que tinham sido prêsos só para que pudessem denunciar os líderes das 'quadrilhas', porém exigiram punição severa para os pretensos chefes dos bandos.

Os julgamentos eram públicos, o que significava que a êles estavam presentes duas delegações de membros do partido, uma dos aldeões e a outra das organizações de trabalhadores. Os delegados tinham pelo menos duas semanas para estudar o caso e decorar todos os slogans que deveriam gritar nos momentos apropriados.

Entretanto, as sentenças não fôram excessivamente numerosas, pois em todos os assuntos de importância nacional e de caráter simbólico, o regime teve oportunidade de provar ser ao mesmo tempo justo e magnânimo. Na província de Thanh-hoa, por exemplo, só o proprietário de terras mais rico e o monge budista mais antigo fôram sentenciados à morte, enquanto o bispo católico e os dois burgueses compradores tiveram sentenças de vinte e quinze anos de trabalhos forçados. O mandarim e o confucionista não compareceram diante do tribunal porque ambos haviam falecido antes do julgamento. As sentenças de morte não fôram executadas por algum tempo, e o povo começou a conjecturar sôbre a possibilidade de um perdão ou redução da sentença. Mas na véspera da troca de prisioneiros entre a França e a RDV prescrita pelos Acôrdos de Genebra, os dois condenados à morte fôram fuzilados durante a noite. As execuções fôram realizadas sem as habituais multidões aclamando e no dia imediato os outros 'traidores' fôram libertados.

QUARTA PARTE

REFORMA DO PENSAMENTO

"Uma idéia verdadeira mas complicada sempre tem menos chance de sucesso que uma que é falsa porém simples."

ALEXIS DE TOCQUEVILLE

9.

OPERAÇÕES IDEOLÓGICAS

A maioria dos intelectuais vietnamitas que haviam aderido ao Vietminh e ainda serviam ao govêrno da Resistência tinham dificuldade em acreditar nas histórias fantasiosas das chamadas conspirações. A alegada existência de espiões franceses nas aldeias, e a história improvável de monges budistas que eram suspeitos de terem desenhado mapas para ajudar pilôtos franceses, tudo isto não enganou ninguém exceto os totalmente ignorantes. A mão do partido era fàcilmente percebida pelos que possuiam um certo grau de discernimento, e para êles era óbvio que o partido usava meios legais e ilegais para livrar a Resistência de seus participantes não-comunistas. Sentindo que a ajuda militar fornecida pela China lhes asseguraria uma vitória imediata sôbre os franceses, os comunistas vietnamitas concluiram que chegara o momento propício para iniciar seu programa de comunização do país. Um ponto fundamental na preparação de tal empreendimento era a eliminação de tôdas as fontes potenciais de oposição.

Algumas pessoas bem informadas chegaram até a afirmar que a reviravolta de Ho Chi Minh para com seus adeptos nacionalistas foi ocasionada por sua experiência na mudança de atitude de Chiang Kai-shek para com seus aliados comunistas vinte e quatro anos antes. Naquela época havia na China uma coalizão militar entre o Kuomintang e o Partido Comunista Chinês, e as tropa de ambos lutavam contra um dos senhores da guerra,

Chang Tso-lin. Esta expedição terminou com o massacre de todos os participantes comunistas, por ordem do próprio general Chiang, depois da captura, em maio de 1927, de Shanghai, cujos portões fôram abertos do interior por Chou En-lai e seus adeptos.[1]

Ho Chi Minh, que estavam em Cantão naquêle tempo, têve a sorte de possuir um passaporte russo, o qual lhe permitiu escapar com todo o grupo de conselheiros russos para Moscou. Mao Tse-tung e outros comunistas sobreviventes tiveram que lutar para salvar a vida, e subsequentemente começou a mais longa retirada na história militar: a Longa Marcha, que durou mais de dois anos (1934-36) e os levou ao Yenan onde permaneceram até 1949.

Tanto Ho como Mao estiveram em perigo pessoal no decorrer dêste incidente, e desde então ambos o utilizam para reforçar o conselho que dão aos novos recrutas, a saber que ao cooperarem com elementos nacionalistas, os comunistas devem manter a supremacia ou pelo menos ficar a uma distância segura. Diz-se que Mao Tse-tung declarou durante uma conferência sôbre literatura chinesa realizada em Yenan que tinha admiração irrestrita por T'sao T'sao, o Maquiavel chinês do século 3 AC, cujo princípio frequentemente repetido era: 'Melhor trair que ser traido'. T'sao era o personagem principal, senão o mais edificante, da novela *San Kuo Chi* (Romance dos Três Reinos).

Voltando aos intelectuais vietnamitas que serviam ao Vietminh: êles estavam completamente despreparados para a repentina mudança de atitude do partido, pois nunca haviam sabido do incidente em Shanghai e da cínica filosofia de traição recíproca. Tinham se unido à Resistência e lutado sob a liderança comunista sem outro propósito que não fôsse a realização da independência vietnamita. Acreditavam que suas ações trariam liberdade e justiça para sua bem-amada pátria. Mas esta esperança ràpidamente se desvaneceu após testemunharem a Luta Política no decorrer da qual o partido massacrou tantos de seus antigos amigos e colaboradores

1. *Asian Who's Who*: Aliança Jornalística Pan-Asiática, Hong Kong, 1937, pp. 617-18.

em uma 'explosão de cólera popular'. Perguntavam a si mesmos como um tal *pa-tao*[2] poderia jamais levar ao nobre objetivo de uma irmandade universal. Em suas mentes confusas e perturbadas, o cepticismo aprendido nas páginas de Montaigne cresceu: 'A verdade dêste lado, o êrro do outro'. Vistos de ângulos diferentes, justiça, independência, liberdade e o resto das palavras populares habituais tinham significados diversos. Diante destas estratégias políticas que mudavam ràpidamente, infalìvelmente acompanhadas de uma verdadeira torrente de terminologia chinesa, os intelectuais vietnamitas que haviam sido educados com álgebra, física e química nas escolas francesas, estavam inteiramente perdidos. As filosofias oriental e ocidental, até mesmo o marxismo, não ajudavam em nada, pois Mao e seus teóricos tinham dado a cada palavra um novo significado. Em sua completa confusão chegavam até a ter dúvidas sôbre quem seria seu maior inimigo — os colonialistas franceses, os imperialistas americanos, os proprietários de terras vietnamitas, monges, burgueses compradores ou os próprios intelectuais da pequena burguesia.

Muitos membros do partido, também, sentiam um grande desapontamento. Haviam estudado o marxismo e aceito o princípio de uma ditadura do proletariado. Tinham mesmo acreditado que os camponeses e trabalhadores governariam o país com justiça e equidade, pois afinal das contas estas pessoas eram honestas. Mas descobriram que a 'ditadura do proletariado' não concedia aos honestos camponeses e trabalhadores maior voz ativa nos negócios que anteriormente, pois os desordeiros e assassinos é que fôram favorecidos com uma nova autoridade e encorajados a dirigirem os acontecimentos. Mais tarde foi explicado que 'só o ponto de vista é importante, e não a classe social'. Em 1952, o professor Tran Duc Thao, que recebera o mais alto grau francês em filosofia, deixou Paris de volta ao Vietnã para servir ao regime comunista. Só quatro anos mais tarde, em 1956, por oca-

2. Os chineses dividiram os diferentes meios usados pelos políticos em três categorias: *Ti-tao* ou "processo do imperador", significando meios nobres; *Wang-tao* ou "processo do príncipe", significando meios dignos; e *Pa-tao* ou "processo do duque", significando meios maquiavélicos.

são do movimento das Cem Flores (do qual damos uma descrição no capítulo Dezessete), escreveu êste mesmo professor: 'Nossa organização nos níveis distrital e provincial foi transformada segundo uma política que só posso descrever como a desorganização da classe camponesa'. [3]

Seria razoável supor pelos artigos escritos durante êste curto período de maior liberdade que os intelectuais vietnamitas que haviam servido fielmente a Resistência estavam muito desiludidos, embora o temor do partido os impedisse de expor abertamente sua insatisfação. O número total dos intelectuais era pequeno, porém como uma classe haviam provado ser valiosos para o partido. Sua contribuição durante o período da Guerra da Resistência fôra inteiramente fora de proporção com seu número. Seus serviços ainda eram essenciais, porém sua importância diminuía com cada ano sucessivo.

Cada ano cêrca de mil jovens haviam sido enviados à China, Rússia e países da Europa Oriental para educação e treinamento, mas êstes ainda não tinha voltado. Assim todos os técnicos e ativistas no decorrer do período da Resistência ainda pertenciam ao cenário colonialista e feudal. O presidente Mao expressou o ponto de vista que os intelectuais que não aceitavam o marxismo tinham menos utilidade para a comunidade do que excremento, pois, disse êle, o excremento pelo menos podia ser usado como estrume. Mas já que não havia alternativa, êles tinham que ser mantidos em serviço por alguns anos, e era precisamente com o fim de fazê-los pelo menos tão úteis como excremento que êles tinham que ser encorajados e re-educados. A espécie particular de educação que receberam é conhecida na terminologia comunista como 'revolução ideológica' e, do ponto de vista comunista, era mais importante que qualquer outra coisa. Era uma espécie de guerra psicológica dirigida, não contra o próprio inimigo, mas sim contra a má influência exercida sôbre as mentes dos intelectuais pelos processos mentais do inimigo.

3. Trau Duc Thao, *Liberdade e Sociedade* (Giai Phin Mua Dong, Hanoi, 1956).

Acompanhando as operações militares, a execução política, a reforma social e até a reconstrução socialista, a revolução ideológica era também dividida em etapas separadas, cada uma baseada no astuto princípio de 'um inimigo de cada vez'. Assim como Horacio, no drama de Corneille, matou seus três oponentes separando-os e lutando com cada um por si, assim também as operações ideológicas fôram iniciadas contra uma variedade de ideologias não-comunistas uma por uma.

A primeira etapa, 1946-54 (durante a Guerra de Resistência) foi dirigida contra a 'influência cultural francesa' — idealismo, cepticismo, romantismo, individualismo, 'Arte pela Arte', e assim por diante.

A segunda etapa, 1955-56 (durante a campanha da Reforma Agrária) têve como alvo as 'concepções feudalistas' de propriedade privada e ordem social, o sistema confuciano de moralidade, confiança na capacidade onipotente dos intelectuais, desprezo pelos 'camponeses ignorantes', etc.

A terceira etapa, 1957-59 (depois do movimento das Cem Flores) foi contra a 'ideologia burguesa' — livre empreza, admiração pelas técnicas e sistemas parlamentares ocidentais, sentimento por 'liberdade desprezível' (liberdade individual, liberdade de imprensa, de movimento) e assim por diante.

Em seu último estágio, de 1959 para a frente (após a coletivização das emprezas privadas), a campanha foi dirigida contra a 'ideologia da burguesia mesquinha'. Truong Chinh, o teórico do partido, enumerou recentemente as principais características desta ideologia não-proletária da seguinte maneira:

> ... nenhuma posição firme, ponto de vista rígido e subjetivo, predisposição para otimismo e pessimismo infundados, estreiteza de vista, visão curta, hesitação, tradicionalismo... falta de disciplina, ausência de respeito por disciplina de trabalho, insubordinação à nova regra de vida, relutância em seguir o caminho do coletivismo, pesar pela produção individual, falta de coragem para melhorar técnicas e organização, fracasso em procurar as novidades, mêdo de pensar e agir, relutância em comprar alimentos requisitados que tenham sido tirados de famílias que os tinham em excesso, relutância em levar avante a política de

cobrança de impostos e dívida e relutância em reprimir os bandos ativos de contra-revolucionários.[4]

À medida que prosseguia a luta contra as ideologias reacionárias, uma progressiva doutrinação marxista era simultânea e sistemàticamente levada avante. Esta parte construtiva do trabalho era também dividida em estágios para permitir que os membros e quadros do partido e as massas subissem o edifício de muitos andares do marxismo-leninismo sem ficarem por demais tontas. As razões de tal programa podem ser expostas como se segue:

1. É extremamente difícil ensinar o marxismo-leninismo a qualquer leigo e não pode ser explicado em uma lição, ou mesmo em um ano. Como a geometria de Euclides, o marxismo começa de um postulado pré-concebido — o do conflito interno — do qual deriva uma sequência de teoremas e corolários que levam progressivamente à aceitação da norma de vida comunista como a mais racional. Os estudantes do marxismo devem ser classificados em 'classes' diferentes e devem passar sucessivamente de um 'nível' para o seguinte.

2. O marxismo é comparável com a química já que é uma ciência aplicada, desenvolvida pela pesquiza experimental mas explicada por suposições hipotéticas. Assim como não se pode esperar que ninguém se torne um químico simplesmente porque lê livros sôbre química, assim também ninguém pode se tornar um bom comunista, ou mesmo compreender o comunismo, simplesmente porque lê livros sôbre marxismo ou frequenta cursos políticos. A aplicação prática é de primeira importância, pois sòmente através a prática diária pode alguém adquirir a 'substância marxista' para que esta corra por suas veias. Portanto, os estudantes do marxismo necessitam de um certo período de estágio após cada 'operação ideológica' sucessiva.

3. Para os comunistas, os pensamentos reacionários se parecem intimamente com germes patológicos no corpo, porque ambos existem com muitas variedades, e

4. Truong Chinh, "Discurso no Terceiro Congresso do Partido, 1960", na revista literária *Van Hoc*, Nº 113 (setembro de 1960, Hanoi).

cada variedade produz seus próprios sintomas externos. Existem pensamentos feudais, burgueses, pequenos-burgueses e uma quantidade de outros 'não-proletários' — geralmente chamados de *doenças* — todos perigosos e exigindo um tratamento específico. Uma cura completa necessita de uma série de prescrições, bem espaçadas por um longo período de tempo. Por exemplo, o patriotismo foi usado com sucesso no tratamento da doença da 'cultura francesa decadente', cujas manifestações são ceticismo, romantismo, individualismo, etc., enquanto o 'esclarecimento ao socialismo' é hoje usado para combater a 'moléstia da pequena-burguesia'.

4. O marxismo-leninismo é um remédio cujo fim é curar desordens ideológicas, porém, em comum com diversos remédios, exige uma tolerância adquirida gradualmente. Se as doses iniciais são por demais grandes ou frequentes, podem produzir uma reação desagradável. Assim, para ser eficaz, o marxismo-leninismo deve ser administrado em doses graduadas com intervalos cuidadosamente calculados.

5. Entretanto, há uma razão mais importante para levar a luta ideológica em etapas progressivas, e isto está declarado com alguma clareza no trecho seguinte de um discurso de Truong Chinh no Terceiro Congresso do partido em setembro de 1960:

> A tarefa ideológica é sempre determinada pela tarefa política e a ela deve ser subordinada. É impossível separar as duas, e até mais impossível que as duas entrem em conflito. (*Van Hoc*, N.º 113, setembro de 1960).

Daí se deduz que, sempre que o partido planeja mudar sua política, uma nova campanha ideológica deve ser levada adiante antes ou simultaneamente.

A organização assemelha-se a uma enorme escola, com tôda a nação como alunos. Enquanto o programa de doutrinação é feito em estágios sucessivos, os próprios alunos são divididos em duas categorias. Todos são distribuidos em classes, — os membros do partido e quadros do govêrno — ambos êstes grupos são formados predominantemente por intelectuais — constituindo as classes superiores e os restantes a 'escola primária'. Tudo está

baseado na suposição, que nunca deve ser posta em dúvida, que é necessário que tôda a nação progrida pelo caminho do marxismo-leninismo. Como os membros do partido supostamente devem ter um padrão idelógico mais elevado que os dos membros não-partidários, há uma ligeira diferença entre os programas de ensino reservados para cada grupo. Em dois programas feitos em anos recentes, um é para membros do partido e um para os não-partidários. Truong Chinh em seu discurso descreve seus fins assim:

Para os membros não-partidários: Os alvos para a luta educacional e ideológica são uma compreensão constantemente crescente do desejo para a reunificação nacional e do fato que nosso povo é seu próprio senhor. Os estudantes devem ser ensinados também a *lutar* contra tôda a manifestação da ideologia burguesa assim como *criticar* a própria ideologia da pequena burguesia. Deve ser feito um esfôrço redobrado para apagar qualquer vestígio de ideologia feudal e tôdas as outras ideologias não-proletárias.

Para os membros do partido: No caso de membros do partido, o programa ideológico tem por fim solidificar sua ideologia proletária por meio de uma bem planejada educação no marxismo-leninismo. Os membros devem também ser encorajados a *lutar* contra a influência das ideologias burguesa e da pequena burguesia, e continuar seus esforços para erradicar a ideologia feudal assim como outras ideologias não-proletárias. (Ibid.)

Comparações entre êstes dois programas revelam diferenças significativas. O nacionalismo (o desejo para a reunificação nacional) ainda é usado de modo eficaz na educação das pessoas que não são membros do partido, porém é inteiramente banido do programa planejado para os membros partidários que aceitaram a liderança de Moscou ou Pekim. Além disso há distinções sutís mas altamente importantes entre os dois grupos com respeito a ideologias 'incorretas'. Pela lógica comunista, a ideologia pequena-burguesia, embora incorreta, é menos 'criminosa' que a burguesa (ou capitalista); e 'criticar' é uma forma de ação mais moderada que 'lutar'. Mas tudo depende de quem você é.

O que Truong Chinh realmente diz é, primeiro, que os membros do partido assim como os que não o são devem lutar contra a ideologia burguesa; e segundo, que, enquanto os não-membros devem simplesmente *criticar* a ideologia da pequena-burguesia, os membros devem *lutar* ativamente contra ela. Quando um não-membro mostra uma tendência para a pequena burguesia, êle será criticado; porém quando um membro do partido demonstra a mesma tendência, êle será severamente punido. Em resumo as tendências da pequena burguesia são toleradas até certo ponto entre os não-membros, mas entre os membros do partido devem ser arrancadas.

A norma do programa ideológico apresenta três etapas. Na *primeira etapa* (até 1960), a ideologia da pequena-burguesia é tolerada nos quadros não-partidários e criticada nos membros do partido; a ideologia burguesa é criticada nos quadros não-partidários e combatida nos membros do partido. Na *segunda atapa* (como Truong Chinh esboçou em seu discurso), a ideologia da pequena-burguesia é criticada nos quadros não-partidários e combatida entre os membros do partido; a ideologia burguesa é combatida tanto nos quadros não-partidários como entre os membros. Na *terceira etapa* (a da completa perfeição futura do sistema) as ideologias da pequena-burguesia e burguesa deverão ser igualmente combatidas com o mesmo vigor nos quadros não-partidários e entre os membros.

Êste processo implica em um movimento gradual da 'tolerância' para a 'critica' e finalmente para a 'luta'. Todos os setores da população deverão passar pelos três estágios (membros do partido, quadros não-partidários e as massas), porém em proporções diferentes.

A dose administrada aos membros do partido é òbviamente mais forte que a dada aos não-membros. No decorrer da campanha seguinte, os não-membros receberão a dose dada agora aos membros, enquanto êstes últimos terão algo ainda mais forte. Assim passo a passo, os membros do partido, os intelectuais não-partidários, trabalhadores e camponeses serão levados avante para um estado de perfeição final. Como diz Truong Chinh:

> O alvo da presente revolução é que todo o povo, e particularmente os trabalhadores, deverão absorver inteiramente a ideologia socialista, deverão abandonar sua anterior perspectiva da vida e do mundo e substitui-la pelo ponto de vista marxista. Assim o marxismo-leninismo assumirá um papel preponderante na direção da vida moral de nosso país e se tornará a moldura dentro da qual são formados os pensamentos de tôda a nação. Servirá de fundação sôbre a qual a ética de nosso povo será construida. (*Ibid.*)

O trecho acima demonstra claramente que o marxismo está se tornando uma religião no sentido completo da palavra — uma nova fé que luta sem tréguas para tomar o lugar de tôdas as religiões existentes e que não tolera qualquer sinal de 'panteísmo' ou 'ateísmo' entre o povo por êle controlado.

Para alcançar êste estágio de perfeição final (um tanto comparável ao *Tao* de Lao-tse ou ao Oitavo Caminho de Buda), a fraternidade oriental da igreja comunista emprega dois métodos inquisitoriais, conhecidos como 'discussão de contrôle' e 'treinamento correcional', dos quais daremos uma descrição detalhada nos capítulos seguintes.

10.

DISCUSSÃO DE CONTRÔLE

Durante os primeiros anos do regime, de 1946 a 1950, o método leninista de 'crítica e auto-crítica' foi bastante difundido, mas praticado sòmente pelos membros do partido que agiam com grande segrêdo. O próprio partido era secreto nêste período de democracia aparente. Restrito a um círculo limitado e levado adiante só após uma cuidadosa investigação, o processo leninista produziu resultados satisfatórios. Na maioria dos casos, o membro do partido criticado era solicitado a confessar, e geralmente o fazia sem muita pressão coletiva.

Mas depois do estabelecimento de relações diretas com o novo regime da China em 1950, uma nova prática conhecida como *kiem-thao,* ou contrôle de discussão, foi importada e executada em um círculo bastante mais amplo. O termo deriva do chinês *kien-t'sao,* baseado em *kien* significando 'controle' e *t'sao* querendo dizer discussão. Dizia-se que o método fôra aperfeiçoado no sul da China — não em Pekim. Êle suplantava em severidade o antigo método de "crítica e auto-crítica'. A pessoa a ser criticada era chamada a comparecer a uma reunião especial na qual outras pessoas por sua vez relatavam suas pretensas faltas. Estas deveriam ter sido anotadas em um livro de notas na ocasião em que fôram observadas. Por um processo de análise e dedução psicológicas, a reunião decidia que a pessoa criticada tivera pensamentos reacionários. Todo o grupo recorria então

à 'pressão coletiva' a fim de persuadi-lo a confessar as faltas de que era acusado.

Eram aplicadas diversas técnicas especiais, às quais os vietnamitas davam um apelido descritivo.

1. *Enfiar o chapéu.* Significa o uso de pressão ou ameaça a fim de forçar uma pessoa acusada a confessar um crime que nunca cometeu, sem permitir que se defenda. O termo dá a idéia de enfiar um chapéu à fôrça na cabeça de alguém apesar de seus esforços infrutíferos para resistir.

2. *Caça ao criminoso.* Diz respeito ao bombardeio incessante da vítima com perguntas, sem levar em consideração o fato que muitas destas se relacionam simplesmente com sua vida privada ou suas atividades. Desta maneira o infeliz é desapiedadamente caçado e não tem nenhuma oportunidade de fugir. O povo comparava esta ansiosa perseguição de 'pensamentos reacionários' com uma caça ao veado, ou com a busca da polícia a um prisioneiro fugido. As sessões de discussão demoravam frequentemente diversos dias quando se considerava que a vítima custava demais a confessar.

3. *Deduções em cadeia.* Êste termo é usado para descrever uma série de deduções aparentemente óbvias as quais, partindo de uma revelação insignificante, levavam inexoràvelmente à conclusão que o acusado era um perigoso reacionário. A anedota seguinte relatada pelo chefe de uma escola média demonstra esta técnica em ação.

No decorrer de uma sessão de discussão de contrôle realizada por estudantes, foi mencionado que um professor dera ao trabalho de um certo aluno uma nota mais alta que a julgada justa. A acusação contra o professor acusado era a seguinte:

Deposição básica: Você deu a X uma nota mais alta que êle merecia.

Dedução: (i) favorecendo um indivíduo entre nós você esperava criar dissenção; (ii) quando há dissenção em uma classe, os estudantes passam a maior parte de seu tempo brigando entre si em lugar de estudar; (iii) assim fazem pouco progresso; (iv) isto aborrece seus pais; (v) e os leva a dizer que nosso sistema de educação é inferior ao dos franceses; (vi) dirão que um regime colonial é melhor que uma democracia popular; (vii) portanto, dando uma nota não merecida, você deliberadamente serviu ao colonialismo.

Conclusão: você é um lacaio servil dos franceses e dos americanos.

Tais repreensões a professores eram comuns e em muito poucas escolas se encontraria um professor que, em alguma ocasião, não tivesse recebido um tratamento igualmente insultante. Êste foi o principal motivo para o grande êxodo de professores da zona de Resistência para as áreas ocupadas pelos franceses em 1950 e 1951.

4. *O uso de grandes facas e pesados machados.* Êste termo se refere ao uso de linguagem excessivamente forte e muitas vêzes vulgar para repreeender o faltoso na esperança de curá-lo dos processos mentais reacionários que se acreditavam ainda estar ativos nas mentes dos intelectuais. O incidente seguinte mostra a violência da técnica.

Em uma sessão de discussão de contrôle realizada na casa de um camponês pela equipe de um escritório governamental (tais escritórios eram itinerantes naquela época e os funcionários civis se alojavam nas casas dos camponeses), havia muito barulho e gritos. A mulher do camponês, ouvindo o tumulto, julgou que havia algo sèriamente errado, e se apressou em ver o que acontecia. Ela viu um jovem em pé diante de um grupo furioso de homens que proferia violentas injúrias. Pareciam estar tão zangados que ela pensou que poderiam matar o jovem. Assim disse tão calmamentē quanto possivel: 'Por favor, senhores, não abusem tanto do pobre rapaz! Deveriam ser mais tolerantes não importa o que êle tenha feito. Lembrem-se que é um colega e também um compatriota!' A inculta camponesa não percebeu que o barulho era simplesmente uma discussão de contrôle semanal na qual todos criticavam e eram por sua vez criticados.

Tais cenas repetidas de violência coletiva, entremeadas com longos intervalos durante os quais as pessoas se portavam normalmente em relação a seus companheiros de trabalho, causou nos participantes um sentimento inquietante de que viviam uma vida dupla.

5. *Chôro fúnebre.* Desde o início foi aceito que no *kiem-thao* a pessoa criticada deveria verter algumas lágrimas para provar à audiência que, graças à lição recebida de seus generosos camaradas, estava profundamente envergonhada e cheia de remorsos. Mas em muitos casos, principalmente nas escolas, os que já haviam feito suas confissões permaneciam para instigar as lembranças de seus colegas, e êles mesmos se uniam à vítima no chôro. Eram, na maior parte, jovens membros do partido cheios de um irresistível impulso para revelar a seus compatriotas a verdade recentemente adquirida. Êles se considerariam como tendo falhado em sua missão sagrada na terra se não pudessem proclamar terem convertido pelo menos um à verdade marxista, e assim estavam constantemente se dispondo para a tarefa de preparar as mentes dos faltosos para receberem os gloriosos ensinamentos de Tio Mao e Tio Ho. Soluçando amargamente, os jovens lamentavam seu fracasso em realizar sua obrigação quanto ao trabalho que o partido lhes confiara. Estavam profundamente aflitos, diziam, em ver que os denodados esforços do partido para re-educar o povo não alcançavam resultados. O chôro era fácil para êstes jovens pois estavam em um estado permanente de tensão nervosa. Uma educação política intensiva combinada com completa continência sexual era a causa principal de sua emoção exagerada e, daí, seu fanatismo excessivo. Na realidade, houve vários casos de loucura verdadeira. Em uma classe da Escola Político-Militar do Viet-Bac em 1952, oito dos estudantes se tornaram casos mentais.

A princípio, os acessos de chôro só ocorriam ocasionalmente, porém mais tarde passaram a ser uma prática comum. Isto provocou a observação geral que o partido descobrira o segredo do rejuvenescimento, pois sob êste sistema as pessoas adultas se tornavam novamente crianças.

O chôro em grupo era usado, naturalmente, no processo do *kiem-thao* como um meio de persuasão — uma forma de pressão coletiva — para apressar a confissão. Em uma certa ocasião, tôda uma classe foi convocada para ajudar um estudante que recusara escrever sua 'sugerida' auto-crítica. Chegando na casa onde o estudante morava, a classe começou a chorar em côro, alarmando enormemente os camponeses proprietários da casa [1] que naturalmente concluíram que algum ocupante deveria ter morrido de repente. Mas o chôro, quando empregado mecânicamente, em breve perde sua eficácia, e a visão de várias pessoas chorando juntas sem derramar uma única lágrima veiu a ser olhada como cômica. Ninguém, entretanto, ousou rir dos chorões, pois sua solenidade ridícula indicava que representavam o que julgavam ser seu dever. Em consequência disto, a prática continuou por um tempo considerável — de 1951 a 1953.

Houve duas teorias diferentes sôbre a origem dêste método chinês. Algumas pessoas acreditavam que era uma variação popular do método desenvolvido em Pekim o qual ainda não alcançara o sul da China na sua forma correta. Na China de Mao, tôda inovação política deve ser levada avante de uma maneira ordeira, seguindo o princípio da mancha de óleo, o qual, embora seja vagaroso, dá uma certa medida de segurança e assegura uma aplicação uniforme através todo o país. Pensou-se, então, que alguns grupos ultra-zelosos no sul da China, inflamados pela técnica de Pekim, tinham por iniciativa própria antecipado o movimento e executado o processo antes de serem treinados em sua técnica. Outros asseguravam que o *kiem-thao* se originara no sul da China, e fôra aplicado muitos anos antes no Hunan quando Mao Tse-tung aparecera pela primeira vez naquela província. Daí se espalhou por todo o sul do país, chegando ao Vietnã do Norte em sua forma crua e um tanto infantil, enquanto o método Pekim, idêntico em sua essência básica, perso-

1. Os camponeses vietnamitas sempre têm duas casas, uma em que moram e a outra reservada ao culto dos antepassados — a reunião dos parentes para celebração dos aniversários de morte dos pais ou avós. Estas segundas casas fôram usadas durante a guerra como escritórios do govêrno ou como escolas, ou para outros fins como abrigo para os refugiados.

nificava os refinamentos que a técnica sofrera durante os trinta anos de aplicação no Yenan.

É difícil dizer qual destas teorias é a correta, e é até mesmo possível que algumas pessoas no sul da China, ficando impacientes com o processo complicado, tenham ressuscitado temporàriamente a versão arcaica que haviam experimentado trinta anos antes. A diferença entre o primitivo método (discussão de contrôle) e o mais recente (treinamento correcional), é unicamente de técnica, refletindo o tremendo progresso que os comunistas chineses alcançaram na psicologia humana no decorrer das últimas décadas. Seu rápido avanço se deve certamente à brilhante e amadurecida cultura herdada de seus engenhosos antepassados.

Quaisquer que fôssem os porquês e para ques, somos forçados a concluir que, apesar de tôdas suas imperfeições, o método chinês de discussão de contrôle produziu uma mudança marcante no procedimento geral do povo vietnamita. Em lugar de serem como antes, um povo comunicativo e de coração aberto, êles se tornaram muito reservados e quietos. Nos restaurantes ou cantinas as pessoas comiam em silêncio, e sòmente trocavam um sorriso inócuo ao se encontrarem na rua. A opinião comum os descreve como 'mais fleugmáticos que os britânicos' e 'mais discretos que os japoneses'. Como êstes dois povos, os vietnamitas se tornaram, de fato, uns 'ilhéus', mas no sentido que cada um dêles se tornou uma 'ilha' separada com quase nenhuma comunicação com as outras 'ilhas' circunvizinhas, seus concidadãos. Cada um se fecha dentro de si mesmo e só se comunica com os outros em caso de extrema necessidade. Uma prática comum, mesmo entre os membros mais altos do partido, consiste em uma classificação secreta de seus parentes, amigos, colegas e conhecidos em uma destas duas categorias: aquêles que poderão delatar qualquer ponto de vista não-conformista para outra pessoa; e aquêles que, após alguns testes cautelosos, serão inteiramente dignos de confiança. Se alguém é obrigado a expressar sua opinião a pessoas nas quais não confia completamente, o mais aconselhável é repetir os pontos de vista do partido como foi declarado em sua mais recente publicação. Isto explica porque, contrastando com um estado geral de completa pobreza, os jornais do partido têm uma circulação excessivamente grande e porque as pessoas, embora extremamente ocupadas desde a madrugada até o entardecer, frequentam as reuniões noturnas com grandes assiduidade.

Êste fatigante exercício mental de classificar mentalmente amigos e parentes em categorias separadas, de estudar laboriosamente a imprensa do partido repleta de fraseologia maçante, e frequentar regularmente as reuniões políticas — tudo isto impõe um terrível esfôrço mental.

11.

TREINAMENTO CORRECIONAL

A primeira tentativa de executar o processo chinês de 'treinamento correcional' no Vietnã foi realizada em 1948 pelo general Nguyen Son, que na época era o comandante em chefe da Quarta Zona Militar (norte do Anam). Durante os vinte anos precedentes, êle servira como oficial de alta patente no Exército Vermelho chinês. Talvez valha a pena fazer uma pausa e lançar uma vista d'olhos na carreira dêste homem que, pela fôrça de seu caráter e uma singular série de circunstâncias, se tornou um herói nacional na China e poderia bem ter se tornado um Tito vietnamita.

Nguyen Son, conhecido na China Vermelha como Hung Suei (Dilúvio), nasceu na província de Bac-Ninh na colonia francesa do Tonkim. Filho de um letrado patriota vietnamita, foi mandado para Hanoi a fim de treinar para professor, e lá, com a idade de dezessete anos, tomou parte ativa no Movimento Estudantil de 1925. Perseguido pela polícia, fugiu para a China e foi imediatamente admitido na Academia Militar Whampoa. Após sua formatura, uniu-se aos comunistas chineses na época da insurreição da Comuna de Cantão (1928), e daí em diante ficou como membro do Partido Comunista Chinês. Suas notáveis qualidades como militar ficaram aparentes no decorrer da Longa Marcha (1934-36), e até 1945 êle continuou a servir o Exército Vermelho chinês sob o comando do marechal Peng Teh-huai, comandante

do Oitavo Exército Itinerante. Como um dos poucos sobreviventes da Comuna de Cantão e da Longa Marcha, foi feito Herói Nacional em 1949.

Son estava no Yenan ao término da Segunda Guerra Mundial quando soube por um correspondente canadense que o Vietnã adquirira sua independência, mas estava em guerra com os franceses que procuravam retomar sua antiga possessão. Finalmente os repetidos pedidos de Son fizeram com que Mao lhe permitisse voltar ao Vietnã a fim de servir nas fileiras do Movimento de Resistência. Foi arranjado para que Son se juntasse à delegação de Mao que ia negociar uma trégua com Chiang em Chungking, de onde êle cruzou secretamente a zona controlada pelo Kuomintang e entrou em sua pátria. Em sua companhia estava Nguyen Khanh Toan, o companheiro itinerante de Ho Chi Minh em Moscou em 1941 e que permanecera no Yenan.

O aparente patriotismo de Son escolhendo voltar para o Vietnã ocasionou críticas sob pretexto que êle era mais nacionalista que internacionalista, e foi friamente recebido por Ho Chi Minh ao chegar em Hanoi em 1946. Entretanto, Ho tinha tanta necessidade de seu indubitável talento militar, que Son ràpidamente subiu de um início bastante modesto para se tornar comandante da Quarta Zona Militar com a patente de general brigadeiro. Isto o colocou duas fileiras abaixo de Vo Nguyen Giap, comandante em chefe do exército do Vietminh, a quem êle desprezava como um iletrado militar pois o alto posto de Giap era devido ùnicamente à sua importância política. Giap, de fato, tinha sido estudante de direito e sua única educação militar fôra um curto treinamento em guerrilhas em um campo americano em Tsin-tsi durante a Segunda Guerra.

Mas a verdadeira causa da disputa entre Ho Chi Minh, Truong Chinh e Vo Nguyen Giap de um lado, e Nguyen Son do outro, estava no fato que Son se opunha persistentemente à política de procurar ajuda da China. Son queria continuar a luta contra os franceses com armas capturados do inimigo, argumentando que durante a guerra sino-japonesa, Mao nunca pedira auxílio a Stalin, o qual realmente preferira ajudar Chiang. Irada-

mente, Son deixou o Vietnã para voltar à China. Houve concentrações de massas para saudá-lo ao longo da estrada desde a fronteira sino-vietnamita até Pekim. Ho, entretanto, enviou um relatório secreto a Mao, acusando-o de muitas faltas no cumprimento do dever, inclusive a violação de uma moça camponesa. Como sequência dêste episódio todo o exército do Vietminh foi solicitado a estudar um documento especial no qual Son era descrito como 'típico de maus quadros militares'.

Em consequência do relatório de Ho, Son sofreu uma lavagem do cérebro na China. Muito desanimado, êle quis entrar para a Academia Militar de Nanking a fim de estudar modernas técnicas militares sob a direção de peritos soviéticos. Em agôsto de 1956, sofrendo de um câncer estomacal e se sentindo às portas da morte, voltou para Hanoi com sua mulher e filhos, e aí morreu dois dias após sua chegada. A opinião vietnamita foi unânime em seu veredicto sôbre Nguyen Son: 'Era um comunista por ofício, mas um nacionalista pela fé.' Talvez tenha sido o único líder comunista do Vietnã que poderia ter se tornado um Tito.

Enquanto Son comandou a Quarta Zona Militar, êle escreveu alguns panfletos advogando o sistema de 'treinamento correcional' como vira ser praticado no Yenan. Mas suas discordâncias com Ho e os outros líderes comunistas levaram à rejeição de suas sugestões. Son falou sôbre *Chinh Dang* (Retificação do Partido) e *Chinh* Phong (Retificação do Movimento, ou do Procedimento dos Quadros). Eram dois tipos distintos de reforma do pensamento, o primeiro reservado para os membros do partido, o segundo para os funcionários e pessoas em posições de responsabilidade que não eram membros. Um terceiro tipo, *Chinh Quan* (em chinês, *Cheng Kun*), era dedicado especialmente ao pessoal militar de todos os postos. Mas quando a reforma do pensamento foi finalmente executada em tôda a zona controlada pelos comunistas em 1953 (pelos conselheiros chineses, pois Nguyen Son já havia voltado para a China), os membros do partido e dos quadros civis fôram enviados para o mesmo campo para serem re-educados. Todo o processo

para os civis recebeu então um nome: *Chinh Huan* (em chines, *Cheng Hiun*), ou Treinamento Correcional.

Existiam de fato três espécies diferentes de treinamento correcional, cada uma planejada para um determinado 'treinamento'. A que foi aqui descrita foi a mais branda e 'construtiva' das três, já que foi projetada especìficamente para 'amigos'. Um segundo tipo, excessivamente rígido e inteiramente desprovido de qualquer carater educativo, era reservado para os 'inimigos internos' (senhores de terras locais e reacionários).[1] O terceiro tipo, que ficava entre êstes dois, era dedicado aos 'inimigos externos' (i.e. soldados franceses e missionários europeus capturados). Os relatórios de prisioneiros de guerra libertados e de técnicos em espionagem fizeram com que êste terceiro tipo ficasse conhecido para os observadores estrangeiros como 'lavagem do cérebro'.

Chinh Huan, ou treinamento correcional, foi descrito como a nova forma oficialmente aprovada adotada por Mao depois da instalação da República Popular em 1949. Desta época em diante, passou a ser regra que, sempre que o partido planeja uma mudança maior na política, todo o pessoal tanto do govêrno como do partido — desde os membros do comitê central e os ministros até o mais humilde funcionário — deve ser re-educado na nova linha. A opinião mais difundida é que mesmo os líderes dos movimentos comunistas nos países do Mundo Livre que periòdicamente visitam Moscou ou Pekim por algumas semanas de cada vez, ostensivamente por motivo de saúde, na verdade aí vão para uma sessão de reforma de pensamento.

Truong Chinh já assinalou que tôdas as operações ideológicas são planejadas para servirem a um fim político pré-determinado. Assim, cada campanha de treinamento correcional é calculada para preparar uma atmosfera psicológica adequada antes da introdução de qualquer nova política radicalmente diferente da existente. O alvo do partido é fazer com que os membros e os

1. Podemos encontrar uma descrição do segundo tipo de treinamento correcional (o reservado para os "inimigos internos") na obra do autor *O Destino dos Últimos Viets* (Hoa-Mai Publishing Co., Saigon, 1956).

quadros partidários aceitem a nova política antecipadamente, para que o período crítico da execução decorra suavemente. Todo o processo poderia ser comparado a um concêrto de orquestra, com o maestro representando o partido e a orquestra representando o conjunto do partido e govêrno. Assim, como a orquestra que obedece ao menor movimento de seu maestro, os quadros que estão diretamente encarregados da nova política desempenharão à perfeição os papeis a êles atribuidos. Outros devem sofrer em silêncio, sem protestar, como a audiência bem educada de um concêrto.

A tarefa de executar uma nova idéia política é sempre dificil e complicada. Isto é particularmente verdadeiro em nações atrazadas onde, devido à diferença nos padrões culturais, as reações à inovação poderão ser variadas, dependendo de considerações especiais e condições locais. *Linh Dong* (em chinês *Ling Tung*) é uma frase repetida diàriamente, e nenhum quadro de funcionários pode esquece-la. Significa que os quadros encarregados de executar uma nova política deverão se portar, não como autômatos, mas sim como sêres inteligentes capazes de decisões rápidas as quais às vêzes serão necessárias quando acontecerem dificuldades imprevistas. Por estas razões, a espécie de disciplina imposta aos quadros não deve provir de coação ou da ameaça de punição por parte de uma autoridade mais alta, como geralmente é o caso com a disciplina militar. Ao contrário, deve ser aceita voluntàriamente como se fôsse um pré-requisito necessário para a realização de uma missão sagrada. Se uma tal disciplina deve ser aceita, então os quadros devem estar convictos da importância e necessidade da tarefa a êles designada. Devem ter uma crença firme na retidão da nova política e na infalibilidade da liderança. A fim de alcançar êste resultado, que é a meta de cada curso de treinamento correcional, o partido usa todos os argumentos para demonstrar e provar que sòmente o partido é certo, e que sempre está inteiramente certo. No caso do reconhecimento de algum 'êrro' anterior, afirma-se que o marxismo-leninismo está certo e sempre estará. A tarefa seguinte do partido no curso de treinamento correcional consiste em persuadir os estudantes da necessidade absoluta da nova mudança. Sem ela, argumentam os instrutores, a Revolução falhará, e se isto acontecer os imperialistas voltarão.

Entretanto, muitas vêzes tem acontecido que um certo número de quadros, embora bastante dispostos a aprender, acham dificil aceitar o novo ensinamento simplesmente porque já lhes disseram as mesmas coisas antes porém com interpretações ou conclusões completamente diferente. Por exemplo, no início da Revolução, o partido prometeu que o país seria governado por quatro classes: trabalhadores, camponeses, pequenos burgueses e burgueses nacionais. Mais tarde, o partido explicou que só os trabalhadores, camponeses e pequenos burgueses conservariam o poder, e finalmente explicou que os verdadeiros participantes na ditadura do povo eram os trabalhadores e camponeses, já que as outras classes eram ou traiçoeira ou indignas.

O hábito de encaixar ou mudar tôdas as principais declarações a intervalos frequentes, e torcer o significado de todos os termos habituais, naturalmente causaram dúvidas nas mentes dos quadros com respeito à sinceridade e boa fé do partido. Em consequência disto, êles muitas vêzes se recusaram a ouvir as últimas explicações, pois não podiam acreditar que fôssem definitivas. Quando um dos estudantes que frequentavam o curso de treinamento correcional se recusava a continuar a cooperar, diziam que sua mente estava 'bloqueada'. Esclarecer estas mentes obstruidas passou a ser a segunda tarefa de cada curso de treinamento correcional.

Assim, como um bombeiro, o partido começou o trabalho de achar a localização exata e a causa da obstrução. Uma crítica livre e franca do partido e de seus métodos era encorajada, e às vêzes ordenada. Os estudantes tinham permissão para desabafar inteiramente suas queixas e ressentimentos individuais contra o partido, sem qualquer temor de represália. Esta promessa era solenemente feita com antecedência e sempre foi cumprida. Uma vez que as queixas eram expostas, os instrutores respondiam tôdas as dúvidas apresentadas, como um Primeiro Ministro bem-humorado responderia às questões apresentadas pela oposição. Esta liberdade não

habitual contrastava radicalmente com a atmosfera comum da vida diária, onde tal crítica não era permitida. A liberdade de crítica, não permitida em circunstâncias normais, só era tolerada para afastar a obstrução das mentes 'bloqueadas' e para 'redimir almas redimíveis'. Tôdas as almas não eram consideradas como capazes de redenção, e estas nunca eram admitidas aos cursos de treinamento correcional. Eram classificadas como inimigos apesar de até então terem sido 'amigos'. Assim, as pesosas que recebiam convites para um curso correcional ficavam cheias de alegria, compreendendo que ainda eram classificadas como 'amigos'. Era claro para êles que, uma vez que realizassem seu treinamento com sucesso, continuariam como 'amigos' pelo menos por alguns anos. Por isto cada quadro ia com entusiasmo para o treinamento correcional.

Para dar uma idéia de um curso de treinamento correcional, damos aqui um esbôço de um programado para 1953, com o objetivo de preparar o caminho para a Reforma Agrária de 1954-56.

EXEMPLO DE CURSO DE TREINAMENTO CORRECIONAL

I. Divisão dos Estudantes

Todos os estudantes que frequentavam o curso dedicado a 'amigos' eram pertencentes ao partido e ao govêrno junto com um certo número de 'personalidades progressistas'. O programa de ensino era exatamente o mesmo para todos, porém eram divididos em quatro categorias segundo suas importâncias relativas e níveis de educação política.

1. Os membros mais elevados do partido e os funcionários civis mais antigos, com algumas personalidades influentes, fôram para Viet-Bac, uma espécie de Yenan vietnamita. A escola estava situada em algum lugar geogràficamente perto do govêrno central para que o grupo pudesse receber aulas diretamente de Truong Chinh e de Ho Chi Minh.

2. Os membros do partido e dos quadros pertencentes às fileiras médias, com algumas personalidades não muito influentes, fôram enviados para suas respectivas zonas militares onde os comitês das zonas cuidavam de sua educação. (Cada zona militar compreendia de três a seis províncias.)

3. Os membros do partido e dos quadros de nível mais inferior fôram para suas próprias províncias para frequentar cursos administrados pelos comitês provinciais.

4. Os trabalhadores de escritórios e fábricas recebiam sua educação no local. Uma equipe de professores era enviada para ensiná-los durante as tardes e noites.

Como todos eram obrigados a frequentar os cursos, as sessões tinham que ser divididas. Um têrço do pessoal do escritório ia para a instrução enquanto o restante trabalhava mais duramente e dividia o trabalho entre si. Quando os primeiros completavam seu curso, outro grupo começava, e finalmente o terceiro grupo. Era necessário um mês para a preparação e conclusão dos projetos administrativos (por razões de segurança a escola se deslocava de um lugar para outro depois de cada curso), e êste durava três meses. Assim só no fim de um ano inteiro terminavam os três cursos sucessivos. Entretanto, a campanha tôda durou dezoito meses pois o curso do Viet-Bac teve que acabar antes que os outros começassem. O motivo disto é que as equipes de professores tinham que receber primeiro seu treinamento.

II. Organização Prática

De modo geral, as escolas eram organizadas em aldeias afastadas na selva. Os estudantes viviam nas casas dos aldeões, mas a escola pròpriamente dita, era construida pelos estudantes de bambú e troncos. Nos fins de semana os alunos juntavam lenha nas florestas circunvizinhas. Êste trabalho manual fazia parte do

programa educacional, com o fim de fazer os intelectuais se sentirem mais perto dos trabalhadores. Os estudantes eram obrigados a levar consigo todos os pertences pessoais que poderiam necessitar, como roupas, cobertores, mosquiteiros, uma cuia e um par de pauzinhos para suas refeições, e uma soma de dinheiro equivalente a 100 quilos de arroz (cêrca de 8 dolares americanos).[2] Esta escassa soma cobria tôdas as despesas durante os três meses. Era calculada da seguinte maneira: hospedagem por três meses custava 75 quilos (25 quilos por mês); isto estipulava em 15 quilos de arroz por consumo individual, e um equivalente de 10 quilos de arroz para legumes e sal. Os 25 quilos restantes abrangiam artigos para escrever, óleo para lâmpada e documentos mimeografados.

Os estudantes se dividiam em grupos de três, sendo que em cada grupo um era membro do partido encarregado dos outros dois. Cada grupo vivia na casa de um camponês e duas vêzes por dia um de seus membros era enviado ao 'escritório de suprimentos' (o novo termo para a cozinha coletiva) a fim de apanhar a comida com os 'camaradas do suprimento' (cozinheiros). Levava consigo um cêsto de bambú e um pote de barro, emprestados pelos habitantes do local — o cêsto para carregar o arroz e o pote para os legumes. O alimento era de qualidade inferior, pois o arroz proveniente dos celeiros públicos era geralmente mofado, e em conjunto a comida se ressentia de uma séria falta de proteínas e vitaminas. Só havia carne uma vez por semana, e mesmo nestas ocasiões a quantidade era ínfima. Geralmente era cortada em pedaços minúsculos e misturada em um grande prato de legumes. Os pedaços eram cuidadosamente contados e divididos igualmente entre o grupo.

2. O quilo de arroz servia como unidade monetária, pois devido à uma contínua inflação, a piastra continuava caindo e não tinha poder aquisitivo fixo. Os salários dos funcionários civis eram dados em quilos de arroz, variando de 35 a 45 quilos por mês. Nos cursos, os estudantes traziam piastras e pagavam à direção da hospedagem o prêço corrente equivalente a 100 quilos de arroz qualquer que êle fôsse. Êste era muito variável, dependendo do prêço do mercado do momento e da província na qual era feito o pagamento.

Todos estavam sujeitos à mesma alimentação, mesmo os que tinham dinheiro bastante para pagar por mais. Antes que os estudantes chegassem a uma aldeia, os habitantes recebiam instruções proibindo-os de vender qualquer carne, ovos ou outros alimentos aos estudantes. Sòmente em casos de doença ou quando absolutamente essencial à saúde poderia alguém obter permissão para comprar uns poucos pedaços de porco ou peixe, e só depois de pedir ao líder do grupo.

Os alunos não tinham licença para ir além de uma certa área limitada e durante todo o curso eram impedidos de ter qualquer contato com o mundo exterior. Podiam escrever cartas a suas famílias (as quais eram cuidadosamente censuradas), porém não podiam receber nenhuma em resposta. Tôda correspondência vinda de fóra era confiscada e distribuida no fim do curso. Isto era feito para manter os estudantes livres de qualquer preocupação ou distração externa, para que pudessem dedicar tôda sua atenção a seus estudos. Há notícias de um caso, um médico, que foi notificado ao deixar o campo ao término do curso que sua mulher morrera dois meses antes.

A rotina do curso tinha carater militar, e o horário para tôda a sessão era fixado com antecedência. O despertar era às 6 horas seguido de meia-hora de ginástica. Havia aulas de 7 até 11 horas, almôço e descanso de 11 até 13 horas, aulas novamente de 13 até 17 horas, jantar e trabalhos de 19 às 22 horas. O último quarto de hora antes de deitar era reservado para 'relembrar procedimentos' — uma curta revisão pelo grupo de seu procedimento individual no decorrer do dia e uma ligeira auto-crítica quando necessário. Os fins de semana eram reservados para um banho no rio e trabalho manual como cortar lenha e cavar trincheiras para o caso de ataques aéreos. As noites de sábado eram dedicadas às distrações, geralmente cantos e dansas pelos próprios estudantes. Em um dos cursos, foi exibido um filme russo, descrevendo um episódio da guerra russo-alemã.

III. Técnica de Ensino

Um curso de treinamento correcional consistia em aulas sôbre diversos assuntos, tôdas com o mesmo fim. Cada assunto requeria cêrca de duas semanas de estudo, somando aproximadamente 150 horas de trabalho. O programa era realizado com uma conscienciosa atenção a detalhes e dividido nos seguintes estágios:

1. Todos os estudantes (geralmente cêrca de 500) eram convocados à sala de conferências e cada um recebia uma cópia mimeografada da lição. Um representante do partido explicava a lição enquanto os estudantes tomavam notas.

2. Os estudantes se dividiam em seus grupos de três e discutiam entre si os têrmos políticos usados na lição, com o mais educado entre êles explicando os têrmos mais difíceis para os outros. Em seguida discutiam as diversas passagens do texto, e se nenhum dos do grupo compreendia uma determinada passagem, o líder dêste grupo comunicava o fato à equipe de professores.

3. Depois de terem chegado tôdas as comunicações, a equipe de professores tentaria esclarecer os diversos problemas diante dos estudantes reunidos. Às vêzes os professores poderiam aceitar as sugestões dos estudantes para mudar a redação se com isto ficasse mais claro o significado do trecho.

4. Os estudantes voltavam mais uma vez a seus respectivos grupos e começavam a discutir, parágrafo por parágrafo, as idéias contidas no texto. Cada um por sua vez dava sua própria opinião com respeito a tais idéias, e eram especialmente encorajados a declarar francamente se concordavam ou não com o ponto de vista do partido. Se discordavam, tinham liberdade para fazer objeção. Em regra, cada estudante levantava uma ou mais objeções, pois se não o fizessem eram suspeitos de esconder suas próprias opiniões. Quanto mais forte fôsse a objeção, mais sincero era considerado o objetor. Isto era reputado como muito importante no treinamento correcional. Logo que um membro em um grupo levantava

uma objeção, os outros tentavam lhe explicar o êrro de seu julgamento. Se seus esforços eram vãos e o dissidente se recusava a mudar sua opinião 'errônea', dizia-se que sua mente estava 'bloqueada' e o assunto era levado à equipe de professores, que tentavam então esclarecer o bloqueio.

5. Mais uma vez os estudantes se reuniam na sala de conferências a fim de ouvir um representante do partido enumerar, uma por uma, tôdas as objeções enviadas aos professores. Êle respondia brevemente a cada uma delas. Sòmente durante estas ocasiões, ouvindo a longa lista de objeções (muitas das quais extremamente violentas), podia alguém compreender que a maioria dos quadros e dos membros do partido estava excessivamente ressentida com o partido.

6. Os estudantes voltavam a seus grupos e discutiam estas réplicas. Se estavam satisfeitos, então tudo estava bem. Geralmente era o que acontecia, mas às vêzes um estudante se recusava a aceitar os argumentos e se declarava ainda não convencido. Um dos professores era imediatamente enviado à casa onde estava o infeliz estudante; se todos seus esforços falhassem, então Truong Chinh, o secretário-geral do partido, iria êle mesmo até o estudante. Se também não obtivesse êxito, Ho Chi Minh em pessoa tentaria seus talentos de persuasão até que, finalmente, o estudante aceitasse a justiça da política do partido. Nenhuma mente 'bloqueada' jamais pôde resistir ao poder de persuasão de Ho Chi Minh.

7. Nêste meio tempo, os professores realizavam uma ou duas 'reuniões de demonstração'. Por exemplo, quando os estudantes recebiam uma lição relativa ao colonialismo, alguém que fôra aprisionado pelos franceses era convidado a descrever o bárbaro tratamento que recebera. Também, durante uma lição sôbre Reforma Agrária, tôda a classe era levada a uma aldeia próxima para assistir a uma 'reunião de denúncia'. Esta era realizada no decorrer de um imenso comício no qual os camponeses denunciavam os proprietários de terras, acusando-os de tôda a espécie de crimes.

8. Quando a lição tinha sido completamente compreendida e o ponto de vista do partido sôbre aquêle assunto em particular inteiramente aceito, tôda a classe se dirigia ao que era chamado de 'confissão parcial' ou 'preliminar'. À luz do que aprendera sôbre um determinado assunto, cada estudante tinha que confessar todos seus antigos êrros com respeito àquêle assunto. Por exemplo, no fim da lição sôbre colonialismo, os estudantes tinham que rever sua atitude anterior quanto aos franceses, e eram instados a confessar tudo que haviam feito antes que pudesse ser considerado proveitoso para a França. No caso de nunca haverem servido à administração colonial de alguma maneira, tinham que confessar quaisquer pensamentos que pudessem ter tido que fôssem contrários à atitude de um verdadeiro patriota. Houve, por exemplo, o homem que ficara perdido de admiração pela habilidade de um pilôto francês ao manobrar seu avião durante um bombardeio. Como um genuíno patriota, êle só deveria ter sentido ódio para com o pilôto, e não admiração por sua habilidade. Para ajudar os estudantes em suas confissões e dar um empurrão em suas memórias, os professores liam uma longa lista de 'êrros' típicos já confessados em cursos anteriores. Confissões modêlos, supostamente feitas por personalidades eminentes, eram também lidas em classe para os inspirar.

9. Depois de terminadas as confissões individuais, os líderes de grupo levavam relatórios sôbre elas aos professores, que as liam e escolhiam as mais interessantes. Os que haviam feito as declarações de êrros mais elogiáveis eram então convidados a fazerem uma confissão pública diante da classe reunida. Os estudantes ouviam êstes discursos atentamente, interrompendo-os de tempos em tempos com gritos de 'Abaixo!' — porém estavam absolutamente proibidos de tomarem qualquer anotação sôbre os debates. Havia estudantes que admitiam ter espionado para os franceses e outros que, entre soluços incontroláveis, confessavam ter cometido adultério com suas próprias irmãs. Ninguém podia afirmar com certeza se eram sinceros ou se simplesmente queriam impressionar a audiência e provar aos professores que

na realidade tinham mudado, graças às instruções recebidas. No conjunto, a impressão que prevalecia era que os estudantes mais moços eram geralmente mais sinceros que os de meia idade.

10. Depois que o programa de ensino fôra cumprido, cada estudante devia, antes de partir, escrever a história de sua vida e uma confissão geral. Para isso lhes eram concedidos quinze dias. Cada um recebia quatro grossos cadernos (de sessenta páginas cada) para estas duas tarefas, os quais deviam ser escritos em duplicata.

A informação a ser incluida nêstes históricos era semelhante à exigida por um empregador a um empregado em potencial. O estudante tinha que dar seu nome completo, data e lugar de nascimento, detalhes de sua educação, sua ocupação, conhecimento de linguas estrangeiras, prêmios e condecorações, e assim por diante. Mas tal informação devia ser dada com maior detalhe que no caso de uma pretensão a um emprêgo. Por exemplo, ao descrever sua origem social era pedido que desse detalhes sôbre os membros de suas 'três famílias' (a de seu pai, sua mãe e sua mulher), até a terceira geração. Também lhe era pedido que declarasse que influência, boa ou má, tais pessoas tinham tido sôbre sua mente, e ainda tinha que escrever sôbre seus professores, mestres, colegas, colegas de escritório e amigos, sôbre os livros importantes que lêra, sôbre seus autores e as filosofias que haviam contribuido para moldar seu carater e seu modo de pensar. Em seguida, vinha informações sôbre suas inclinações e atividades políticas, acentuando qualquer mudança de ponto de vista político e dando detalhes sôbre tais mudanças. Para concluir, pedia-se ao estudante que respondesse às seguintes perguntas: Qual é sua ocupação atual? Quanto ganha por mês? Que espécie de propriedade possui? É feliz no casamento? Tem problemas com sua mulher (marido)? Tem preocupações financeiras? e outras perguntas desta espécie.

Êste histórico permitiria a qualquer leitor futuro ver imediatamente as circunstâncias e o ambiente social da pessoa em questão e determinar que espécie de pessoa poderia ser.

A confissão geral era a mais tediosa de tôdas as tarefas, e causava muitos problemas aos estudantes, apesar de estarem preparados para ela pela produção repetida de 'confissões parciais'. A dificuldade não estava no próprio ato da confissão, mas sim em achar bastante êrros, fracassos e crimes que enchessem as requeridas sessenta páginas, e em provar que a pessoa em causa estava resolvida a romper completamente com o seu passado errado. Era um encargo dificil para uma pessoa honesta que não tinha muita coisa em seu passado pela qual pudesse se culpar. Contudo, a principal dificuldade estava no ambiente social e educacional de quem se confessava. Era relativamente fácil, por exemplo, para um escritor inventar sua confissão. Podia primeiramente escrever uma análise detalhada de todos seus livros e artigos, reconhecendo francamente que tal e tal passagem em tal e tal livro era inspirada por idéias imperialistas ou feudais, e assim por diante. Geralmente isto era bastante para encher as sessenta páginas. Os escritores, em sua maior parte, eram moradores nas cidades e não estavam ligados diretamente com os problemas de propriedade de terras; assim corriam pouco risco de serem classificados como proprietários de terras. Na época do programa de treinamento correcional planejado para a campanha da Reforma Agrária, êles não estavam particularmente amedrontados e não tinham razão para confessar pecados como 'crimes para com os camponeses'. O que se esperava dos escritores e artistas era que produzissem uma severa auto-crítica, seguida de uma *mea maxima culpa*, e depois de um repúdio definitivo de todos seus trabalhos passados, mesmo de suas mais brilhantes obras primas. A conclusão final, naturalmente, tinha que ser a aceitação completa da política do partido com respeito à Reforma Agrária.

Mas para os estudantes que provinham de um ambiente de senhores de terras, escrever a confissão era muito dificil. Encontraram-se às voltas com um dilema: ou deviam confessar tôda a espécie de crimes para com camponeses, ou então corriam o risco de serem denunciados por êstes últimos quando a Reforma Agrária chegasse a suas aldeias. De um lado eram incitados pelo inabalável silogismo: 'Os proprietários de terras são pecadores, você é um proprietário de terras, logo é pecador', e do outro pelo aviso amedrontador: 'Se você recusar confessar seus crimes, os camaradas camponeses os denunciarão por você'.

Em uma ou duas localidades já havia sido iniciada uma experiência preliminar da Reforma Agrária antes que o curso de treinamento correcional começasse. Essa experiência provara a todos que, durante a Reforma Agrária, os camponeses nunca denunciaram ninguém por sua livre vontade (mesmo que tivessem feito isto, o partido não teria prestado atenção), e sim sòmente quando fôssem convidados para assim fazer por ordem do partido. Mesmo os estudantes mais ingênuos perceberam, portanto, que o treinamento correcional era sua última oportunidade de se redimirem por meio de confissão de seus êrros, ou pelo menos se mostrando capazes de redenção. Se tivessem êxito, o partido não os consideraria como reacionários incorrigíveis, e assim não daria ordens aos camponeses de suas próprias aldeias para que os classificassem como 'proprietários de terras'.

A pergunta que eventualmente surgiu na mente de cada um foi: 'Já que não posso me lembrar de haver cometido nenhum crime em particular, deverei inventar alguns?' Muitos dos estudantes, na verdade, fizeram precisamente isto, porém nem sempre tiveram sorte pois, a fim de provar sua própria sinceridade, a pessoa tinha que confessar um crime que o partido já tivesse em mente para aquela pessoa. Logo que um estudante chegava em um campo, êle devia preencher uma fórmula declaranto todos os lugares em que vivera e todos os estabelecimentos em que trabalhara. As autoridades da escola enviavam então cartas e telegramas para todos êstes lugares, pedindo informações quanto ao procedimento e atitude política do estudante. Assim, para convencer o partido, o estudante devia confessar um crime que tivesse alguma conexão com o que o partido já possuía em seus arquivos secretos. Outro perigo estava no fato que um estudante podia ter sido mencionado na confissão de outro como sendo o culpado chefe em um determinado incidente. O principal, portanto, era descobrir que espé-

cie de crime mais agradaria ao partido. Seria pràticamente inútil confessar o crime A se o partido esperava que a pessoa confessasse o crime B, o qual realmente aparecia em seus arquivos. Mas, de qualquer maneira, não havia muito mal em confessar 'crimes' convencionais como roubar dos camponeses ou violar uma ou duas moças camponesas, porque, em regra, êstes crimes eram atribuidos à tôda classe de proprietários de terras, e também por causa da bem cumprida promessa que 'todos os êrros confessados seriam inteiramente perdoados'.

Entretanto, havia um número razoável de estudantes que, provàvelmente devido a seus 'mesquinhos escrúpulos burgueses' em inventar crimes, ficavam dia após dia escrevendo vagamente sôbre êrros ínfimos e fracassos em lugar de redigirem longas listas de crimes. Isto não era o que o partido queria e consequentemente, quando a Reforma Agrária foi levada a cabo em suas aldeias, êstes estudantes, que tinham alguma relação com a classe dos senhores de terras, fôram denunciados como 'proprietários cruéis e malvados'.

O curso de treinamento correcional era, de fato, uma espécie de purgatório onde as mentes quase, mas não totalmente, purificadas tinham que se expurgar de todos os pensamentos reacionários e com isto escapar da condenação final de serem classificadas como 'inimigos do povo'. O destino dêstes últimos e de suas famílias será descrito nos capítulos 14 e 15.

12.

AS CINCO LIÇÕES

O curso de treinamento correcional de 1953-54 consistiu de cinco lições:

Primeira lição: A atitude correta de um estudante para com um curso de treinamento correcional.

Segunda lição: A História da Revolução Vietnamita.

Terceira lição: Novas circunstâncias, novas tarefas.

Quarta lição: O procedimento correto de um membro do partido e do quadro.

Quinta lição: A Reforma Agrária.

I. A ATITUDE CORRETA

Esta lição tratava da atitude correta de um estudante em um curso de treinamento correcional. Nela era recomendado ao estudante cultivar uma 'devoção genuína', o que significava que êle devia fazer um esfôrço real para seu aperfeiçoamento e para mudar suas idéias por meio de estudo, e não construir uma fachada enganadora ao seu redor com a intenção de iludir o partido. Devia também desenvolver uma verdadeira compaixão para com seus companheiros de grupo e a consciência que, ao criticar um amigo, não o fazia por mal, mas sim na esperança de salvar seu amigo de seus pecados. Devia, real-

mente, adotar a atitude de um médico para com um paciente. Assim, era proibido recorrer a tais métodos (usados prèviamente nas sessões de discussão de contrôle) como 'enfiar o chapéu', 'caça ao criminoso' e outros.

No decorrer desta primeira lição o partido fazia a promessa e o aviso anteriormente mencionado quanto ao assunto das confissões: 'Os êrros confessados serão inteiramente perdoados' e 'cabe a cada pessoa decidir se confessa ou não, mas se não o fizer, os camponeses necessàriamente denunciarão seus crimes por êle'. O aviso fazia com que os representantes do partido não precisassem usar de qualquer outra forma de pressão mental, e permitia que agissem bastante liberalmente durante todo o curso, pois a ameaça de denúncia pelos camponeses constituia uma espada de Dámocles sôbre a cabeça de cada estudante. Sob essa ameaça aterradora não era muito surpreendente ver que cada estudante fazia o possivel para seguir o conselho do partido e estudar com afinco. Os mais espertos pareciam muito reacionários no começo, levantando violentas objeções sempre que eram convidados, e depois parecendo se tornar outras pessoas após suas demoradas confissões, não deixando dúvidas quanto ao enorme progresso por êles feito durante o curso do treinamento correcional.

II. A REVOLUÇÃO VIETNAMITA

Esta lição era relativa à história da Revolução Vietnamita encarada do ângulo da luta de classes. O partido se empenhava a fundo para explicar os seguintes pontos aos estudantes:

1. O colonialismo é inteiramente mau; tudo que os franceses fizeram no Vietnã tinha sido ùnicamente para servir a seus interêsses imperialistas. Construiram escolas e universidades simplesmente para treinar vietnamitas em número suficiente para servi-los. As ferrovias por êles construidas só tinham por fim transportar seus produtos, e seus canais de irrigação eram planejados para criar mais impostos. Por isto é dever de cada um lutar contra os franceses e recuperar a independência nacional.

2. Durante os oitenta anos de domínio francês, tinha havido revoltas e rebeliões incessantes, mas tôdas terminaram em fracasso. A razão disto era que tinham sido dirigidas por feudalistas e intelectuais da pequena burguesia e não contavam com o apôio das massas.

3. A Revolução Vietnamita progredira constantemente desde o aparecimento do Partido Comunista Indochinês em 1930, graças à doutrina marxista-leninista e à boa liderança que era fruto de longa experiência em organização revolucionária através todo o mundo. Conseqüentemente, quem for um patriota verdadeiro deverá aceitar o Movimento de Resistência e a liderança do Partido Lao-Dong.

O fim principal desta lição era persuadir os estudantes que ser comunistas significava ser patriota, e que todos os patriotas devem ser comunistas ou, pelo menos, devem aceitar a liderança comunista.

III. NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS, NOVAS TAREFAS

Tomando uma determinada classe como exemplo, o instrutor para esta lição passava em revista a atual situação nacional e internacional. Êle inflamava a audiência até o entusiasmo relatando os mais recentes sucessos militares e diplomáticos (vitória no Laos e reconhecimento da RDV pelos países do campo socialista). Explicava a importância e a natureza desinteressada das ajudas soviética e chinesa, e comparava as situações econômicas dos lados capitalistas e comunista, acentuando a fôrça da Rússia e a riqueza da China. Segundo êle, nenhuma companhia capitalista na Grã-Bretanha era rica bastante para comprar, por exemplo, um artigo tão insignificante como a quantidade de cerdas de porco reunida em um ano pelo Escritório Comercial Chinês. Sua análise detalhada tanto da situação local como da mundial e levava à conclusão que o capitalismo como sistema seria inevitàvel-

mente destruido e os imperialistas franceses derrotados em futuro próximo apesar da ajuda militar americana. Mas êle insistia em que, a fim de enfrentar a nova situação criada pela intervenção americana nos assuntos vietnamitas e os desesperados esforços dos franceses em sabotar a unidade nacional, certos novos encargos tinham recaido sôbre o govêrno da RDV, e era necessário novos sacrifícios da parte das massas para assegurar a vitória completa. As mais imperativas destas tarefas eram:

1. O estabelecimento de uma ditadura democrática popular, que era explicada como 'democracia para o povo e ditadura para os inimigos do povo'. Os motivos para esta política de dois gumes eram expressos nos seguintes termos: 'Devemos ser democráticos para com o povo a fim de sermos fortes bastante para sermos ditatoriais para com o inimigo, e devemos ser ditatoriais para com o inimigo para que possamos defender a democracia do povo'.

2. Consolidar a unidade nacional por meio da eliminação radical de todos os elementos reacionários da máquina administrativa, e conseguir maior participação pelo proletariado na liderança política.

3. Cooperação mais íntima e preferência definida pelo bloco socialista, já que sem o valioso apôio dos países socialistas a Revolução Vietnamita não tinha esperanças de sucesso.

É interessante notarmos que surgiram muitas objeções quanto à esta terceira proposição. Estudantes argumentaram que muitas nações, como a Índia e a Indonésia, conseguiram sua independência sem se alinharem com qualquer dos grandes blocos. Em consequência disto seu neutralismo fazia com que sua posição no taboleiro de xadrez internacional fôsse muito mais forte. Quando Ho Chi Minh veiu pessoalmente para persuadir os estudantes mais teimosos, êle condenou imediatamente o neutralismo, descrevendo-o como uma 'prostituição política'. Falando sôbre o mesmo assunto porém diante de tôda a audiência, disse êle: 'Quanto aos que continuam a adotar uma atitude de 'meio caminho', insisto com êles para que tomem uma decisão rápida e definitiva: a pátria ou o inimigo. Dou minha palavra que aquêles que preferirem os franceses terão permissão para irem para a zona ocupada sem nenhuma dificuldade. Os escritórios de polícia locais darão vistos de saída sempre que fôrem pedidos'. Após uma pequena pausa, êle continuou: 'Há duas cadeiras. Vocês estão convidados a sentar na que escolherem, mas por favor não sentem entre as duas pois se arriscam a cair quando as cadeiras fôrem separadas'.

IV. PROCEDIMENTO CORRETO

A quarta lição, referente ao procedimento correto dos quadros e dos membros do partido, era diferente de qualquer das outras no curso. Era dada aos membros do partido e aos não-membros em duas classes separadas. Para os não-membros, a lição se prendia a um livro escrito por Ho Chi Minh em 1946 intitulado *Retificação de Maus Hábitos de Trabalho.*[1] O livreto continha uma lista detalhada de todos os maus hábitos reinantes entre os funcionários públicos durante o domínio colonial, como corrupção, nepotismo, subserviência para com os superiores, arrogância com os inferiores e uma 'atitude de mandarim' para com o povo, e assim por diante. Aliás, deve se notar, que os maus hábitos enumerados e violentamente combatidos por Ho desde 1946 já haviam desaparecido quase completamente na RDV em 1954. Reapareceram depois do estabelecimento da 'ditadura do proletariado'. Continuaram a prevalecer sob o regime de Bao Dai na zona ocupada pelos franceses, alcançando seu apogeu sob o regime de Ngo Dinh Diem no Vietnã do Sul.

Aos maus hábitos do período colonial juntou-se agora uma nova lista de novas 'doenças' que surgiram pela primeira vez durante o período da Resistência. Fôram dados novos nomes a elas; por exemplo: *divergências direitistas* e *esquerdistas; oportunismo; negativismo* (fazer sua tarefa simplesmente por disciplina ou temor

1. *Sua Doi Le Loi Lam Viec* (Editora Su That, Hanoi, 1946). O Livreto era assinado XYZ, um pseudônimo habitual de Ho Chi Minh.

de punição) ; *atitude de se enrolar em cobertor* (atitude de 'esperar e ver') ; *romantismo* (falta de realismo) ; *subjetivismo* (auto-confiança excessiva) ; *pêrda do ponto de vista proletário*; *pêrda de vigilância; moléstia da liberdade* (ânsia por liberdade individual) ; *sectarismo; mau-trabalho bom-relatório; excesso de democracia* (proceder democràticamente demais para com seus superiores) ; *insatisfação* (com o regime), e muitas outras.

A lista completa era muito comprida, e o extraordinário era que tôdas estas 'moléstias' eram atribuidas ùnicamente à classe dos proprietários de terras. Mas os membros do partido podiam ficar contagiados, assim êstes também deveriam aprender a combatê-las. Além disso, era exigido que estudassem um capítulo especial sôbre o 'procedimento correto de um membro do partido para com seus colegas não-partidários'. Era explicado aos membros do partido que estas 'moléstias' eram causadas pela mentalidade de pequena burguesia contra a qual deviam começar uma luta tenaz. Isto não era logo mencionado aos quadros não-partidários. (O autor não era membro do partido e assim não sabe de maiores detalhes com respeito aos ensinamentos especiais dispensados pelo partido a seus membros.)

Os membros faziam suas confissões em separado, porém presenciavam as confissões públicas feitas pelos membros não-partidários. Estas confissões eram tôdas relacionadas com as diversas 'moléstias', das quais a mais notável dizia respeito à 'regressão' — um termo novo para adultério. Era nestas ocasiões que muitas pessoas, seguindo a melhor tradição de Jean-Jacques Rousseau e com a verve de Françoise Sagan, confessavam abertamente casos amorosos extra-matrimoniais com amigas, colegas, primas e até mesmo suas irmãs. Em uma certa ocasião, um jovem que era considerado como estando sèriamente atingido por tal 'moléstia' em particular foi convidado para fazer uma confissão pública. Após enumerar seus feitos à la Casanova com riqueza de detalhes que muito interessaram à tôda a audiência, êle terminou dizendo: 'Agora, graças ao partido, estou plenamente consciente da enormidade de meus crimes, e tão envergonhado que não ouso encarar uma de minhas antigas

vítimas que está também aqui presente.' Esta bomba inesperada causou imediata confusão e indignação entre o grupo feminino. Mais tarde houve rumores que a maliciosa confissão fôra uma tentativa sórdida de vingança contra uma pobre moça que abandonara o jovem por um de seus colegas, também presente à reunião. Esta anedota mostra que nem sempre as confissões eram motivadas pelo desejo de punir uma alma pecadora.

O adultério, de fato, parecia estar disseminado através a zona comunista. Para começar era tolerado, pois o partido desejava que as mulheres se sentissem completamente libertadas de todos os 'laços feudais', inclusive a castidade e a fidelidade conjugal. O divórcio foi facilitado. A dança, que durante séculos foi ignorada pelos vietnamitas, passou a ser obrigatória e em muitos lugares as camponesas tinham que executar alguns passos de uma nova dança antes de terem permissão para entrar no mercado. O termo 'senhorita' foi considerado como sendo feudalista e banido do vocabulário do país. Em consequência, as mulheres de tôdas as idades, casadas ou solteiras, eram tratadas como 'camaradas' (entre os membros do partido) ou 'irmã', e tôdas usavam seu nome de solteira. A Sra. Le Van Hien que era, e ainda é, Presidente da Associação Feminina, é chamada Irmã Le Thi Xuyen (seu nome de solteira). Os adolescentes tinham liberdade para sairem juntos 'a fim de tentar um entendimento mútuo' sem primeiro obterem permissão de seus pais. Uma estudante foi criticada em uma discussão de contrôle do partido como sendo feudalista simplesmente porque se recusou ser fotografada com um rapaz de sua classe quando êste pediu para que o fizesse. Devemos admitir, lealmente, que apesar de alguma vida desregrada entre os jovens, a política do partido de remover as antigas barreiras entre homens e mulheres, estabelecidas pela tradição confuciana, teve alguns bons resultados. As mulheres do Vietnã do Norte são atualmente muito menos tímidas em sociedade que suas irmãs do Sul, para não falarmos de mulheres em outros países asiáticos. Mas os comunistas devem ser censurados por sua intenção não confessada de favorecer o divórcio, uniões livres e coisas semelhantes, não com o fim de

alcançar uma verdadeira emancipação, mas simplesmente para minar a autoridade do chefe da família e substituí-la pelo contrôle do partido. Por exemplo, os jovens com menos de dezoito anos que querem se casar ainda devem, pela lei, pedir permissão e seus pais, porém na prática isto não é necessário já que não há lugar reservado na certidão de casamento para as assinaturas dos mesmos. Por outro lado, em 1951 o partido publicou um regulamenta relativo aos membros do partido servindo na administração ou no Exército do Povo, declarando que os quadros de nível rural e os soldados deviam informar ao partido antes de se casarem, que os quadros de níveis distrital e provincial e os oficiais não comissionados deviam obter o assentimento do partido para seus casamentos, e que as combinações matrimoniais dos funcionários mais elevados no partido e de oficiais no Exército do Povo são assunto do partido. Na realidade, o amor foi despojado de suas qualidades sociais e emocionais e completamente subordinado às exigências políticas.

Voltando à 'regressão' ou adultério: o fato de ser tão praticado não era devido sòmente à indulgência do partido durante os primeiros anos do regime, mas também às condições de vida em um país devastado pela guerra, as quais favoreciam a cohabitação e promiscuidade entre homens e mulheres. Pessoas de ambos os sexos frequentavam reuniões e classes noturnas em número excessivo, e estudantes e funcionários públicos viviam permanentemente em casas de camponeses onde as mulheres muitas vêzes ficavam sós por longos períodos. Isto porque os homens da família estavam ausentes a 'serviço do trabalho do cidadão' às vêzes durante meses. As casas dos camponeses eram frequentemente usadas por viajantes que eram obrigados a viajar à noite e tinham permissão para bater em qualquer porta e pedir hospitalidade. Como resultado, o adultério era frequente entre o homem no dever de trabalho do cidadão e a mulher que o acolhia em sua casa enquanto seu marido estava ocupado com o mesmo dever em outro lugar. A situação chegou a um ponto em que muitos camponeses se recusaram a ir na obrigação do trabalho de cidadão, recorrendo a qualquer desculpa que lhe permitisse ficar em casa para que

pudessem proteger suas mulheres dos visitantes noturnos. O partido compreendeu o motivo verdadeiro e desde então a 'regressão' foi criticada pùblicamente.

Houve também muitos casos de bigamia, um problema para o qual os legisladores do Vietnã do Norte não puderam encontrar uma solução adequada. Muitos perderam contato com suas mulheres depois de uma fuga apressada dos ataques franceses, e, para evitar a solidão durante o período na zona de guerrilhas, que temiam se prolongasse indefinidamente, tinham se casado com outra mulher encontrada no exílio. Muitos funcionários haviam também enviado suas mulheres para a zona ocupada a fim de procurarem algum auxílio financeiro por parte de suas famílias que lá viviam, porém grande número destas damas da pequena burguesia preferiram não voltar à zona de guerrilhas. Alguns homens tiveram permissão para casar; ao ser restaurada a paz, êles se viram com duas esposas, uma vivendo na cidade, e a outra, sua 'esposa da Resistência', trazida da zona de guerrilhas. Havia também muitos membros eminentes do partido que desejavam obter mulheres que fôssem suas iguais tanto social como pològicamente. Êste foi o caso, por exemplo, de Hoang Minh Giam, ministro da Cultura, Tran Huy Lieu, antigo ministro da Propaganda, e Dang Kim Giang, ministro de Munições. Houve rumores que essas pessoas passaram por maus instantes quando de suas confissões sôbre tal assunto. Foi mencionado que Ho Chi Minh levou muitas horas explicando a Tran Huy Lieu que era errado ter três esposas, especialmente quando a que êle mais gostava era uma proprietária de terras, a viúva de Pham Giao, um antigo reacionário que fôra morto pelo Vietminh em 1945.

Devemos notar, entretanto, que no Exército do Povo, os soldados procediam bem diferentemente e raramente cometiam qualquer espécie de 'regressão'. A disciplina no exército era muito rígida, e os casos de estupro eram passíveis de pena de morte. A razão desta severidade excessiva era a necessidade de assegurar uma conduta irrepreensível da parte do exército para com a população especialmente nas áreas recém libertadas, já que se esperava que estas fôssem conquistadas para a causa da

Resistência. Foi a disciplina férrea do soldado comunista, em contraste marcante com o procedimento do legionário francês, que assegurou o apôio da população à Revolução, e que consequentemente têve uma parte importante na vitória dos comunistas sôbre a França.

A historieta seguinte dá um exemplo da disciplina estrita imposta aos soldados comunistas. Durante a campanha de Tay-Bac em 1950, as tropas comunistas aquarteladas em Son-La (uma província vietnamita habitada por tribus Thai) eram frequentemente provocadas pelas moças locais que viviam na encosta ocidental da Cadeia Anamita. Diferente das jovens vietnamitas, elas não estavam presas às tradições confucianas e por isso eram muito menos tímidas, estando sempre prontas para flertarem com qualquer um que visitasse sua aldeia. Para sua surpresa e aborrecimento elas logo descobriram que os soldados comunistas permaneciam impassíveis a seus avanços, e foi amplamente comentado entre elas que Tio Ho mandara castrar todos seus soldados antes de enviá-los para a guerra.

É interessante notar que, enquanto a prostituição era proibida e tôda 'regressão' severamente punida, os soldados casados geralmente não conseguiam licença para irem às suas casas. Dizia-se que isto era necessário a fim de manter um forte espírito de luta entre os soldados, e poderia ser verdade já que era assim que surgiram as brigas de galo e as corridas de cavalos. Assim, o ascetismo e a vida livre se alternavam e eram empregados lògicamente para servir a Revolução. Esta capacidade em empregar atitudes e medidas diferentes para com os diversos setores da comunidade ilustra melhor que qualquer outra coisa o modo com que os comunistas dominavam a arte de usar todos os meios para atingir um único fim.

V. DOUTRINAÇÃO PARA REFORMA AGRÁRIA

Como já mencionamos anteriormente, a meta principal do curso de treinamento correcional de 1953-54 foi preparar psicològicamente o caminho para a Reforma

Agrária forçando os estudantes a aceitar a necessidade de tal fato e também, e especialmente, a maneira pela qual o partido desejava executá-la. Na realidade, o partido já era onipotente, porém se recusava a impor a chamada reforma por meio de regulamentos governamentais na maneira habitual, preferindo fazê-lo 'dando liberdade às massas', o que significava violência da parte da multidão. Portanto, nesta parte do curso, as principais lições eram organizadas em tal ordem que os estudantes poderiam ser levados de um patriotismo natural e espontâneo à aceitação final da técnica de Mao para a Reforma Agrária. Esta operação ideológica tomou o aspecto de um processo de persuasão de múltiplas fases.

Como introdução, alguns dos pontos pertencentes aos primeiros estágios do curso fôram re-acentuados. O colonialismo francês é a coisa mais diabólica sôbre a terra; portanto, quem é patriota, tem o sagrado dever de lutar contra os agressores franceses. Os nacionalislistas falharam em suas sucessivas tentativas porque não conseguiram mobilisar o grosso da população. Agora, graças aos ensinamentos de Tio Ho e Tio Mao — gloriosos discípulos de Marx, Lenine e Stalin — sabemos como conquistar os camaradas camponeses. Sua participação na luta trouxe muitos sucessos importantes, os quais constituem atualmente a fôrça principal da Resistência.

Quando êstes pontos ficaram bem gravados, a doutrinação da Reforma Agrária pròpriamente dita começou.

1. Os camaradas camponeses são, por natureza, profundamente realistas. Êles lutam e suportam muitos sacrifícios de bom grado, porém querem receber em troca e sem demora certas compensações materiais e morais. Assim, para manter seus esforços, devemos encorajá-los e auxiliá-los dando-lhes terra suficiente para cultivar e inteira autoridade para 'moldar seu próprio destino'.

2. As linhas gerais da política do partido têm sido certas, contudo houve um êrro sério quando aceitou a classe dos proprietários de terras em suas fileiras e considerou-a como um dos quatro participantes da democracia popular. Agora está claro que longe de serem ami-

gos do povo, êles têm sido e continuarão a ser os inimigos mortais da democracia popular.

3. Entretanto, ninguém, a não ser os camaradas camponeses, está em posição de reconhecer com exatidão quem é proprietário de terras e até onde cada um dêsses é reacionário e criminoso. Portanto os camaradas camponeses deverão ter inteira liberdade para denunciá-los e puní-los. Quanto ao partido, êle guiará a 'luta' mas não interferirá.

Devemos notar a êste respeito que tal técnica de Reforma Agrária, originalmente planejada por Mao para a China, não estava inteiramente em concordância com a situação no Vietnã pois, no que dizia respeito ao problema dos proprietários de terras, os dois países apresentavam as seguintes diferenças importantes:

a) O feudalismo era muito forte na antiga China e continuou assim sob o regime do Kuomintang. Em geral os proprietários de terras chineses eram ao mesmo tempo senhores de guerra. Comandando seu próprio exército e mantendo a lei em suas mãos, êles estavam inteiramente livres para explorar e oprimir a classe camponesa chinesa como os reis de antigamente. Por outro lado, o Vietnã era uma nação de antecedentes 'indonésios' onde o espírito de comunidade, assim como vestígios significativos de um comunismo primitivo, ainda prevaleciam. As terras comunais, por exemplo, representavam cêrca de 20% do total da área cultivada; realmente, em alguns distritos, tôdas as terras cultivadas eram terras comunais. A propriedade privada era sem dúvida desigual, mas tal desigualdade nada tinha em comum com as desigualdades chinesas de direito de posse. Além disso, parecia ser menos excessiva que em outros países. Os números seguintes relativos à distribuição de propriedade de terras no Vietnã antes da Segunda Guerra são bastante demonstrativos.[2]

2. Os números dêste quadro fôram dados por Y. Henri, na *Economia Agrícola da Indochina* (Hanoi 1932), e reproduzidos na *Xa Thon Viet Nam*, publicação oficial da RDV (Editôra Van Su Dia, Hanoi, 1959), p. 62.

Arrozais	Tonkim		Anam		Cochinchina	
	Propriet. de terras %	Superf. de terras %	Propriet. de terras %	Superf. de terras %	Propriet. de terras %	Superf. de terras %
Acima de 50 Ha (123 acres)	0-10	20	0-13	10	2-46	45
De 5 a 50 Ha (12-3 a 123 acres)	8-35	20	6	15	25-77	37
Menos de 5 Ha (12-3 acres)	90-88	40	93-90	50	71-73	15
Terras comunais		20		25		3

(b) A China era um país independente e os proprietários de terras chineses tinham a proteção do govêrno Kuomintang, enquanto o Vietnã era uma colonia dominada por conquistadores estrangeiros. Assim, embora sendo uma classe exploradora, os proprietários de terras vietnamitas eram êles próprios explorados e oprimidos pela administração colonial. Sendo êles também umas vítimas do colonialismo, estavam em oposição permanente aos franceses e, de fato, constituiram o principal apôio da Revolução vietnamita, pelo menos quanto às contribuições financeiras. Tal atitude continuou mesmo durante os períodos da Resistência e do Vietminh (i.e. até o momento em que de repente deixaram de ser 'um sustentáculo da democracia popular' e se tornaram 'inimigo do povo').

(c) Embora o confucionismo tivesse tido sua origem na China, há muito tempo que seu código de moral deixara de ser observado em muitas partes daquêle país. Por outro lado, os vietnamitas, apesar de receberem os ensinamentos de Confucio em segunda mão, mantiveram o que aprenderam com seus antigos conquistadores em uma forma mais pura até os dias atuais. De fato, a China foi governada durante séculos por imperadores despóticos, cruéis senhores de guerra e impiedosos bandidos, e o povo chinês viveu, mesmo após a revolução de 1911, em um estado de mais ou menos anarquia. Por outro lado, o Vietnã foi governado, quase contìnuamente, desde a realeza até as aldeias, por uma hierarquia de sábios confucianos, e não por uma pirâmide de pessoas ricas.

(d) Durante as últimas oito décadas, o Vietnã foi uma colonia francesa e, consequentemente, o povo vietnamita esteve, em comparação com o chinês, em contato mais íntimo com a civilização ocidental. Um contato tão repentino e direto produziu certamente muitos efeitos prejudiciais na sociedade vietnamita, porém, por outro lado, seus aspectos positivos não fôram menos importantes. Entre êstes estava um respeito novo pela lógica e pela razão; como resultado disso, os vietnamitas, e especialmente os intelectuais ocidentalizados, se inclinavam em rejeitar o puramente arbitrário e ilógico. A proporção do total da população que poderia ser descrita como intelectual era muito maior no Vietnã que na China.

Tôdas essas diferenças, combinadas com as numerosas outras em diversos setores, indicavam uma ampla divergência entre as sociedades chinesa e vietnamita, e consequentemente, a técnica chinesa de Reforma Agrária era menos apropriada ao problema vietnamita que ao de sua pátria. Esta crítica, naturalmente, não quer dizer que a técnica de Mao era inteiramente apropriada à situação em seu próprio país ou à mentalidade de seu próprio povo.

Era, portanto, bastante evidente que os líderes do Partido. Lao-Dong tinham que enfrentar sérias dificuldades quando tentaram forçar os intelectuais vietnamitas ocidentalizados a aceitar o detalhado plano chinês, ou como diziam algumas pessoas, forçar a pílula chinesa pela garganta vietnamita. Uma tal tentativa foi feita no decorrer da quinta e última lição do curso de treinamento correcional de 1953-54, a qual sendo um truque um tanto de escamoteação, merece uma atenção especial e uma análise detalhada.

O principal documento estudado nesta lição foi o relatório apresentado por Truong Chinh, secretário-geral do Partido Lao-Dong naquela época, à Primeira Conferência Nacional realizada de 14 a 23 de novembro de 1953. Êsse famoso relatório foi publicado em francês e inglês em 1955 pelo Ministério de Cultura e Informação da RDV. [3]

Os principais argumentos de Truong Chinh como são revelados nêsse relatório darão aos leitores detalhes interessantes quanto aos processos de explicação, justificação, justificação e persuasão do partido. Fôram dados sub-títulos a cada parágrafo citado com a intenção de resumir a idéia geral de Truong Chinh e traduzir para uma linguagem comum o que está escondido por trás de seu processo de 'duplo significado'. Em substância eis o que êle escreveu:

3. Truong Chinh, *Para a realização da reforma agrária* (edição em língua estrangeira, Hanoi, 1955).

O regime de exploração.

É aproximadamente verdadeiro que os proprietários vietnamitas, que representam menos de 5% da população, junto com os imperialistas estrangeiros, estão de posse de cêrca de 70% de tôdas as terras no Vietnã, enquanto os camponeses, que compõem cêrca de 90% da população, têm sòmente cêrca de 30% das terras.

Se as terras fôssem justamente distribuidas, cada fazendeiro teria direito a que área?

Em todo o país a área total de terra dedicada à plantação de arroz ... alcança 5 milhões de hectares. Se há 5 milhões de famílias no país, então cada família tem direito a um hectare.

Os proprietários de terras vietnamitas e os imperialistas franceses são aliados.

Desde a dominação francesa, a classe proprietária vietnamita tem se apoiado sôbre os imperialistas para explorar e oprimir mais do que nunca os camponeses.

Ambos são nossos inimigos. Devemos destruí-los.

A destruição do imperialismo e do feudalismo é o principal objetivo da Revolução vietnamita pois imperialismo e feudalismo *são os dois principais inimigos do povo vietnamita* (em itálico no texto original). Para derrubar o imperialismo ... devemos ao mesmo tempo derrubar o feudalismo. Recìprocamente, a fim de derrubar o feudalismo devemos, ao mesmo tempo, derrubar o imperialismo.[4]

Não é suficiente ser anti-colonialista; devemos ser também comunista.

As duas tarefas da luta anti-imperialista e anti-feudalista são inseparáveis. Devemos combater a tendência de isolar a tarefa anti-imperialista da anti-feudalista, e considerar os imperialistas como o inimigo principal e os feudalistas como secundários. (*"Tarefa anti-imperialista" significa guerra anti-colonial. "Tarefa anti-feudalista" significa liquidação da classe proprietária de terras.*)

Um programa de dois estágios.

Nossa reforma agrária será realizada em duas etapas:

1. Redução do aluguel de terras, para enfraquecer a posição econômica dos feudalistas — o primeiro passo na derrubada da autoridade política feudalista.

2. Reforma Agrária, abolição da propriedade de terras dos feudalistas, liquidação da autoridade política dos feudalistas.[5]

É verdade que os proprietários de terras são traidores?

À medida que a guerra se torna cada dia mais implacável, a classe proprietária feudal surge cada vez mais reacionária... Durante a atual campanha para Redução do Aluguel da Terra, e no decorrer da recepção das acusações testimoniais das massas, tivemos prova de tal fato pois descobrimos muitos casos de proprietários de terras que faziam espionagem e organizavam rêdes de informação para o inimigo. Também estabeleceram bases em nossa retaguarda para comandos inimigos, dirigiram diversas organizações reacionárias cujo fim é sabotar nossa política governamental — impostos, política agrária, mobilização trabalhista, etc... Muitos dêles assassinaram membros dos quadros, incendiaram casas de camponeses, envenenaram os poços, guiaram aviões inimigos aos alvos para suas bombas e metralhadoras. (*"Acusação testimonial" significa denúncia pública por supostos crimes, como os enumerados por Truong Chinh, os quais evidentemente são pura invenção.*)

Nossos êrros.

Durante êsses anos nós alimentamos uma concepção unilateral da aliança nacional... Muitas vêzes sub-estimamos a magnitude da luta anti-feudalista, e deixamos de compreender que uma luta anti-feudalista ativa serve fundamentalmente a luta anti-imperialista e apressa seu sucesso.

Porque não imitamos o camarada Mao e esperamos até o fim da guerra anti-francesa?

Nós aplicamos as experiências da revolução chinesa durante os oito anos da guerra japonesa. Entretanto, a revolução chinesa se contentou com a redução do aluguel de terras, simplesmente porque os chineses tinham que cooperar

---

4. "Feudalismo" significa simplesmente "propriedade de terras". Os comunistas usam o têrmo feudalismo em lugar de propriedade de terra com duas finalidades: iludir os senhores de terra vietnamitas e não deixá-los perceber que sua vez chegará depois da dos franceses e, segundo, fazer com que os observadores estrangeiros acreditem que a propriedade de terras no Vietnã tinha um caráter feudal. A verdade é que o senhor de terra feudal deixara de existir no Vietnã em 1883, quando o imperador Tu Duc confiscara todos os campos feudais e os transformara em terras comunais. Desde então tôdas as propriedades territoriais, com exceção de algumas "concessões" (terras devolutas dadas a algumas pessoas por reclamação) fôram adquiridas por meio de compra regular.

5. Êsse processo de dois estágios será descrito nos capítulos Treze, Quatorze e Quinze, referentes à Reforma Agrária.

com o govêrno de Chiang Kai-shek a fim de resistir à agressão japonesa. Aquêle govêrno representava a classe proprietária de terras e a burguesia democrática. Nós, em nossa pátria, não temos êsse problema, portanto não há necessidade para nós limitarmos nossa política agrária à redução do aluguel de terras.[6]

Corrigiremos nossos êrros.

Nosso partido é um partido marxista-leninista o qual está acostumado a praticar a crítica e a auto-crítica a fim de alcançar o progresso. Admitimos francamente nossos êrros e estamos firmemente resolvidos a corrigi-los.

Para liquidar os senhores de terras devemos isolá-los dos camponeses.

Devemos confiar nos camponeses pobres e assalariados... Devemos nos unir também aos camponeses da classe média. ... Ora, para alcançarmos isto, devemos considerar seus interesses, fazê-los conscientes de seus interesses de classe e infundir nêles o espírito da frase: "Camponeses pobres, assalariados e de nível médio são todos irmãos da mesma família".

Quanto aos camponeses ricos, devemos procurar um entendimento com êles no plano político. (*i.e. não são punidos, mas devem ficar quietos*); no lado econômico, devemos manter intato seu modo de exploração agrícola. (*Isto foi respeitado sòmente por um ano.*)

O entendimento com os camponeses ricos isola eficazmente a classe proprietária de terras — esta ação muito facilitará sua derrubada — e atrai os camponeses ricos para as fileiras da Resistência, enquanto, ao mesmo tempo, acalma os espíritos dos camponeses de nível médio. Se depositamos tôda nossa confiança nos camponeses pobres e assalariados, e nos unimos aos camponeses de nível médio, é com o fim de liquidar, passo a passo, o regime de exploração feudal.

---

6. Aqui a redução do aluguel de terras (como foi realizada na China no período pré 1949) difere enormemente da campanha para Redução do Aluguel da Terra proposta por Truong Chinh, a qual não é nenhuma redução de aluguel de terras, mas sim a primeira fase da Reforma Agrária. Em linguagem clara eis o que êle queria dizer: "Os senhores de terras chineses tinham o govêrno do Kuomintang para defender seus interêsses. Assim, não foi possível ao camarada Mao liquidá-los durante êste período de franca aliança com Chiang Kai-shek. Quanto aos senhores de terras vietnamitas, embora cooperem conosco, não têm nenhum govêrno aliado para defendê-los, portanto não há necessidade para que nós adiemos seu extermínio para mais tarde."

Fazemos isto para aumentar a produção e ativar a Resistência.

Porque fazemos duas campanhas?

A Redução do Aluguel de Terras é o primeiro passo e a Reforma Agrária o segundo em um único processo político. Começamos com a Redução do Aluguel de Terras a fim de preparar o terreno para a Reforma Agrária.

Porque agimos em ondas sucessivas?

Para executar a política agrária em uma escala nacional, devemos nos arriscar a uma guerra com as fôrças que se opõem a nós. São as regras da guerra que decidem o resultado. (*A Reforma Agrária só era levada a cabo nas aldeias firmemente controladas pelos comunistas, nunca nas áreas fronteiras às zonas ocupadas pelos franceses*)

Devemos executar nossa Reforma Agrária por etapas, primeiro nas áreas consideradas mais apropriadas, e depois em outras áreas, mas não em tôdas ao mesmo tempo. (*Não era executada em áreas habitadas por minorias étnicas onde a população não fôra suficientemente doutrinada.*)

Não se apavorem! Nós faremos distinção.

A classe feudal proprietária de terras é reacionária. Entretanto, temos no momento em nosso país três categorias de proprietários de terras:

1. Proprietários traidores, reacionários, cruéis e malvados;
2. Proprietários regulares;
3. Proprietários que participaram da Resistência, entre os quais há um certo número de progressistas.

Você estará seguro se aderir à política do partido.

Nosso procedimento se alterará dependendo da atitude política de cada categoria de proprietários de terras.

Se você é "bom" nós não confiscaremos sua propriedade: em vez disso nós a compraremos.

Após estabelecer as diversas categorias de proprietários, e levando em consideração as diferentes espécies de terra, é aconselhável usar os seguintes meios para tirar dos imperialistas e feudalistas seu direito à propriedade:

1. Confisco.
2. Requisição sem compensação.
3. Comprar por requisição (*uma venda compulsória a um prêço fixado pelo estado*).

O relatório de Truong Chinh foi seguido pela Lei da Reforma Agrária, a qual dispunha sôbre o método de aplicação. Tanto o relatório como a lei são obras primas da literatura oficial comunista.

Voltando aos estudantes que liam o relatório do Truong Chinh: êles mantinham uma discussão detalhada sôbre o relatório a qual durava mais de dez dias. Na verdade muito poucos dentre os participantes do curso de treinamento correcional ficavam convencidos pelos argumentos de Truong Chinh, pois continham muitas falhas óbvias. Ninguém negava o fato que, até então, as terras eram distribuidas desigualmente no Vietnã — como em qualquer país não-comunista — ou que havia proprietários de terras que exploravam e oprimiam os camponeses. Ninguém se opunha ao conceito da reforma agrária que traria uma distribuição mais equilibrada. Mas não podiam aceitar os números estravagantes relativos à distribuição de terras no Vietnã, inventados por Truong Chinh para justificar a violência das duas campanhas. Êle alegava que nêsse país menos de 5% da população explorava 90% da mesma. Incluía entre os 'explorados' cêrca de 2.000.000 de citadinos que não tinham nenhuma terra, e mais 2.000.000 pertencentes a tribus que ou eram nômades ou semi-nômades, ou não estavam sujeitos ao impôsto territorial porque suas terras na selva ainda não tinham sido vistoriadas. Incluía também os camponeses da classe média, os quais constituíam o grosso da classe proprietária de terras (90-80% no Anam e 71-73% na Cochinchina).[8] Truong Chinh afirmava que os donos de terras vietnamitas, junto com os imperialistas, mantinham em seu poder cêrca de 70% das terras do país. Êste número incluía tôdas as terras comunais, que representavam cêrca de 20% do total das terras e que, segundo o costume tradicional, eram sempre distribuidas igualmente entre os habitantes da aldeia. Mas como Truong Chinh poderia considerar tais terras

7. Decreto Presidencial Nº 197-SL, assinado pelo presidente Ho Chi Minh, e votado pela Assembléia Nacional a 4 de dezembro de 1953.

8. Citado do *Xa Thon Viet Nam* (Editora Van Su Dia, Hanoi, 1959).

comunais como estando em poder dos proprietários? Êle respondeu a essa pergunta quando foi feita em um curso de treinamento correcional dizendo: 'Essas terras são comuns sòmente em teoria, porém na prática fôram arrebatadas pelos perversos exploradores dos camponeses. Tomaram tais terras para si mesmos por astúcia e fraude.' Contudo, em uma publicação ulterior a respeito do problema agrário, o partido foi forçado a admitir que:

> ... o costume de terras comuns existiu desde os tempos antigos, e o princípio da distribuição igualitária dessas terras se tornou uma tradição profundamente enraizada entre as massas vietnamitas, pela qual lutaram constantemente para preservar. Enquanto existir tal costume, o princípio de participação igual não pode ser abolido, pois os proprietários de terras, mesmo quando contam com a administração colonial, não podem se apropriar de tôdas as terras comunais para dividir entre si.[9]

Truong Chinh incluiu também entre os imperialistas tôdas as vastas plantações de borracha, chá e café as quais eram, em sua maior parte, pertencentes a colonos franceses que as haviam criado em terras devolutas em áreas de onde a malária havia sido eliminada. Os coolies vietnamitas que cultivavam essas terras para os franceses eram, sem dúvida, bàrbaramente explorados, porém tais plantações que não existiam antes da colonização francesa não podem ter sido 'arrebatadas' pelos imperialistas como afirmava Truong Chinh.

A promessa de Truong Chinh de dar a cada vietnamita um hectare de arrozal era fàcilmente revelada como hipócrita. Embora seu cálculo sôbre a divisão dos 5 milhões de hectares de arrozais entre os 5 milhões de famílias fôsse correto, êle deixou de mencionar que 2/3 de milhão dos 5 milhões de hectares se encontravam no extremo sul do Vietnã, e não no norte densamente populoso onde êle pretendia realizar a reforma agrária. A fim de dar a cada fazendeiro seu prometido hectare, o partido teria que transportar pelo menos metade da população cêrca de mil milhas para o sul, e certamente não era isto que o partido pretendia.

9. *Ibid.*

O hábito de Truong Chinh se referir aos proprietários de terras vietnamitas como feudalistas tinha como propósito confundir as pessoas e fazê-las acreditar que havia um poderoso elemento feudalista no Vietnã que precisava ser esmagado. Ao ser interrogado sôbre o uso da palavra, êle replicava vagamente que 'a propriedade da terra se origina do feudalismo'. Os estudantes compreenderam que Truong Chinh queria dar aos proprietários uma má reputação simplesmente para 'enforcá-los', e perceberam também que todos os outros crimes atribuidos à classe proprietária tinham o mesmo fim. Após dez dias de discussão detalhada, era óbvio que o relatório de Truong Chinh tinha como propósito simplesmente camuflar a sinistra meta do partido. Essa era a liquidação da indefesa classe dos proprietários de terras que durante anos serviram à Resistência e ajudaram o Partido comunista a alcançar e consolidar seu poder.

O debate sôbre o relatório parecia ser tão animado como os das lições anteriores, mas ao mesmo tempo, ao chegar ao fim, tôda a classe concordou prontamente com o ensinamento do partido. Aceitaram, com menos relutância que a anteriormente demonstrada, a necessidade da Reforma Agrária e a maneira violenta pela qual o partido desejava realizá-la. Era simples a razão para tal docilidade. A maioria dos estudantes eram êles mesmos proprietários, e esperavam que, concordando com o partido, seriam classificados como proprietário da 'resistência' ou 'regulares', como fôra definido no relatório, quando a Reforma Agrária eventualmente chegasse até suas aldeias. Jamais haviam cometido qualquer crime contra os camponeses; como ativistas e funcionários do govêrno, tinham participado do Movimento da Resistência. Portanto, o rumo mais prudente era ficar do lado do partido em sua luta contra os chamados traidores e reacionários proprietários de terras, ou pelo menos dar a impressão de fazê-lo. Assim, ao término da lição, todos se esforçaram para provar à equipe de professores que aceitavam inteiramente a explicação de Truong Chinh. Como resultado, essa última lição acabou em um sentimento geral de entusiasmo e um grito estrondoso de 'Abaixo os proprietários!'

Apesar disto, em caminho para suas casas, os estudantes não puderam deixar de recordar que, quando Ho Chi Minh se dirigira pessoalmente ao curso, usara uma alegoria surpreendente a fim de elucidar sua própria política: 'Os imperialistas são como tigres enquanto os proprietários de terras são como as moitas onde os tigres se escondem. Assim, para expulsar os tigres de nosso meio, devemos necessàriamente destruir ao mesmo tempo todas as moitas.' Embora êles pudessem estar seguros, seus pais e parentes eram agora considerados tigres e suas casas familiares como sendo os antros dos mesmos, todos destinados à destruição em um futuro próximo.

QUINTA PARTE

REFORMA AGRÁRIA

"Para corrigir um êrro, devemos ultrapassar o limite do direito."

Mao Tse-tung (*Relatório sôbre o Movimento Camponês na Província de Hunan.*)

13.

PRINCÍPIOS GERAIS SÔBRE A REFORMA AGRÁRIA

A Reforma Agrária foi realizada em duas campanhas sucessivas: a Campanha da Redução do Aluguel de Terras durante os anos de 1953 e 1954; a Campanha da Reforma Agrária pròpriamente dita nos anos de 1954 e 1956.

A segunda campanha foi interrompida em 1955 devido ao êxodo em massa de perto de um milhão de pessoas do Vietnã do Norte para o do Sul. Isto aconteceu durante o período de 300 dias concedido pelos Acôrdos de Genebra que permitia liberdade de movimentos entre as duas zonas. Os comunistas pararam temporàriamente o terror para evitar um êxodo ainda maior. Mas depois que Haiphong foi fechado, o último porto por onde se podia fugir, êles imediatamente recomeçaram a campanha. Desta vez, entretanto, ao realizarem a mesma política na área recém liberada, o densamente populoso Delta do Tonkim, êles fundiram as duas campanhas em uma única, e os programas da Redução de Aluguel de Terras e de Reforma Agrária fôram consumados em uma única onda de terror.

Essas duas campanhas tinham um só propósito, a saber, o aniquilamento da classe proprietária de terras e o subsequente estabelecimento de uma ditadura proletária no país. A técnica usada nas duas ocasiões foi quase exatamente a mesma, a única diferença notável

sendo o grau de violência e a natureza da riqueza confiscada em cada campanha do mesmo proprietário. Em linguagem clara, a primeira campanha tinha por fim suprimir os mais ricos entre a burguesia da aldeia, que eram descritos como os 'principais reacionários', e confiscar o dinheiro, joias ou quaisquer outros objetos preciosos que se suspeitava terem escondido ou confiado a seus parentes. A segunda campanha era dirigida contra o restante da burguesia da aldeia, descrita como 'reacionários secundários'. Êsses últimos constituiam a maior parte da classe possuidora de terras; como eram relativamente pobres, não eram suspeitos de ter tesouros escondidos. Essa segunda campanha serviu também como um método 'legal' para confiscar terras, casas, móveis e pertences pessoais das duas categorias de reacionários: eram simplesmente expulsos de suas casas de mãos inteiramente vazias. Os detalhes dessa técnica de provocar ondas de terror e confiscar propriedades durante as duas campanhas serão discutidos em capítulos posteriores. Mas para compreender como e porque foi realizado o extermínio da classe proprietária em duas etapas separadas, vamos citar o exemplo seguinte.

Suponhamos que em uma determinada aldeia há vinte e seis famílias conhecidas como A, B, C, D e assim por diante, em ordem alfabética segundo seu grau de riqueza, A sendo a mais rica e Z a mais pobre. No início da campanha de Redução do Aluguel de Terras, o partido ensinou os camponeses como classificar a população em diferentes classes sociais de acôrdo com o Decreto de Classificação da População [1] o qual era cuidadosamente estudado por êles durante dez dias. Podiam então classificar a população de sua aldeia da seguinte maneira:

1. Na realidade há dois Decretos de Classificação de População: o Decreto Governamental "provisório" Nº 239/B TTG, publicado em 5 de março de 1953, e traduzido e citado no *Conflito na Indochina e Repercussões Internacionais,* editado por Allen B. Cole (Universidade de Cornell, Ithaca, 1956); e o Decreto Governamental "definitivo" Nº 472 TTG, publicado em 1º de março de 1955, o qual incorporava algumas cláusulas adicionais, tôdas com o fim de dar uma aparência de maior brandura.

A, B, C: proprietários.
D, E, F: camponeses ricos.
G, H, I, J: camponeses de nível médio fortes.
K, L, M, N: camponeses de nível médio médios.
O, P, Q, R: camponeses de nível médio fracos.
S, T, U, V: camponeses pobres.
e W, X, Y, Z: camponeses assalariados ou sem terras.

O partido pôs então em prática seu famoso slogan: 'Apoiar-se completamente nos camponeses pobres e sem terras, unir-se com os de nível médio, procurar um entendimento com os camponeses ricos [2] e liquidar os proprietários de terras'. Instava com o povo de G a Z a formar uma aliança única e abrir luta contra os infelizes A, B e C, que eram proclamados como sendo proprietários. D, E, e F, que vinham na classificação geral após os condenados A, B e C, não tinham permissão para se juntarem à esta luta heróica, porém sua segurança era garantida; e era isso que significava a expressão 'procurar um entendimento com os camponeses ricos'. Essas pessoas naturalmente se rejubilavam ao saber que eram classificados como camponeses ricos pois temiam ser considerados como proprietários de terras, já que a linha divisória entre os dois era por demais obscura e elástica para qualquer grau de segurança.

Os camponeses de nível médio aos quais fôra concedida a honra de se alinharem com os camponeses pobres e sem terras (chamados 'classes das fôrças internas na luta histórica') também se regozijaram pois agora se sentiam seguros sob o novo regime. Assim, para provar

2. Em 1953, essa parte do slogan dizia: "Isolemos o camponês rico", porém devido ao terror em que êles viviam (por causa de uma confusão geral entre o "isolamento político" e o "isolamento econômico", que será discutido mais tarde) ela foi reduzida em 1954 para: "Procuremos um entendimento com os camponeses ricos". Isso é citado segundo a tradução oficial, mas o têrmo vietnamita era *Lien-hiep phu-nong* que realmente devia ser traduzido como: "Façamos uma aliança com os camponeses ricos".

ao partido que mereciam realmente esta honra, êles se uniram sem restrições na luta contra os infelizes A, B, e C. Na prática o resultado foi geralmente que A foi fuzilado pùblicamente, enquanto B e C recebiam sentenças diversas de trabalhos forçados. Entretanto, êste não foi o fim do assunto pois, cêrca de um ano mais tarde, o partido iniciou uma segunda onda de terror — a campanha da Reforma Agrária pròpriamente dita. Desta vez uma nova equipe de ativistas conhecida como um "batalhão da reforma agrária' visitou a mesma aldeia e, após um rápido exame da situação, declarou que a primitiva classificação feita na aldeia tinha sido feita erradamente.

'Nossos camaradas camponeses não compreenderam como classificar corretamente', disseram êles, 'e por isso deixaram muitos proprietários de verdade escaparem pela rêde'. Ordenaram aos camponeses que estudassem mais uma vez o Decreto de Classificação da População, e instaram para que descobrissem mais proprietários de terras. Disseram que segundo os cálculos científicos feitos por 'nossos camaradas conselheiros chineses' que haviam investigado a fundo a classe proprietária nas aldeias (de fato, uma equipe volante de conselheiros chineses viajava ràpidamente de aldeia em aldeia), deveria ter sido encontrado um número muito maior de exploradores. O resultado foi uma nova classificação, e desta vez todos os D, E, F (camponeses ricos) e G, H, I, J, (camponeses de nível médio fortes) se tornaram 'proprietários de terras', enquanto K, L, M, e N (camponeses de nível médio médios) passaram a ser 'camponeses ricos' e assim por diante. Com isso, o total de 'proprietários' agora encontrados foi de cinco vêzes o número da classificação anterior. Obedecendo a uma ordem do comitê central, o número mínimo a receber a sentença de morte se elevou de um para cinco por aldeia. O número daquêles que se suicidaram ou morreram de fome devido à 'política de isolamento' (a ser explicada mais tarde) aumentou na proporção direta. O número total de vítimas desta campanha nunca foi publicado, mas se acreditarmos em M. Gérard Tongas, um professor francês que permaneceu em Hanoi até 1959, e que afirma ter informação correta: 'esta indescritível carnificina resultou em cem mil mortes'.[3]

Até agora, ninguém pôde calcular exatamente o número certo de mortes ocorridas durante estas duas 'campanhas que fizeram tremer céus e terra' — a expressão oficialmente usada para descrever a Reforma Agrária; porém segundo refugiados que chegaram a Saigon em 1957, todo o território do Vietnã do Norte estava branco com os turbantes dos enlutados. (Branco é a cor de luto dos vietnamitas.) Não parece haver exagêro nisto, pois, além das pessoas sentenciadas à morte pelo Tribunal Especial do Povo e fuzilados pùblicamente, houve ainda pessoas que morreram nas prisões e nos campos de concentração, e aquêles que se suicidaram. Apesar que muitos pereceram desta forma, um número muito maior de famílias de proprietários de terras — maioria sendo crianças pequenas — morreram de fome devido à 'política de isolamento'. O impressionante tamanho da lista de mortes não pode ter surpreendido os comunistas vietnamitas pois sua máxima durante os dias de terror era: 'É melhor matar dez pessoas inocentes que deixar um inimigo escapar'. Estas palavras fôram usadas em um discurso feito em Hanoi pelo dr. Nguyen Manh Tuong no Congresso Nacional da Frente da Pátria em outubro de 1956.[4]

Essas duas campanhas fôram levadas a efeito em cinco ondas sucessivas, cada uma em uma área estratègicamente colocada de uma província, seguindo a chamada 'técnica da mancha de óleo'. A regra era mais ou menos a seguinte. A primeira onda começava em algumas aldeias cuidadosamente escolhidas em cada província; essas aldeias eram escolhidas porque entre seus habitantes estavam aquêles que exploravam e oprimiam os camponeses em grau considerável. O trabalho de iniciar a

3. Gérard Tongas, *L'enfer communiste du Nord Vietnam* (As Novas Edições Debress, Paris, 1960), p. 222.

4. Nguyen Manh Tuong, "Quanto aos Êrros Cometidos na Reforma Agrária", citado integralmente na obra do autor dêste livro *A Nova Classe no Vietnam do Norte* (Cong Dan Editora, Saigon, 1958).

campanha nêsses 'pontos experimentais' era realizado por uma equipe especial de membros, cuidadosamente treinados na China e com experiência de primeira mão na Reforma Agrária chinesa. Grande número de membros de tôdas as partes da província eram enviados para a aldeia escolhida a fim de observar e aprender por si mesmos. Depois que a primeira onda terminava, êsses membros recém-treinados, sob a direção de experimentados conselheiros vietnamitas e chineses que permaneciam por perto, iniciavam a segunda onda na área circunvizinha. Assim, como uma mancha de óleo, o terror se espalhava por todo o distrito, e eventualmente por tôda a província, de maneira que ao final da quinta onda a campanha alcançara sua conclusão através todo o território sob contrôle comunista. Foi feita uma exceção no caso da região montanhosa vizinha à fronteira do Laos a qual era habitada pelas tribus Thai; isso foi para evitar amedrontar os laocianos intimamente ligados aos Thais. Na verdade até agora não houve uma reforma maior nestas áreas onde a autoridade patriarcal ainda é respeitada. Também na província Quang Tri a Reforma Agrária foi aplicada de maneira suave. Essa província fica perto da linha divisória entre o Vietnã do Norte e do Sul; aí, as terras em excesso fôram confiscadas dos proprietários e redistribuidas entre os camponeses pobres e os sem terras sem nenhum derramamento de sangue. Uma tal brandura da política geral tinha a intenção óbvia de dissipar quaisquer suspeitas que poderiam surgir nas mentes da população não-comunista do outro lado da fronteira. Citando Truong Chinh: 'Em determinadas áreas, determinadas atitudes devem ser tomadas'.

Outro ponto digno de menção é que o govêrno aparentemente manteve-se afastado dessas campanhas. Sua atitude era que a campanha era um assunto do povo, levado a cabo inteiramente pelos camponeses a fim de melhorar sua própria posição política. A frase 'Devemos dar inteira liberdade às massas em sua luta pela Redução do Aluguel de Terras' ou pela 'Reforma Agrária' significa claramente tal coisa. O partido repudia qualquer responsabilidade, dizendo que simplemente forneceu aos

camponeses conselhos e direção política para ajudá-los em sua luta. Quanto ao exército, alguns batalhões fôram enviados e ficaram acampados perto para impedir qualquer revolta por parte dos 'reacionários' e para ajudar os camponeses quando necessário.

E agora veremos o modo com que a campanha de Redução do Aluguel de Terras foi realizada em uma das dez mil aldeias do Vietnã do Norte.

14.

A CAMPANHA DA REDUÇÃO DO ALUGUEL DE TERRAS

Logo que a 'Luta Política' esmoreceu, um grupo de membros, secretamente treinados na China, chegou à aldeia disfarçado como camponeses. Através da célula do partido local, travaram conhecimento com alguns camponeses sem terras e pediram permissão para morar em suas casas. Puzeram então em prática o que é conhecido como o 'Sistema dos Três Juntos' (em chinês *San Tong*), o que significa que trabalhavam com seus hospedeiros (sem pagamento), comiam com êles (pagando sua própria parte), e dormiam na mesma cama. Quando o anfitrião era casado, como era geralmente o caso, vinha uma moça e dormia com a mulher do camponês.

Os membros ficavam em geral de dois a três meses, e os camponeses ficavam muito satisfeitos pois êles trabalhavam sem aceitar remuneração. Realizavam tôda espécie de tarefas, arando, limpando ou colhendo, segundo a estação; limpavam a casa ou cuidavam das crianças, e falavam interminàvelmente todo o tempo. Pediam para saber de cada detalhe das vidas de seus hospedeiros, demonstrando especial interêsse e simpatia quando ouviam sôbre passados infortúnios sofridos pelos camponeses. Antes que decorresse muito tempo conquistavam a inteira confiança dos camponeses que lhes abriam o coração. Os membros se esforçavam ao máximo para mostrar a êsses camponeses ingênuos onde estava a causa de seus males.

Por exemplo, se a mulher de um homem o deixara por outro, o membro explicava: 'Se você não tivesse sido explorado pelo proprietário de terras vocês estariam bem de vida e poderia dar a sua mulher coisas que teriam agradado a ela. Se isso tivesse acontecido ela não o teria deixado!' Em resumo, de acôrdo com os membros, todos os males e infortúnios sofridos pelos camponeses provinham da vergonhosa exploração nas mãos dos 'cruéis e impiedosos proprietários de terras, exploradores dos camponeses'. Isso é o que tentavam inculcar nas mentes dos aldeões.

O passo seguinte era fazer com que os camponeses compreendessem que a única maneira de melhorar suas vidas era ficar ao lado do partido e atacar os desprezíveis exploradores que eram responsáveis por tôda a miséria na aldeia. Essa doutrinação intensiva continuava durante quase dezoito horas por dia, até que finalmente os camponeses antigamente dóceis estavam prontos para a revolta contra os proprietários. O camponês convertido era chamado uma 'raiz' e a operação acima descrita mencionada como 'criar raizes'.

Nêsse estágio, o membro cessava tôda sua agitação na aldeia, e daí em diante ficava dentro da casa onde vivia. Agia sòmente através da sua raiz que êle sustentava financeiramente, empregando-o como agente secreto em tempo integral. A raiz, que chamaremos de A, era instado a recrutar B, e B por sua vez recrutaria C e assim por diante. Esta operação era chamada "enfiar contas', e B, C e D etc... eram chamados 'elementos da linha dura'. Êsse sistema de alistamento (cada raiz e elemento da linha dura só podia apresentar um adepto) era especialmente designado para impedir o recrutamento acidental de grande número de reacionários' e para evitar armadilhas que pudessem ser feitas pelos proprietários locais. A raiz era encarregada também de ligação secreta com outros membros, colocados nos lugarejos próximos, para troca de informações fornecidas pelos elementos da linha dura. Cada detalhe da vida na aldeia, não importa quão insignificante, era investigado a fundo; a propriedade e a riqueza de cada aldeão, o parentesco, atitudes políticas, atividades passadas, e até mesmo os

casos amorosos mais secretos dos camponeses eram examinados. (As investigações nêstes casos tinham um fim específico: uma mulher que gostara de um proprietário quando jovem era obrigada a declarar pùblicamente que fôra violentada' pelo proprietário em questão.) Finalmente, após dois ou três meses de tal atividade, o membro coligira informação suficiente sôbre a aldeia que lhe fôra designada para fazer um relatório pessoal perante uma sessão secreta do comitê provincial. Aí o membro decidiria, em conferência com o comitê, sôbre a classificação da população da aldeia, sendo que sua principal preocupação seria quem poderia ser classificado como proprietário de terras, e que 'crimes' seria atribuido a cada um dêstes infelizes.

O Batalhão da Reforma Agrária surgia então abertamente. O comitê administrativo da aldeia e o ramo local do partido eram imediatamente dissolvidos. O Batalhão dirigia todos os assuntos do lugar, designava uma nova guarda policial composta inteiramente de elementos da linha dura, e ordenava o cêrco da aldeia. Geralmente há dois portões na densa sebe de bambú que cerca tôda aldeia do Vietnã do Norte; êstes eram fechados, ninguem podendo sair ou entrar sem permissão do todo poderoso Batalhão. Os membros se comunicavam agora com as autoridades mais elevadas por meio de uma linha telefônica recém-construida, e a visão de uma linha de postes de bambú sustentando um fio telefônico era bastante para indicar a qualquer viajante que o terror imperava na aldeia para onde os postes levavam. Os prudentes evitavam seguir as linhas, pois que terrivel destino poderia aguardar os que o fizessem.

Assim a campanha começava oficialmente, e era realizada em seis etapas sucessivas, sendo que a última era o 'julgamento'.

PRIMEIRA ETAPA: CLASSIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO

Os camponeses pertencentes às 'classes das fôrças internas' (camponeses pobres e sem terras) eram obrigados a frequentar um curso especial no qual aprendiam como classificar a população em diferentes classes, subclasses e categorias. Os documentos estudados eram o Decreto de Classificação Popular, textos explicatórios relativos à sua aplicação prática e as 'normas de classificação'. Essas normas variavam de uma província para outra, e nunca fôram publicadas. Por exemplo, em uma província as normas que determinavam as categorias dos camponeses de nível médio eram:

(a) *camponeses de nível médio fortes*: possuidores de uma vaca, um porco e um galinheiro;

(b) *camponeses de nível médio médios*: possuidores de um porco e um galinheiro;

(c) *camponeses de nível médio fracos*: possuindo sòmente um galinheiro.

Mas essas normas variavam, não só de província para província, como de uma etapa para outra da campanha.

Depois de dez dias de estudo intensivo e de 'discussão democrática', os que frequentavam o curso votavam uma classificação a qual, na maioria dos casos, era idêntica à prèviamente preparada pelos membros. Havia inevitàvelmente diferênças de opinião, porém eventualmente todos acabavam concordando com o modo de pensar dos membros. Isso não era surpreendente pois os membros se mostravam muito melhor informados sôbre a aldeia e seus habitantes que os próprios aldeões.

SEGUNDA ETAPA: CLASSIFICAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE TERRAS

Imediatamente após o Batalhão da Reforma Agrária surgia abertamente, porém cêrca de dez dias antes que a lista oficial dos proprietários de terras fôsse votada, as pessoas que tinham sido consideradas como tal pelos membros eram presas e suas casas mantidas sob vigilância permanente pelos elementos da linha dura. Êsses pro-

prietários seriam tratados de acôrdo com a classificação a êles atribuida.

Esta teoria, e como foi declarado por Truong Chinh em seu discurso (página 189), havia três classes principais [1] de proprietários de terras: traidores, comuns e da Resistência; e uma quarta classe especial, a das "personalidades democráticas', reservada exclusivamente para os dignatários da côrte real que haviam se unido ao govêrno comunista.

Mas na prática, a segunda e a terceira classes simplesmente não existiam. Todos os proprietários se viram classificados como traidores. Como já fizemos notar antes, todos os proprietários que permaneceram na zona comunista até 1953 tinham, quizessem ou não, desempenhado algum papel na Resistência, pois a política comunista até então não deixava que ninguem ficasse inativo. Os jovens e capazes serviam no exército ou na administração nos diversos comitês administrativos, das aldeias, dos distritos ou das províncias, e os velhos trabalhavam nas organizações políticas fantoches como a Organização dos Velhos para a Salvação Nacional ou a Frente da Aliança Vietnamita (*Lien-Viet*). Como todos êles haviam vivido sete anos sob a Resistência, estavam certos que seriam classificados como 'proprietários da Resistência', ou pelo menos como 'proprietários comuns', e após um completo auto-exame não podiam realmente ver que tivessem cometido qualquer crime contra os camponeses. Haviam certamente explorado os camponeses pelo fato de ter alugado suas terras a êles e pago seu trabalho muito barato, porém raciocinaram que isso era uma característica inevitável do antigo regime, e os próprios comunistas tinham fechado os olhos sôbre êsse uso por muitos anos. Ficaram extremamente espantados e desiludidos, quando a Reforma Agrária alcançou sua aldeia, ao verem que tinham sido colocados na classe 1 e acusados de crimes de

1. Embora o têrmo oficial usado por Truong Chinh em sua classificação seja *categoria,* preferimos substitui-lo aqui pelo têrmo *classe,* reservando *categoria* para uma subsequente sub-divisão que Truong Chinh não menciona. Por exemplo, "proprietários de terras de primeira classe" (traidores, reacionários e cruéis) são divisíveis em três categorias: A, B e C (ver página seguinte).

tôda a espécie. Mesmo aquêles que haviam servido a administração da RDV e sido condecorados por Ho Chi Minh por suas realizações fôram acusados de deliberadamente entrar na estrutura política e administrativa do país a fim de sabotar a Revolução. Não era necessário nenhuma prova, e era suficiente que alguém, por exemplo, tivesse visto um proprietário acenando para um avião francês para que fôsse condenado como espião trabalhando para o inimigo.

Esta primeira classe de proprietário de terras era sub-dividida em três categorias, A, B e C. Mas os que eram enquadrados nela não sabiam em qual das três categorias estavam classificados. Entretanto, se eram inteligentes e notassem o tipo de linguagem ameaçadora com que eram tratados, não era dificil conjecturar. Por exemplo, se a multidão gritava: 'abaixo com o traidor, reacionário e cruel explorador Chi' então era certo que Chi estava na categoria A. Contudo, se gritassem 'Abaixo com o cruel explorador Chi' êle estava na B, e se era simplesmente 'Abaixo com o recalcitrante proprietário Chi' então certamente estava na categoria C. Cada uma destas categorias levava a um destino diferente. Os proprietários da A eram enviados para uma prisão temporária construida em uma aldeia próxima, e os mais 'perigosos' mantidos em jaulas de madeira como animais selvagens. Os da categoria B eram levados para um tipo de curso de lavagem do cérebro especialmente projetado para tal classe de proprietários de terras ('ricos mas não muito reacionários'). O principal objetivo dêste curso era conseguir uma confissão declarando a qual de seus parentes ou amigos êles haviam confiado seu dinheiro, ou onde esconderam suas joias. O curso durava de umas três a quatro semanas, no decorrer das quais os que eram obrigados a frequentá-lo não podiam dormir e tinham que se submeter ao mais bárbaro dos tratamentos, no fim do qual estavam reduzidos a um estado mental vizinho da loucura, e estavam prontos a confessar quase tudo. Eram forçados não só a escrever uma carta a suas mulheres e filhos pedindo que desenterrassem o tesouro escondido e o entregassem à Associação de Camponeses, como tinham que elaborar listas dando os nomes de tôdas as

pessoas a quem haviam emprestado dinheiro. Estas somas eram recolhidas imediatamente, mesmo que o proprietário tivesse feito uma declaração falsa. Muitos comerciantes, que não tinham uma relação direta com a Reforma Agrária, fôram arruinados por declarações falsas feitas contra êles pelos proprietários.

Os proprietários da categoria C eram mantidos prisioneiros na casa de um camponês em sua própria aldeia, mas eram levados de uma casa para outra, sempre à noite, e sempre escoltados por policiais armados com espadas nuas. Devemos notar que essa classificação não era definitiva, e qualquer proprietário podia ser elevado a uma mais alta ou colocado abaixo em qualquer ocasião. Sua categoria final dependia grandemente de sua atitude durante a campanha e se êle se mostrava arrependido, obediente ou recalcitrante. Como isso era tornado bem claro aos proprietários, a maioria dêles se tornava muito humilde e obediente. Mas um número fixo de sentenças de morte e termos de trabalhos forçados já fôra prèviamente estipulado pelo partido, e assim por mais arrependidos que se mostrassem, muitos fôram executados para completar a cota. Não obstante, em muitos casos a humildade era de algum proveito, e os vietnamitas, que haviam aprendido a serem humildes sob os mandarins e os franceses, logo perceberam que deviam ser mais ainda para com os comunistas.

TERCEIRA ETAPA: EXTORSÃO DE DINHEIRO E BENS

Depois que o chefe de uma família era preso, sua mulher e filhos eram chamados perante a Associação de Camponeses e lhes era comunicado que deviam pagar o que era mencionado como uma 'dívida'. Quatro ou cinco anos antes o govêrno expedira um decreto reduzindo o aluguel da terra em 25%. A Associação insistia agora que o proprietário preso deixara de obedecer tal decreto, e exigia que êle pagasse imediatamente todo o aluguel recebido além do total estipulado. Na realidade,

a maioria dos proprietários obedecera a tal lei, porém como suas posses eram tão pequenas, êles nunca guardavam nenhumas contas ou dados. De qualquer maneira, era inútil protestar, assim todos os proprietários aceitavam o fato que deviam devolver o 'excesso' de aluguel de terras e se esforçavam para fazê-lo. Era pago à Associação de Camponeses, por trás da qual operava o Batalhão da Reforma Agrária.

Geralmente a ordem dada à mulher e filhos do proprietário era: 'Os camaradas camponeses calcularam que vocês tiraram dêles um excesso de X toneladas, Y quilos e Z gramas de arroz. (Os totais eram precisos até o último grama.) E agora êles lhe dão três dias para se desobrigar da dívida; se nêste tempo não tiver pago todo o total, cuidado!' O membro entregava então à infeliz mulher uma folha de papel exigindo que ela assinasse uma declaração prometendo pagar tôda a dívida até a data e hora mencionada (era dado até o minuto exato). Em seguida uma torrente de insultos e ofensas humilhantes era atirada violentamente contra a pobre mulher. Vale a pena anotar alguns detalhes de tal processo.

Segundo os membros, o total da 'dívida' era calculado sôbre as declarações individuais dos fazendeiros, porém de fato, pouca atenção era dada a essas, pois serviam sòmente para criar uma fachada de legalidade. A 'dívida' imposta a cada proprietário era baseada no cálculo do membro sôbre sua riqueza particular, como em espécie e bens — joias, vasos ornamentais, etc. — sendo que o objetivo era deixar o proprietário e sua família sem nada exceto suas terras, casa e mobília, que seriam confiscadas em uma etapa ulterior. Essa intenção se tornou aparente quando se descobriu que o total da 'dívida' era sujeito à uma variação subsequente, segundo os recursos e a boa vontade do 'devedor'.

Se a mulher do proprietário pagasse todo o total dentro do tempo limite, o membro inevitàvelmente lhe diria: 'Erramos em nossos cálculos e descobrimos que sua dívida realmente vai a —' (geralmente o número ia ao dôbro do total anterior). Por outro lado, se ela era bastante esperta pagando uma parte substancial da soma

exigida dentro do tempo permitido, e então, lamentando sua pobreza, pedisse um pouco mais de tempo para tentar conseguir o resto (provando assim tanto sua bôa vontade como sua incapacidade financeira), então o total de sua dívida seria diminuído pouco a pouco. O membro diria: 'Revimos nossos cálculos e descobrimos agora que sua dívida é de sòmente —' (mencionando uma soma menor). Se, contudo, a pobre mulher não pagasse nada, ou uma parte muito pequena da dívida exigida, ou por incapacidade em pagar mais ou por recalcitrante teimosia, então o total fixado permaneceria o mesmo sem permissão para qualquer redução. Nêsse caso seu infeliz marido seria elevado para uma categoria mais alta. Geralmente era o que acontecia, pois os totais exigidos pelos membros eram usualmente muito além dos meios da maioria dos proprietários e suas famílias.

Depois que a mulher de um proprietário, ou seus filhos, recebiam ordem para pagar a soma determinada em dinheiro contado ou em ouro, sua casa era lacrada e era proibida a venda mesmo do menor artigo. Tôda a propriedade — casa, terras, búfalos, pertences pessoais, cachorros, gatos, tudo — era declarado propriedade do Estado. Embora o total da dívida fôsse calculado em quilos de arroz, o pagamento era exigido em notas ou em joias. Braceletes de ouro, brincos, alianças de casamento e pérolas era aceitos como moeda corrente.

Quando a mulher do proprietário demorava a pagar a dívida, uma seção da Associação de Camponeses da aldeia era enviada à sua casa para insistir que se apressasse. Êles fariam perguntas tais como: 'Onde pôs o par de braceletes que usou no dia de seu casamento?' (tal ocasião poderia datar de uns vinte anos atrás); ou: 'Como pode ter gasto tôda a herança deixada à sua mãe por sua avó materna?' (isto poderia ter acontecido uns cincoenta anos antes.)

A mulher de um proprietário que não pudesse exibir nenhuma joia era, juntamente com seus filhos, sujeita ao mais bárbaro dos tratamentos. Frequentemente era obrigada a andar pelas ruas carregando em cada mão uma grande porção de estrume de vaca fresco, e usando ao redor do pescoço um grande cartaz com a inscrição,

'Sou um proprietário recalcitrante'. Se tinha um filho ainda bébé, provàvelmente seria encarcerada em outra casa e impedida de amamentá-lo durante um longo período. Se seus filhos eram mais velhos eles seriam presos e mantidos em diferentes lugares na aldeia, onde eram ameaçados até revelarem os locais onde supostamente seus pais haviam escondido o tesouro da família. Essas crianças eram fàcilmente amedrontáveis e muitas vêzes revelavam um esconderijo imaginário, no que imediatamente a mãe recebia uma picareta e tinha que cavar sob a supervisão de um grupo de elementos da linha dura. Como resultado destas atividades de 'mineração', que poderiam durar até um mês, os camponeses que mais tarde se mudavam para as casas dos proprietários encontravam a maior parte dos assoalhos cavados e com grande buracos que não tinham meios de consertar.

QUARTA ETAPA: REVELAÇÃO DE CRIMES

Enquanto se processava esta forma legalizada de roubo, os camponeses eram obrigados a frequentar um curso especial sôbre 'Crimes Cometidos pela Classe Proprietária'. Isso era para lhes ensinar como os proprietários de terras haviam tapeado, roubado, explorado e oprimido os camponeses. No fim do curso, cada um dos assistentes tinha que fazer pelo menos uma acusação contra seu proprietário. A fim de refrescar suas memórias, os membros encarregados do curso liam uma longa lista de crimes típicos, que se acreditava terem sido revelados por camponeses em campanhas anteriores, ou por camponeses chineses no decorrer da Reforma Agrária na China. O resultado foi que diversos camponeses denunciaram os proprietários para quem trabalhavam, inventando algum crime para acusá-los.

Os 'denunciantes' podiam ser classificados a grosso modo em três categorias. Na primeira estavam as pessoas que eram atraidas pela promessa de uma recompensa em espécie ou sob a forma de privilégios políticos. O Batalhão prometera abertamente que 'aquêles que mais

denunciassem receberiam mais' (querendo dizer que receberiam uma parte maior do despojo tomado aos proprietários de sua aldeia), e que 'quem é mais vigilante nesta campanha será recrutado para a nova célula do partido'.

Na segunda categoria estavam aquêles que só desejavam se proteger e evitar complicações. Êles denunciavam a fim de parecerem fiéis e obedientes para com o partido. Essa categoria incluía pessoas que haviam cometido alguma falta pela qual não tinham sido punidas, e crianças das famílias dos proprietários que deliberadamente denunciavam seus parentes. Faziam isto a pedido dos pais para salvar tôda a família da destruição. Nêsse assunto particular é reveladora a passagem seguinte citada segundo o *Thoi Moi*, um jornal publicado em Hanoi (número de 8 de maio de 1957):

Denuncie tanto quanto puder

... Depois que o Batalhão se retirou, a nora de (uma certa senhora) explicou sua posição ao povo de sua aldeia.

"Eu não podia ser tão desprezível a ponto de denunciar minha própria sogra, assim depois que o Batalhão a declarou proprietária, ela e eu discutimos o assunto tôda a noite. Eu queria ir ao Batalhão e protestar, porém minha mãe me aconselhou firmemente contra isto. 'Tenho quase oitenta anos', disse me ela, 'e não viverei muito mais, assim não tem muita importância se sou classificada como proprietária. Mas se você protestar não pode deixar de ser *ligada aos proprietários*, e nêste caso ambas perderemos tudo. Denuncie-me tanto quanto puder e com isto você conservará sua terra'."

Na terceira categoria estavam aquêles que denunciavam por mêdo. Embora a campanha fôsse dirigida principalmente contra os proprietários de terras, pessoas de tôdas as condições estavam sujeitas ao mesmo destino se se descobrisse que tinham um 'espírito de proprietário', mesmo que não possuissem nenhum acre de terra. Era suficiente que tivessem alguma ligação com um proprietário, e 'ligação' era um termo muito vago que poderia significar laços de família, amizade ou simples conhecimento. O efeito dessa espécie de terror naquela época é mostrado na passagem seguinte citado do *Nhan Dan*, o jornal do partido publicado em Hanoi (número de 2 de junho de 1956).

Mêdo de ser condenado

... A sra. Ben continuou: "Meus vizinhos e companheiros de aldeia não ignoram minha situação. Há gerações vivemos em extrema pobreza, e devido a isto fomos obrigados a viver nos campos fora da aldeia. Somos velhos e ganhamos a vida pescando lagostins. Quando o Batalhão da Reforma Agrária chegou à aldeia ficamos com muitas esperanças, e eventualmente fomos admitidos na Associação dos Camponeses. Alguns dias mais tarde meu velho Ben foi eleito membro da Assembléia dos Camponeses da aldeia. Mas então, não posso compreender porque, êle veiu para casa no meio da sessão. Parecia em transe, e não comeu nem dormiu durante dias. Quando lhe perguntei o que acontecera, respondeu vagamente: 'Estou arruinado, irreparàvelmente arruinado. Tente achar um meio de me salvar ou então morrerei'. Durante meses êle não compareceu às reuniões mas ficou na cama, contando nos dedos e repetindo contìnuamente: 'Em nossa família temos um genro... e fulano... e sicrano... que são todos parentes de proprietários de terras, assim não podemos deixar de ser classificados como ligados'."

Alguém perguntou à velha: "E quanto a você?" Respondeu ela: "Porque espera que eu me sinta de outro modo? Só criaturas sobrehumanas não teriam mêdo."

Outro disse: "Você não é a única a ficar amedrontada; em minha aldeia muitos se encontraram na mesma situação."

Havia três variedades de 'ligação' e cada uma era tratada diferente.

1. Aquêles que se acreditava serem 'intimamente ligados' com proprietários ou eram considerados como tendo tendências pró-proprietários, eram, como êsses mesmos, acusados de algum crime importante — conspiração na maioria dos casos. Eram submetidos então à 'política de isolamento' o que significava que eram considerados fora da lei e tratados como leprosos, boicotados econômicamente, e muitas vêzes mantidos prisioneiros, com suas mulheres e filhos, em suas próprias casas, onde morriam de fome.

2. As pessoas rotulados como 'moderadamente ligadas' eram enviadas, juntamente com suas famílias, para alguma aldeia afastada, trocando suas casas e pertences

com outras pessoas 'moderadamente ligadas' que também tinham sido exiladas de suas aldeias.

3. As pessoas 'ligeiramente ligadas' eram simplesmente expulsas da Associação dos Camponeses a qual, depois da queda da classe proprietária, passara a ser o único meio pelo qual os camponeses podiam alugar búfalos, tomar dinheiro emprestado em uma emergência, ou procurar sementes quando precisavam. Em uma sociedade onde todos eram igualmente pobres, a Associação dos Camponeses podia significar vida ou morte para os aldeões.

Contudo, apesar de tôda a adulação e coação draconiana um respeitável número de camponeses foi bastante corajoso e se recusou a denunciar aquêles rotulados como proprietários. Pois, embora lhes faltasse educação, êles tinham certos princípios morais básicos e no Vietnã, como em tôda a parte, a delação é considerada desprezível. Além disso, os budistas acreditavam no princípio de 'causa e efeito', e tinham mêdo que algum desastre recaisse sôbre êles ou sôbre seus descendentes se deliberadamente prejudicassem outras pessoas. A revolta contra essa política de denúncia foi estimulada por Phung Quan em um poema, publicado durante o período das Cem Flores, o que lhe valeu anos de exílio.[2] Após a Campanha da Reforma do Pensamento em 1958, êle foi enviado, junto com outros intelectuais que haviam falado contra o regime, para a região montanhosa e insalubre perto da fronteira chinesa para 'aprender' trabalho manual. Até onde sabemos êle ainda lá está.

---

2. O estribilho do poema era o seguinte:

Seja fiel em seu amor,
Seja fiel em seu ódio,
Apesar de tôdas as adulações
Nunca diga que odeia quando, de fato, ama.
Mesmo quando ameaçado com uma faca,
Nunca diga que ama quando, de fato, odeia.

Publicado na revista literária, *Van Hoc* (Nº 21, Hanoi, 27 de setembro de 1957).

QUINTA ETAPA: SESSÕES DE DENÚNCIA

Quando as listas de crimes a serem atribuidos a cada proprietário estavam completas, os denunciantes recebiam um longo e cuidadoso treinamento que lhes permitisse realizar suas acusações convincentemente diante de uma multidão e na presença do acusado. As sessões de denúncia eram, de fato, a idéia básica de tôda a campanha, e assim tinham que ser preparadas com o maior cuidado possivel. Como atores ensaiando suas partes constantemente antes da representação, os delatores praticavam seus papeis para que pudessem desempenhar suas partes perfeitamente e dar à audiência um sentimento de sinceridade e realismo. O treinamento era estritamente secreto, porém a criança de uma família camponesa podia frequentemente ouvir seu pai ou sua mãe repetir várias vêzes a mesma frase no correr do dia, a fim de decorar o que êle ou ela deviam dizer em público. Tinham que estudar até os gestos e atitudes sob a direção de um membro que servia como uma espécie de 'produtor'. Durante os ensaios, um boneco feito de palha representando o proprietário ficava colocado no centro do aposento; os denunciantes ficavam um por um diante dêle, e recitavam os discursos que haviam decorado. Quando todos os preparativos estavam prontos, era proclamada a data da denúncia.

Como havia três categorias de proprietários (A, B e C), havia três tipos de sessões de denúncia.

Os proprietários da categoria A eram denunciados diante de uma multidão de dez a vinte mil pessoas, compreendendo tôda a população de uma 'multi-aldeia', uma nova unidade administrativa que consistia de dez a quinze aldeias.

Os proprietários da categoria B eram denunciados diante de mil a duas mil pessoas, representando tôda a população de sua própria aldeia, e a denúncia durava dois dias. Êsses proprietários eram acusados dos mesmos crimes, mas de um tipo ligeiramente mais brando que os da categoria A.

Os proprietários da categoria C não presenciavam sua denúncia. Eram mantidos separados e só compareciam ao término da sessão para ouvir a lista de todos seus pretensos crimes prèviamente relacionados por seus rendeiros (a reunião era composta inteiramente de camponeses aos quais haviam arrendado terras), e para dizer algumas palavras reconhecendo tais 'crimes' e se desculpando por êles. Finalmente, lhes era pedido que colocassem suas assinaturas nas minutas da reunião. O partido explicava que esta forma de denúncia *in absentia* era uma medida de clemência para com os 'reacionários secundários' que ainda se acreditava serem capazes de redenção. Esperando que, após esta experiência, êles mudariam sua atitude, o partido não queria que "perdessem muita face" diante de seus concidadãos. Na realidade, os proprietários nesta categoria eram, na maior parte, proprietários mixtos de comerciantes e geralmente viviam nas cidades, só indo ocasionalmente às aldeias onde possuiam propriedades. Assim, não é dificil compreender as razões para êsse tipo de denúncia *in absentia*. Como êsses proprietários nunca viviam nas mesmas aldeias que seus rendeiros, êsses últimos nada podiam saber sôbre suas vidas particulares e não podiam ter sofrido maus tratos em suas mãos, o que os impossibilitava fazer com que suas acusações parecessem convincentes. O partido tinha receio que, sob tais circunstâncias, os denunciantes pudessem vacilar se o acusado estivesse presente. Julgava-se que teriam mais autoconfiança se a reunião fôsse privada; qualquer hesitação ou tropêço de sua parte não resultaria em pêrda de prestígio para êles ou para o partido. Tinha havido, na verdade, algumas ocasiões altamente embaraçosas quando o proprietário acusado começara a rir.

O comparecimento a uma sessão de denúncia dos proprietários da categoria A era compulsório para tôda a população da multi-aldeia, havendo exceções para um único adulto em cada família, que tinha permissão para ficar em casa cuidando do fogo e das crianças pequenas.

A reunião era composta de grupos separados. 'Camponeses de nível médio' e 'camponeses pobres e sem terras' compareciam em grupos representando a Associação de Camponeses à qual pertenciam. Os 'camponeses ricos' tinham que formar um grupo separado e caminhavam à parte, enquanto os proprietários e os membros de suas famílias que eram obrigados a comparecer à reunião ficavam espalhados entre a multidão, cada um confiado à uma célula camponesa diferente. Eram sujeitos a uma busca minuciosa e colocados depois no centro do grupo mantidos sob vigilância. Cada célula era dividida em seções cada uma das quais levava um jarro dágua e um cachimbo dágua (fumavam um tabaco laociano muito forte no cachimbo) para uso comunal de tôda a seção, porque, uma vez que se colocavam, ninguém tinha licença para mudar de lugar. Cada aldeia formava uma procissão, os aldeões carregando cartazes e acenando com bandeiras e as crianças pequenas batendo em tambores. Os proprietários presos caminhavam entre a multidão e eram forçados a imitar os outros camponeses, gritando os mesmos slogans e sacudindo os punhos a intervalos.

Os debates eram realizados sempre ao ar livre, geralmente em um campo de futebol ou de preferência na encosta de uma colina. Cada aldeia tinha um espaço especial, delimitado com cal. Os camponeses se sentavam no chão diante da tribuna perante a qual as pessoas faziam suas denúncias. Essa era uma construção de três andares feita de madeira e bambú. No andar térreo se sentavam quatorze funcionários, todos camponeses pobres com exceção de um único, sendo êsse um camponês de nível médio que podia ler e escrever. O segundo andar era ocupado por um presidium de sete presidentes, também formado de camponeses pobres, e entre êles uma mulher cujo papel era de chefe de polícia. (O autor notou o mesmo fenômeno em cinco sucessivas sessões de denúncia às quais compareceu. Pareceu-a êle que a finalidade era realçar o prestígio político das mulheres aos olhos da multidão.) Ela comandava os guardas da aldeia, e com intervalos de cêrca de cinco minutos gritava ordens para o proprietário que estava em frente da tribuna. Geralmente eram para que se levantasse, ajoelhasse, levantasse os dois braços horizontal ou verticalmente, e assim por diante. No andar mais elevado da tribuna

ficavam três imensos retratos, Ho Chi Minh no meio, ladeado pelo de Malenkov à direita e Mao Tse-tung à esquerda, todos enfeitados com as bandeiras de seus respectivos países. De cada lado da tribuna havia enormes cartazes com slogans como: 'Devemos dar inteira liberdade às massas em sua luta pela Redução dos Alugueis' e 'Abaixo os traidores e reacionários proprietários de terras e exploradores dos camponeses'.

Durante a guerra com os franceses, tais sessões em massa eram realizadas sempre à noite para evitar bombardeios, e a reunião era cercada por um círculo de tochas acesas. As chamas lançando imensas colunas de fumaça para um céu enevoado davam à cena um aspecto infernal — uma cena de pesadelo sugerindo às mentes vietnamitas que as imagens dos templos budistas representando a horrível punição das almas danadas no inferno tinham se tornado realidade.

A tribuna era iluminada por eletricidade, às vêzes fornecida por um gerador mas mais comumente por pequenos dínamos de bicicletas. As bicicletas ficavam fixas atrás da tribuna e pedaladas continuamente. Por trás dêste anteparo ficavam também membros do Batalhão da Reforma Agrária que dirigiam o presidium em voz baixa. Frequentemente havia entre êles um conselheiro chinês vestido com roupas vietnamitas.

O presidente do presidium abria a sessão declarando ràpidamente, mas com grande solenidade, que os camponeses tinham sido a principal fôrça por trás da Revolução e da Guerra de Independência e que, graças à direção do partido, eram agora os verdadeiros senhores do país. No momento sua tarefa mais urgente era derrubar seu principal inimigo, os traidores e reacionários proprietários de terras que por milhares de anos os haviam explorado e oprimido e que ainda trabalhavam como espiões para os colonialistas. A mulher que fazia o papel de chefe de polícia se levantava então e gritava uma ordem para os guardas da aldeia, ordenando que trouxessem o proprietário a ser denunciado. Imediatamente um côro de milhares de vozes começava a gritar: 'Abaixo o traidor, reacionário —' gritando o nome do tal proprietário. A infeliz vítima fazia então sua entrada, rastejando como um animal sôbre mãos e joelhos. Era arrastado até uma pequena plataforma de terra com pouco mais de 90 cms quadrados e o mesmo de altura em frente à tribuna. Diante dêle ficava uma plataforma semelhante reservada àquêles que, um a um, viriam para denunciá-lo. Se a pessoa a ser denunciada era um padre católico ou um monge budista, era dada uma ordem para retirar seu hábito antes que fôsse maltratado de qualquer maneira.

O presidente pedia voluntários; um mar de mãos se levantava em resposta. Após um olhar rápido para seu papel, êle chamava um nome. O homem escolhido subia na plataforma e apontava o dedo para o acusado dizendo: 'Lembra-se quem sou?' e sem esperar resposta continuava: 'Sou — que o serviu durante — anos'. Seguia-se uma curta auto-biografia, que durava diversos minutos. Como a maior parte da assistência provinha de outras aldeias, não podia conhecer o denunciante ou saber alguma coisa sôbre êle, assim, imitando o uso dos teatros vietnamita e chinês onde cada ator, ao fazer sua primeira aparição no palco, sempre anuncia 'Sou —', dando o nome do personagem que representa, assim o denunciante se apresentava. Recitava então na maior velocidade todos os males que o proprietário em questão inflingira a êle e à sua famílias — talvez lhe tivesse batido, violentado sua mulher ou assassinado seus filhos — e tudo que êle testemunhara como atividades traidoras da parte do acusado. Podia ter visto, por exemplo, enquanto acenava a um avião francês, ou o proprietário teria insistido para que se juntasse a uma organização reacionária. Os denunciantes eram livres para usar os termos mais vulgares e insultuosos ao falarem com o acusado com o duplo propósito de destruir o prestígio do proprietário e fazer com que os discursos dos camponeses parecessem mais naturais. O proprietário não tinha permissão para responder à acusação ou para se defender; só podia dizer 'sim' ou 'não'. Cada vez que dizia 'não', a reação imediata da multidão era um clamor trovejante de 'Abaixo com o traidor —'. Com intervalos de cêrca de cinco minutos recebia ordem de se ajoelhar, levantar, erguer os braços, ajoelhar novamente e assim por diante. Cada

denunciante tinha quinze minutos para fazer suas acusações; depois de ouvir quatro delas, o proprietário era conduzido perante os 'secretários' para assinar um relatório por êles redigido.

A denúncia de um proprietário do tipo A durava três dias ou noites consecutivas. No primeiro, reservado para 'dívidas de suor', os camponeses contavam como haviam sido injustamente explorados ou roubados. As acusações do segundo dia ou noite, reservado para 'dívidas de felicidade', dizia respeito ao modo com que os camponeses haviam sido espancados ou suas mulheres violentadas. No último dia ou noite, dedicado às 'dívidas de sangue', o infeliz proprietário seria acusado de diversos assassinatos e atividades contra-revolucionárias. Se o proprietário persistentemente dizia 'não' durante o primeiro dia, as acusações contra êle no dia seguinte geralmente eram mais graves. Finalmente, se se mostrava recalcitrante, recusando admitir qualquer crime, seria acusado de inúmeros assassinatos e atividades de espionagem, e em seguida fuzilado diante da multidão reunida. Mas se era prudente e respondia com um humilde 'sim' a tôdas as acusações, inclusive as de assassinato, estupro e sabotagem, seu castigo provàvelmente seria menos severo. Havia alguns proprietários que, naturalmente, tinham sido já condenados pelo partido, e para êsses a sentença de morte era coisa resolvida. Seria verdade dizer que o partido não estava ansioso para matar um número excessivo, pelo menos na primeira etapa da campanha — talvez um proprietário em cada aldeia — mas se as vítimas se mostrassem recalcitrantes, muitos poderiam ser fuzilados. Afinal das contas, seu propósito era provar à população que o partido, agindo através a Associação dos Camponeses, era todo poderoso. Se o acusado admitia as diversas acusações, tanto melhor para o partido, pois os denunciantes pareceriam ser leais e de confiança, porém se um número maior negasse as acusações, grande parte dos espectadores poderia ficar inclinada a supor que eram sem base e inventadas. No último caso, o partido muitas vêzes era obrigado a forçar a vítima por meio de ameaças a mudar sua atitude, ou mesmo a fuzilá-lo a fim de salvar

seu próprio prestígio. Como resultado disso, muitos proprietários fôram fuzilados no decorrer da primeira onda da campanha, porque persistiram em afirmar sua inocência. Suas mortes, entretanto, serviram de lição para as vítimas da segunda onda, que submissamente admitiram tôdas as acusações. Gradualmente, o povo vietnamita começou a perceber que todo o processo era sòmente uma tragicomédia, na qual o denunciante e o denunciado tinham que desempenhar as partes a êles atribuidas pelo todo poderoso partido.

Os diversos crimes imputados aos proprietários eram quase sempre os mesmos em cada província. Os mais comuns eram que tinham pendurado um camponês em uma árvore, forçado um outro a lamber uma escarradeira ou comer excremento humano ou estrume de vaca, queimado casas, afogado crianças pequenas, posto veneno no poço da aldeia, atirado pedras nas reuniões dos aldeões, assassinado e violentado, etc. A passagem seguinte publicada no *Nhan Dan* (o jornal do partido) a 2 de fevereiro de 1956, dará ao leitor alguma idéia da natureza de tais acusações.

> Na aldeia de Nghia-Khe, no distrito de Bac-Ninh, proprietários insistiram para que crianças pequenas roubassem documentos e atirassem pedras em reuniões de camponeses. Em Lieu-Son, persuadiram uma criancinha a atear fogo na casa de um camponês. Mais cruelmente, deram um bolo envenenado a algumas crianças em Lieu-Ha, quase as matando. Em Van-Truong, instaram com a jovem Suu, de treze anos, para que persuadisse duas outras meninas a se suicidarem juntas pulando dentro de um tanque; isto para causar confusão na aldeia. Em Duc-phong (província de Ha-Tinh), distribuiram cartas de baralho entre as crianças, para que estas, absortas no jôgo, deixassem que os búfalos arruinassem as plantações.

É interessante notar que o estupro era um crime reservado aos proprietários e àquêles que gozavam de um certo prestígio moral na comunidade, como os padres católicos, monges budistas e particularmente os eruditos da escola confuciana. Em regra, quanto mais respeitável fôsse a aparência do proprietário (se, por exemplo, tinha uma barba branca ou era calvo), maior seria seu crime. Era bastante comum em tais casos ver a própria

filha ou nora do acusado diante da tribuna e anunciar pùblicamente que êle a violentara. Igualmente, quanto mais um proprietário fôsse conhecido como patriota, mais êle seria acusado de atividades antipatrióticas.

Como não se exigia exatidão, qualquer das mortes ocorridas na aldeia nos últimos anos poderia ser atribuida ao proprietário em questão. Nguyen Dinh Phap da província de Nghe-An, agricultor e membro da Assembleia Nacional, foi acusado de trinta e cinco assassinatos simplesmente porque tal número de coolis morrera de malária em sua plantação. Durante uma sessão de denúncia contra Le Trong Nhi, líder nacionalista do movimento de 1907-8 que passara nove anos na ilha prisão de Paulo Condore, uma mulher enfrentou-o com as palavras: 'Sabia que meu filho não é de meu marido, mas seu? Você veiu a minha casa na ausência de meu marido e dormiu comigo. Foi então que meu filho foi gerado.' Nhi tinha então setenta e cinco, a mulher cêrca de sessenta e o filho estava nos quarenta. Alguns aldeões fizeram um cálculo rápido e descobriram que na data em que o filho da mulher fôra concebido, Nhi definhava em uma prisão francesa, mil milhas afastado.

Houve diversos proprietários que tiveram atitudes corajosas e calmas durante tôda sua provação, mantendo sua dignidade todo o tempo. Uma velha senhora na província de Nghe-An não disse nem 'sim' nem 'não', mas repetiu contìnuamente: 'Por favor, atirem em mim!' Na província de Thanhoa, um denunciante, fazendo a pergunta costumeira: 'Lembra-se quem sou?' recebeu a fria resposta: 'Realmente, me lembro. Foi você que roubou um frango do meu galinheiro no ano passado'. Mas depois de um tal incidente o presidente interrompia bruscamente a reunião, adiando-a por uma ou duas semanas. Ao recomeçar, o recalcitrante proprietário estava mais submisso e o 'ladrão de frango' não era chamado de novo. Os proprietários trazidos a essas sessões de denúncias eram bastante bem alimentados durante os três dias da reunião. Recebiam generosas porções de frango, caldo de carne, e outros alimentos nutritivos, e chá e café para beber. O propósito por trás desta generosidade parece ter sido assegurar que a vítima tivesse fôrças suficientes para aguentar três dias, ou três noites, ao ar livre, e executar todos os movimentos ordenados pela mulher chefe de polícia sem desfalecer. Depois que terminavam os três dias da sessão de denúncias, os proprietários eram enviados à prisão a fim de aguardar a decisão do Tribunal Especial do Povo quanto ao seu futuro.

No decorrer das duas campanhas, um jornal local chamado *Folhas da Floresta* era publicado em cada província (dizia-se que os crimes cometidos pela classe proprietária eram tão numerosos como as folhas de uma floresta), no qual havia descrições detalhadas das diversas sessões de denúncias. Todos os membros que trabalhavam nas repartições do govêrno eram obrigados a comparecer de vez em quando a uma aldeia para observar o processamento da Campanha da Reforma Agrária. O propósito era lhes proporcionar uma compreensão profunda da política do partido, que se afirmava ser 'de perfeito acôrdo com a razão e a emoção'. Êsses membros praticavam o 'sistema dos três juntos' com os camponeses locais, porém assistiam às sessões como simples observadores e não tinham autoridade para interferir. Contudo, sua presença tinha um efeito benéfico; nas aldeias onde êles compareceram, a campanha foi melhor conduzida e, no total, os proprietários fôram punidos menos severamente. Isso porque o partido desejava que os membros se convencessem da justiça de sua política. Como resultado disso, os proprietários nas aldeias por êles visitadas se consideravam afortunados e os consideravam como "anjos da guarda".

SEXTA ETAPA: OS JULGAMENTOS

Alguns dias após a sessão de denúncias, um Tribunal Especial do Povo chegava à aldeia para julgar aquêles que haviam sido recentemente denunciados pelos camponeses. Havia um tribunal móvel para cada distrito, o qual era composto inteiramente de camponeses que nada sabiam sôbre leis ou jurisprudência. Havia um juiz e

um promotor público, mas não havia ninguem para falar pelo acusado, pois, na prática, êle não podia se defender; o 'ato de denúncia' que assinara anteriormente era considerado como sendo seu testemunho. O juri compreendia os mesmos camponeses que haviam composto o presidium na sessão de denúncias. As sentenças impostas pelo tribunal variavam da pena máxima a cinco anos de trabalhos forçados, com o confisco de parte ou o total da propriedade do prisioneiro. O confisco parcial nada significava pois tudo que êle possuía seria confiscado mais tarde quando a campanha da Reforma Agrária começasse realmente.

Os infelizes sentenciados à morte eram fuzilados logo após o pronunciamento da sentença. Antes que o tribunal iniciasse a sessão, era cavado um buraco perto do local para receber os corpos das vítimas. Logo no início da campanha, os condenados podiam dizer algumas palavras antes da execução mas depois que um dêles gritou: 'Viva o presidente Ho! Viva o Partido Lao-Dong!' pouco antes de ser fuzilado, esta 'prática' burguesa foi abandonada. Daí em diante, um membro ficava atrás do acusado, pronto para logo que a sentença fôsse pronunciada enfiar um pedaço de pano em sua boca e arrastá-lo para longe. O que tornava mais terrivel o destino de tais proprietários era que aquêles que compunham o esquadrão de fuzilamento pouco sabiam sôbre armas de fogo, pois a maioria eram guardas da aldeia que seguravam uma arma pela primeira vez. Em consequência disso, várias vêzes as vítimas fôram enterradas vivas. O túmulo era então nivelado e uma árvore ou arbusto plantado sôbre êle. Uma enorme parada era organizada por ocasião da execução de um proprietário, com as crianças batendo em tambores e os adultos gritando os slogans usuais. A multidão tinha que bater palmas quando as vítimas caíam.

Os que testemunhavam todo o processo desde o início se lembravam da estória do gato e do rato; assim como o gato brinca com o rato antes de matá-lo, também o partido parecia ter brincado com o proprietário durante os três dias da sessão de denúncias antes de finalmente destruí-lo. O proprietário era o bode expiatório para

satisfazer os instintos cruéis de alguns fanáticos e despertar terror no coração de tôda a população.

Para completar o quadro da campanha da Redução do Aluguel de Terras, devemos dizer algumas palavras sôbre a famosa 'política de isolamento' que foi responsável por várias mortes, provàvelmente dez vêzes mais que as ordenadas pelos Tribunais Especiais do Povo.

A POLÍTICA DE ISOLAMENTO

Logo que um homem era rotulado como 'proprietário', êle e sua família eram boicotados e evitados por todos. Como cães leprosos, passavam a ser criaturas nas quais as crianças eram encorajadas a atirar pedras. Ninguem tinha permissão para falar com êles ou ter qualquer contato. Por mais de um ano, desde o comêço da primeira campanha até o fim da segunda, os membros das famílias dos proprietários fôram impedidos de trabalhar. Em consequência a maioria dêles morreu de fome, primeiramente crianças e velhos, e eventualmente os outros.

Essa terrivel medida, rigorosamente aplicada, foi planejada para extirpar para sempre a raça dos 'exploradores' de todo o país. Como já dissemos antes, não há relatório oficial sôbre o número de pessoas que morreram de fome devido à tal política, mas uma coisa é certa: a maior parte da classe dos proprietários de terras desapareceu dessa maneira. Nguyen Manh Tuong, em seu discurso no Congresso Nacional da Frente da Pátria em Hanoi em 1956, declara simplesmente: 'Enquanto destruímos a classe proprietária, condenamos inúmeros velhos e crianças a uma horrivel morte'. Em outra passagem do mesmo discurso disse êle:

> A responsabilidade é ùnicamente da pessoa culpada, não de sua mulher, filhos e parentes. Seria injusto, e seria criada uma perturbação desnecessária na ordem social, se obrigassemos os parentes de uma pessoa culpada a compartilhar de sua responsabilidade. Nenhum dos países ocidentais procedeu de tal maneira em quatrocentos anos. A responsabilidade diante da lei é sempre individual. As pessoas idosas muitas vêzes são perdoadas

e não são enviadas para a prisão, e os adolescentes se beneficiam com medidas ainda mais indulgentes.[3]

Pareceria que Ho Chi Minh praticava o genocídio. Realmente, Hitler e Eichmann eram menos hipócritas que Ho e Mao pois, enviando os judeus para as câmaras de gás, os líderes nazistas pelo menos aceitaram inteira responsabilidade por seus crimes. Os líderes vietnamitas e chineses, por seu lado, preferiram ver a classe proprietária morrer de morte 'natural', pela qual ninguem pareceria ser diretamente responsável.

Havia uma falta empedernida de assistência médica. O dr. Tuong resumiu competentemente a situação ao dizer:

> Quando um paciente entra em um hospital para tratamento urgente, a primeira pergunta a ser respondida é "A que classe social pertence êle?" Dar tratamento médico a um proprietário inevitàvelmente acarretaria a perda da posição política de qualquer um. Entretanto, se alguém permitisse que êle morresse, então sua posição política estaria preservada.[4]

Os proprietários de terras que milagrosamente sobreviveram ao movimento de Retificação de Êrros, que se seguiu imediatamente após a campanha anti-Stalin na Europa, fôram os que os vizinhos socorreram. Êles atiravam bolas de arroz, remédios e outras necessárias por cima dos muros das casas nas horas de escuridão.

---

3. Nguyen Manh Tuong: "Com Respeito aos Êrros Cometidos na Reforma Agrária", citado na íntegra na obra dêste autor *A Nova Classe no Vietnã do Norte.*

4. *Ibid.*

15.

A CAMPANHA DA REFORMA AGRÁRIA PRÒPRIAMENTE DITA

Apesar de sua violência quase inacreditável, a campanha de Redução do Aluguel de Terras foi sòmente um brando preâmbulo para a Reforma Agrária pròpriamente dita que se seguiu. Como dissemos antes, a campanha de Redução de Aluguel de Terras tinha como meta liquidar uma seção relativamente pequena da classe proprietária de terras, a mais rica econômicamente, e na terminologia política marxista, a mais reacionária. O aniquilamento dêstes 'caudilhos' nada mais foi que uma medida preventiva com o fim de banir da região rural tôda resistência potencial à política do partido relativa à coletivização da terra e ao estabelecimento de uma ditadura do proletariado.

As duas campanhas utilizaram a técnica da 'mancha de óleo que se espalha'. Em cada aldeia, a Reforma Agrária foi realizada um ano depois que a campanha da Redução do Aluguel de Terras terminou. Uma das razões para êsse ano de espera foi a necessidade de reorganizar a aldeia financeiramente assim como pollticamente. Durante a primeira campanha, os camponeses haviam passado tempo demais em reuniões e procissões, e o cultivo do arroz fôra negligenciado. De fato parecia que um tufão passara pelas aldeias onde a Redução do Aluguel de Terras fôra executada, pois a maioria das sebes desaparecera e os tetos de palha das cabanas esta-

vam sem consêrto. Cachorros, porcos e até mesmo vacas perambulavam à vontade. O povo sofria ainda os efeitos do terror por que havia passado e parecia ter perdido todo o incentivo para trabalhar. Durante gerações tinham trabalhado esforçadamente para melhorar sua condição econômica e social a fim de deixar algo para seus filhos, porém de repente fôram persuadidos que adquirir mais que os outros era uma espécie de crime. Com isso não tinham vontade de trabalhar ou de produzir mais que o absolutamente essencial. Para combater esta inércia geral, o partido recorreu à 'emulação socialista', mas a tarefa de converter os camponeses a esta nova maneira de pensar exigia tempo. Era necessário portanto um mínimo de um ano para fazê-los compreender que ainda deviam trabalhar muito, na verdade mais ainda que antes. Fôram animados para que reparassem suas casas, estábulos e sebes; fôram organizados em grupos para cavarem canais, construirem estradas e se prepararem contra a sêca e a inundação. As ordens da Associação de Camponeses tomavam o lugar da iniciativa privada ou individual, e a norma de vida coletivista gradualmente substituía a antiga regra.

Êsse ano intermediário viu também a reorganização do comitê administrativo e do ramo do partido em cada aldeia, já que ambos êsses organismos haviam sido dissolvidos depois que a campanha da Redução do Aluguel de Terras começara. Todos os antigos funcionários e membros do partido que de algum modo tinham tido relação com a classe proprietária fôram omitidos nos novos organismos, não importa que tivessem sido vigilantes e fiéis. O comitê administrativo da aldeia foi recrutado inteiramente entre os camponeses pobres e sem terras sem consideração pelo fato que muitos dêles eram analfabetos. As mesmas mudanças ocorreram na reorganização do ramo do partido.

Para ser admitido nas novas células, a pessoa tinha que provar não ter tido nenhuma conexão com a classe proprietária, e ter sido suficientemente vigilante durante a campanha da Redução de Aluguel. Como resultado, só uns poucos entre os antigos membros fôram readmitidos, e o novo ramo se compunha na maior parte de membros recém recrutados entre os elementos da linha dura que haviam mantido sua atitude política através tôda a campanha. Havia uma distinção entre os 'antigos membros' e os 'novos', e naturalmente surgiu um conflito entre êles. O resultado de tudo isso foi que, durante a campanha da Reforma Agrária, os novos membros denunciaram os antigos como proprietários e os fizeram ir para a prisão. Grande número dêsses veteranos foi fuzilado como reacionário, enquanto outros doze mil fôram sentenciados com penas diversas (número oficial admitido pelo *Nhan Dan*). Êsses últimos fôram soltos três anos mais tarde durante a campanha de Retificação de Êrros. Mas no decorrer de sua ausência suas casas e propriedades e até mesmo suas mulheres fôram confiscadas. Como isto foi declarado mais tarde como sendo um 'êrro', será discutido no capítulo Dezesseis sôbre 'Retificação de Êrros'.

Surge então uma pergunta: Porque membro do partido, considerados em alta estima durante a primeira campanha, fôram tratados tão duramente no decorrer da segunda? As razões para uma mudança tão abruta parecem ser as seguintes:

1. A Reforma Agrária se transformou em um vasto expurgo em escala nacional, do qual o próprio partido foi excluído. Os membros partidários fôram submetidos à mesma provação de denúncia pública como os outros membros da sociedade. Realmente, os camponeses pobres e sem terras — e sòmente êles — receberam o encargo de expurgar tôda a população inclusive os militantes do partido. O motivo porque os membros do partido escaparam da primeira campanha, mas não da segunda, foi simplesmente uma questão de tática: cada um por sua vez.

2. Quase todos os membros 'antigos' tinham uma origem burguesa ou feudal, assim não é dificil compreender porque êles, também, fôram finalmente classificados como proprietários quando o partido quis adquirir militantes proletários.

3. O atrito entre os antigos e os novos membros do partido provàvelmente surgiu do fato que, durante seus

dez anos de poder (1945-55) os antigos membros haviam formado uma nova classe e, apesar de seu ponto de vista proletário, frequentemente estavam longe de ser gentis em seu tratamento com o próprio proletariado. Podemos dizer que durante a segunda campanha êles pagaram pelo modo com que malbarataram sua autoridade no período anterior à primeira. As passagens seguintes citadas segundo *Cuu Quoc*, o jornal oficial da Frente da Pátria, publicado em Hanoi, ajudará o leitor a compreender porque os trabalhadores tanto odiavam seus 'libertadores'.

Um funcionário do partido, desejando cruzar o rio Gianh durante uma forte tempestade, pediu aos barqueiros que o levassem. Êsses explicaram que era muito perigoso atravessar naquêle momento, mas o funcionário insistiu, gritando "Sou um Comissário Executivo. Minha vida é mais importante que a de vocês!" Usando de sua autoridade, os obrigou a atravessá-lo. Entretanto, ao alcançarem o meio do rio o vento estava tão forte e as ondas tão altas que o bote jogava fortemente, fazendo com que o funcionário amedrontado ordenasse aos barqueiros que voltassem. Assim fizeram mas foram repreendidos mais tarde pelo funcionário pelo fato de terem obedecido. (Número de 22 de julho de 1956.)

Minh era um membro do partido que se tornou gerente de uma fábrica anteriormente de propriedade de um francês, porém êle e sua mulrer passaram a considerar a fábrica como sendo dêles. Diversas vêzes durante a tarde, vestido com seu pijama e acompanhado de sua mulher, Minh percorria a fábrica inspecionando uma seção após a outra. Algumas vêzes sua mulher ia sòzinha e sempre com um ar de proprietária que ofendia os operários. Quando terminavam o trabalho no fim do dia, viam Minh e sua mulher os espiando de uma janela do primeiro andar e cochichavam entre si que Minh não era diferente de seu antigo patrão. Matavam o mesmo número de frangos, vinhos e bebidas eram mais abundantes que nunca, e de tempos em tempos Minh ou sua mulher chamavam um jovem aprendiz para limpar o assoalho ou varrer cascas de laranja ou banana. Cascas de ovos eram jogados pela janela com a mesma regularidade de antes. (Número de 8 de setembro de 1956.)

4. O partido fixara um número excessivamente alto de proprietários a serem denunciados na campanha da Reforma Agrária — cinco vêzes maior que durante a primeira campanha — e assim se os membros antigos fôssem poupados, o número exigido simplesmente não seria alcançado.

Como consequência, a segunda campanha provocou um crescente conflito interno entre os antigos membros, a maioria dos quais eram pequenos burgueses, proprietários de terras e camponeses ricos (todos atraidos para o comunismo por razões que não eram as do interêsse de classe), e os novos membros que abrangiam camponeses pobres e sem terras justamente com alguns desordeiros e maus elementos. A única ambição dos novos membros parece ter sido reduzir tôdas as outras camadas sociais a seu próprio nível. Era essa precisamente a meta do partido, já que o conflito aberto era necessário para levar adiante um expurgo geral, sem o qual o partido não poderia passar de sua posição anti-colonial para uma anti-feudal. Isso está provado pelo fato que, embora inúmeros membros veteranos tenham sido presos ou executados, o partido nunca interferiu em seu favor. Sòmente no fim da campanha o general Vo Nguyen Giap, falando pelo partido, declarou que tôda ela fôra um êrro e prometeu retificação.

Como na campanha de Redução do Aluguel de Terras, a Reforma Agrária começou com uma classificação, ou reclassificação, da população das aldeias, continuou com as denúncias e terminou com julgamentos e execuções. Fôram usadas as mesmas técnicas para provocar e espalhar o terror, com a única diferença que as vítimas da segunda campanha fôram muito mais numerosas. O número de sentenças de morte foi fixado em um mínimo de cinco por aldeia. Acredita-se que o número de suicídios foi também muito maior que na campanha anterior devido ao fato que os recém-descobertos proprietários sentiam uma irresistível sensação de vergonha em serem assim classificados, pois sòmente um ano antes êles próprios haviam denunciado violentamente aquêles que tinham sido classificados como proprietários na outra campanha. O número de mortes causado pela fome parece ter sido também mais elevado, já que os camponeses ricos e os de nível médio tiveram mais dificuldade em sobreviver a tal política que os verdadeiros proprietários, os quais, psicològicamente, estavam melhor preparados para enfrentar tal situação. Muitos sabiam com antecedência o que esperar e assim, de uma certa forma, estavam

prontos para sua terrivel provação. Também materialmente, os verdadeiros proprietários tinham mais em seu favor, pois a maioria dêles — ou membros de suas famílias — se dedicavam a outras profissões que continuaram intocadas por lei. Possuiam parentes ou amigos que eram comerciantes ou funcionários públicos (êsses não fôram afetados diretamente pela Reforma Agrária) os quais, de uma maneira ou de outra, lhes davam alguma ajuda financeira. Por outro lado, os recém-descobertos proprietários eram pessoas que nunca haviam saido de suas aldeias e não tinham outra ocupação a não ser o cultivo de arroz. Sua situação era melhor que a do aldeão médio à fôrça de trabalho duro e de parcimônia. Não tinham outra fonte de ajuda material e, portanto, muito pouca chance de sobreviver.

Os programas das duas campanhas diferiam em um único ponto. Na primeira a desapropriação era ocasional, enquanto no segundo foi praticada de modo generalizado, e no término dessa a terra foi re-distribuida.

DESAPROPRIAÇÃO

No decorrer da primeira campanha foi feita alguma tentativa para justificar o confisco da riqueza. Era uma forma de punição distribuida pelo Tribunal Especial do Povo aos 'caudilhos' cujos pretensos atos criminais mereciam tal castigo. Outros proprietários, cuja propriedade não teve ordem de ser confiscada, conservaram tudo que possuiam. Eram, porém, proibidos de vender a menor coisa que tinham. Tudo tinha sido anotado no início da campanha, e o proprietário era responsável por qualquer perda ou dano ulterior. Por exemplo, dêste momento em diante o jardim era do seu dono legal, mas os frutos das árvores já pertenciam ao 'povo'. Muitos proprietários fôram, realmente, muito maltratados porque, como Adão e Eva, não puderam resistir ao 'fruto proibido'. A mesma medida absurda foi aplicada aos arrozais. Seus donos continuavam a possuí-los em teoria, mas tôda a renda da terra ia diretamente para a Associação de Camponeses. Essa situação durou um ano até o advento da

Reforma Agrária pròpriamente dita, quando se declarou que tôdas as propriedades seriam requisitadas. De acôrdo com uma lei (Decreto N.º 197-SL, Capítulo II, Art. 4, publicado em 19 de dezembro de 1953), 'sòmente terras, animais domésticos e instrumentos agrícolas serão passiveis de requisição' e 'tôdas as outras propriedades serão isentas'. Mas, se tal acontecesse, o proprietário e sua família receberiam ordem de abandonar a casa deixando todos seus bens.

A desapropriação, que na primeira campanha fôra usada como punição para alguns proprietários, foi aplicada à tôda a classe proprietária na segunda, quando foi considerada como uma medida necessária para assegurar a transição entre uma sociedade possuidora de bens para uma outra socialista. Deve ser lembrado que, segundo a Lei de Reforma Agrária, havia três formas diferentes de desapropriação:

1. *Confisco* de terras e bens de 'colonialistas franceses, e outros agressores imperialistas, e de traidores, reacionários e tiranos cruéis vietnamitas'. O confisco, que deveria ser total para o primeiro grupo, poderia ser total ou parcial para o segundo (traidores vietnamitas e etc), segundo a gravidade de suas ofensas.

2. *Requisição sem indenização* com respeito à propriedade pertencente ao segundo grupo que não fôra confiscada. Isso significava que a desapropriação seria total, de uma maneira ou de outra, tanto para o segundo grupo como para o primeiro.

3. *Requisição com indenização* com respeito aos proprietários não-reacionários. As indenizações compensadoras deveriam ser iguais ao valor da produção anual média da terra desapropriada e seriam pagas sob a forma de concessões especiais de títulos do govêrno com um rendimento anual de 1 1/2%. O capital, fixado pelo valor da produção de um único ano, deveria ser reembolsado no fim de dez anos. Mas, se nos exprimirmos moderadamente, como havia grande relutância em classificar qualquer proprietário como 'não-reacionário', essa

terceira forma de desapropriação só existia no papel e não foi aplicada durante as duas sucessivas campanhas.

Sòmente dois anos depois, por ocasião da campanha de Retificação de Êrros, muitas dessas pessoas fôram reclassificadas como proprietários 'comuns' ou da 'resistência', ou até mesmo como camponeses de nível médio ou pobres, e assim lhes fôram devolvidas suas terras e casas mas não a mobília, que há muito fôra distribuida entre os camponeses pobres. Ao voltarem da prisão com permissão para retomar a posse de suas antigas casas, estas pessoas "rehabilitadas' geralmente encontravam um teto sustentado por algumas estacas nuas. Os camponeses pobres que tinham tido licença para ali morar durante um ou dois anos tinham retirado portas, janelas e paredes de madeira para usá-las como lenha. Tinham derrubado também tôdas as árvores do jardim para vendê-las antes de receberem ordem de mudança. Por tôdas estas pêrdas, as vítimas dos 'êrros' não receberam nenhuma compensação ou indenização, sòmente algumas palavras de consôlo.

Quanto ao famoso 1 1/2% de juros, nenhum proprietário foi bastante corajoso, até o presente momento, para pedir seu pagamento. Todos sabiam que, se o fizessem, provariam por êsse mesmo fato que ainda possuíam o 'espírito de proprietário' e não mereceriam a reclassificação em uma outra classe social (como foi estabelecido pelo Decreto de Classificação Popular) depois de um período de cinco anos de trabalho pesado. Assim, como uma espécie de entendimento secreto, tanto as vítimas como o partido deixaram passar em silêncio esta bem especificada cláusula. Quanto ao reembôlso do capital, prometido para daí a dez anos (i.e. de 1964 a 1966), ainda temos algum tempo para ver se o govêrno da RDV honrará seu compromisso ou não, e para observar, após dez anos de coletivismo e re-educação intensiva, se ainda há pessoas bastante teimosas para pedirem tal pagamento.

Assim, as três formas de desapropriação estabelecidas por lei fôram reduzidas na prática sòmente a duas, i.e. confisco e requisição sem indenização — sendo que a última é exatamente equivalente ao confisco. Na realidade, tôdas as pessoas classificadas como 'proprietários', justamente ou não, tiveram que deixar suas casas de mãos inteiramente vazias, com exceção de alguns trapos. Como tudo mais, essas duas formas de desapropriação fôram realizadas com muito ritual e cerimônia para impressionar as massas. Para dar aos leitores uma idéia justa de tal cerimônia, reproduzimos aqui um artigo do *Cuu Quoc*, N.º 2741 de 1.º de janeiro de 1956:

Camponeses da aldeia de Thuong se espalhavam pela casa de Phong como ondas sôbre a praia. Havia muito aceno de bandeiras e bater de tambores com o acompanhamento dos gritos habituais de "Abaixo —" e "Viva —". No centro do pátio estavam arados, pás, regadores, foices, segadeiras, cêstas, caçarolas, bandeijas e bacias de cobre, etc., tudo muito bem arrumado. Havia camelias e peônias ao redor do pátio, com flores vermelhas. Um camarada da linha dura chamou a mulher de Phong e, falando pela Associação dos Camponeses, declarou que todos seus bens estavam confiscados. Os camponeses se reuniram em um círculo, seus gritos continuavam, aumentando de violência. O camarada explicou à mulher que seu pai e seu avô nunca tinham feito trabalho manual, e que sua propriedade era fruto de exploração e usura, e pertencia agora aos camponeses. O camarada então declarou solenemente o confisco de seus vinte e quatro mau (vinte acres) de arrozais e de tôda sua propriedade. Todos aplaudiram, gritando: "Viva o presidente Ho!" e "Benvinda seja a política de confisco e requisição, com ou sem compensação, do partido e do govêrno." E com isso grupos de meninos e meninas levaram cêstos de arroz e dois búfalos foram trazidos. Os aplausos e gritos começaram mais uma vez.

O povo levou todos os pertences nas costas ou pendurados de uma vara sôbre os ombros, batendo todo o tempo em tambores.

EXPOSIÇÕES

Logo que terminava a cerimônia de confisco, era organizada uma exposição dos pertences pessoais confiscados do proprietário. A fim de ilustrar o grande contraste nos níveis de vida entre os camponeses e os proprietários, os bens pessoais das duas classes eram expostos lado a lado. Na metade do aposento estavam expostas coisas como roupas de sêda, chapéus europeus, bengalas, sapatos de couro, cachimbos de marfim, escarradeiras de cobre, albuns de fotografias (nos quais geral-

mente se encontravam muitos retratos de membros dos altos escalões) ; enquanto na outra metade havia uma saia esfarrapada, alguns trapos e uns poucos potes de barro e coisas semelhantes, representando a pobreza do camponês vietnamita. Às vêzes eram mostradas também duas refeições contrastantes: a do proprietário, consistindo de frango, peixe, porco assado e vinho, e a do camponês, que se compunha de arroz de qualidade inferior, alguns legumes e uma minúscula tigela de mal cheiroso môlho de soja.

Em 1954, algumas semanas depois que os comunistas voltaram a Hanoi, houve uma destas exibições na praça Hang Dau no centro da cidade. A finalidade era sem dúvida provar ao povo a necessidade da Reforma Agrária e os benefícios que daí viriam, e assim conquistá-los para a causa da revolução proletária. Entretanto, a exposição foi ràpidamente fechada depois que alguns visitantes opinaram que, se era aquêle o modo de vida de um proprietário, então seu padrão era inferior ao de um operário de fábrica de Hanoi. Isso é verdade, pois em qualquer país sub-desenvolvido há uma grande diferença em riqueza e bens entre as cidades mais ou menos ocidentalizadas e a zona rural circunvizinha onde o povo ainda vive como seus antepassados viveram por séculos. O contraste era particularmente notável no Vietnã, onde a guerra se prolongara por quase uma década. A zona controlada pelos comunistas fôra separada do mundo civilizado e submetida a bombardeio diário, enquanto as cidades ocupadas, onde o Corpo Expedicionário Francês gastava uma grande parte do orçamento francês, estavam bem supridas de mercadorias de tôda a espécie, importadas da França ou fornecidas pelas missões de Ajuda Americana. Com isto, os níveis de vida nestas cidades eram excepcionalmente altos, apesar de artificiais. Em contraste, as pessoas na zona comunista, privadas de tôdas as comodidades modernas, reverteram aos poucos para um padrão de vida medieval. Os chamados proprietários das áreas da Resistência, embora em melhores condições que o citadino médio, nada possuíam que pudesse despertar a inveja do mesmo. Mas a luta de classe tinha de ser levada avante, apesar da pobreza geral; êsses proprietários, rotulados como 'vís opressores' e 'servos do colonialismo', deviam perder suas terras, casas e bens pessoais para que isso fôsse dado aos camponeses mais pobres.

DISTRIBUIÇÃO DA TERRA E OUTRAS PROPRIEDADES

Antes que se possa fazer uma avaliação justa dos resultados alcançados pela Reforma Agrária, há dois fatores que precisam ser conhecidos: *primeiro*, que quantidade de terra foi confiscada e de quantos proprietários? *Segundo*, a quantas pessoas foi dada esta terra, e quanto cada um recebeu? A tarefa de encontrar tal informação não é fácil, sendo que a principal dificuldade surge da ausência de dados. As autoridades da RDV nunca declararam o número de proprietários despojados em qualquer de suas publicações oficiais. O provável motivo para isto é que o número de pessoas classificadas como proprietários foi tão grande que, se fôsse publicado, os mais inteligentes compreenderiam que a proporção da população classificada como 'inimigos do povo' era fantàsticamente alta.

Quanto às terras, nem todas as propriedades confiscadas pertenciam à classe proprietária. Muitas eram, de fato, terras comunais cultivadas em turnos pelos camponeses residentes na aldeia à qual pertenciam. Entretanto, sob o pretexto que, na maior parte, essas terras, haviam sido usurpadas pelos 'exploradores', os comunistas as confiscaram, distribuindo-as entre os camponeses pobres, teòricamente como propriedade privada, e depois reuniam o conjunto como a propriedade coletiva das cooperativas. Também aqui, as autoridades da RDV não declararam quanto das terras desapropriadas pertenciam a proprietários particulares e quanto era simplesmente terra comunal tomada da comunidade. Mas ficou bem claro no *Boletim Econômico da Indochina*, 1938, reproduzido em uma recente publicação oficial em Hanoi,[1] que as terras

1. Nguyen Hong Phong: *Xa Thon Viet-Nam*, Hanoi, 1959.

comunais representavam 20% de tôda a terra cultivada no Tonkim e 25% em Anam. Tal fato era característico da agricultura vietnamita, e a êsse respeito é reveladora a passagem seguinte citada segundo a mesma fonte comunista:

Em algumas localidades, as terras comunais compreendem uma proporção muito elevada do total. Em Xuan-Truong (província de Nam-Dinh), por exemplo, as terras comunais representam 77,5% de tôdas as terras cultivadas no distrito. Mas em outras localidades alcançam proporções menores: 59% no distrito de Tien-Hai (província de Thai-Binh), 42,5% no distrito de Khoai-Chau (província de Hung-Yen), 46% no distrito de Ly-Nhan (província de Ha-Nam)... Na província de Quang-Tri, por exemplo, havia mais terra comunal que particular, e no distrito de Trieu Phong tôda a terra cultivada era comunal. Cada adulto nêste último distrito recebia cêrca de três mau (mais ou menos dois acres e meio).[2]

Desde tempos imemoriais que existem terras comunais no Vietnã, sendo provàvelmente uma sobrevivência de uma forma primitiva de comunismo. Mas agora essas terras fôram incorporadas às tomadas aos proprietários, com o Partido Comunista as redistribuindo aos camponeses para demonstrar as vantagens da Reforma Agrária. Parece, contudo, que metade dessas vantagens resultam de um comunismo primitivo e sòmente a metade restante pode ser atribuida ao 'comunismo marxista'.

Nguyen Hong Phong (em *Xa Thon Viet-Nam*, p. 69) admite a existência de 240.000 *ha* de terras comunais no Tonkim, e 200.000 *ha* no Anam. Como o território da RDV abrange todo o Tonkim e a metade norte do Anam, presume-se que a área total de terra comunal confiscada durante a Reforma Agrária foi de 240.000 mais 200.000 dividido por dois, i.e. 340.000 ha.

O govêrno de Hanoi nunca revelou a área total atingida pela Reforma Agrária, publicando sòmente resultados parciais em diversas localidades diferentes. Além disso, depois das primeiras divisões houve repetidas 'retificações', e em muitos casos terras e casas que já haviam sido dadas as camponeses pobres fôram retomadas e entregues a seus antigos donos, os quais supostamente

2. *Ibid.*

tinham sido classificados errôneamente como proprietários. Tudo isso torna o problema mais complexo, e ninguem pode ter certeza, mesmo se analisarmos todos os documentos oficiais disponíveis, do total exato de terras confiscadas e re-distribuidas. Entretanto, os números seguintes fôram publicados em 1957 por um perito soviético, V. P. Karamichev, na publicação de Moscou *Ekonimika Sel'kogo Khozyaistva* (Economia de Criação e Rural) (Vol. 5):

A campanha da Reforma Agrária realizou o confisco de 702.000 hectares (1.734.642 acres) de terras, 1.846.000 instrumentos agrícolas, 107.000 animais e 22.000 toneladas de alimentos. Tudo foi re-distribuido entre 1.500.000 famílias de camponeses pobres e assalariados.

Se os números de Karamichev estão certos, então cada família receberia cêrca de um acre de terra, um instrumento agrícola e um-têrço de um animal. Devemos compreender que sob o título de 'instrumentos agrícolas' estão incluidos coisas como cêstos, foices e segadeiras, assim como caçarolas, bandejas de cobre e assim por diante. Cães, gatos e cabras estavam incluidos com vacas e búfalos na categoria de 'animais'.

Mas há razões para se acreditar que os números de Karamichev são um tanto exagerados, já que os mais otimistas entre os resultados parciais publicados na imprensa de Hanoi anunciam um resultado muito mais modesto. Por exemplo, um comunicado do Comitê de Reforma Agrária, com respeito às áreas suburbanas de Hanoi, as mais ricas no Vietnã do Norte, declara:

Os trabalhadores confiscaram ou requisitaram da classe proprietária 20.482 *mau* (18.220 acres) de arrozais, 511 animais, 6.156 instrumentos agrícolas, 1.032 casas e 346.903 quilos de alimentos. Obrigaram também os proprietários a devolverem como excesso de aluguel de terras 155.069 quilos de arroz com casca e 6.429.950 *dong* (aproximadamente 1.000 dólares). Tudo isto foi dividido entre 24.690 famílias de camponeses e trabalhadores, compreendendo ao todo 98.113 pessoas. Em média, cada camponês sem terra recebe 2 *sao*, 9 *thuoc* (0,205 acres); cada camponês pobre recebe 2 *sao*, 8 *thuoc* (0,200 acres); e cada camponês de nível médio recebe 2 *sao*, 13 *thuoc* (0,270 acres).[3]

3. Citado de *Nham Dan*, Nº 740, Hanoi, 13 de março de 1956.

Uma análise dêsses números mostra que cada pessoa receberia, além de seu pedaço de terra: 1/17 de um instrumento agrícola; 1/95 de uma casa; 1/192 de um animal; 11 libras de alimentos; e 65 *dong* (cêrca de 0,01 dólar).

Um estudo cuidadoso dos textos anteriores permite tirar as seguintes conclusões sôbre a desapropriação e re-distribuição.

1. Segundo a Lei de Reforma Agrária (Título II, capítulos um e dois) [4] as propriedades que não fôssem terras, animais domésticos e instrumentos agrícolas só eram confiscadas de traidores e reacionários. Isso dá a entender que as 1.032 casas mencionadas no comunicado devem ter pertencido a traidores e reacionários. Se supormos que um reacionário vivia em cada uma destas casas (temos tôda justificativa para isso, já que o têrmo vietnamita *nha-cua* usado no texto significa simplesmente uma morada ou residência), então podemos ter alguma idéia do número de reacionários. Representa cêrca de 4% do número total de famílias de proprietários, camponeses e trabalhadores, um número tão alto que sugere que tôda a classe proprietária foi classificada como reacionária e traidora.

2. Se o número de animais, instrumentos agrícolas, alimentos, juntamente com o total de dinheiro e a área de terras confiscados, fôr dividido pelo número de proprietários de terras, então o proprietário médio parece ter possuido 1,8 acres, metade de um animal, seis instrumentos agrícolas, 1.100 libras de alimentos e 1 dolar ao todo. Isto dificilmente indica grande riqueza.

3. O fato que camponeses de nível médio podiam receber uma parte maior que os pobres ou os sem terras, torna bem claro que êstes epitetos (sem terras, pobres e de nível médio) não tinham nenhuma relação com a respectiva situação social das diversas pessoas assim classificadas. Estas três categorias eram, de fato, igualmente pobres — ou quase — e deveriam ter sido reunidas em um grupo de camponeses pobres. Mas como os verdadeiros camponeses de nível médio haviam sido classificados como ricos ou proprietários, foi necessário escolher alguns camponeses pobres e colocá-los entre os de nível médio.

4. Ver Allan B. Cole, ed. Conflito na Indochina e Repercussões Internacionais.

4. Se o total de alimentos e de dinheiro confiscados é dividido pelo número de camponeses, então cada pessoa recebeu 11 libras de alimentos (provàvelmente arroz com casca, milho e batatas doces) e 0,01 dólar. Supondo que cada pessoa necessite de uma libra de alimento por dia, cada uma recebeu alimento e dinheiro para dez dias. Mas êste é um cálculo teórico, pois na prática as coisas fôram ligeiramente diferentes, já que uma porção considerável do total confiscado em alimento e dinheiro fôra gasto pela Associação dos Camponeses de diversas maneiras, inclusive em uma festividade em honra da 'brilhante vitória contra o feudalismo'. Em uma aldeia onde estivemos durante esta 'campanha de estremecer céus e terra', um camponês pobre recebeu cêrca de 5 libras de arroz com casca, enquanto um de nível médio ganhou uma soma suficiente para comprar um maço de cigarros locais. Realmente, muitas pessoas fôram criticadas por haverem gasto tôda a soma comprando guloseimas para si e seus filhos. Esta foi a recompensa por seis meses de contínuo estudo, discussão, marchas, aceno de bandeiras e gritos, com o custo de quase meio milhão de vidas. Somos forçados a concluir que, à parte um acre de terra que cada família camponesa recebeu (e metade desta terra já era anteriormente comunal), a propriedade confiscada distribuida entre os camponeses era pràticamente insignificante.

No delta de Tonkim um arrozal é muito valioso, especialmente nos arrabaldes de Hanoi, onde os prêços alcançam até 100 dólares por acre; foi, portanto, uma façanha dar a cada camponês uma tal fortuna. Os camponeses pobres ficaram naturalmente muito felizes em receberem um presente em terras, porém seu frenético entusiasmo depressa desapareceu quando compreenderam o que viria depois. Quando o recém-adquirido peda-

ço de terra foi incorporado à área que já possuíam, sua renda decorrente da produção aumentou proporcionalmente. Em consequência, composto agrícola progressivo passou a ser duas ou três vêzes mais alto que o que pagavam anteriormente. A situação se agravou com o fato que essas terras confiscadas de proprietários haviam sido taxadas prèviamente com base em uma 'produção média' excessivamente alta, com o propósito deliberado de arruinar os proprietários. Essas terras eram agora distribuidas aos camponeses pobres, isto é, àquêles que haviam votado tais números exagerados e que agora, em consequência, tinham que suportar os resultados de suas anteriores bem intencionadas más ações. O resultado final foi que tiveram que pagar ao govêrno tanto quanto costumavam pagar aos proprietários.

Alguns meses após a distribuição dessas terras, tôda a propriedade privada foi coletivizada, significando que ninguém mais era dono de sua terra, e sim tinham que trabalhar desde a madrugada até o escurecer para ganhar o salário máximo permitido — dez *marks*. Isso representava o equivalente a três libras de arroz por dia. Dos vinte *marks* obtidos diàriamente pelo camponês e por sua mulher, um ou dois eram pagos a alguma mulher do vilarejo que tomava conta das crianças e mais um ao vizinho que fazia as compras. Êste sistema ainda está sendo praticado e provàvelmente continuará até que o sistema de comunas seja instalado no Vietnã do Norte.

Como tôdas as ações comunistas, a distribuição de terras foi realizada com grande cerimônia. Houve os habituais comícios monstros, procissões, discursos demorados, slogans, bandeiras e tambores. Cada camponês recebeu um 'Certificado de Propriedade Privada' e uma taboleta de madeira com seu nome cuidadosamente escrito, a qual era colocada no meio da terra a êle atribuida. Inevitàvelmente, surgiram disputas barulhentas quanto ao pedaço de terra que caberia a cada um, mas em conjunto não houve muita dificuldade, pois havia terra suficiente para satisfazer a todos.

Mas com a distribuição de casas, animais domésticos e especialmente com os móveis, já não foi tão fácil. Em muitos casos, os membros dos quadros partidários tiveram que utilizar todo seu engenho para contentar a todos e impedir francas rivalidades. O trecho seguinte tirado do jornal do partido ilustra de maneira vívida as cenas que se passaram.

O Guarda-louça

Na aldeia de D.M., a reunião convocada para a distribuição da propriedade conseguida na luta durou desde o comêço da manhã até tarde, sem que nada ficasse resolvido. Na hora do jantar, todos fôram para casa para uma refeição apressada e voltaram correndo para a sala de reunião. Até as crianças fôram com suas mães e, quando exaustas, dormiram sôbre algumas taboas. Os búfalos, vacas e casas fôram repartidos, e só restou a distribuição dos objetos mais difíceis de dividir. Não era fácil conseguir um acôrdo em qualquer ponto; todos precisavam e os bens a serem repartidos eram escassos. Os argumentos eram intermináveis, porém o objeto que causou a maior dificuldade foi um guarda-louça. As sras. Tru e Du eram igualmente pobres e necessitadas e ambas desejavam desesperadamente possuir o guarda-louça. Logo se tornou óbvio para todos que nenhuma das duas queria que a outra o conseguisse. No final de um longo argumento a sra. Tru disse: "Durante tôda a tarde tentei explicar a você qual é a minha situação, e dei uma quantidade de boas razões porque quero o guarda-louça, mas você positivamente se recusa a compreender. Nunca encontrei ninguém tão cobiçosa como você". Imediatamente a sra. Du, vermelha de raiva, exclamou: "Como ousa me chamar de cobiçosa! Você despreza a riqueza? Já tem um quarto e uma fechadura, entretanto ainda quer um guarda-louça!"... Depois desta cena, o membro do partido encarregado convocou uma reunião dos elementos da linha dura após uma discussão, êle os mandou apelar para o "espírito revolucionário" das duas mulheres. Assim a camarada Bao (uma moça da linha dura) se dirigiu primeiro à sra. Tru, mas logo que esta a viu disse: "Sei porque você veiu: para me fazer mudar de idéia. Mas não adianta, não mudarei. Nunca desistirei do guarda-louça para Du... Trabalhei como empregada para Xoe (a dama de quem o guarda-louça foi confiscado) por mais de dez anos e sofri muito com ela. Agora que a luta nos trouxe tantos de seus pertences, eu ainda não tive uma única coisa. Você notou que desde o princípio desisti tôdas as vêzes em favor de alguém mais necessitado que eu? A única coisa que realmente desejo é aquêle guarda-louça. Sabe, vivo em um lugar isolado fora da aldeia e tenho que frequentar reuniões tôdas as noites. Enquanto estou fora nunca fico sossegada, porque tenho mêdo que possa ser roubada enquanto a casa está vazia. Se tivesse um guarda-louça para fechar a chave tudo que tenho, eu me sentiria muito mais descansada".

"Ontem", respondeu à camarada Bao, "todos repararam em seu desprendimento — a maneira com que você ficou de lado em favor dos mais pobres. Vejo que o assunto do guarda-louça é importante para você, e tem razão quando diz que sua casa é isolada. Sei, também, que você sai frequentemente... Nossa infelicidade é que não há um número suficiente de coisas para satisfazer a todos. Como seria mais fácil se houvesse um guarda-louça para cada uma de vocês. Assim como está, a sra. Du também quer aquêle guarda-louça".

Calmamente a sra. Tru respondeu: "Tanto ela como seu marido são tão saudáveis e fortes como elefantes. Se êles continuarem a viver tão preguiçosamente como antes, ficarão naquêle barraco em ruínas até o fim de seus dias. Mas eu trabalhei duro como empregada na família Xoe por mais de dez anos. Todos os dias eu a via abrir e fechar o guarda-louça, e sempre esperei ter um dia um guarda-louça assim. Agora, graças à liderança do partido, a luta foi ganha e eu tenho uma chance de conseguir o guarda-louça; não ficarei satisfeita até tê-lo".

"Isto é muito compreensível", disse Bao, "mas lembre-se que o guarda-louça foi feito com suor e lágrimas de camponeses. Agora é propriedade comunal e não pertence mais à família Xoe. Os camaradas camponeses conseguiram tomar os arrozais, casas e móveis da classe proprietária sòmente por meio de um esfôrço unido; o esfôrço individual nunca pode ter tanto sucesso. Se todos reclamassem todos os bens de seus antigos patrões para si mesmos, não haveria mais unidade e compreensão mútua em nossas fileiras".

Naquela tarde a sra. Tru fez saber que retirava sua exigência pelo guarda-louça. (*Nhan Dan*, 20 de maio de 1956.)

O artigo acima foi citado um tanto extensivamente, para nos dar um retrato fiel de um aspecto importante da Reforma Agrária. Revela também um fator psicológico muito comum entre as massas nos países sub-desenvolvidos, e que os leva a apoiarem o comunismo. Só no comunismo êles vêem alguma esperança de obter o objeto de seus desejos. Para conseguirem a posse estravagante de alguma coisa como êsse guarda-louça barato, estão preparados para apoiar os comunistas apesar de quaisquer privações e perigos que isso acarrete.

16.

RETIFICAÇÃO DE ÊRROS

Logo que terminou a Reforma Agrária (em 1956) e a chamada autoridade dos camponeses ficou bem estabelecida nas aldeias, o partido inesperadamente admitiu ter cometido sérios êrros durante as duas campanhas anteriores quando as 'massas' tinham tido 'inteira liberdade'. Devido a isso, os comunistas prometeram corrigir todos êsses êrros os quais, segundo suas próprias palavras, tinham tido um efeito devastador no prestígio do partido e no bem-estar do povo. Assim foi iniciada uma campanha de 'Retificação de Êrros', começando com a demissão de Truong Chinh, secretário-geral do partido, e de Ho Viet Thang, vice-ministro encarregado da Reforma Agrária.

Vo Nguyen Giap, como porta-voz do partido, leu uma longa lista de êrros no 10.º Congresso do Comitê Central do Partido. Dizia ela:

"(a) Ao realizarem sua tarefa anti-feudal, os membros de nossos quadros sub-estimaram ou, pior ainda, negaram tôdas as realizações anti-imperialistas, e separaram a Reforma Agrária e a Revolução. O pior de tudo, em algumas áreas fizeram até as duas mùtuamente exclusivas.

"(b) Deixamos de compreender a necessidade de união com os camponeses de nível médio, e deviamos ter feito alguma aliança com os camponeses ricos, os quais tratamos da mesma maneira que aos proprietários.

"(c) Atacamos indiscriminadamente as famílias proprietárias, sem nenhuma consideração por aquelas que serviram a

Revolução e com as que tinham filhos no exército. Não mostramos nenhuma indulgência para com os proprietários que participaram da Resistência, tratando seus filhos da mesma maneira com que tratamos os filhos dos outros proprietários.

"(d) Tivemos muitas divergências e executamos pessoas honestas demais. Atacamos numa frente grande demais e, vendo inimigos em tôda a parte, recorremos ao terror, o qual se tornou por demais espalhado.

"(e) Enquanto realizávamos nosso programa de Reforma Agrária deixamos de respeitar os princípios de liberdade de fé e crença em muitas áreas.

"(f) Em regiões habitadas por tribus minoritárias atacamos os chefes tribais fortemente demais, injuriando assim, em lugar de respeitar, os costumes e as maneiras locais.

"(g) Ao reorganizar o partido, demos importância excessiva à noção de classe social em vez de aderir firmemente só às qualificações políticas. Em lugar de reconhecer a educação como sendo a primeira coisa essencial, recorremos exclusivamente a medidas organizacionais como punições disciplinares, expulsão do partido, execuções, dissolução de ramos e células partidárias. Ainda pior, a tortura passou a ser considerada como prática normal no decorrer da reorganização do partido".[1]

Essa confissão, juntamente com o afastamento espetacular dos responsáveis pelo movimento, levou muitos observadores estrangeiros a acreditar que os êrros confessados eram faltas genuínas, e que havia um esfôrço sincero da parte dos líderes norte vietnamitas para corrigí-los. Alguns chegaram até a concluir que todo o processo havia sido um completo fracasso. Isso estava longe da verdade, pois a chamada campanha de Retificação de Êrros foi sòmente um outro lôgro em uma lista já longa.

A Retificação foi na verdade parte integral do bem planejado processo da Reforma Agrária e, como tal, foi concebido muito antes como uma conclusão necessária à Reforma Agrária. O leitor se lembrará que, desde o início, em 1953, o partido começara a chamada Luta Política (descrita como *Primeira Onda de Terror* no capítulo Sete) a fim de preparar o caminho para a Reforma Agrária, i.e. passar passo a passo de uma situação normal para uma de terror. Dessa vez o processo foi invertido. Após três anos de contínua violência, o partido desejava

1. *Nhan Dan*, Nº 970 (31 de outubro de 1956).

voltar a uma situação normal tão suavemente quanto possível, e o fizeram recorrendo à campanha de Retificação de Êrros. Era inevitável que o partido sofresse uma certa perda de prestígio mas estava preparado para aceitar êste pequeno sacrifício.

Não há dúvida que quando Mao e seus teóricos planejaram suas técnicas para a Reforma Agrária, êles deliberadamente maquinaram um excesso de violência porque acreditavam ser necessário para assegurar seu sucesso. Segundo seus cálculos, êsse excesso seria corrigido por um processo inverso chamado 'Retificação'. Encontramos prova convincente disto em 1926, quando Mao declarou claramente que 'para corrigir um êrro devemos ultrapassar o limite do direito'.[2] A atitude de Mao foi mais tarde adotada por Ho, que explicou cuidadosamente a um número restrito de membros do partido a estratégia básica de sua política. 'Para endireitar um pedaço curvo de bambú', disse êle, 'devemos vergá-lo na direção oposta, mantendo-o nesta posição durante algum tempo. Então, quando a mão é afastada êle lentamente se endireitará por si'.

Evidentemente, tanto Ho como Mao anteciparam uma forte reação pública contra a política da Reforma Agrária e concluiram que sòmente um deliberado excesso de terror aniquilaria tal reação. A fim de compreender porque tal excesso era considerado indispensável, devemos entender primeiro o fim para o qual os dois líderes realizavam sua Reforma Agrária.

Em primeiro lugar, a Reforma Agrária não consistia ùnicamente no confisco e re-distribuição de terras. Se êsse tivesse sido seu único objetivo, então as regulamentações governamentais teriam sido suficientes. Anteriormente à Reforma diversos proprietários por sua livre vontade haviam oferecido suas terras ao Estado. Os oferecimentos fôram recusados ou, em alguns casos, aceitos por alguns anos, após os quais as terras fôram devolvidas a seus antigos donos sob o pretexto que 'nenhum cidadão deveria ser privado de meios normais de subsistência'.

2. Mao Tse-tung: "Relatório sôbre uma Investigação no Movimento dos Camponeses na província de Hunan", em *Trabalhos Selecionados* (Lawrence e Wishart, Londres, 4 volumes, 1954-56).

A verdade era que os proprietários precisavam permanecer como tal até o momento em que deveriam se tornar bodes expiatórios. Afinal das contas, era imaterial a quem pertenciam as terras já que essas podiam ser confiscadas pelo govêrno ditatorial sempre que o desejasse. O verdadeiro propósito por trás da Reforma Agrária era o seguinte:

1. Confisco e re-distribuição eram sòmente estágios transitórios antes do objetivo final — a coletivização da terra. A fim de obrigar tôda a classe camponesa a aceitar sem rancor a norma de vida coletiva, os líderes comunistas acharam necessário 'matar o espírito de propriedade' que existia há séculos nas mentes de cada camponês. Para alcançar êste fim, aplicaram uma antiga máxima chinesa que dis: 'Mate só um e amedronte outros dez mil'. Nas circunstâncias, podia se ler: 'Mate alguns proprietários em cada aldeia e amedronte tôda a população'. Isto explica porque uma 'cota' mínima de sentenças de morte foi fixada para cada aldeia, mesmo para aquelas onde tôda a terra era comunal. O 'terror' foi alcançado ràpidamente, e todo o povo do Vietnã do Norte inventou uma nova máxima, que estava nos lábios de todos: 'Apanhe sua água do rio, compre seu arroz no mercado, vá para o hospital em caso de doença e se enterre em um cemitério público depois da morte'. (Esta expressão é muito mais epigramática na lingua vietnamita.) Significa que o homem sábio tomará cuidado em nada possuir de seu durante tôda sua vida.

2. Ao forçar os camponeses a denunciar e matar os proprietários, o partido queria fazê-los compartilhar da culpa do sangue. Assim, aquêles que direta ou indiretamente participaram dos massacres, estando moral e pollticamente comprometidos, eram forçados a se alinharem ao partido pelo mêdo da represália. Impossibilitados de ficarem ao lado de seus antigos senhores em uma revolta contra os novos, tinham que aceitar o destino que o partido lhes reservava. O complexo de culpa que obsecou as mentes dos camponeses depois do massacre de cêrca de 5% de tôda a população foi descrito eufemìsticamente na literatura comunista oficial como 'a consciência do camponês em ser senhor de seu próprio destino'.

3. A Reforma Agrária, no sentido político da palavra, significa uma mudança radical do ponto de vista anti-imperialista para o anti-feudalista ou, em outras palavras, da guerra anti-colonialista contra a França para o morticínio em massa dos proprietários locais. Mudando o objetivo de sua luta, o partido sentia ser essencial expurgar não só todos os elementos nacionalistas da Resistência, como também se desembaraçar de qualquer membro partidário (e havia muitos) sôbre o qual houvesse a menor suspeita de ser não-ortodoxo. Acreditava que um expurgo tão drástico como êsse não seria realizado se as decisões concernentes ao destino de cada indivíduo fôssem deixadas às classes superiores, pois o nepotismo ainda era vasto e muitos conseguiriam escapar à rêde. No ponto de vista do partido, o expurgo devia ser executado de baixo para cima, isto é, do nível das aldeias, pois ninguém pode avaliar melhor a atitude política de um homem que seus concidadãos. 'O povo tem visão clara', diziam êles ; e entre o povo 'só os pobres e camponeses inferiores são dignos de confiança'. O resultado lógico dêsse argumento foi que 'as massas devem ter mão livre para realizar a Reforma Agrária'. Embora inevitàvelmente houvesse abuso e acusações indiscriminadas por parte das massas, o partido concluiu entretanto, após a devida consideração, que tal método era o melhor que podia ser idealizado, já que um sucesso completo não seria conseguido sem excessos. Citando Nguyen Manh Tuong, o princípio sagrado aplicado à Reforma Agrária era: 'É melhor matar dez pessoas inocentes que deixar escapar um inimigo'.[3]

Com isso o partido recomendava um excesso de violência e fechava os olhos a todos os abusos que sabiam ser as consequências inevitáveis da política de 'mão livre'. Centenas e milhares de pessoas fôram injustamente mortas, aprisionadas ou morreram de fome sem que o todo

3. Nguyen Manh Tuong: "Com Respeito aos Êrros Cometidos na Reforma Agrária", citado por Hoang Van Chi na *Nova Classe no Vietnã do Norte.*

poderoso partido levantasse um dedo para ajudá-las. De acôrdo com a lei, qualquer pessoa condenada à morte tinha o direito de recorrer ao presidente da república pedindo clemência, mas a verdade é que Ho Chi Minh não perdoou a nenhuma, nem mesmo os membros leais do partido que, no momento de sua execução pelos pelotões de fuzilamento, ainda gritavam: 'Viva Ho Chi Minh'. Contudo, em março de 1956, Ho ordenou o adiamento temporário de tôdas as sentenças de morte, porém isso foi consequência da campanha de desestalinização de longo alcance iniciada em Moscou por ocasião do Vigésimo Congresso do Partido Soviético. Êstes felizardos cujas execuções fôram adiadas, e mais tarde libertados, deveram suas vidas, indiretamente, a Nikita Khrushchev — não a Ho Chi Minh.

Encontramos outra prova que essa política de violência era deliberada se compararmos o discurso de Giap com o de Truong Chinh, anteriormente discutido no capítulo doze. O ponto que sobressai claramente é que os chamados êrros enumerados por Giap provêm diretamente do fracasso na aplicação de princípios básicos enunciados por Truong Chinh e os quais êle prometeu seriam cuidadosamente respeitados durante o processamento da Reforma Agrária. Na ocasião, o partido fêz diversas promessas loucas que não manteve. Sòmente quando a campanha estava terminada foi que o mesmo manifestou seu pesar por não ter cumprido esta ou aquela promessa. Truong Chinh foi a mão que vergou o brôto de bambú, e Giap a que o desprendeu. A Retificação de Êrros representa o bambú retomando sua posição normal, o reinício de uma vida mais ou menos normal.

O primeiro passo foi a libertação de todos os proprietários e membros do partido que ainda estavam nas prisões e campos de concentração. O número total de prisioneiros nunca foi revelado, mas Giap mencionou em seu discurso que entre os libertados havia 12.000 membros do partido. Naturalmente, fôram êsses comunistas os que mais sofreram nas prisões do partido. Ngo Duc Mau, um veterano comunista com dez anos de experiência nas prisões francesas, assim descreveu seus sofrimentos em uma prisão comunista:

> Quando estávamos em nossas celas escuras e úmidas nós nos confortávamos mùtuamente... pois há uma grande diferença entre uma prisão imperialista e a nossa. Na imperialista sofri sòmente dores físicas, pois minha mente estava consolada e em paz... Mas como eu era tratado nesse lugar? Era pisado tanto física como moralmente. Os que me rodeavam me consideravam como inimigo, traidor e espião, e ninguém compreendia minha situação.

Êsse mesmo comunista revelou que fôram seus próprios 'camaradas' que o torturaram, proibindo-o de se defender:

> Um camarada da minha província (Ha-Tinh) proferiu acusações puramente imaginárias contra mim, transformando tôdas minhas passadas realizações em crimes. Não tinha permissão para me defender. Torturaram-me dia e noite para me forçar a admitir crimes que nunca imaginei, muito menos cometi. (*Nhan Dan*, 30 de outubro, 1956.)

Disseram a êsses prisioneiros que tinham sido detidos por um êrro infeliz e em breve seriam soltos. Entretanto, um mês antes de terem permissão para sair dos campos ou prisões, fôram obrigados a assistir um curso especial intitulado 'Preparação para Ir Para Casa'. Tinham que estudar e discutir, sob a direção de um representante do partido, assuntos espinhosos como a longa lista de êrros de Giap, a atitude do partido de auto-crítica, a eterna retidão da doutrina marxista-leninista, e a 'atitude correta para com aquêles que haviam feito denúncias falsas'. Foi-lhes assegurado que seriam rehabilitados como cidadãos livres e honestos, e que teriam novamente todos seus direitos e suas propriedades injustamente confiscadas. Fôram instados também a esquecer seus recentes infortúnios e renovar sua fé no partido, servindo-o tão fielmente como o haviam feito no passado. Mas o ponto essencial a ser por êles lembrado era que não deviam tomar nenhuma medida vingativa contra os autores de suas infelicidades.

Fôram dadas ordens às autoridades das aldeias para que enviassem uma delegação às prisões a fim de dar as boas vindas aos prisioneiros e levá-los para casa. Como podemos imaginar, houve muitas cenas patéticas quando êles voltaram a suas aldeias e se reuniram a suas famí-

lias. *Nhan Dan* descreveu o caso de Tan, igual a inúmeros outros:

Tan pertencia a uma família de camponeses de nível médio que lavravam o sólo há três gerações. Êle se unira à Revolução quando esta começara (1945) e, depois de treinar e adquirir a experiência necessária, foi admitido no partido. Em 1947 sua aldeia ficou sob ocupação francesa e, em sua capacidade de secretário da célula da aldeia e presidente do comitê da mesma, dirigiu os aldeões na luta contra os franceses. Frequentemente durante as buscas do inimigo foi obrigado a passar fome por longos períodos em esconderijos subterrâneos. Às vêzes foi obrigado a fugir, mas logo que os franceses se retiravam, voltava e reconstruia a organização da aldeia, fazendo a luta de guerrilhas até a vitória final (1954). Depois da trégua, de acôrdo com suas ordens vindas de uma autoridade mais alta, êle se preparou para um ataque contra o feudalismo (Reforma Agrária). Entretanto, não só não teve permissão para participar do ataque, como foi classificado como um proprietário cruel e um reacionário. Foi devidamente denunciado e julgado diante do Tribunal do Povo.

Durante a campanha de Retificação de Êrros, disseram a Tan que o caso contra êle fôra um engano e que em breve seria solto. Então:

Tan contou nos dedos... oito meses na prisão esperando execução, um mês frequentando o curso: ao todo estivera ausente de casa nove meses... Ao entrar no pátio da casa de seu irmão, dirigiú-se primeiro à cozinha desmoronada onde sua família vivera desde o dia em que sua propriedade fôra confiscada. Foi obrigado a se curvar para entrar na cozinha, que estava coberta de fuligem. Uma cama de bambú ocupava metade do quarto, e tudo estava em completa desordem... Tan teve o coração partido ao ver a prova da condição miserável de sua mulher e filhos durante os meses em que estivera na prisão, porém fez um grande esfôrço para permanecer calmo e acenou para sua irmã que ainda chorava amargamente. "Não chore", disse êle, "lágrimas e ressentimento são supérfluos, só aumentam nosso sofrimento". Entrou então na casa de seu irmão onde houve grande alegria. Durante a noite vieram pessoas em grupos para falar sôbre os êrros feitos no decorrer da Reforma Agrária. Relembraram como os aldeões fôram obrigados a denunciar e torturar uns aos outros, cortar todos os laços de família e suprimir todos os sentimentos humanos. Havia tristeza em todos os corações. (*Nhan Dan*, 14 de novembro de 1956.)

A medida que se seguiu à libertação dos prisioneiros foi a restauração de sua propriedade confiscada, ou o que

ainda era recuperável. Sua mobília nunca foi restituída pois fôra dividida entre os aldeões os quais, em muitos casos, haviam vendido os bens móveis a outros. Geralmente tudo que restava para devolver eram as casas, jardins e tanques, mas mesmo êstes estavam em mísero estado porque os camponeses pobres, aos quais haviam sido dados, não tinham os meios para mantê-los apropriadamente. E, como já mencionamos, árvores e cêrcas tinham sido derrubados para serem usados como madeira e lenha e o gado morto para ser vendido para a alimentação.

Apesar de todo o dano causado à sua propriedade, os que puderam voltar sempre ficaram gratos. A idéia de retornar ao lugar onde nasceram e à casa de seus antepassados, era compensação suficiente. O pesar era mais evidente entre aquêles que recebiam ordem para deixar a casa que lhes fôra dito seria sempre sua.

O terceiro passo era a volta das mulheres que haviam sido separadas de seus maridos. Havia casos de separação 'voluntária' por mêdo de 'associação' ou devido a desacôrdo entre as duas famílias como resultado de denúncia mútua. Mas na maioria dos casos em que as mulheres eram jovens e bonitas (como uma característica racial quase tôdas as mulheres vietnamitas têm aparência jovem e atraente em uma idade relativamente avançada) elas foram forçadas a se casarem com 'novos' membros do partido depois que seus maridos haviam sido enviados para a prisão. Quando seus primeiros maridos fôram soltos, grande número destas infelizes mulheres estavam casadas há dois ou três anos novamente, muitas tinham tido filhos, e assim o problema de fazê-las voltar para os maridos legítimos era dificil. O problema foi resolvido por um memorando especial do ministério da Justiça, expedido a 19 de abril de 1957. Como êste documento é único, e dará ao leitor uma melhor compreensão da gravidade da situação, aqui o damos na íntegra.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO VIETNÃ

Ministério da Justiça

MEMORANDO

Relativo aos casos em que maridos e mulheres fôram separados durante a Reforma Agrária

Durante as recentes campanhas de Redução do Aluguel de Terras e Reforma Agrária, houve numerosos casos em que maridos e mulheres fôram separados devidos às seguintes circunstâncias:

Ou o marido ou a mulher, ou a família dêle ou dela, fôram certa ou erradamente classificados como proprietário ou reacionário;

ou houve "denúncias" entre marido e mulher, ou entre suas respectivas famílias.

Essas separações, ocorrendo em muitas áreas, tiveram um sério efeito sôbre o espírito de unidade na zona rural. São o resultado de êrros cometidos durante a Reforma Agrária. Assim a solução dêsse problema deve fazer parte da campanha de Retificação de Êrros, e a êsse respeito o ministério da Justiça expede os seguintes regulamentos:

(a) No caso de marido e mulher que fôram separados mas nenhum dos dois se casou novamente, os membros dos quadros devem explicar a êles que sua separação foi causada por um êrro na política da Reforma Agrária e devem aconselhá-los a retomar sua vida conjugal, especialmente quando tiverem filhos pequenos.

(b) No caso de marido e mulher que se separaram e um dos dois se casou novamente, a alternativa seguinte deve ser considerada:

(i) Se a mulher e seu novo marido não tiverem filhos, ela deve, se quizer, ter permissão para voltar a seu primeiro marido, e o membro do quadro deve explicar a situação ao novo marido. Entretanto, se a mulher preferir ficar com seu novo marido, os membros devem explicar a situação ao antigo marido para que êle aceite o divórcio. Mas se houver filhos do primeiro casamento a questão do divórcio deve ser abordada mais cautelosamente.[4]

4. Esta cláusula diz respeito a "mulheres confiscadas". Note-se que é mais favorável aos novos maridos que ao legítimo. Notar também que o que é mencionado como "segundo casamento" no texto nada tem de legal, pois tôdas estas uniões não tinham certidões de casamento. Só os primeiros casamentos eram legais.

(ii) Se o marido tem uma nova esposa e quer voltar para a primeira porém esta não concorda, o divórcio deve ser concedido. Por outro lado, se ela estiver pronta a voltar para o primeiro marido e se isto fôr permitido pelos costumes e princípios morais locais, deve ser alcançada uma solução amigável entre o trio em questão.[5]

(c) Quando o marido e a mulher se casaram novamente, o divórcio deve ser concedido para que cada um permaneça com seu novo conjuge.

(d) Em casos de bigamia, o divórcio deve ser concedido às concubinas que abandonaram seus maridos como resultado de "denúncias". Mas se quizerem voltar a seus antigos maridos devido a um amor recíproco, ou por causa de seus filhos, devem ter permissão para isto.[6]

Não houve estatísticas oficiais quanto ao número total de maridos e mulheres separados, porém o simples fato que um memorando especial teve que ser expedido para resolver o problema indica que o número era elevado. Muitas viúvas que haviam sido obrigadas a casar com novos membros do partido depois da execução de seus maridos não fôram mencionados no memorando. Igualmente, muitas filhas de proprietários, contra sua vontade, tinham se casado com camponeses pobres, e essas também não eram mencionadas no memorando, pois segundo o partido não estavam sujeitas a nenhuma retificação.

O fato que o partido durante anos ignorou as inúmeras indignidades acumuladas sôbre essas infelizes mulheres é mais revelador da verdadeira atitude do partido para com o sexo feminino que tôdas as muitas declarações feitas sôbre êste assunto. Como terras, casas e móveis, elas eram propriedade disponível, e como tal sujeitas a uma nova partilha.

Os líderes do partido estavam confiantes que estas medidas de retificação — a libertação de prisioneiros, a reintegração póstuma dos membros do partido executa-

5. Isto significava que quando se tratava de não-cristãos a bigamia seria a melhor solução.

6. Êste memorando, assinado por Tran Cong Tuong como vice-ministro da Justiça, e datado de 19 de abril de 1957, foi publicado no *Ha-Noi Hang Ngay*, Hanoi, 16 de junho de 1957.

dos, a devolução de propriedades e mulheres confiscadas — seria suficiente para sobrepujar qualquer sentimento de má-vontade para com êles da parte da população e para normalisar a situação. O partido tinha bastante confiança em seu contrôle sôbre a população cuja capacidade para revolta fôra completamente aniquilada pela política brutal do terror. Mas tinham se esquecido de um ou dois fatores que eventualmente causaram violentas rebeliões. Desta vez quando o bambú curvado foi solto, êle voltou com maior fôrça do que fôra antecipado. Os camponeses em algumas áreas e os intelectuais na capital começaram a se revoltar contra o regime.

17.

REVOLTAS E REPRESSÕES

OS CAMPONESES

Naturalmente, os 'novos' membros do partido estavam longe de se alegrarem com a libertação dos 'antigos' membros e sua subsequente reabilitação. Previram que o resultado provável seria a pêrda de seu próprio prestígio e o colapso de sua autoridade. O jornal oficial do partido descreveu sua aflição nos seguintes termos.

> Falando de modo geral, nossos "novos" camaradas temem que, uma vez que os "antigos" membros do partido sejam soltos, êles se unirão e lutarão contra os "novos" membros. Predizem vingança da parte dos "antigos" membros pois não pode haver grande amizade entre os dois grupos. Esta atitude é inteiramente errada e não traz nenhum bem. Nas reuniões convocadas para discutir "como melhor receber os velhos camaradas", sua conversa é como se opor a êles. (*Nhan Dan*, 21 de novembro de 1956.)

Tudo era verdade, e em muitas áreas os 'antigos' membros do partido eram simplesmente mortos pelos 'novos' logo que voltavam a suas próprias aldeias. O caso que apresentamos a seguir foi apresentado perante o Tribunal da Terceira Zona e exemplifica claramente a situação.

> Vu Van Tien era anteriormente presidente da aldeia de Lo-Giang. Durante a Reforma Agrária foi classificado como um proprietário cruel porém, quando de sua libertação, foi reclassi-

ficado como um camponês de nível médio. Entretanto, logo três dias após sua libertação foi assassinado por Hien, comissário político e membro do comitê local. Hien agiu com a cumplicidade dos delegados de polícia Thung e Duc, do guarda chefe da aldeia Tu, e com Ho, Xuyen, Soan, Thiep, Xe, That, Dan e Thu, todos guardas da aldeia.

... Às dez horas da noite de 28 de janeiro de 1957, Hien reuniu o grupo na casa de Thung para planejar o crime. Mais tarde colocou seus cúmplices em diferentes lugares da estrada por onde se sabia que Tien viria. Quando êste passou, o próprio Hien atirou. Tien caiu ao chão imediatamente no que todo o grupo caiu sôbre êle, retalhando-o com espadas e facas e finalmente Xuyen, com sua metralhadora ligeira disparou mais seis tiros no infeliz homem. Quando acabou, Hien ordenou que os outros voltassem a suas anteriores posições para que pudessem matar qualquer outro membro da família de Tien que por lá passasse. (*Thoi Moi*, 14 de março de 1957.)

Êste caso, que foi sòmente um entre os muitos relatados na imprensa de Hanoi naquela época, mostra indiscutìvelmente que os camponeses pobres que haviam se tornado os 'novos camaradas' não estavam absolutamente inclinados a renunciar à 'liberdade' que o partido lhes dera três anos antes. Tendo que enfrentar tal situação, os antigos membros do partido fôram forçados a agir em defesa própria, e em muitas ocasiões recorreram à represália franca. Sentindo-se seguros com sua reabilitação e encorajados pelo apôio e simpatia dos aldeões, começaram por prender aquêles que os haviam acusado falsamente e cometeram contra êles os crimes pelos quais haviam sido julgados. Assim os caluniadores caíram vítimas dos crimes com os quais tinham anteriormente condenado outros. A forma mais típica de vingança consistia em capturar seus antigos denunciantes e forçar excrementos em suas bocas. Isto porque durante a Reforma Agrária, muitos elementos da linha dura, seguindo sugestões propostas pelo partido, haviam declarado que proprietários os haviam obrigado a comer excrementos. Houve também muitos casos de linchamento presenciados por grandes multidões, e casos de caluniadores que tiveram as bocas rasgadas ou as linguas cortadas. Essa espécie de punição era considerada pelos vietnamitas como a mais apropriada para caluniadores, pois cenas semelhantes estavam representadas nas pare-

des dos pagodes como descrições ilustradas do destino reservado aos caluniadores no outro mundo, segundo a crença budista.

Houve tanta vingança em todo o país, que em 1.º de dezembro de 1956, o ministério da Justiça foi obrigado a expedir um memorando especial em uma tentativa para remediar a situação que piorava ràpidamente. Uma passagem do memoranlo expedido por Nguyen Van Huong, vice-ministro da Justiça, parecia uma chamada às armas.

No interêsse do Estado, a vida e propriedade do povo fôram violadas, em muitos casos, muito sèriamente. Em algumas áreas não há consideração pela Lei, enquanto em outras esta é escarnecida abertamente. Esta grave situação é grandemente prejudicial para a vida moral e material da população assim como para o prestígio do govêrno. (*Cuu Quoc*, 2 de dezembro de 1956.)

Novos membros do partido, tentando se defender perante a opinião pública, culpavam abertamente o partido por seus delitos prejudicando com isto o prestígio do mesmo. O trecho seguinte citado do *Hoc Tap*, o orgão para doutrinação ideológica dos membros do partido, resume esta situação especial:

Ao se referirem a êrros cometidos durante a Reforma Agrária, muitos de nossos camaradas culparam outros que eram responsáveis pela realização do programa da Reforma. Acusaram até o partido; e tais acusações eram sempre feitas em um lugar público como teatro, trem ou jardim público... discutiram êsses êrros de uma maneira completamente irresponsável. Muitos camaradas que tomaram parte ativa na Reforma Agrária, como chefes de equipe ou membros de comitês de grupos, declararam abertamente diante do público que agiram sob pressão de autoridades mais altas. Persistiram em afirmar que seu único crime estava no fato que, embora sabendo que tôda a política estava errada, tinha-lhes faltado coragem para protestar. (*Hoc Tap*, Hanoi, N.º 10, outubro de 1956.)

Deve ficar entendido que, enquanto tentava agradar aos antigos membros reparando algum dano moral e material infligido anteriormente a êles, o partido nunca deixou de proteger os novos. O partido achava que êsses últimos, tendo uma origem proletária, deviam ser sustentados a qualquer custo. Essa política era ditada princi-

palmente pela necessidade de manter, ainda que sòmente como uma fachada, um certo número de 'proletários' na liderança da chamada ditadura do proletariado. Por motivos mais práticos, o grupo proletário dentro do partido era muito necessário: como seus membros agiam como cães de guarda do regime, era uma arma conveniente com a qual reprimiam qualquer movimento contra o partido.

Durante os três anos de sua autoridade nas aldeias, os novos membros tinham perdido todo o respeito do público em geral devido a suas contínuas más ações. Mas, como eram sem educação e agiam principalmente sob impulsos naturais, o partido os considerava como mais fáceis de dirigir e de mais confiança que os elementos não proletários que se haviam ligado ao partido por causa de seus ideais. Êsses últimos tinham sido muito úteis ao partido e à revolução porém, como idealistas, eram sujeitos a divergências ideológicas. Os proletários, por outro lado, não tinham ideologia e seu interêsse era puramente egoísta. Enquanto seus privilégios recém-adquiridos fôssem respeitados, seriam sempre obedientes às normas do partido. Mesmo que ficassem insatisfeitos não teriam possibilidade de criar por si sós um problema sério. Assim, após a rehabilitação dos antigos membros, o partido tinha dois grupos diferentes em suas fileiras cujas respectivas qualidades e deficiências eram complementares. Portanto, era natural que os líderes do partido estivessem ansiosos para impor uma política de co-existência pacífica e cooperação compulsória entre os dois grupos mùtuamente hostís. Era êsse precisamente o objetivo da campanha de Retificação de Êrros. Enquanto recobrava os serviços dos antigos membros, o partido esperava fazê-los aceitar a existência dos novos.

Isso não foi realizado fàcilmente, particularmente porque a inimizade entre êles fôra criada deliberadamente. Apesar de pacientes esforços para a reconciliação, a brecha entre êles aumentava; era mais aparente nas áreas onde, antes da Reforma Agrária, a organização do partido fôra mais forte. Foi o caso na província de Nghe-An, a província natal de Ho Chi Minh e o berço do comunismo vietnamita. Segundo o orgão oficial do

partido foi em Nghe-An que o partido encontrou a dificuldade mais séria:

> Nghe-An é a província onde houve organizações do partido desde 1930. Mas foi nessa mesma província que fôram cometidos os êrros mais sérios, e onde fôram executados o maior número de membros do partido durante a Reforma Agrária. Durante a Retificação de Êrros, esta província mais uma vez falhou em suas responsabilidades, especialmente no controle da animosidade para com os "novos" membros do partido... Uma atitude tão errada da parte do comitê provincial naturalmente afetou a dos comitês do distrito e da aldeia. Em algumas aldeias, "novos" membros fôram presos e trazidos perante uma multidão para uma denúncia pública, enquanto que em outras, elementos da linha dura fôram espancados em reuniões das aldeias. (*Nhan Dan*, 21 de novembro de 1956.)

As organizações das aldeias e as células do partido fôram mais uma vez reorganizadas, mas agora os novos membros é que fôram expulsos. O artigo citado acima deu as seguintes estatísticas para tôda a província de Nghe-An.

Número de "proletários" admitidos aos comitês das aldeias depois da Reforma Agrária ..	1.839
Número dêsses expulsos dos mesmos comitês por ocasião da Retificação de Êrros	1.162
Número de novos membros do partido entre o grupo expulso	900

De fato, a Retificação de Êrros se tornou um expurgo de novos membros do partido que prèviamente haviam expurgado os antigos para poder substituí-los. Devido ao conflito dentro do partido e ao esfôrço para prevenir lutas abertas, a norma da vida do partido foi completamente alterada. Um artigo no *Thoi Moi* incluia a seguinte descrição de uma reunião do partido:

> As pessoas se sentavam quietas, com os queixos encostados nos joelhos. Em um dos lados da sala se sentavam as moças, as cabeças descansando nos ombros umas das outras, tôdas parecendo muito cansadas. No lado oposto se sentava o camarada Su, cortando as unhas com um canivete. O presidente da reunião não conseguia despertar interêsse entre sua audiência, e só alguns membros expuzeram seus pontos de vista já que muitos há muito estavam adormecidos, seu ressonar regular cortado por um

guincho ocasional como se o subconsciente revelasse alguma injustiça oculta. (*Thoi Moi,* 8 de maio de 1957.)

Esta reunião evidentemente se realizou em uma aldeia onde as diferenças entre os dois grupos não eram muito sérias, pois o povo, embora apático, tinha alguma reação ao apêlo do partido para uma reconciliação dos dois grupos opostos. Em outras aldeias a atmosfera era muito mais explosiva, e lutas sangrentas eram frequentes entre os membros antigos e os novos. Embora os dois lados tivessem ordem para ficarem juntos sob a bandeira do partido, cada um encarava o outro como um inimigo irreconciliável. A descrição seguinte de outra reunião é citada segundo um longo relatório sôbre a Retificação de Êrros nas aldeias publicado em uma série de artigos no Thoi Moi sob o título 'Após os Dias de Tempestade'.

Tang (um "novo" recém saído do hospital depois do tratamento de uma ferida na cabeça inflingida por antigos membros do partido) se sentava quieto encostado contra a parede, os braços descansando nos joelhos. O lenço preto na cabeça não podia esconder completamente a atadura branca... Do lado oposto a êle se sentavam Lan, Kiet e Ton com os outros antigos membros... Membros do sexo feminino estavam agrupados em um canto chilreando como pardais e ocasionalmente beliscando uma a outra e rindo às escondidas. As discussões prosseguiam de uma maneira sem vida e desinteressante, interrompidas de tempos em tempos pela chegada de alguém. Homens e mulheres que, no dia anterior, se olhavam como inimigos e atiravam pedras entre si, agora se sentavam juntos sob a bandeira da Foice e o Martelo. Provàvelmente era a primeira vez desde a campanha da Redução do Aluguel de Terras que êles se consideravam como "camaradas", e era também a primeira vez em que levantavam as mãos em uma saudação comum à bandeira do partido.[1]

A falta de habilidade do partido em controlar seus membros tinha dois resultados diretos: uma negligência geral pela política do partido e, em alguns casos, rebelião franca. Muitos camponeses devolveram de boa vontade a terra que haviam recebido durante a Reforma Agrária para os proprietários que a possuíam antes sem espe-

1. "Após dos Dias de Tempestade", uma série de artigos relatando a Retificação de Êrros nas aldeias, *Thoi Moi,* 5 a 19 de abril de 1957.

rar pela regulamentação a respeito. Mas mais sério foi o desaparecimento brusco do ódio entre ricos e pobres que o partido cuidadosamente fomentara no decorrer dos anos anteriores. Proprietários e fazendeiros retomaram sua antiga boa-vontade de uns para os outros e o espírito de comunidade que era tradicional nas aldeias vietnamitas. Isto está bem demonstrado no seguinte trecho tirado de um jornal de Hanoi.

Meu amigo estava presente a um jôgo de cartas onde proprietários e fazendeiros se sentavam juntos sem nenhum sinal de hostilidade entre si. Um dos proprietários, ao apanhar uma certa carta, deu uma pancadinha no fazendeiro sentado perto dêle, dizendo: "Se eu tivesse tirado esta carta antes, o que teria acontecido?" Esta cena é típica do que acontecia nas aldeias logo após o início da Retificação de Êrros. Reuniões de jogos de cartas como esta invariàvelmente eram acompanhadas de banquetes para os quais eram mortos porcos, galinhas e cachorros. Os jogadores continuaram o jôgo durante tôda a noite, e obrigaram os vendedores de comida a permanecerem acordados e serví-los. (*Thoi Moi,* 12 de maio de 1957.)

Em muitas aldeias havia uma atmosfera de festa na qual ricos e pobres se alegravam igualmente com a perspectiva de terem todos os 'êrros' anteriores retificados, e a comunidade recobrava um modo de vida normal. Mas não era isto que o partido pretendia. Sua idéia era restringir 'retificação' a um número limitado de êrros especificados, enquanto mantinha o ódio e a suspeita mútuos entre as diversas classes da sociedade. A autoridade dada aos novos membros do partido devia também ser sustentada.

Em algumas áreas a cólera do povo, agravada por um amargo desespêro, levou à revolta aberta. Houve relatórios de diversas áreas (Bac-Ninh, Nam-Dinh, por exemplo) sôbre rebeliões camponesas, porém de acôrdo com fontes oficiais 'foi evitada uma perturbação séria pelo tato de soldados e membros do quadro.' Isso significava simplesmente que, nas áreas conturbadas, três soldados estavam permanentemente aquartelados na casa de cada camponês. Entretanto, em novembro de 1956 a imprensa oficial admitiu que houvera uma revolta armada no distrito de Quynh-Luu na província de Nghe-

An. Tôda a história foi mais tarde contada aos correspondentes por um grupo de rebeldes derrotados que conseguiram escapar por barco para o Vietnã do Sul. Relataram que vinte mil camponeses, armados sòmente com paus e outras armas toscas, lutaram contra uma divisão inteira de tropas regulares.

Não há possibilidade real de uma revolta com sucesso contra o novo regime. Um único fato a torna virtualmente impossivel. Depois da Reforma Agrária, ferreiros, que andavam de aldeia em aldeia consertando os instrumentos agrícolas dos camponeses, fôram agrupados e concentrados em certas áreas onde trabalhavam sob o contrôle direto do Escritório Comercial. Tôda sua produção, até mesmo a venda e distribuição do menor artigo, é agora controlada pelo Estado. É óbvio que, sob estas circunstâncias, a produção secreta de armas é pràticamente impossivel. Além disso, os ferreiros que antigamente fabricavam armas para os comunistas se viram proibidos de fazê-lo pelos mesmos comunistas, que estão bem versados nos assuntos de revolução e consequentemente sabem muito bem como impedir revoltas contra seu próprio regime.

OS INTELECTUAIS

Enquanto os camponeses nas aldeias lutavam contra os quadros do partido e o Exército do Povo, os intelectuais nas cidades não estavam inativos. Através de suas obras atacavam corajosamente os líderes do partido e, conquanto pareça estranho, fôram os seus esforços que tiveram maior sucesso. Embora isso tenha sido bastante efêmero, tiveram uma impressão duradoura sôbre a mente vietnamita. Os participantes dessa revolta eram exclusivamente intelectuais que haviam tomado parte ativa na guerra de Resistência e tinham voltado da zona de guerrilhas um ou dois anos antes. É sabido que durante êsse período de serviço ativo êles sofreram consideráveis privações e desconfôrto. Vivendo no coração da selva muitos dêles contrairam malária, disenteria amebiana e outras desagradáveis doenças tropicais as

quais, após nove anos sem tratamento, haviam muitas vêzes se tornado crônicas. Eram mal pagos e não tinham pràticamente nada para comer exceto raizes de mandioca e brotos de bambú colhidos na floresta. Muitos compreendiam que apoiando o govêrno do Vietminh trabalhavam contra seus próprios interêsses. Sabiam que não podiam esperar um futuro brilhante sob o novo regime; isso se tornou por demais óbvio depois da chegada dos conselheiros chineses em 1950, particularmente depois da Reforma Agrária, quando o partido depositou quase tôda sua confiança nos 'camponeses pobres'. Os intelectuais muitas vêzes se descreviam como as 'concubinas do regime', indicando que o partido 'flertara' com êles sem nenhuma intenção de casar. O 'casamento' aparentemente era uma honra reservada para os camponeses e operários. A diferença entre 'o que compartilha do cobertor quente e o que dorme no frio', segundo a expressão vietnamita, foi acentuada por Nguyen Manh Tuong nêste trecho de um de seus discursos:

> Os intelectuais que se uniram à Resistência... ficaram amargamente desiludidos quando compreenderam que o partido não confiava nêles, apesar dos muitos sacrifícios que por êle haviam feito. Teriam sido exigentes demais? Haviam pedido para serem ministros ou embaixadores? Não, não haviam. A maioria dos intelectuais não é ambiciosa e de bom grado teriam dado tais posições aos políticos e membros do partido. Desejavam simplesmente dar o benefício de suas capacidades e experiência para o serviço do povo, e para salvaguardar sua honra e liberdade de pensamento que acreditavam ser essencial para a dignidade do intelectual.[2]

Phan Khoi, um jornalista veterano, procurou esclarecer a posição dos intelectuais de outra maneira. Convidou seus amigos para comerem alguns doces feitos no lugar enquanto bebiam seu café (não havia açúcar refinado na zona comunista). 'Os doces representam o patriotismo', explicou êle a seus amigos, 'servem para contrabalançar o amargo do café, o qual pode ser com-

2. Nguyen Manh Tuong, "Com Respeito a Êrros Cometidos na Reforma Agrária", citado por Hoang Van Chi na *A Nova Classe no Vietnã do Norte.*

parado com a liderança do partido, enquanto nos permite apreciar o aroma do café o qual é comparável à dignidade dos intelectuais'.

Entre as muitas humilhações suportadas durante anos pelos intelectuais estava a insultante arrogância dos quadros partidários, cuja atitude é descrita por um escritor anônimo no poema seguinte:

O Líder Fanfarrão

Apesar de inábil em artes e letras,
Êle tentou, entretanto, ensinar e criticar,
Repetindo como um papagaio, mal-compreendidas
passagens de livros.
Seu coração é sêco como lenha,
E sua crítica cheira mal como arroz queimado.
Quando interrogado, e não podendo responder,
Bate no peito e acena com o partido nas mãos,
Tentando intimidar sua audiência.[3]

Essa espécie de opressão intelectual era acompanhada por diversas outras ações maldosas, e a tirania constante tinha um efeito aterrador sôbre a mente da vítima. Outro poeta descreveu-a vìvidamente em uma carta aberta ao seu superior imediato:

Uma noite, em sonhos, senti suas mãos, com seus dedos de longas unhas, agarrarem meu pescoço e me arrastarem para um negro poço. Outra noite, sonhei que você era um corvo que me agarrou com suas garras e me arrebatou, como a águia carrega a princesa nos contos de fadas. Eu pronunciava sons inarticulados, e rangia os dentes durante êsses terríveis pesadelos.[4]

O repentino declínio de sua posição social e material depois que o regime comunista se consolidou foi outro fator que levou os intelectuais à revolta. O trecho seguinte do 'Relatório sôbre Escritores e Artistas' lido por Hoang Hue perante o Congresso Nacional de Artes e

3. *Van Hoc* (revista literária publicada em Hanoi), Nº 24, 10 de outubro de 1957.

4. Tran Le Van, "Carta a um Antigo Amigo", em *Giai Pham Mua Thu*, Nº 2, outubro de 1956.

Letras de 1956, poderá dar ao leitor uma idéia das condições de vida dos 'intelectuais da Resistência' em Hanoi, depois de seu retôrno da zona de guerrilhas:

Todos sabem que nossas condições de vida são deploráveis. A verdade disso é, infelizmente, tão óbvia que faz as pessoas mais simples pararem e pensarem. É verdade dizer que há muitos escritores que não têm meios para comprar nem mesmo uma chícara de café quando trabalham até tarde da noite. Além disso, há poetas que não têm dinheiro bastante para comprar um cigarro; há o caso do autor dramático que foi obrigado a empenhar seu relógio para comprar comida enquanto terminava sua peça, porém mesmo depois que a peça foi publicada êle não teve meios para recuperá-lo. Huu Loan nos disse que seu único desejo é possuir uma lâmpada a óleo para poder trabalhar à noite no quarto em que vive com sua mulher e filhos.[5]

A situação se agravou pelo fato que outro grupo, atuando como 'membros dos quadros em Artes e Letras', vivia em uma contrastante abundância. Segundo o mesmo relatório eis como vivia esta seção favorecida:

Usavam gravatas vermelhas, sapatos de couro, e passavam o tempo fazendo discursos e assistindo a banquetes, onde comiam de maneira muito rude e sem educação. Tendo comido, êles arrumavam suas maletas e iam embora — partiam com o vento.[6]

A verdade do relatório foi confirmada por Nguyen Tuan, um 'membro do quadro em Artes e Letras' o qual, ao voltar de Helsinki onde compareceu à Conferência Mundial de Paz, teve a audácia de se gabar da vida principesca que levara no exterior. Êle descreveu:

Três refeições por dia, consistindo de alimento saboroso e alimentar. O jantar era muito cerimonioso, servido em lindos cristais e louça, com guardanapos muito brancos, enquanto tocava uma orquestra. Eramos servidos por mulheres tão bonitas como princesas de um conto de fadas.[7]

A grande diferença entre os dois grupos, tanto em valor político como em condições materiais, formou uma 'contradição antagônica' entre êles (de acôrdo com as teo-

5. *Giai Pham Mua Thu*, Nº 2, outubro de 1956.
6. *Ibid.*
7. Artigo em *Van Hoc*, Nº 1, 10 de maio de 1957.

rias marxistas) e não, como proclamava Mao em sua *Nova Democracia,* uma chamada 'contradição não-antagônica'. Era sòmente uma questão de tempo a rebelião contra uma tal injustiça social e política, e a oportunidade chegou quando a campanha de desestalinisação começou em Moscou em 1956 feita por Nikita Khrushchev. O discurso do líder soviético provocou uma reação em cadeia que alcançou o Vietnã do Norte só um mês mais tarde. A editôra Minh Duc, que publicara documentos oficiais comunistas na zona de guerrilhas, não perdeu tempo em publicar *Giai Pham* [8] (Seleção de Belas Letras), que incluia um ataque ao líder nacional, Ho Chi Minh. Estava tênuamente disfarçado como um poema inócuo por Le Dat sôbre um vaso de cal, uma vasilha encontrada em tôdas as casas e usada pelos mastigadores de betel. O poema terminava:

> As pessoas que vivem demais
> São como vasos de cal.
> Quanto mais vivem
> Pior crescem
> E mais estreitas se tornam.

Os interiores dos vasos de cal realmente se tornam mais estreitos devido à carbonatação da cal; no fim de algum tempo ficam inteiramente inutilizados e têm de ser substituídos. Mas o processo é muito lento e uma família pode ter o mesmo vaso de cal por mais de uma geração. Há sempre um em algum canto de cada sala de estar vietnamita. É testemunha de todos os acontecimentos familiares: nascimentos, casamentos e mortes e outros fatos especiais. Muitas pessoas supersticiosas acreditam que o vaso possui uma alma e a êle se referem como 'Sr. Vaso de Cal'; e quando já não tem mais utilidade, o colocam sob alguma árvore antiga e prestam-lhe reverência. Traçando um paralelo entre pessoas de meia idade e os vasos de cal, Le Dat sem dúvida estava atacando o culto da personalidade, a adulação de líderes que deixaram de ajudar seu país apesar de realizações notáveis no passado. O poema foi imediatamente reconhecido como um ataque a Ho Chi Minh, cujo patriotismo estava òbviamente diminuindo à medida que êle envelhecia. O homem que começara sua carreira revolucionária como um patriota, se chamando até de Nguyen o Patriota, tinha finalmente se aliado com os 'Grandes Irmãos' em lugar de com seu próprio povo.

8. Houve ao todo quatro números de *Giai Pham*: o primeiro, tendo simplesmente êste título, sem nenhuma referência à estação, saiu em março de 1956. É conveniente chamá-lo o número de primavera. O segundo, intitulado *Giai Pham Mua Thu,* Nº 1, ou número de verão, apareceu em agôsto de 1956. O terceiro, Nº II, ou número de outono, saiu em outubro, e o quarto, Nº III (que, infelizmente, foi o último) apareceu em dezembro como o número de inverno.

O partido logo reconheceu as implicações do poema e, pouco depois de ser publicado, foi apreendido e um de seus colaboradores mais frequentes (Tran Dan) foi aprisionado. Naquela época os líderes vietnamitas do norte (março de 1956) relutavam em seguir Moscou na política de destalinização. A Reforma Agrária ainda estava em pleno progresso no delta do Tonkim, e o partido considerava imprudente qualquer medida 'liberal' antes que o programa fôsse terminado. Era importante manter um completo terror por mais alguns meses. Assim, só em agôsto o 'culto da personalidade' foi oficialmente denunciado. Nêste entretempo, os trabalhadores poloneses tinham se revoltado em Poznan (28 de junho de 1956) e Mao começara sua campanha das 'Cem Flores'. Êstes acontecimentos aumentaram a situação já tensa no Vietnã do Norte. Quando, após uma demora de cinco meses, a Retificação de Êrros foi finalmente anunciada, os intelectuais em Hanoi tinham alcançado o fim de sua paciência e estavam prontos para iniciar um ataque franco contra o regime.

Giai Pham Mua Thu, reaparecendo sob um novo disfarce, publicou em seu número de verão de 29 de agôsto de 1956, um poema que terminava com uma invectivação a tôda a nação:

> Você, que derrotou invasores
> E não se inclinou
> Sob o domínio colonial,
> Porque suporta êstes vilões
> Que envergonham nossa Pátria?

A resposta foi imediata. Todos os escritores e artistas de talento, jovens e velhos, membros do partido ou não, se uniram na luta. Uma semana mais tarde surgiu *Nhan Van* (Humanidades), um jornal semanal que servia de intérprete para a oposição. Bastante estranhamente, o editor chefe era Nguyen Huu Dang, comunista de longa data que já fôra Ministro da Cultura. Os colaboradores que apresentaram os artigos mais violentos pertenciam a um grupo de jovens escritores que eram todos membros do partido. Mas o escritor que por seu estilo e seguro argumento ultrapassava em muito todos os outros era Phan Khoi, um escritor septuagenário cujo conhecimento das linguas vietnamita, chinesa e francesa era notável. Neto de Hoang Dieu, o governador de Hanoi, que se enforcara quando a cidade fôra capturada pelos franceses em 1883, Phan Khoi participara do Movimento dos Eruditos de 1907, do qual era, após 1947, o único sobrevivente. Era também o único sábio confuciano notável que sobreviveu à Reforma Agrária, pois quase todos haviam sido liquidados impiedosamente durante aquela campanha. Assim, êsse antigo rebento de uma raça brilhante e evanescente se tornou, nos últimos anos de sua vida, um lutador solitário fazendo uma última tentativa para defender o confucionismo contra o ataque sem tréguas do marxismo.

Durante seus quarenta anos de jornalismo, Phan Khoi foi conhecido como sendo extremamente franco e um polemista virulento. Agora êle atacou destemidamente a 'liderança nas Artes e Letras', continuando, em companhia de jovens escritores, a acusar o partido de nepotismo, despotismo, corrupção e opressão. O próprio dogma do marxismo foi repetidamente rejeitado, levantaram-se dúvidas sôbre a sinceridade dos líderes do partido. Estudantes universitários juntaram-se à luta e publicaram sua revista, *Dat Moi* (Nova Terra) na qual acusavam os quadros do partido de monopolizar as estudantes 'burguesas'. Eram empregadas tôdas as formas de composição literárias: poemas, contos, esbôços, reportagem ao vivo, ficção e comentário editorial. Finalmente, o dr. Tuong, um advogado representando êsse grupo de intelectuais, pronunciou um discurso no Congresso Nacional da Frente

da Pátria em Hanoi a 30 de outubro de 1956, no qual condenou veementemente todo o regime.

Essas obras são ricas em informação, revelando todos os aspectos do regime comunista no Vietnã do Norte. Ao mesmo tempo são extremamente bem escritas e bem merecem o título, tomado emprestado dos chineses, de 'As Cem Flores'. São obras primas da literatura vietnamita. Em comparação com as 'flores' que vicejavam naquêle tempo em outros países comunistas, as espécies vietnamitas são, pelo menos, até mais valiosas e significativas. Provàvelmente isso aconteceu porque os escritores vietnamitas combinaram as tradições literárias dos seus antigos senhores (os franceses e os chineses) com o humor característico da raça vietnamita. Dez anos de estudos marxistas e doutrinação política compulsórios devem também ter-lhes ensinado como reforçar seus argumentos, especialmente na crítica da política comunista. Truong Tuu, um escritor auto-didata, deu um exemplo dêsse fato quando atacou a política do partido em uma série de artigos publicados no *Van Hoc*, baseando seus argumentos em muitos dos escritos de Marx e Lenine os quais fôram por êle citados de memória sem dar referências. O partido levou três meses para ficar em posição de responder a êsses ataques; sem referências, não podiam ter certeza se Marx e Lenine haviam ou não escrito as passagens citadas por Truong Tuu. Tôda a série de artigos foi enviada por funcionários do partido a Moscou com um pedido para verificação e um rascunho para resposta.

Infelizmente, não há espaço nêste livro para reproduzir qualquer um dêstes excelentes trabalhos na íntegra. Os leitores que desejarem estudá-los detalhadamente deverão recorrer ao Livro Branco intitulado *As Cem Flores Vicejando no Vietnã do Norte*, publicado em sua versão original pela 'Frente para a Defesa da Liberdade Cultural' em Saigon em 1958.[9] Parte dele foi traduzido pelo autor dêste livro e incluido no *Nova Classe no Vietnã do Norte*, publicado por Cong Dan, Saigon, 1958. O resumo seguinte de algumas das peças mais notáveis dará ao

9. *Tram Hoa Dua No*, publicado por Mat Tran Bao Ve Tu Do Van Hoa, Saigon, 1959.

leitor uma idéia geral do carater dêste breve florescer da livre expressão literária no Vietnã do Norte.

1. *Os Gigantes* por Tran Duy. Esta é uma lenda que conta a história de um grupo de gigantes criados por Deus para ajudar a humanidade a lutar contra os demonios. Mas, embora combatessem corajosamente, os gigantes, por um esquecimento, tinham sido criados sem corações; em consequência, causaram uma tremenda destruição entre os homens aos quais deviam ajudar. Sem perceber o que faziam, pisaram e mataram mais homens que demonios. Não é difícil compreender o significado desta lenda. Deus representa Marx e os gigantes são os líderes comunistas; a destruição causada por êles é uma alusão aos massacres ocorridos durante a Reforma Agrária. (Tran Duy, *Giai Pham Mua Thu*, N.º 2, número do outono, outubro de 1956.)

2. *O Poeta Robot*, por Nhu Mai, é uma visão do futuro à maneira do ano 1984 de George Orwell, no qual o autor prediz a criação de robots para substituirem os poetas rebeldes. Estas máquinas são capazes de produzir "mais de 8.000 versos por segundo ao toque de um botão". Descrevendo a poesia produzida, o autor escreve: "Cada poema começa: 'A época feliz...', e continúa com expressões como 'Bandeira Vermelha' ... 'Bater de tambor' ... 'Mãos de trabalhadores', terminando sempre com 'Seja entusiasta ... Para a frente'." (Nhu Mai, *Nhan Van*, N.º 5, Hanoi, 30 de novembro de 1956.)

3. *Procuro-te Sempre* é um poema escrito por Ta Huu Thien no qual êle procura moças de todos os níveis e expressa sua tristeza em não poder casar com nenhuma, porque a doutrinação de todos os jovens fez com que êles perdessem tôda a capacidade para o amor e os sentimentos pessoais. (Ta Huu Thien, *Tram Hoa*, Hanoi, 6 de janeiro de 1957.)

4. *O Cavalo Velho* por Phung Cung. Esta é a história de um magnífico cavalo de corridas que era usado como um animal de tração no serviço da Rainha. O cavalo comia demais e não tinha seu treino diário anterior, resultando que, ao voltar às corridas, ficou muito atrás dos outros corredores. A história é endereçada aos "quadros do partido nas Artes e Letras", cujos talentos desapareceram ao alcançarem posições privilegiadas. (Phung Cung, *Nhan Van*, N.º 4, Hanoi, 5 de novembro de 1956.)

Êste período de relativa liberdade de expressão, durante o qual o comunismo foi atacado quase como a Igreja foi atacada por Voltaire dois séculos antes, infelizmente não durou mais de três meses. A princípio, os líderes da RDV hesitaram sôbre o melhor caminho a seguir, e relaxaram temporàriamente seu contrôle. Tinham que decidir entre uma tolerância contínua, que sabiam que terminaria com o colapso de seu sistema, e maiores medidas repressivas, as quais seriam contrárias à linha escolhida no Vigésimo Congresso do Partido Comunista Soviético. Mas depois que Khrushchev esmagou a revolta húngara em outubro de 1956, êles recobraram a confiança. O levante dos camponeses em Nghe-An e a revolta dos intelectuais em Hanoi fôram firmemente reprimidas, e a agitação entre os operários foi igualmente abafada.

A luta entre o partido e a oposição pode ser dividida em três etapas, cada uma durando cêrca de um mês. Na primeira etapa, a oposição atacou 'parasitas' e 'quadros nas Artes e Letras', denunciando casos de corrupção e nepotismo e assim por diante. Nesta primeira etapa, o partido não se vingou. Ao contrário, uma ou duas publicações oficiais se uniram à oposição expondo êrros que atribuiram a funcionários inferiores e membros dos quadros de nível mais baixo.

Durante a segunda etapa, a oposição dirigiu seus ataques sôbre certos líderes partidários. Desta vez, o partido contra-atacou publicando uma série de artigos escritos por um ou dois intelectuais pró-comunista. Seus argumentos eram, naturalmente, muito fracos e pouca impressão fizeram. Em um ponto relativo à concepção leninista das Artes e Letras, Hoang Xuan Nhi, um professor universitário defendendo o partido foi completamente derrotado por um de seus próprios alunos. Êste último rebateu todos os argumentos de Nhi, citando Lenine para reforçar seu ponto de vista, e continuou dizendo: 'Ou o Sr. Nhi não compreendeu as obras de Lenine ou simplesmente as usa para sustentar seus argumentos enganosos. Em qualquer um dos casos lhe falta honestidade intelectual.... Gostaria de sugerir ao Sr. Nhi que estudasse com mais afinco e pensasse mais, para que pudesse preservar a honestidade natural que caracteriza um intelectual'.[10] Nhi permaneceu silencioso e o partido abandonou a luta, já que não possuia um apologista capaz de confundir os argumentos apresentados.

10. Bui Quang Doai, "O Humanismo de Hoang Xuan Nhi". *Nhan Van*, Nº 4, 5 de novembro de 1956.

Durante a terceira etapa, a oposição começou a criticar a política do partido como um todo, e desta vez o partido recorreu a meios ilegais para se defender. Foi proibida a compra de papel de imprensa pelos jornais da oposição, e as papelarias encontradas vendendo tais papeis tinham sérios problemas com a polícia. Os quadros do partido iam de casa em casa aconselhando as pessoas para que não lêssem tais jornais, e finalmente o sindicato ordenou aos trabalhadores nas tipografias que não imprimissem *Nhan Van*. Mas nêste meio tempo a insatisfação crescia entre a população. Trabalhadores do Vietnã do Sul atacaram a estação de polícia de Hanoi, e estudantes da aldeia de Moc se revoltaram abertamente e barricaram a estrada entre Hanoi e Hadong. Quando a sexta edição do *Nhan Van* estava sendo preparada, na qual o povo de Hanoi era convocado para demonstrações na rua contra o regime, o partido fechou o jornal e prendeu os responsáveis pela sua publicação. A oposição foi assim silenciada e ao mesmo tempo o partido acusou seus adversários de espiões, sabotadores e semelhantes. Imediatamente foi iniciada uma campanha nacional de 'Reforma do Pensamento', acompanhada pelas habituais confissões individuais. Alguns meses mais tarde começou a campanha da 'Reforma pelo Trabalho Manual'.

Em teoria todos os intelectuais, pró ou anti-partido, eram obrigados a se unir ao movimento e aceitar o trabalho manual ou nas fábricas ou no campo. Na prática, os intelectuais pró fôram enviados para as fábricas nas grandes cidades como Hanoi ou Haiphong, onde desfrutavam de uma vida bastante confortável; após um certo tempo foi lhes dito que haviam cumprido sua tarefa e tinham permissão para voltar às suas casas. Por outro lado, os antigos membros do grupo de oposição e aquêles com êle relacionados fôram mandados para aldeias remotas nas terras altas livres da malária, onde trabalhavam sob o contrôle das tribus minoritárias. Assim muitos dos intelectuais que tinham vivido na selva durante a Resistência para lá voltaram após um breve intervalo de dois anos. Mas havia uma grande diferença. No período da Resistência tinham o apôio e a simpatia dos habitantes locais, porém desta vez eram tratados mais como prisioneiros políticos. As tribus moradoras da região tinham sido bem doutrinadas pelos comunistas em 1941, quando as primeiras bases das guerrilhas do Vietminh fôram estabelecidas aí, e novamente no período da Resistência. Como eram atrazados quanto à cultura, aceitaram muito mais prontamente os ensinamentos dos líderes comunistas que os vietnamitas habitantes do delta. (É significativo que a guarda pessoal de Ho Chi Minh é composta quase inteiramente de soldados recrutados entre as tribus minoritárias.) Tendo enviado os intelectuais anti-partidários para viver entre estas tribus, o partido podia ficar certo que a fuga era virtualmente impossivel. Além disso, havia muito pouca chance que os intelectuais rebeldes pudessem converter o povo desta região ao seu modo de pensar, já que a maioria dêste último não falava vietnamita.

Um membro do grupo, o poeta Yen Lan, escreveu a seguinte passagem em uma carta à revista *Van Hoc*, descrevendo o lugar para onde fôra enviado:

> Ao chegar aqui, notei uma escassez de crianças em relação ao número de adultos, pois a mortalidade infantil nesta área é excessivamente alta. Muitos dos habitantes têm pernas tão inchadas que se assemelham às dos elefantes... (*Van Hoc*, N.º 9, 16 de agôsto de 1958.)

Outra carta de Hoang Chuong, um ator vindo do Sul, nos dá uma descrição da espécie de trabalho que os intelectuais deviam fazer:

> Vivemos a cêrca de três quilometros dos campos onde trabalhamos. Fazemos um grande esfôrço para levantar muito cêdo pela manhã a fim de evitar carregar estrume para o campo com o sol forte. Nós o levamos nos ombros (por meio de um páu), e Thu, uma moça de Hanoi, que anteriormente pouco sabia em como carregar qualquer coisa desta maneira, agora é capaz de carregar até vinte quilos. (*Ibid.*)

Muitos dêstes infelizes intelectuais nunca voltaram a suas casas e nunca mais se soube dêles. Os que eventualmente tiveram permissão para se juntar a suas famílias receberam outros empregos que não fôssem ensinar, escrever ou pintar. Grande número dêles foi mencionado

como tendo se suicidado. Depois do golpe, o partido reorganizou de tempos em tempos a liderança da Associação de Artes e Letras, com o resultado que agora não há traços de arte ou de literatura na imprensa controlada. Atualmente, as revistas literárias publicadas em Hanoi têm normalmente duas seções, a primeira contendo alguns artigos insípidos da autoria dos quadros do partido, enquanto a segunda é reservada exclusivamente às histórias curtas e semelhantes, traduzidas de outra literatura comunista.

18.

REINíCIO DA COLETIVIZAÇÃO

Em seguida à repressão da rebelião camponesa em Nghe-An e à revolta dos intelectuais em Hanoi, o partido voltou à sua antiga política a fim de completar a implantação de uma norma de vida coletivista. Fôram feitos tremendos esforços na zona rural para organizar fazendas cooperativas, lutar contra as enchentes e a sêca, e cavar canais e construir estradas. Os camponeses trabalhavam em grupos, menos para êles mesmos que para o Estado comunista. Quando o sino toca às seis cada manhã, êles partem para o trabalho nos campos, voltando para o almôço, seguido de classes às 11 horas. Voltam então para os campos às 13 horas, onde permanecem até às 18. À noite devem comparecer a reuniões com o fim de relatar o trabalho uns dos outros e receber ordens para o dia seguinte. Quando o arroz é colhido, é imediatamente dividido pela cooperativa, que o separa em quatro partes. A primeira é para pagamento do imposto, a segunda para venda ao Escritório Comercial a prêços requisitados, a terceira paga dívidas ao Banco Nacional e outras agências do Estado, e a última é dividida entre os membros da cooperativa. Em consequência, todos estão sub-nutridos, porém ninguem está realmente morrendo de fome. É significativo que a produção por unidade está decrescendo contìnuamente, e isto deve vir do fato que os camponeses, não tendo o incentivo do lucro individual, tornam-se descuidados com seu trabalho, particularmente no que se refere a replantar o arroz e man-

ter água nos arrozais. O resultado de tal negligência é que o arroz não recebe água suficiente para um crescimento e frutificação normais. Os líderes comunistas na China e no Vietnã estão enfrentando um problema não compartilhado por outras nações comunistas, pois o arroz, sendo uma cultura aquática, não pode ser fàcilmente adaptado à norma de vida comunista.[1]

Nas poucas cidades restantes, as autoridades da RDV conseguiram arruinar com sucesso a burguesia urbana por uma série de medidas, as mais importantes das quais são:

1. *Uma taxa especial imposta sôbre as mercadorias* 'que ficaram em estoque' e impuseram sobre elas uma taxa chamada a 'taxa do que ficou em estoque'. O total, que excedia de muito o prêço das mercadorias, foi exigido sem demora para pagamento em 'notas indochinesas'.

2. *A mudança das notas.* O govêrno ordenou a tôda a população que mudasse suas notas por moeda corrente recém-lançada. Mas receberam sòmente uma pequena quantia do novo dinheiro. A mesma medida foi aplicada aos artigos de ouro e de prata.

3. *A formação das (chamadas) Emprêsas Mixtas do Estado e Privadas,* onde os antigos donos eram mantidos como gerentes. O resultado dêste sistema foi tão eficaz que um artigo no *To Quoc* de fevereiro de 1960 proclama que 'nossos antigos industriais particulares são atualmente externamente quase idênticos aos camaradas operários'.

Tôdas estas medidas fôram descritas com detalhes por Gérard Tongas, que vivia em Hanoi naquela época, em seu livro, *O Inferno Comunista no Vietnã do Norte.*

A coletivização foi, portanto, completada. Mas um ponto merece particular atenção. As *comunas populares* ainda não fôram introduzidas no Vietnã do Norte. Isto é significativo, pois desde a campanha de Reforma Agrária até a introdução das cooperativas (passando pelas

1. Ver Hoang Van Chi, "Coletivização e Produção do Arroz" *The China Quarterly* (Londres), Nº 9, janeiro-março de 1962.

diversas formas de 'equipes de ajuda mútua'), a RDV sempre seguiu a China Vermelha passo a passo, com cêrca de dois anos de atraso. Embora Ton Duc Thang, presidente da Assembléia Nacional do Vietnã do Norte, tenha declarado em Pekim em 1956 que 'a China de hoje é o Vietnã de amanhã', êste ainda está marcando passo no estágio 'cooperativo', seis anos depois que a China impôs as comunas populares. Parece que esta atitude cautelosa foi aconselhada por Khruschev, que não aprova tal sistema.

Não podemos deixar de ressaltar que embora a ortodoxia comunista pregue as comunas de trabalhadores e camponeses sem recomendar nenhuma forma de treinamento militar para seus membros, Mao faz de suas comunas uma espécie de colonia militar. A impressão é que êste parece ter sido influenciado não só por Lenine, como também por T'sao T'sao, o ditador chinês que implantou as colonias militares-agrárias através a China no terceiro século DC.[2] Dois fatos corroboram esta impressão: *primeiro,* durante o período Yenan, os soldados de Mao tinham suas próprias 'bases agrícolas'; e *segundo,* Mao jamais cessou, nêstes últimos trinta anos, de defender e rehabilitar T'sao T'sao, o qual era descrito pelos escritores chineses tradicionais como uma personalidade infame.

É provável que esta recusa em acompanhar Mao em seu maior 'pulo para a frente' tenha salvo o Vietnã do Norte do terrivel desastre da China de uma fome excepcional e sem precedentes espalhada por todo seu território. Entretanto há estreitas semelhanças na situação alimentar nos dois países. Para usarmos uma imagem simples, podemos dizer que, enquanto a China 'pulou' ousadamente direto para a fome, o Vietnã do Norte está 'andando' lenta mas seguramente para o mesmo fim. O trecho seguinte tirado da imprensa de Hanoi não deixa dúvidas que êste país já está nas garras de uma severa escassez alimentar:

2. Ver L. Carrington Goodrich, *Uma Curta História do Povo Chinês,* terceira edição, Harper Brothers, Nova York, p. 58.

... Cada vez que êles (operários de uma fábrica de fiação) querem comprar sua ração de arroz, são obrigados a tirar uma licença de meio dia na fábrica. Às vêzes, quando as multidões que aguardam para comprar arroz são grandes demais, os operários são obrigados a tirar várias dessas licenças de meio dia em seguida antes de conseguirem sua ração. (*Thoi Moi*, 7 de setembro de 1961.)

Houve uma queda semelhante na produção de alimentação animal. Segundo o *Nhan Dan*, de 7 de maio de 1962, o consumo de carne *per capita* em 1961 era de 6,2 quilos e de fazenda de algodão 4,8 metros. Assim, se êstes números estiverem corretos, o vietnamita médio comeu 17 gramas de carne por dia e usou um único conjunto de pijamas durante todo o ano. Mas segundo soldados franceses que retornaram à França em dezembro de 1962, tendo desertado para o Vietminh durante a guerra, estas rações se referiam aos habitantes das cidades, não aos camponeses.

Tal situação, em última análise, é a consequência previsível das duas campanhas de Reforma Agrária seguidas por quase uma década de coletivização forçada.

O programa de Mao de comunização gradual pode ser resumido em nove etapas, a saber:

1. Campanha do *Suposto Agrícola*: ruína da burguesia rural.	
2. Campanha da *Luta Política*: expurgo político nacional.	
3. Campanha da *Redução do Aluguel de Terras*.	Reforma Agrária
4. Campanha da Reforma Agrária pròpriamente dita.	
5. *Equipes de Ajuda Mútua Periódicas*.	Coletivização da Terra
6. *Equipes de Ajuda Mútua por Todo o Ano*.	
7. *Cooperativas*: *primeira etapa*.	
8. *Cooperativas*: *segunda etapa*.	
9. *Comunas*.	

No programa para as cooperativas, a primeira etapa permite que os camponeses sejam pagos com uma pequena soma proporcional à terra que juntaram à cooperativa; na segunda etapa, são pagos ùnicamente na base de seu trabalho individual. Essa segunda etapa leva ao estágio final do processo de coletivização da terra: a comuna, i.e. camponeses vivendo juntos em campos agro-militares.

Cada etapa da campanha é iniciada cêrca de um ano após a execução da etapa precedente. É preparada por um 'curso de re-educação' e pode ser seguida por uma campanha de 'retificação de êrros'. A intensidade da re-educação e da retificação depende muito da severidade com que é executada a etapa à qual estão associadas. O processo completo leva cêrca de dez anos para ser cumprido.

O fato que o Vietnã do Norte ainda marca passo no estágio da cooperativa, só alcançando a segunda fase em 1962, constitui uma variação anômala do programa de Mao. Isto pode ser o resultado de dois fatores perturbadores: pressão por parte de Moscou, e uma preocupação cautelosa em não revelar o regime como sendo totalmente comunista antes que o Vietnã do Sul seja 'libertado'. Podemos portanto supor que a situação atual não durará muito tempo, principalmente porque o Vietnã do Norte está agora abertamente do lado de Pekim na disputa sino-soviética. A não ser que ocorra uma segunda vitória como a de Dien Bien Phu no Vietnã do Sul, os líderes da RDV estarão então em posição de passar ao estágio final do programa chinês, o das comunas populares.

Quando êste livro foi para o prelo, a situação no Vietnã do Sul estava se tornando cada vez mais complexa. A rebelião em massa dos monges budistas em Hué e Saigon produziu um novo desafio para o regime de Diem, e cujas consequências, na época em que escrevo, não são possíveis de prever. Mas uma coisa surge com clareza: o budismo, cuja filosofia de tolerância parece fazê-lo como sendo uma fôrça adormecida que nenhum político deve levar em conta, agora se apresenta como capaz de desempenhar um papel decisivo na futura reunificação do Vietnã.

*

A história que contei é a de um pequeno país que heroicamente resistiu à assimilação pela China durante dois mil anos; uma nação que alcançou a vitória mais brilhante na história moderna do anti-colonialismo. Entretanto, sua evasão de um domínio estrangeiro foi seguida pela dominação estrangeira de uma espécie diferente. Seus intelectuais carecem de auto-confiança, cultural, enquanto seus líderes políticos estão sempre dispostos a negligenciar, e na verdade a trair, a causa nacional.

O resultado é o que vimos. O país está dividido em duas metades beligerantes dirigidas por dois govêrnos mùtuamente antagônicos. O Norte sofre a dolorosa experiência do maoismo, enquanto o Sul, em um acesso de reação, retrocedeu para o medievalismo. Nas duas zonas o povo não é livre, e os elementos de espírito democrático estão se consumindo impotentemente ou em campos de concentração ou em um auto-impôsto exílio.

'Cada povo tem o regime que merece', disse Engels. Mas nêste caso particular os vietnamitas não são os únicos culpados pelos regimes sob os quais vivem. Os Aliados apoiaram o Vietminh durante a Segunda Guerra Mundial e deram aos comunistas a oportunidade de surgirem como um govêrno. Os mesmos poderes estão ainda, atualmente, apoiando um govêrno altamente reacionário no Sul, fazendo assim um presente de propaganda para a subversão comunista.

Será demais esperar que uma política tão desastrosa, devida ou a um grosseiro êrro de cálculo ou à simples estupidez, seja abolida, para inutilizar, pelo menos por uma vez, o ditado comunista segundo o qual 'capitalistas e imperialistas' invàriavelmente se unem aos feudalistas e reacionários? O que é necessário é uma mudança na política ocidental para com o regime no Vietnã do Sul a fim de dar aos patriotas vietnamitas a oportunidade — que lhes faltou nêstes últimos cem anos — de participar construtivamente nos assuntos nacionais e permitir que o povo vietnamita retome efetivamente seu papel histórico como os defensores dos portões do suleste da Ásia.

ÊSTE LIVRO, EDIÇÃO N.º 102, FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" S.A., NA RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, PARA A

EM 1965.